J. Alves de Sousa.

AS OBRAS

DO

CELEBRADO LUSITANO,

O DOUTOR FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1804.

Por Ordem Superior.

PG
9241
A1
1804

LIBRARY
FEB 28 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Ao Principe D. João nosso Senhor, quando lhe mandou pedir estas suas obras.

SONETO.

A PRINCIPE tamanho, cujo rogo,
(E mais ós seus) ind' he mais que mandar,
Que posso hial fazer, senão passar,
Pella agoa, pello ferro, e pello fogo?

Se me firo, se me queimo, se afogo,
Se dou de mim ás gentes que fallar,
Leuemente se pode desprezar
Tal danno, e inda mal que não foi logo.

Mas era quasi tudo encomendado
Aa traça, e a não sei que, com tal presteza,
Com que já quasi em pó tudo he tornado.

Jágora gram Senhor tudo despreza
Quem sae á praça por vosso mandado,
Abasta o nome só de vossa Alteza.

A segunda vez que lhe mandou mais papeis.

SONETO.

INda qu'em vossa Alteza a menos parte
Em que Deos ajuntou tantas, e taes,
Seja esta, toda via entre as Reaes
Se contou ella sempre em toda parte:

Dar fauor aos engenhos, e a toda arte,
Das boas, faz os Reis aqui immortaes
Por fama: inda passando auante mais
Huns fez Deoses de todo, outros em parte.

Aa guerra leua o mór Scipião consigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas são d' altas ajudas.

Ainda nos cantão do bom tempo antigo
Cayrão as estatuas de metal,
Qu'al se podi' esperar de cousas mudas?

A terceira vez, mandando-lhe mais obras.

SONETO.

TArdei, e cuido que me julgão mal,
Qu' emendo muito, e qu' emendando danno,
Senhor porqu'ei grã medo ao máo engano
Deste amor que temos desigual:

Todos a tudo o seu logo achão sal,
Eu risco, e risco, vou-me d'anno em anno:
Com hum dos seus olhos soo vay mais vfano
Philippo, assi Sertorio, assi Hannibal.

Ando cos meus papeis em differenças,
São preceitos de Horacio (me dirão)
Em al não posso, sigo-o em apparenças:

Quem muito pelejou como irâ são?
Quantos ledores, tantas as sentenças,
Cum vento vellas vem, e vellas vão.

CANÇÃO

A Nossa Senhora, seguindo ao Petrarcha na composição daquella,
Vergene bella, &c.

VIrgem fermosa, que achastes a graça
Perdida antes por Eua, onde não chega
O fraco entendimento, chegue a Fee;
Coitada desta nossa vista cega,
Que anda apalpando pella neuoa baça,
E busca o que ante si tendo não vee,
Sem saber atinar como, ou porque
Entrei pellos perigos,
Rodeado de imigos,
Por piedade a vós venho, e por merce,
Vós que nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingoa,
Me dareis lingoa, e coração seguro.

Virgem toda sem magoa, inteira, e pura,
Sem sombra nem daquella culpa, herdada
Por todos nós, té o fim desde o começo,
Claridade do Sol nunca turbada:
Sanctissima e perfeita creatura:
Ante quem de mim fujo, e me aborreço:
Ey medo a quanto fiz, sey que mereço,
Dos meus erros m' espanto,
Que m'aprouuerão tanto,
Agora á só lembrança desfalleço:
Mas lembra-me porem que vós fizestes
Paz entre Deos e nós,
E a quem por vós chamou sempr' a mão déstes.

Virgem seguro porto, emparo e abrigo
Aas mores tempestades, ah que tinha
Aos ventos esta vida encomendada,
Sem olhar já a que parte hia ou vinha,
Descuidado de mim, e do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada:
Não vos seja em desprezo esta coitada
Alma que ante vos vem
Cos receos que tem,
De imigos grandes mal ameaçada:
E que eu tão peccador e errado seja,
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, e assi sobeja.

Virgem do mar estrella, e neste lago
E nesta noite hum Faró, que uós guia
Pera ó porto, antes claro e certo Norte:
Quem sem vós atinar; quem poderia
Abrir sómente os olhos? vendo o estrago
Qu' atrás olhando deixa feito a morte?
Quem me daria proa com que corte
Por tão braua tormenta?
De toda parte venta,
De toda espanta ó tempo feo e forte:
Mas tudo que será? co a vossa ajuda
Neuoa d' alagoa,
Que ao vento voa, e num momento a muda.

Virgem perfeita, e do Sacrario sancto
Porta qu' Ezechiel cerrada via,
Aa parte que responde ó Oriente:
Alto Siluado, que todo elle ardia
Sem offendido ser tanto nem quanto,
E foi tal testemunha alli presente.
Vello de Gedeão, diuinamente,
E diuino sinal
Do orualho celestial,
Que tudo o mais enxuto, elle só sente:
Senhora que podeis, em tal afronta
Restitui-me a mim
Antes da fim, que o sol vay-se e trasmonta.

Virgem e madre juntamente, quem
Tal nunca ouuio? nem dantes nem depois,
Soment' em vós então quem o entendeo?
Vós madre e filha, vós esposa sois
Daquelle que apertado ao peito tem
Vossos braços, o que não póde o ceo,
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyranno,
Que com enueja e engano
Nos fez tão perigosa e longa guerra:
Por molher se causou tal danno nosso,
Quem nos restituio
De vós sayo Senhora, o preço he vosso.

Virgem nossa esperança, hum alto poço
De viuas aguas, que contino corre:
Em que se matão pera sempre as sedes,
Não de Nembrot, mas de Dauid a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Assi tão perseguido como vedes,
Dantre tão altas, tão grossas paredes,
De ferro carregado,
Hum coração coitado
Chama por vós enuolto em bastas redes:
Humas sobre outras; porém sinais tenho
De ser do vosso bando,
Que a vós bradando por piedade venho.

Virgem do Sol vestida, e nos seus rayos
Claros, envolta toda, e das estrellas
Coroada, e debaix' os pés a lũa,
São vindas minhas culpas e querellas
Sobre mim tantas, valei-m' aos desmayos,
De muitas que possa yr chorando algũa:
Não me deixarão desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos,
Leuarão-me os desejos
Tantas occasiões, indo hũa e hũa;
Quem tormenta passou per toda a praya
Com os ventos contrastando
Saya nadando já com a vida, e saya.

Virgem horto precioso, alto e defeso,
Rico ramo do tronco de Iessé,
Que floreceo milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fé,
Que vós só toda tiuestes em peso,
Tenho hum e o outro Sol sua luz ausente;
A alma que os seus enganos tarde sente
Altissima senhora,
Por vós suspira e chora;
Ontem minino, sou velho ao presente,
De dia em dia vou-me, d' anno em anno,
Aa minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha e o danno.

Virgem andando aqui, já celestial,
E em corpo assi leuada ao ceo Empyreo,
Sem ser vista mais cá de olhos humanos,
Certa porta do ceo, dos valles lyrio,
Que nunca teue, nem terá igual,
Dada por só remedio a nossos dannos,
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite escura;
Esperança segura
Taes forças, contra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra e por mar,
Não digo eu auer medo,
Mas sair ao campo ledo, e pelejar.

Virgem das Virgens, como o tempo voa!
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda parte soa!
Quantas lagrimas caem mal derramadas!
Mas posto de giolhos
A vós os olhos, tudo o mais sam nadas.

A hum Capitulo da maneira Italiana, que fez Francisco de Sá de Meneses á Madanella.

De Francisco de Miranda,

SONETO.

A A vossa verdadeira penitente
Quão bem guardastes seus pontos deuidos,
Os Apostolos erão já partidos,
Ella não parte, ved' o qu' alli sente:

E assi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos:
Tudo amor vence, altissimos sentidos,
A quem tal ortelão se faz presente.

Gregorio a poem por hũa, outros doutores
Fazem-as tres, apôs Gregorio vão
Despois os mais, com todos os pintores.

Aquelles direy eu senhor que são,
Aquelles outra vez, que são amores,
Dos taes sospiros hum soo nunca em vão.

SO-

SONETO.

YO no la entiendo bien, mas esta fuente
Habla comigo: y horas se m' antoja,
(Como de tantas quexas) que se enoja,
Oras que me consuela, y que las siente.

Truxo-me aqui vn cuidado, y no consiente
Que me vaya a otra parte, y que m' acoja
Delos sueños en que ando, juzgue, escoja,
Ya verguença es tardar tan luengamente.

Gran fuerça se m' ha hecho a los mis ojos,
Grande a l' entendimiento, andando assi
De veras occupado en mis antojos.

No se lo que me vi, ni que no vi,
Quien puso tal sabor en mis enojos?
A pesar (qu' es peor) tanto de mi.

Dom Manoel de Portugal , a Francisco de Sá , mandando-lhe huma Ecgloga.

SONETO.

SOem ás vezes ser mais estimadas
As pállidas espigas, puramente
Offrecidas, que o ouro reluzente
Descuberto por veas soterradas.

Por isso ante vós vão confiadas
(Rarissimo Francisco, e excellente)
A rudeza d'estillo differente,
E as incultas estanças desornadas.

O que brotou de si a natureza,
D'arte nem d'artificio ajudada,
Colhido sem sazão senhor offreço.

A vontade de vós seja estimada,
Qu' em tão baixo tempo, em que pureza
Em que obras não ha, deue ter preço.

Reposta de Francisco de Sá, pellos mesmos consoantes, como fez o Petrarcha.

SONETO.

TAntas mercês tão desacostumadas,
Como as seruirey eu deuidamente?
Farei como já fez hum innocente,
Hum rustico pastor d'antre as manadas:

Que d'agoa offreceo em maõs lauadas
A Xerxes: bebeo elle, e sanctamente
Jurou, que não bebêra té o presente
Com tal sabor, por copas d'ouro obradas.

Senhor dom Manoel, se a só clareza
D'um peito aberto, puro, e fé lauada,
Muito merece, muito vos mereço.

A pedraria vãmente estimada,
Os ricos crystallinos de Veneza,
Lá s'achão, eu ós meus palmos me meço.

SONETO.

ALma que fica por fazer desdoje
Na vida mais? se a vá minha esperança
Que sempre sigo, que me sempre foge,
Já quanto a vista alcança a não alcança?

Fortuna que fará? roube, despoje,
Prometa doutra parte em abastança,
Que tem com que m'alegre, ou com que anoje?
Tanto tempo ha que dei mão á balança.

Chorei dias e noites, chorei annos;
E fui ouuido ao longe, pello escuro
Gritando, acrecentar muito em meus dannos.

Agora que farey? por amor juro
De tornar a cantar fóra dengano,
E por muito do mal, posto em seguro.

SONETO.

AQuella fee tão clara e verdadeira,
A vontade tão limpa, e tão sem mágoa,
Tantas vezes prouada em viua frágoa
De fogo, hi apurada, e sempre inteira:

Aquella confiança de maneira
Qu' encheo de fogo o peito, os olhos d' agoa,
Porqu' eu ledo passei por tanta mágoa,
Culpa primeira minha, e derradeira.

De que me aproueitou? não de al por certo
Que d' um soo nome tão leue e tão vão,
Custoso ao rosto, tão custoso â vida.

Dei de mim que fallar ao longe, e ao perto,
Ria, a si se consola a alma perdida,
Se não achar piedade, ache perdão.

SONETO.

QVien dará a los mis ojos vna fuente
De lagrimas, que manen noche y dia?
Respirará si quiera esta alma mia,
Llorando ora el passado, ora el presente.

Quien me dará apartado de la gente
Sospiros, qu'en la mi luenga agonia
Me valgan, qu'el afan tanto encubria,
Siguioseme despues tanto accidente?

Quien me dará palabras con que iguale
A tanto agrauio, quanto amor m'ha hecho?
Pues que tan poco el suffrimiento vale?

Quien m'abrira por medio este mi pecho,
Do yaze tanto mal? donde no sale
A tanta cuita mia, y mi despecho?

SONETO.

DEl Tybre embuelto, al nuestro Tajo vfano,
De sus arenas de oro, y rica praya,
Todo lo enchi de lagrimas, que vaya
Dando al mundo señal del dolor vano.

Fragua, no coraçon, no pecho humano;
Quantas de torres, quanta de atalaya
Alçaes cad' hora, a fin que todo caya,
Por tierra, y metan todo a sacomano.

Que Sisipho quereis mas embebido
En sus trabajos, y loca perfia?
Eislo arribando al monte, eislo boluido.

Noches tras noches van, dia tras dia,
No pido a amor piedad, consejo pido,
Manda-me loquear como solia.

SONETO.

EM tormentos crueis tal sofrimento,
Em tão continua dor, que nunca aliua,
Chamar a morte sempre, e que ella altiua
Seria dos meus rogos no tormento:

E ver no mal que todo entendimento
Naturalmente foge, e quanto auiua
A dor mais, o vagar da alma catiua,
A quem não fará crer qu' he tudo hum vento?

Bem sey huns olhos que tem toda a culpa,
E sam os meus, que a toda a parte vem
Apos o que vem sempre, e os desculpa.

Oo minhas visões altas, meu só bem,
Quem vos a vós não vê, esse me culpa,
E eu sou o só que as vejo, outrem ninguem.

SONETO.

DEsarrezoado amor, dentro em meu peito
Tem guerra com a razão, amor que jaz
Hi já de muitos dias, manda e faz
Tudo o que quer, a torto e a direito.

Não espera razões, tudo he despeito,
Tudo soberba e força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum, e quando em paz
Cuidaes que sois, então tudo he desfeito.

Doutra parte a razão tempos espia,
Espia occasiões de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo: emfim vem o seu dia,

Então não tem lugar certo onde aguarde,
Amor trata treições, que não confia
Nem dos seus, que farei quando tudo arde?

SONETO.

AQuellas esperanças, que eu metido
A tormento, lancei fora por vans,
Que fazem ind'áqui? coas mais sans
Contas, feito em pó já tudo e bebido?

Como, e será tão cego, e sem sentido
Amor, que humas razões claras, taõ chás,
Não ouça? e que não veja tantas cás?
Tempo lançado a longe, e nam viuido.

Esta alma tantas vezes enganada,
Não tornará por si? não fará conta
Co sol, coa despesa, coa jornada?

Quem do mar escapou quanto mal conta!
Que perigos sem fim! e logo brada
Outra vez ós da náo: na terra afronta.

SO-

SONETO.

AMor que não fará? fez-me engeitar
Tão leuemente a mim por quem me engeita,
Castellos de esperanças e sospeita
Faz, e não sei que faz, tudo no ar.

Fez-me pedras colher, fez-mas lançar,
Aperta-se a alma triste em si encolheita,
Aa força que fará, e lei estreita?
Queira ou não queira, em fim ha-de passar.

Tão cego e tanto era eu, que da vontade
Tudo fiei? que tudo a traués guia,
Tão grande imiga minha, e da verdade?

Que al se podia esperar de huma tal guia?
Cahi onde ora jaço, ó crueldade
Não sei quando he de noite, ou quando he dia.

SONETO.

AQuella apresurada y rueda biua
De sobresaltos, que mudan tan presto
Tantas vezes cad' hora este mi gesto,
Nunca la voluntad, tanto ha catiua:

Esta llama cruel, la pena esquiua,
Que no reposa sol nacido y puesto,
Señal de como os veo manifiesto,
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.

Si no me dexan (como digo) el dia,
Y no la noche, antes, antes m' es tormento,
Y agora crueldad, que culpa mia?

El tiempo passa en vano, ha hecho assiento,
En mi alma abrasada, y luego fria,
Tal ser, qu' es menos ser cada momento.

SONETO.

Em Ecco, e em Dialogo.

CAbe vna fuente a boz ālta sin tino,
Se quexa el buen Salicio, atormentado
D'vn mas que nueuo amor, vano cuidado
A tal remedio de sus males vino.

Amor que nunca vá por buen camino,
Yuā bolando por el despoblado,
O fuesse el llanto que despedaçado
Del monte, respondia alto y vezino.

S. Quien dio principio a mis cordojos? *A.* o'os
S. Cierto crueles, y a mi destierro? *A.* yerro.
S. Desseos a que fin lleuamos, *A.* vanos.

S. A lagrimas y enojos: *A.* mas enojos,
S. Pues que remedio a tanto de yerro? *A.* hierro.
S. Que muera assi a mis manos? *A.* y a mis manos.

SONETO.

NÃo sei qu' em vós mais vejo; não sei que
Mais ouço, e sinto; ao rir vosso, e fallar:
Não sei qu' entendo mais, té no calar,
Nem quando vos não vejo a alma que vê;

Que lhe aparece em qual parte qu' estê,
Olhe o ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquelle vosso sospirar,
Em que tanto mais vay, que direy qu' he?

Em verdade não sey: nem isto qu' anda
Antre nos: ou se he ar como parece,
Se fogo doutra sorte, e doutra ley,

Em que ando, e de que viuo, nunca abranda:
Por ventura que á vista resplandece;
Ora o que eu sei tão mal, como o direy?

SONETO.

Em Dialogo, de duas Nimphas. Niſa.

QV' es esto Philis, qu' estas tan turbada,
Sola, demudada, y sin color?
Cab' esta fuente tanto ruy señor,
Y tanta otra auezilla enamorada?

Si lo que vees, y que oyes no te agrada,
Que te puede agradar, ni dar sabor?
Vees tanta differencia, y tanta flor,
De que la tierra está como esmaltada?

Philis. Oo Nisa, Nisa, leda, y desseosa
De caçar, vine a la fresca ribera,
Todo oluidê por esta fuente hermosa.

No soy la Nisa no, que dantes era,
Salteome aqui vn cuidado, ah flaca cosa
La vida, muy ayna aqui muriera.

A la muerte de Leandro;

SONETO.

ENtre Sesto y Abydo, al mar estrecho,
Lidiando con las ondas sin sossiego,
Noch' alta el buen Leandro prueua el fuego,
Y lagrimas que correm sin prouecho.

Viendo qu' es todo en vano, buelue el pecho
De nueuo a aquel mar brauo, ojos al fuego
Que luze enl' alta torre, ay amor ciego,
Que tanta crueldad has visto, y has hecho.

Nadaua mientras pudo hazia la playa
De Sesto, deseado, y dulce puerto,
Porque siquiera alli muriendo caya.

En fin ondas venceis (dixo cubierto
Ya dellas,) mas no hareis que alla no vaya,
Biuo no quereis vós, mas ire muerto.

A' morte de Policena,

SONETO.

TRayda en sacrificio Policena
Al sepulchro de Achiles, ya que vido
De Pyrrho el cruel braço erguido
Por la ferir, boluio toda serena:

Diziendo descançada, a quanta pena
Pondrás fin luego, ô golpe bien venido,
Dexando el cuerpo frio aqui tendido
Cabe Troya, su nombre solo apena.

Y luego la Real cara animosa
Boluiendo a todos, mas clara qu' el dia,
Aun desse cuerpo despues recelosa;

Trocadme a lloros dela madre mia
(Les dixo) que ya no le queda otra cosa,
Y qu' a oro nos remio quando podia.

SO-

SONETO.

AH que dire qu' es esto? qu' ansi engaña
Tan dulcemente en lo que tanto duele?
En contrario del todo alo que suele
D' acontecer, en lo que offende, y daña.

Vemos (y es cosa clara) que s' ensaña
Quanto se mueu' en tierra, y al ayre buele,
Vna vez engañado, y que se vele,
Nunca seguro, o del caso, o de maña.

Ora este coraçon tan offendido,
Tantas vezes llegado a la su muerte,
Como lo pone assi todo en oluido?

Quanto al hado se dio! quanto a la suerte!
Quan poco a la razon, poco al sentido!
Por verte soy yo tal, y bueluo a verte?

SO-

SONETO.

O Sol he grande, caem co a calma as aues,
Do tempo em tal sazão, que soe ser fria:
Esta agoa que dalto cae acordar m' hia?
Do sono não, mas de cuidados graues.

Oo cousas todas vans, todas mudaues!
Qual he tal coraçõo qu' em vós confia?
Passão os tempos, vae dia trás dia,
Incertos muito mais que ao vento as naues.

Eu vira já aqui sombras, vira flores,
Vi tantas agoas, vi tanta verdura,
As aues todas cantauão d' amores.

Tudo he seco, e mudo, e de mestura,
Tambem mudando-m' eu fiz doutras cores,
E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

SONETO.

QVando eu senhora em vós os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que ouuesse cá, recolhe-se a alma a si,
E vou tresualiando como em sonho.

Isto passado, quando me desponho,
E me quero affirmar se foi assi,
Pasmado, e duuidoso do que vi,
M' espanto ás vezes, outras m' auergonho.

Que tornando ante vós senhora tal,
Quando m' era mister tant' outr' ajuda,
De que me valerei, se alma não val?

Esperando por ella que me acuda,
E não me acode, e está cuidando em al,
Afronta o coração, a lingua he muda.

SONETO.

AMor tirando vá por cielo y tierra,
Mil flechas d'oro, mil de plomo elado:
Ha muerto, ha mal herido, ha lastimado
A muchos, y (dize el) de buena guerra.

Ojos ya no tenia, oydos cierra,
Las malas manos, estas le han quedado,
Duro flechero, al mal tanto auezado,
Tirando a caso, que nunca el golpe yerra.

Dizele la su madre, de las quexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea?

Besola el en los ojos, y madexas
De oro, respondiendo, ó madre mia,
Como quieres si soy ciego que vea?

SONETO.

ADo se boluerá, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada?
A la presente cuita? o ala passada?
O que esperança me lleua adelante?

Que me aprouecha que llore ó que cante?
Que grite noche y dia, en fin, que es? nada:
Ir porfiando por la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.

No fuera mucho descudar-me vn poco,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça,
Que esfria, y sobreuiene noche escura.

En fin para qu'é mas? cierto soy loco,
De quien confiare la mi cabeça,
Que me la cure de clara locura?

De Pero Dandrade, que lhe mandou com huma Ecgloga.

SONETO.

NÃo ousárão atégora aparecer
Estes versos, de si desconfiados,
Porque de mal compostos, e ordenados,
Assaz tem porque deuão de temer.

Vão-vos pedir, senhor, que os queirais ver,
E riscar, e emendar, porqu' emendados
Por vós, possão andar mais confiados,
Do que por meus poderão merecer.

Vay hi Androgeo triste, e vay Serrano,
Queixa-se este presente, aquelle ausente,
No Mondego, por vós já celebrado.

Queixão-se Nymphas delle, aqui do danno
Que por Syluia se vê nelle: e se sente,
Triste, della, e de vós desemparado.

Reposta de Francisco de Sâ , pellos mesmos consoantes , como fez o Petrarcha.

SONETO.

ASsi que me mandaueis arreuer
A versos já das Musas assellados,
E áquella grande Syluia consagrados,
Icaro me põem medo, e Lucifer.

Os meus, se nunca acabo de os lamber,
Como vssa os filhos mal proporcionados,
(Ah passatempos vãos, ah vãos cuidados)
A quem posso porém nisso offender?

Tudo cabe no tempo, entrego ao anno,
Depois á perda, digame esta gente,
Qual anda o furioso assi emendado.

Torno ás cousas sagradas: que hum profano
Leigo, como eu, tocallas tão sómente
Não he de siso são, mas de abalado.

CAR-

****

CARTA

A ElRey D. João nosso Senhor.

REY de muitos Reys, se hum dia,
Se huma hora só, mal me atreuo
Occupar-vos, mal faria,
E ao bem commum não teria
O respeito que ter deuo.

Que em outras partes da Esphera,
Em outros ceos differentes,
Que Deos tégora escondera,
Cada huma de tantas gentes
Vossos despachos espera.

Porque senhor elles sós
(Iusto e poderoso Rey)
Desdão, ou lhe cortão noos,
Como tambem entre nós,
Que sois nossa viua ley.

On-

Onde ha homens ha cobiça,
Cá, e lá tudo ella empeça,
Se a sancta igual justiça
Não córta, ou não desempeça,
O que a má malicia enliça.

Senhor qu' he muito atreuida,
E onde ella nós cégos deu
Cortar he cousa deuida,
Exemplo o jugo de Myda,
Qu' ElRei vosso auô fez seu.

Ora eu que respeito auendo
Ao tempo mais qu' ao estyllo,
Irei fugindo ao que entendo,
Farei como os caens do Nylo
Que correm, e vão bebendo.

A dignidade Real
Que tem o mundo á direito,
Sem ella tersehia mal,
He sagrada, he natural,
Deixemos medo, e proueito.

As vossas vellas que vão
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão
Gente de algum Rey solta,
Sem cabeça, o corpo he vão.

Dignidade alta e suprema
Quem ha que a não reconheça?
Viose em Marco Antonio, tema
De a Cesar pôr diadema
Real sobre a cabeça.

Que o nome de Emperador
D'antes a Cesar se déra,
Sem sospeita, e sem temor,
Qu'inda então muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.

Hum Rei ao reino conuem,
Vemos que alumia o mundo
Hum sol, hum Deos o sostem,
Certa a quéda, e a fim tem
O reino onde ha Rei segundo.

Não a sabor das orelhas
Arenga cudada e branda,
Abastem as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rei seguem as abelhas.

A seu tempo o Rey perdoa,
A tempo o ferro he mézinha,
Grandeza, e condição boa
Ao Lião derão coroa
Entre a gente montesinha.

As aues (tamanho bando,
Doutra liga, e doutra ley)
Por vencer todas voando,
A aguia foi dada por Rey,
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
Dauid lealdade, e fee
A Saul! quanto o chorou?
Quantas maldições lançou
Aos montes de Gelboe?

Onde cahîra o escudo
Do seu Rey, inda que imigo,
Inda que já mal sesudo,
Saindo de tal perigo,
E sobindo a mandar tudo.

O senhor da natureza,
De que o ceo e a terra he chea,
Vestido em nossa baixeza,
De Real sangue se preza,
Por Rey na cruz se nomea.

Sobre obrigações tamanhas
Velemse com tudo os Reis
Dos rostos falsos, e manhas,
Com que lhes fazem das leis
Fracas teas das aranhas.

Que se não póde fazer
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a justiça quer
Senhor não chamão poder
Saluo o que lhes val na praça.

E por muito que os Reis olhem
Vão por fóra mil inchaços,
Que ante vós senhor se encolhem,
D'huns gigantes de cem braços,
Com que dão, e com que tolhem.

Quem graça ante o Rey alcança,
E hi falla o que não deue,
(Mal grande de má priuança)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.

Quem joga onde engano vae
Em vão corre, e torna atrás,
Em vão sobre a face cae,
Mal ajão as graças más,
De que tanto engano sae.

Homem d'hum só parecer,
D'hum só rosto, e d'huma fé,
D'antes quebrar, que voluer,
Outra cousa póde ser,
Mas de Corte homem não he.

Ouço gracejar de cá,
De quem vae inteiro, e são,
Nem se contrafaz mais lá,
Como este vem aldeão,
Que não sabe onde s' está.

As públicas santidades,
Estes rostos transportados,
Não em ermos mas cidades,
Para Deos são vaydades,
Para nós vão rebuçados.

Mas despois que lhes fazemos?
Póde ser, póde não ser,
Adiante o saberemos,
Estamos hum pouco a ver,
Cae-lhes o rebuço, e vemos.

Senhor, eyvos de fallar
(Vossa mansidão m' esforça)
Claro o que posso alcançar,
Andão pera vos tomar
Por manha, e não por força.

Per minas trazem suas hazos,
Encubertos seus assanhos,
Falsas guerras, falsas pazes,
De fora são mansos agnos,
De dentro lobos robazes.

Tudo sua cura tem,
Que he assi bem o sabeis,
E o remedio tambem,
Quereilos conhecer bem,
No fruito os conhecereis.

Obras, que palavras não,
Porém senhor somos muitos.
E entre tanta obrigação
Tresmalhamosvos os fruitos,
Que não saibaes cujos são.

Hum que por outro se vende
Lança a pedra, e a mão esconde,
O danno longe se estende,
Aquelle a quem doe, entende,
Com sós sospiros responde.

A vida desaparèce,
Entretanto geme e jaz
O que cahio, e acontece
Què de hum mal que se lhe faz,
Muito mais se lhe recrece.

Pena, e galardão igual
O mundo em pezo sostem,
He huma regra geral,
A pena se deue ao mal,
O galardão ao bem.

Se alguma ora aconteceo
Na paz, muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeo,
Fazse engano ás leis da terra,
Nunca se faz ás do Ceo.

Antre os Lombardos auia
Lei escrita, e lei vsada,
Como inda oje parecia,
Onde a proua falecia
Que o prouasse a espada.

Alli no campo ás singellas,
Em fim morrer, ou vencer,
Fosse qual quizesse dellas,
Não era melhor morrer
A ferro, que de cautellas?

A hum nosso Rey excellente
Dom Diniz tão acabado,
Tão justo, a Deos tão temente,
Falsa, e maliciosamente
Foi grande aleiue assacado.

Elle posto em tal perigo,
Rey que Reys fez e desfez,
Co as manhas do falso imigo,
Foi-lhe forçado essa fez
Aa lei chamarse que digo,

E ás villas, e ás cidades,
A que cumprio d'acudir
Pellas suas lealdades,
Tanto são más as verdades
Aas vezes de descubrir.

Da mesma casa Real
Em verdade hum grande Infante
Tratado por manhas mal,
Bradaua por campo igual,
E imigos claros diante.

Fm fim, vendo a astucia, e arte
Quanto que póde, chamou
Hum leal Conde á de parte,
Só com elle se apartou,
Foi viuer á melhor parte.

Onde tudo he certo, e claro,
Onde são sempre humas leis,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desemparo
Forão tres seus filhos Reis.

Oo senhor quantos suores
Sua o corpo, e a alma em vão,
Em poder de enuoluedores,
E em fim batalhas que são
Saluo huns desafios móres?

Coa mão sobre hum ouuido
Ouuia Alexandre as partes,
Como quem tinha entendido
Por fazer certo o fingido
Quantas que se buscão d' artes.

Guardaua elle aquelle inteiro,
Para a parte não ouuida,
Não vá nada em ser primeiro,
Quem muito sabe duuida,
Só Deos he o verdadeiro.

A tudo dão nouas côres,
Enuoluendo os peitos puros,
E fallão sempre em primores,
Ante os Reis vossos senhores
Vindes com rostos seguros.

Contaes, gabaes, estendeis
Seruiços, e lealdade,
Olhai que a não daneis,
Fallai em tudo verdade
A quem em tudo a deueis.

Senhor nosso padre Adão
Peccára, chamao o juyz,
Tenha que dizer ou não,
Hi sua fraca razão
Porém liuremente diz.

Sempre foi, sempre ha de ser,
Onde huma só parte falla,
Sempr' a outra haja de gemer,
Se hum jogo todos iguala,
As leis que devem fazer?

Vidas, e honras tomaes
Debaixo de vosso amparo,
De estranhos, e naturaes,
Suspirão, não podem mais,
E ás vezes isto mal claro.

Tambem tras a quella arde
Tão estimada a fazenda,
Por mais que se velle, e guarde,
Tem ella melhor emenda.
Se não fosse mal, e tarde.

Geralmente he presumptuosa
Espanha, e disso se preza,
Gente ousada, e bellicosa,
Culpãona de cubiçosa,
Tudo sabe vossa Alteza.

Pensamentos nunca cheos,
Não tem fundo aquelles sacos,
Ainda mal com tantos meus,
Para viuer dos mais fracos,
E dos suores alheos.

Que

Que eu vejo nos pouoados
Muitos dos salteadores,
Com nome, e rosto d' honrados,
Vão quentes, andão forrados
De pelles de lauradores.

E Senhor não me creaes,
Se as não achão mais finas
Que as dos lobos ceruaes,
Que arminhos, e zebelinas
Custão menos, cobrem mais.

Ah Senhor que vos direy?
Que acode mais vento ás vélas,
Nunca se descuyde o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Iá se lhe buscão cautéllas.

Então tristes das mulheres,
Tristes dos orfãos coitados,
E a pobreza dos mesteres,
Que nem fallar são ousados
Diante os móres poderes.

Os quaes quem os assi quer,
Quem os negocea assi,
Que fará desque os ouuer?
Nossos ouuerão de ser,
Buscáraonos para si.

Senhor, esta vossa vará
Como as mãos em qu' anda he;
A boa he aue mui rara,
Crede qu' sta nunca he cára;
Que seja muita a merce.

Livre de toda á cobiça,
A Deos temente, e a vós,
Sem respeitos, sem perguiça,
Varas direitas, sem noos;
Se quereis que aja hi justiça.

Tomai senhor o conselho
Do bom Ietro ao genro amigo;
He verdade, he Euangelho,
Como disse aquelle velho
Humilmente assi vos digo.

Qu' estás leis Iustinianas
Se não ha quem as bem reja
Fóra de paixões humanas,
São hum campo de peleja,
Com razões fracas, e vfanas.

Morre o nobre Conradino,
Co parceiro em todo igual,
Cada hum de tal morte indigno
Porque o duro, ou o maligno
Doutor interpreta mal.

Diz Agostinho sámente,
Cesse o saugue, a guerra finda,
Diz mais, d' alguns mayormente,
Vem grosas que corra ainda
O Real sangue innocente.

Mas, senhor, melhor o temos,
Sendo vós o que mandais
Todos nos reuolueremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.

Quem por amor se encadea,
Não he nome errado, ou nouo,
Se por liure se nomea,
Não tem tanto amor de pouo
Rei em quanto o mar rodea.

Não assoberbão soldados
Aqui, nem soa atambor,
Os outros Reis seus estados
Guardão de armas rodeados,
Vós rodeado de amor.

Acharnoshão as diuinas
No meio dos corações,
Esculpidas vossas quinas,
Estas são as guarnições
De vós, e dos vossos dinas.

Hé sem duuida o Francez
A seu Rey de amor aceso
Não lho nega o Portuguez,
Traz porém guarda Escocez,
Que não he de pouco pezo.

O Padre sancto assi faz,
A quem certo se deuia
Alto assossego, alta paz,
E tem guardas todavia
Com que vay seguro, e jaz.

Que se póde ir mais auante,
Cos olhos, nem co sentido?
Sem ferro, e fogo quí' espante,
Com duas canas diante
His amado, e his temido.

Huns sobre os outros corremos,
A morrer por vós com gosto,
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deos, e por vós morremos.

Outro si pera os reuezes,
(Queira Deos que não releue)
Em vós tem os Portuguezes
Codro dos Athenienses,
Decios, que só Roma teue.

Do vosso nome hum grão Rei
Neste reyno Lusitano,
Se poz essa mesma lei;
Que diz seu Pellicano
Polla Ley, é polla Grey.

Mas eu sou hum guarda cabras,
Váose assi de ponto em ponto,
Queria só duas palauras,
Que dos gados, e das lauras
Despois não tem fim, nem conto.

Assi que seja aqui a fim,
Tornem as práticas viuas,
Perdestes mea hora em mim
Das que chamão successivas
Estes que sabem Latim.

****

CARTA

A João Roiz de Sá de Meneses.

DOs nossos Sás Coluneses
Grão tronco, nobre columna,
Grande ramo de Meneses,
Em sangue, e bens de fortuna,
Qu' he tudo entre os Portugueses.

Mas vós que sempre vos ristes
Do pouo que não vê mais,
Ricamente a alma vestistes,
O mais tendes por demais.

Aos grandes, aos valerosos
Passados, de quem herdastes
Sobrenomes tão lustrosos
Desque nas armas pegastes
Não fostes dos ociosos.

Podéreis tambem folgar,
Que forão tempos de paz,
Podéreis rir, e jugar.
Como se na terra faz.

Mas entrastes noutra afronta,
Hi fizestes nouo emprego,
Desejando de dar conta,
Tambem daquelle assossego,
Como de Catão se conta.

As letras que hi não achastes
Trouxestes de fora á terra,
Aa nobreza as ajuntastes,
Com quem dantes tinhão guerra.

Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabião ler,
Erão bons, erão ousados,
Eu não louuo o não saber,
Como alguns ás graças dados.

Louuo muito os bons costumes,
Doeme se oje não são taes,
Mas as letrás ou perfumes
Quaes nolos danárão mais?

Destes mimos Indianos
Ey grá medo a Portugal
Que nos recreção taes dannos
Como os de Capua a Hannibal
Vencedor de tantos annos.

A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,
De Canas, Capua viciosa
Venceo em tempo pequeno.

O Marques de Santilhana
Homem de braço, e saber
Antre a nação Castelhana,
Da lança sohia dizer
Co as letras que se não dana:

Est' he a quem Ioão de Mena
Fez alta coroação,
Tinh' elle já grande pena,
Mas aparada inda não.

Dous vencedores do mundo,
Cesar, e Alexandre o grande,
Nas letras forão té o fundo,
Em que a fortuna não mande
Ponho aqui Bruto o segundo.

E os grandes dous Scipiões,
Fim (como dizem) fatal,
De Carthago, e dous Catões,
Podéra pôr Hannibal.

A fortaleza louuada
Anda em braços coa prudencia,
Irmã sua muito amada,
Poẽna ávante a experiencia,
Tudo sem gouerno he nada.

Pouco por forças podemos,
Isso que he por saber veo,
Todo o màl jaz nos estremos,
O bem todo jaz no meo.

Os Poetas vão a tudo,
Buscando por alto o crauo,
Olhando pello meudo
O seu grande Achilles brauo
Rege o Centauro sesudo.

Que lhe abrande aquella sanha
Natural sua, qu' he muita,
Nũa coua soterranha
Tange o velho, o moço escuita.

Veados correm co vento
Em contenda, e os liões
Tem força, e atreuimeuto,
Tem seus brauos corações,
Nós temos entendimento.

Por onde antre nós deuemos
Estimar aquelles sós
Que naquillo em que vencemos,
Nos vencem elles a nós.

Quando daua homens a terra,
O que já tanto não faz,
Da paz tratauão na guerra,
Tratauão da guerra em paz,
Em tudo jágora s' erra.

(A de parte algum abrigo)
De mal laurada, ou de fraca,
Semeaes, esperaes trigo,
Nace joyo e eruilhaca.

Dio-

Diogenes claro o dia
Buscaua andando á candea
Que nunca a cabeça erguia,
Em Athenas (em que aldea)
Ia cansado assi dezia.

Voume por aqui buscando
Entre tantos homens hum,
Neste vão trabalho ando,
Qu' inda não achei nenhum.

Deixemos queixas antigas,
Daruosey conta de mim,
Que destas vossas amigas,
(Digo as letras) pera a fim
Ajunto como as formigas.

Porque ninguem me lançasse
Como á cegarrega em rosto,
No dezembro que bailasse,
Pois cantára no Agosto.

Per-

Perdido tudo no mar,
Saindo o grã Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Parece que assi despojado
Me mandão philosophar.

Iá vou sentido algum fruito
Cad' ora espero que creça,
Andei fóra ao vento muito,
Fezme grão mal a cabeça.

Curame a Philosophia,
Que me promete saude
Doulhe a noite, doulhe o dia,
Ouço falar da virtude,
Se a visse sararmehia.

Diz Platão (que he dos melhores)
Quem posesse os olhos nella,
Qu' altos que acesos amores
Sempre traria coella.

Como digo, eu só d'ouuir
Ando assi como pasmado
Desejoso de a seguir
Chorando todo o passado,
Temendo todo o por vir.

Em toda a parte ha perigos,
A cuja lembrança tremo,
Maís ao perto huns máos imigos,
De casa, que muito temo.

Aquella mestra o assento
De viuer assi cá fóra
Louua, e fazme atreuimento
D' ir áuante hora por hora,
Inda qu' assi cego, e atento.

Sobre todos os doutores
Sanctos, louuão tal tenção
Pera cuidar nos amores,
Tão certos no galardão.

Em quem tanta força ouuesse
Como cumpre á vida actiua,
Qu' ós encontros se tiuesse,
Virtude er ella mais viua,
De mais fruito e interesse.

Por Rachel que não por Lya,
Sete e sete annos serui,
Póde ser por ella hum dia
Qu' inda voasse daqui.

Entretanto, conselheiros
Busco, que andem ás verdades,
Estes liuros meus parceiros,
Não das praças, e cidades
Dos passeos nos terreiros.

Amigos de louuaminhas
Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as andorinhas,
Vão e vem co tempo feito.

Sophistas me são defesos,
Com todas as suas cismas,
Eilos soltos, eilos presos,
De fé que não de sophismas
Quer Deos os peitos acesos.

Quer nas agoas encharcadas
Hi se ajuntão como rans,
Fazem grandes matinadas,
Tudo são palauras vans.

As Musas me não defendem,
Deixemos as demasias,
Que a toda boa alma ofendem,
Mandão rir de cousas frias,
D'alguns que agudezas vendem.

Entendimentos diuersos
Com que artes vos encantão?
Psalmos que são senão versos,
E os Hymnos que a Deos se cantão?

Aquelles cantares finos,
A que Lyricos disserão
Os Gregos, e os Latinos,
Digãome donde os ouuerão,
Saluo dos liuros diuinos?

Quanto que hi se limou,
Leuão as agoas á mão,
Sapho, Pindaro regou,
Regou seus campos Platão.

Mas o que por ora aprendo,
He ler liuros de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas fossem dignos meus olhos
De cegar sobre elles lendo.

Que de seus mysterios altos
Assi lubrigando vejo
Que não sou pera taes saltos,
Porem sospiro e desejo.

Era

Era em grande differença
Se casaria, ou se não,
Ouue de sair sentença
Que a só huma o coração
A amores désse licença.

Istò dito, amor mais raro
Deu sinal como era alli,
Outro som do coldre claro,
Outro das frechas ouui.

Amor que estás sempre auindo
Co aquella pura verdade,
Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade,
Qu' entrego em t' aqui sentindo.

Poem do teu fogo á esta casa,
Faze quanto nella ha teu,
Que Deos he fogo que abrasa
Seyo de hum priuado seu.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

CARTA

A Pero Carvalho.

NO lugar onde me vistes
Dagoa e de montes cercado,
E doutros males que ouuistes,
Tenho mais dias contado
De ledos, que não de tristes.

Isto que hora ouuis de mim
Não sei se ouuireis dalguem,
Buscai, preguntai sem fim,
No desejado Almeirim
No farto de Santarem.

Que guerra que lhe fizestes
Aa terra que me criou,
De que tanto ás lingoas déstes,
Porque? que vos acoutou
Da peste com que hi viestes.

Fos-

Fostes mal agasalhados?
Certo não, que té as fazendas
Vos dauão paruos honrados.
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe vossas rendas?

O qu' eu por parcialidade,
Nem outro respeito digo:
Da antigua e nobre cidade
Sou natural, sou amigo,
Sou porém mais da verdade.

Como vós partistes d' hi,
Logo abrigados achei
Onde me desencolhi,
Seguramente dormi,
Seguramente veley.

Cidade rica do santo
Corpo do scu Rey primeiro,
Qu' inda vimos com espanto
Ha tão pouco, todo inteiro
Dos annos que podem tanto.

Rei a quem Deos se mostrou,
Rei que tantos Reys venceo,
Rei que taes Reys nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que té Seuilha correo.

Outro Rey nosso sem mal
A que empeceo a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra cidade
Que lhe fosse tão leal?

Qual a sua fé saluou
Por tanto trabalho e medo?
Em fim nunca se entregou,
Primeiro as chaues mandou
Ao seu Rey morto em Toledo.

Mas tornando ao abrigado,
Em que me furtei aos ventos,
Hi depois de em mim tornado
Que rir, que esmorecimentos
De tempo tão mal gastado!

E o fogo que ora se acende,
A presteza das mudanças,
Mal que mui longe s' estende,
Aa vida curta defende
Tomar longas esperanças.

Giges na sua abastança
Que de toda parte ajunta,
Cudando em tanta possança,
Inchado a Apollo, pregunta
Polla bemauenturança.

Tal fumo Apollo entendendo,
Pos auante ao seu estado
Aglao, que só pastor sendo,
Hia cantando e tangendo,
Olhos sómente ao seu gado.

Oo ricos, qu'esta riqueza
Está no contentamento,
Mais tem quem mais a despreza,
Não foge o rico auarento,
Por mais que fuja, á pobreza.

Onde póde mais caber
Sinal he que fica hi vão,
Que se póde mal encher,
E os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.

Por faminto que venhaes,
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
A terra dá que comais.

Quem a apetitos dá crença
Huma máo toma, outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal d'huma doença,
Quanto mais agoa mais sede.

Cobiça a da boca abertã
Isto que te assi parece
E tras que andas tanto á lerta,
Luz de fora, e resplandece,
Dentro não ha cousa certa.

O juyzo e razão ata,
Tudo fica escuro, e em erro,
Aas leis e a Deos desacata,
Do brando ouro, e da prata
Faz duras prisões de ferro.

Esta entrada em nossos peitos,
Fez nelles estragos taes,
Qu'ermos jazem e desfeitos
Abertos por mil portaes
A qualquer rumor sogeitos.

Que não fará quem trocar
Nos fez a paz pella guerra?
Faz huns a outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homens naturaes da terra.

Escrauos mais que os escrauos
Por razão, e por justiça,
Deixaiuos de vossos gaios,
Que vos vendeo a cobiça
A mar brauo, e a ventos brauos.

Espritos vindos do ceo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo!
Porque nadas vos vendeo!
Milhor fora antes de graça.

Metaes de tão baixa liga
Que nos na terra escondera
Natureza, máe e amiga,
E antte nós e elles posera
Tanto trabalho e fadiga.

Assi mayor apetito
(Disserão cobiça e enueja,)
Em fim seu feito seu dito,
Para al criado o sprito
Isto só sonha e deseja?

E porém que são engano,
(Que mais huma máe fizera?)
Afastauanos o danno
Aos filhos que a vida dera
Deste amor aceso humano.

Mas que póde aproueitar
Se lhe fazemos tal guerra
Co contino trasfegar,
Ora revoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra?

Nas minas altas que digo,
Reuolta a terra té o centro,
Que faz o homem imigo
Do seu descanso, lá dentro,
Com tal trabalho, e perigo?

Debaixo da terra fria,
Aja vergonha a razão,
Aja a alma que mais deuia:
Que deixão atras o dia.
Polla noite auante vão.

Não tem termo homens ousando
Do seu siso ao desemparo,
Tudo forão apalpando,
Por este ar tão solto e raro,
Ouue quem fosse voando.

Gente que não teme nada,
Com tudo se desafia,
Por mares sem fundos nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

Não he para tanto a vida,
Quanto milhor escolheo
Quem na dorna ao sol voluida
Viueo mais rico e morreo
Que Cresso, que Crasso, e Mida.

Fugia Crates ao ouro
Como hum couarde ao ferro,
E as cousas de máo agouro,
Lançou ao mar grão thesouro,
Quem fará agora tal erro?

Por força a cidade auida
Que responde a seu imigo
Bias, a que fica a vida?
Tudo o meu leuo comigo,
Fica a fortuna corrida.

Aos d'Esparta naturaes
Responde Apollo a seu rogo,
Se a liberdade estimaes,
Velaiuos deste ouro mais
Que do ferro, nem do fogo.

Do grande Epiteto, o nobre
Spirito, o soo liure e franco
Num corpo coitado, e pobre
Escrauo, e ainda manco,
Quanta da bastança encobre!

Da sua fraca casinha
Ledo sae, ledo a ella torna,
O mesmo que hia, esse vinhá,
Casa que porta não tinha,
Que mais montaua que dorna?

Iesu Christo busca obreiros,
Não os quer espedaçados
Quer os seus de todo inteiros,
Dos corações alugados,
Poucos são os verdadeiros.

Gente de vontade dura,
(diz elle) que não andaes
Em quauto esta luz vos dura?
Não vos tome a noite escura,
Antes que vos acolhais.

Não seria, eu isto vendo
De juyzo, e razão saá,
Andarme o dia perdendo,
Comecei ante menhaá,
Não sei que andaua fazendo.

Hiame enjoado assi,
Ao tom peronde os mais andão,
Olhe cada hum por si,
Que estes bens falsos daqui,
Se não são mandados, mandão.

Os desejos são sem termo,
A esperança he saborosa,
Eu contenteime deste ermo,
Pola razão da raposa
Que deu ao Lião, enfermo.

Meu Rey, meu senhor Liáo,
Olho ca, e ólho lá,
Vejo pegadas no cháo,
Que todas para lá váo,
Nenhuma vem pera cá.

Esta Circes feiticeira,
Todos os peitos trasanda,
Este faz onça ligeira,
Lobo outro, qu á carniça anda,
Outro cão que empraza, e cheira.

Alguns papagayos váo,
Outr' vsso direito em pee,
Cad' hum de sua feição,
Outro gatinho ermitão,
Destes que vem de Guiné.

Vou co pensamento, e venho,
Deuo ao meu medo muito,
Por quem assi me sostenho,
Pello que vi, e que escuito,
Nisso que tenho, assaz tenho.

Do com que folgo outros rim,
Cad' hum terá sua escusa,
Deiuos já mutas por mim,
E estas cousas são em fim
Como dellas homem vsa.

Sejão razões poderosas,
Olhai que o ferro se deu
Para cousas proueitosas,
Despois este meu, e teu,
Fez delle armas tão danosas.

O fogo que nos foi dado
As tantas necessidades,
Não quis que fosse apreçado,
Fará e fez no passado
Em poo já muitas cidades.

Deste engenho que diremos
De que nós taes gabos damos?
Com quem tudo acometemos,
Quantas vezes de elle vsamos
Mal, e como não deuemos?

Dom do Ceo nosso special,
E veo a ser toda via
Este homem racional
Tão engenhoso em seu mal,
Como ontem na artilharia!

A tantos e tantos males,
Que remedio se acontecem?
Diz são Paulo, Homens errados
Se os odios antre vós crecem,
Comeruos eis a bocados.

O nome da ociosidade
Soa mal, á boa e saã,
(E mais já sobre a idade)
Socrates da Liberdade
Lhe chamaua sempre irmaã.

Douuos Ennio por autor,
Quem vsar não sabe do ocio
Cansa, e anda d' arredor,
E vem a ter mais negocio
Que hum grande negociador.

Porque este sabe apos que anda,
Aquella a si não se entende,
Quanto anda, tanto desanda,
Não se obedece nem manda,
Ora se apaga, ora acende.

Velo ir, velo tornar,
Velo cansar e gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a cor e perder
Que se não pode topar.

Mas eu porque passa assi
Que seja muito, direi
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escreui,
Inda me não enfadei.

****

CARTA

A seu Irmão Mem de Saâ.

EM quanto de huma esperança
Em outra esperança andaes,
Fazeruos quero lembrança
Como he leue, e não se alcança,
Que sempre adiante he mais.

Cuidaes que soes já com ella,
Quando volo mais parece
E quereis lançar mão della,
Mete remos, mete vella,
Vai rindo, e desaparece.

Mas não sofre o coração
Soltalla assi leuemente,
Tamanha deleitação
Ah, que a tinha na mão,
Se fora mais diligente.

Dos Alquimistas se diz
Despesa he fadiga vaá,
Cobiça he cego juiz,
Deixai que se oje o não fiz,
Faloey logo amenhaá.

Não lhes val ver a fazenda
Ir apos as esperiencias,
Andão de emenda em emenda,
Da fornalha para a tenda,
D' assoprar fazem sciencias.

Aperfiou, e cahio
Phaeton do carro do dia,
Que ao pay por seu mal pedio,
Sentio a terra, sentio
Hum rio da Lombardia.

Não soube Icaro reger
As asas que ouue de seu,
Subindo, veo a decer,
Aos peixes deu de comer
E ao mar nouo nome deu.

Apos o que ha de cair
Por aleuantar andamos,
Que nos não deixa dormir
A alma que pode sobir
A esta as asas quebramos.

Em quanto hum busca seus dannos,
E outro ja té os olhos jaz,
Por muitas sortes d' enganos,
Morte que não conta os annos,
Vem, e leua o que lhe apraz.

Quantos a que era deuida
Dos nossos (deixo os alheos)
Ao menos mais longa vida,
Que por conta não sabida,
Tinhão perto os dias cheos.

Vistes huma claridade
Que de cá, té lá correo
Como rayo? em tal idade
Tanto saber, tal bondade
Assi desapareceo?

Alma bemaventuda
Daquelle moço tão nobre,
A huma mui alta assomada,
Tudo lhe pareceo nada,
Quanto se dali descobre.

Dous condes d' huma alta vea,
Que alumião Reyno e lingua,
Em danno e em perda alhea,
Tinhão sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

Ao menos pera esforçar
Os engenhos que atrás vem;
Que os soe a terra de dar,
O passo he máo d'acertar,
Ficamos muitos d'aquem.

Pollo qual a este abrigo
Onde me acolhi cansado,
E mais inda a grão perigo,
E áquellas letras que sigo
Deuo que nunca me enfado.

Deuo á muito minha amada,
E só rica liberdade,
Que tiue aos dados jogada,
A que sómente he mandada
Da razão boa, e verdade.

Nas cortes não póde ser,
Vedes os tempos que correm,
Vedes fugir e correr,
Por fugirem té morrer
Dos lugares, donde morrem.

Ora pôr peito á corrente,
Que sejais forçoso e são,
E de sangue inda feruente,
Grão nadador claramente,
He quebrar braços em vão.

Cansar, e sonhar priuanças,
Dar d'entrada á liberdade,
Logo por vans esperanças,
Esses jogos, essas danças,
Passem co a mocidade.

Ando alimpando a pousada,
Lembrame quem diz qu'está
Ante a porta; bate, e brada,
Se a sentir despejada,
Polla ventura entrará.

Olhae as aues do ar,
(Diz o senhor qu'enriquece
O ceo, a terra, e o mar)
Vedelas ledas cantar,
Dizeime que lhes falece?

Da muita vossa fraqueza
Vem estes tântos suores,
Estes medos á pobreza,
Vedes como a natureza
Veste ricamente as flores?

Andando nestes enleos,
Em quantos erros cahimos?
Sem conto, sem fim, sem meos,
Dormimos sonos alheos,
Os nossos não os dormimos.

Queremos o que outrem quer,
O que não quer engeitamos,
Dizeime como isto he ser?
Rimos o alheo prazer,
E ainda quando choramos.

Como de casa sahia,
Sempre dos seus olhos agoa
A Heraclito corria,
Pello que ouuia, e que via,
Que de tudo tinha mágoa.

Em fim vendo o pouo incerto
Que pressa a errar leuaua,
Não sofreo tal desconcerto,
Fugio pera o campo aberto,
Liure sem muro e sem caua.

São Ieronymo, alumiado
Da clara e diuina luz,
Passaua a vida apartado,
Das letras acompanhado,
Que nos consagrou á cruz.

Aquelle peito seguro,
A quem o mundo era riso,
Aas torres altas, e ó muro,
Carcer lhe chamaua escuro,
E áquelle ermo paraiso.

Da nossa tão clara herança
Cegos, que razão daremos?
Como nos não faz lembrança
Huma tão certa ordenança
Do ceo, e do Sol que vemos?

Este posto, a noite traz
Comsigo tantas estrellas,
De que fermosa se faz;
Qual descuido póde em paz
Alçar os olhos a ellas?

Não se gaste mais pauio
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do Senhorio,
Tornemos atrás ao fio
Desta, a que chamamos vida.

Ponhamonos em razão,
Cousa he que verá hum cego,
Queremos repouso, ou não?
Queremos, todos dirão,
Ninguem não quer assossego.

Dizeime, e quando será
Que nos lembre, e que nos doa,
Quão certa que a queda está,
Seguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa?

Que vejamos como demos
Cousas sem preço, por preço
Que lhe tão baixo posemos;
A que estado nos decemos,
E de quão alto começo.

Antre os brutos animaes
Não se ouuerão por seguros,
Os homens racionaes,
Erão brauos, e erão mais,
Fizerão armas, e muros.

Agora porque vos conte
Quanto vi, tudo he mudado;
Quando me acolhi ao monte
Por meus vizinhos defronte
Vi lobos no pouoado.

Hum rato d'huma cidade
Tomouo a noite por fóra,
(Quem foje á necessidade?)
Lembroulhe a velha amizade
Doutro que hi no monte mora.

Sahiome a conta errada,
(Muitas vezes acontece)
Creceome a minha jornada,
(Diz entrando na pousada)
Logo cidadão parece.

O pobre assi salteado
D'um tamanho cidadão,
Em busca d'algum bocado
Vai, e vem muito apressado,
Que não punha os pees no chão.

Ordena sua mesinha,
Inda tinha algum legume,
Inda algum poo de farinha,
Poslhe hi tudo quanto tinha,
Pede perdão por costume.

Diz: Quem tal adeuinhára,
(Contra o cidadão seuero)
Tanto reuoluera, e andára,
Que alguma cousa buscára,
A quem tanto deuo e quero.

Cumpre muito aquella mesa,
Mais da fome que da gulla,
Tem a fugueirinha acesa,
Faz rosto ledo á despesa,
Co trabalho dissimula.

Diz o cidadão comsigo
Que gente ha entre penedos!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom sengo antigo,
Que não são iguaes os dedos.

Depois do fraco comer,
Estando detrás o lar,
Começa o rico a dizer:
Dous dias que has de viuer
Aqui os queres passar?

Na aspereza do deserto,
Que não sei quem o soporte,
D'vrzes e tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
E tão certa só a morte?

Viue amigo a teu sabor,
Mais he que cousa perdida,
Quem por si toma o peor,
Vaite comigo onde eu for,
Lá verás que cousa he vida.

Quando as ambas prouares,
(Que eu doutrem não adeuinho)
Quando te enganado achares,
Ahi ficão teus manjares,
Ahi tens tambem o caminho.

Assi disse. Eis o villão
Em aluoroço e balança,
Hia e vinha o coração,
Ora si, e ora não,
Venceo porem esperança.

E que póde hiaĺ fazer?
Viue com tanto cansaço,
Inda não póde viuer,
Não póde o anno vencer,
Que lhe assi corre despaço.

E diz: Quem não s'auentura
Não ganha, quem he que o negue?
Escolhem hora segura,
Era pella noite escura,
Guia o rico, o outro segue.

Entrão por paços dourados,
Cheirosos inda da cea,
Fiquem os casaes colmados,
Por sempre do sol torrados,
Fique a faminta da aldea.

Voume por meu conto auante,
Amostra o cidadão tudo,
Que traz no bucho hum ifante;
Quem quereis que não s'espante?
Anda o villanzinho mudo.

Que tão sómente em prouar
Das cousas que mais lhe aprazem,
Começão já d'engeitar,
Começão de bocejar,
Em finos tapetes jazem.

Orá, o despenseiro chega,
(Que estes bens não durão tanto)
Senteos, mas a pressa o cega,
Hum tiro, e dous mal emprega,
Segueos de canto em canto.

Os caens á volta correrão,
Ládrão, que he alto serão,
As casas estremecêrão,
Huns e os outros hi corrêrão,
Quis Deos que os gatos não.

Sabia o de casa a manha,
Sabia os passos, fugio,
O Ratinho da montanha
Aos pees em pressa tamanha
O coração lhe cahio.

Mas espaçado o perigo
Da morte que ante si vira,
O coitado assi comsigo
Pollo seu repouso antigo
Que mal deixára, suspira.

Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? e esta riqueza
Mal que todo o mundo preza,
Fuja se poder voando.

Mal tomadas esperanças
A paga aqui não me tome,
Traças que não abastanças,
Assás vi das vossas danças,
Deos me torne á minha fome.

****

A Antonio Pereyra Senhor do Basto, quando se partio para a Corte co a casa toda.

COmo eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecerem cercas, e o gasto,
Vi, por caminhos tão maos
Tal trilha, e tamanho rasto.

Logo os meus olhos ergui
A' casa antiga, e á torre,
E disse comigo assi:
Se Deos nos não val aqui,
Perigoso imigo corre.

Não me temo de Castella,
Donde inda guerra não soa,
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheiro desta canela
O Reino nos despouoa.

E que algum embique e caya,
(A fora vá máo agouro)
Falar por aquella praya
Da grandeza de Cambaya,
Narsinga das torres d'ouro.

Ouues Viriato o estrago,
Que cá vai dos teus costumes?
Os leitos, mesas, e os lumes,
Todo cheira: eu oleos trago,
Vem outros, trazem perfumes.

E ao bom trajo dos pastores,
Com que saiste á peleja
Dos Romaõs tão vencedores,
São mudados os louuores,
Não ha lá quem t'aja enueja.

Entrou dias ha peçonha
Clara pellos nossos portos,
Sem que remedio se ponha;
Huns dormentes, outros mortos
Alguem pollas ruas sonha.

Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos, e o mar,
Vencer quasi a natureza;
Medo ey de nouo á riqueza,
Que nos venha a catiuar.

Estas

Estas serras e penedos
Fazemsevos vistas feas;
Ia torceis rosto ás aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que já disse Cineas.

A quem nos conuites dado
A prouar, se lhe aprouuesse,
Despois nos olmos mostrado:
Nunca vi (disse) enforcado,
Que a forca assi merecesse.

As vozeiras montarias,
Derribar aues que vão,
Cantando inuerno e verão,
Que al he saluo remir dias
Do enfadamento aldeão?

Que trabalhosos concertos
De villãos desentoados,
Os de villãos mal cubertos,
E o que he peor, pouco certos
Muito desarrezoados.

Direis, e eu não volo nego,
Mas quereis tambem que diga?
Este mundo he armado em briga,
Não busqueis nelle assossego,
Nem numa alta ermida antiga.

Todavia ha differenças
Antre o de cá, e o de lá,
Cá nas mais das desauenças
Ereis mestre das sentenças,
Para ond' his outrem as dá.

Tereis em troca manjares,
Composições delicadas,
Humas por outras grosadas,
Pellos tempestuosos mares
A grão perigo buscadas.

Conuites de quem conuida,
Amostráouos suas tendas
Quanta cousa hi he perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas más das fazendas.

Disto o cheiro, disto a cor,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Para saberem tão mal.

Onde se ha de lançar tanto?
Aquillo he pagar o pato,
Em fim quando m' aleuanto,
Ou ey de morrer d' espanto,
Ou se não m' espanto, mato.

Que contas vão tão erradas,
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não deseja?
Soyão ser as conuidadas
Vontades, agora he enueja.

Entra comvosco ámenhaá,
Falãose muitas linguoages,
Aa tal cea cortesaá
Quanta mestura vai vaá,
A fora as nouas potages?

Os bons conuites antigos
Antes de se tudo alçar,
Erão para conuersar
Os parentes, e os amigos,
Que não pera arrebentar.

E de viuer juntamente,
Ouuerão conuites nome,
Soltos os olhos da gente,
Porque vissem que sómente
Alli se mataua a fome.

Aquella vfana Raynha
Irmaá do vil Tolomeu,
Que o rico pendente deu
Prodigamente á cozinha
Num grande banquete seu.

Vendo tudo irse a perder,
Os amigos conuidaua,
Ia porem não de viuer,
Mas d'assi juntos morrer,
Na sua lingoa os chamaua.

A vossa fonte tão fria
Da Barroca, em Iulho e Agosto,
Inda me he presente o gosto
Quão bem que nos hi sabia
Quanto na mesa era posto.

Alli não mordia a graça,
Erão iguaes os juizes,
Não vinha nada da praça,
Alli da vossa cachaça,
Alli das vossas perdizes.

Alli das fruitas da terra,
(Que tem cada mes a sua)
Colhida em sazão cada huma,
Nunca o sabor á cor erra,
Nem ao nome de nenhuma.

O' ceas do paraiso
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala trocada, ou riso,
Nem carregadas de siso,
Nem danadas da licença.

Des hi o gosto chamando
A móres outros sabores,
Liamos pollos amores,
Tambem escritos d' Orlando,
Envoltos em tantas flores.

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro
Nestes derradeiros annos
Cos pastores Italianos
Do bom velho Sannazaro.

Liamos pollo alto Lasso,
E seu amigo Boscão,
Honra d' Espanha que são,
Hiame meu passo, a passo,
Aos nossos que aqui não vão.

Se eu isto estimado agora
Vira, como dantes era,
Por meu conto auante fora,
Mas não diz hora com hora,
Vaise como ao fogo a cera.

Que troca, ver lá pasquinos,
Desta terra cento a cento;
Quem o ve sem sentimento
Tratar os liuros diuinos
Com tal desacatamento!

E o que não deuem d' ousàr
Dizer, se em giolhos não,
(Que graças para chorar!)
Torcem, fazendo falar,
Ao som da sua paixão.

Esquecidos do conselho,
Mas que digo eu? do mandado
Sendo por quem foi vedado,
No santissimo Euangelho,
Aos caens não deis o sagrado.

Peitos que sonhando andaes,
O muito não no troqueis
Por nadas, como o trocais,
As perlas Orientaes
Aos porcos as não lanceis.

Iogareis? O' razão cega,
Sempre o jogo fiz defeso,
Que tem noite, e dia preso
O triste que assi o emprega,
O seu tempo todo em peso.

E des o Grou, té Folosa,
Homens de seiscentas cores,
Só no jogo não tem grosa,
Conuersação perigosa,
Missa d' arrenegadores.

Mal sem emenda he o jogo
Antre os seus males maiores.
Hum Rey de grandes primores,
Dos nossos, mandou pôr fogo
Aa casa, e aos jogadores.

Das leis antigas imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Dores sempre aqui, comsigo,
Vai caminho das eternas.

Passemos por outros jogos
Que lá vão, por outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodes para Pilatos.

E aquelle grande aluoroço
D'atábor que á guerra chama,
Leua o velho, leua o moço,
Que entrão primeiro em destroço
Que percão de vista Alfama.

Oo vida dos lauradores,
Se elles conhecessem bem
As auantages que tem,
Co aquelles santos suores
Que a si e ó mundo mantem.

Tratando coa madre antiga
Que de quanto em si recebe
(Não entre engano, ou maa liga)
Singelamente se obriga
A pagar mais do que deue.

Aquelles maiores nossos
Antigos Padres primeiros;
Erão no começo inteiros,
Erão santamente grossos,
Sem mal como os seus cordeiros.

Regidos da natureza,
Nem tanto papel escrito,
Vem hum reza, e outro reza
Sem cansar, e sem certeza,
Buscão, nunca achão o fito.

Foi sem malicia e máo erro
A boa idade dourada,
Apressouse a prateada,
Não tardou nada a de ferro,
Que tudo poz á espada.

Quanta sombra que apparece?
Tapaime a boca coas máos,
Ora atrás que não me esquece,
Tambem por cá se adoece,
Vão porém aires mais sãos.

Por isso á gentilidade
Que em tudo philosophaua,
Ao Deos da saude alçaua
Templo fóra da cidade,
Hi por ella se offertaua.

E aquelle Virbio a quem
Dera vida, nunca ás festas
Nunca ás cidades vem,
Sempre só por fóra o vem
Caçando pollas florestas.

Hi que encontre cum lião,
Cum vsso que anda ao traues,
Traz comsigo a seus librés,
Com que lhe o caminho dão,
Não he aquella a sua res.

Da cousa maa claramente
Logo quem a vê se vella,
Chegase á que branda sente,
Por isso á antiga serpente
Pintão rosto de donzella.

Quando os antigos a alguem
Louuauão, não de senhor,
Nem de rico era o louuor,
Chamauãolhe homem de bem,
E ainda bom laurador.

A nossa gente que quiz
Arremedar nos louuores,
Que agora parecem vis;
Aos bons Reys Sancho e Dinis
Chamárãolhe lauradores.

Os prudentes dos Romanos
Antes que o tino perdessem
Donde cuidaes que escolhessem
Cincinatos e Serranos,
Que ante si em campo posessem?

E aquella sua grandeza,
Que o tempo não quer que moura
Vemos que á mais da nobreza
Sobrenomes da riqueza
Não pôs, antes da lauoura.

Inda oje vemos que em França
Viuem nisto mais á antiga,
A' villa o villão se abriga,
Donde traz nome de herança
Mantemno a sua fadiga.

Acende á fragoa o ferreiro,
Iuntamente, e o gallo canta,
Morde o couro o çapateiro,
Brada co moço ronceiro
Que inda se enuolue na manta.

Viue a nobreza por fóra
Segura, os despouoados
Corre cos lobos ousados,
Por darredor donde mora,
Mantem liure o mont' ós gados.

Da má gente auentureira,
Que ás escuras traz seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noit' á feira,
Ou dormindo no mulato.

Bom tempo, quando segura
A cabeça s encostaua
Onde o sono a conuidaua,
Contente da cobertura
Tão rica, que lhe o ceo daua.

Bebião tomada ás mãos
D'agoa, que fosse em velhice,
Melhor que por vasos vãos,
Lauaua ella os peitos sãos,
Antes da gargantoice.

Iacob fugindo ao irmão,
Qu'o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo vsado,
Passou o rio Iordão,
Na ajuda do seu cajado.

Como o sol ao mar deceo
Comeria do fardel,
Dagoa no rio bebeo,
Numa pedra adormeceo,
Pôs nome ao lugar Bethel.

Natureza nos posera
Como os olhos nos abrio
Ao perto, tudo o que vio
Que necessario nos era,
Do mais tudo se sorrio.

Como huma aue já vezada
A toda delicadeza,
He melhor ajuizada,
Foge á gayola dourada,
Vai buscar a natureza.

Huma disposição má,
Longa enfermidade e dor,
Que vai de mal em peor,
Onde remedio achará
Se á natureza não for?

Cega da minha porfia,
Qu' em vão tanta razão gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Isvos buscar a madrasta.

Dos vossos nobres auós
As Cruzes em sangue abertas,
Vos póem obrigaçoes certas
Que não as deixeis cá sós,
A ser do musgo cubertas.

O que porém não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a de tal irmão,
Que não ouue o nome em vão
De Nuno Aluares Pereyra.

Por toda eſta grande Espanha
Froais que sohião chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rey mouro a patranha,
Mas vosso antigo solar.

Do qual não ha muitos annos
Que hum que aqui Braga regeo,
Pondo á parte os longos panos,
Hum passo aos Castelhanos
Aa espada defendeo.

Ao Reino cumpre em todo elle
Ter a quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que he muito o pezo, e com elle
Mete o barco nagoa a proa.

E mais isvos muito ao ponto
Para qualquer apetito,
Então j'eu ouui hum conto,
A quem espreita, e está pronto,
Não vades mudar o fito.

Tereis lá conuersaçõ̃es,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço adubadas,
E ás vezes das prégaçõ̃es,
Com muito gosto furtadas.

Trasposerão os amores,
Deixárão o paço aas cegas,
Saem de nouo mantedores,
Continuos murmuradores,
Polla praia d'Enxobregas.

Vereis barcos ir á véla,
Huns que vão, outros que vem,
Como que se desauem,
Cuma viração singela,
Tanta força a árte tem.

Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção
Pollas cordas dos nauios,
Volteão como bugios,
Inda que vos al pareção.

Não ey por perda esta leue,
Que sejão palauras tudo,
Mas ao coração acudo,
Senão dizei quem se atreue
Aa dor esperalla mudo?

São ellas porém já muitas,
Fellas ir crecendo a mágoa,
Lembrovos as vossas fruitas,
Lembrovos as vossas truitas,
Que andão já por vossas nagoa.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

CARTA

Aa maneira Italiana, a D. Fernando de Menezes, em reposta do que lhe escreueo de Seuilha.

GVadalquibir arriba, a rica praia
Que vistes, os perigos, e armadilhas,
De que escreueis, ouuindo homem desmaia.

Vistes numa Seuilha mil Seuilhas,
Guardese da fortuna, e dos revezes,
Que assi creceo co este ouro das Antilhas.

Senhor meu D. Fernando de Menezes,
Eu vi Roma, Veneza, e vi Milão,
Em tempo d'Espanhoes, e de Francezes.

Os jardins de Valença d'Aragão,
Em que amor viue e reina, e forças ganha,
Por onde tantas rebuçadas vão.

Mas isso (assi direi) mais já parece
A coua da Sibila sobterranha,
Onde a vida em prazer desaparece.

Se cousa he pera crer, e não patranha,
Mas isso, assi não fosse elle verdade
Como he, sabei que amor vsa de manha.

Spreita onde vê rica ociosidade,
Hi enaruora bandeira, solta a vãa
Desenfreada prodigalidade.

Imiga das leis sanctas, e da sãa
Da boa temperança, e vida pura,
Mas dessa Seuilhana amada irmãa.

Aquelles são seus parques, hi assegura
(Eu digo amor) o seu estado e Cortes,
Alli he grã senhor, dure o que dura.

Por

Por hi passea, e vai a seus deportes,
Viue alli Salamandra no seu fogo,
Que a elle vida dá, aos seus mil mortes.

Menino e cego (ó risos) foge logo
A doce liberdade, e nunca mais
Em quanto o sente hi, torna, nem em jogo.

Mas tornemos ás nouas que me daes
Das senhoras, e das casas, e das sedas,
Pedraria que cega os auençaes.

Por onde correm todas as moedas,
As d'ouro poderoso, e prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.

Quem vem a estar aos lanços, desatina
A primeira aventura he a do siso
Que logo perde, tudo á banda inclina.

Alli sospiros, alli o brando auiso,
As boas manhas todas quantas são,
Nobreza, parecer, he tudo hum riso.

Vendendo ellas o seu tanto ao pregão,
Cousas que se achão nas tendas por nada,
Regateiras crueis, por quanto as dão?

Mas que cegueira tão acostumada!
Em todo o estado, toda lei, e idade,
Quem mais leua na bolsa, esse arrecada.

Não falemos naquella enfermidade
Dos seus privados, que he como se acerta,
Por apetites sós, e liuiandade.

Onde pôr não se póde regra certa,
Sómente assi lhe apraz, a quem se obriga
Dos outros, e cada hum como se offerta.

Quem o crerá? que nisto a gente antiga
Que tanto vio, vio pouco, do costume
Cega, e desta baixa humana liga.

Despois coa melhor lei, entrou mais lume
Suspirouse melhor, veo outra gente
De que Petrarcha fez tão rico ordume.

Eu digo os Proençaes, de que ao presente
Inda rithmas ouuimos que entoárão
As Musas delicadas altamente.

Aquelles Dantes, que versos danárão,
Perdoem, ah que o digo vergonhoso,
Com doo de bons engenhos que enganárão.

Todauia Xenocrates famoso
Sahio rindo de Lais por quem se chama
O porto de Corintho perigoso.

Vinhão de toda parte alli por fama
Da sua fermosura, alli foi tal
Que vencedor ficou, vencida a dama.

E mais sendo o perdão assi geral
Naquelle tempo, a todos tanto a vsança
A dar culpa e desculpa, póde e val.

Porém duma tamanha confiança
De si, e coa virtude, taes amores
(Qu'm soo seja aqui dito em abastança.)

Enxamea este mundo, e da das flores
Como lhe apraz á grande natureza,
Dos santos, não me meto em seus louuores.

Que não se atreve a tanto esta rudeza
Do baixo eſtillo, e minha fraca vea,
Qu' entendo, e não m' engana sua pobreza.

Ora soes já na Corte, onde se atea
Pera vós outra chama, outras contendas,
Outra prisão mais nobre, outra cadea.

Digna de vós, não tem a chaue as rendas,
Não negociações, que isso seria
Tirar o poder a amor, dallo ás fazendas.

Amor he senhor grãnde, e não se guia
Por interesses vis, dar e tomar,
Amor noites não tem, que todo he dia.

Amor que nunca sabe atrás olhar,
Que não sabe pôr nodoas de sospeitas,
Na fé, não em querer, nem duuidar:

Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos ás tardes nuuens raras,
Em pouco espaço feitas, e desfeitas.

Não traz contrasinaes, nem almanaras,
Não manda escuitas fóra, alli he paz boa,
Das fontes limpas correm agoas claras.

Quão longe do outro cégo, que ao ar voa,
Todo desassossegos e queixumes,
Cudais que his vent' a popa, his vento a proa.

Mandáono desconfianças e ciumes,
Huns nadas, que porém ferem d' agudo,
Reina no pouo, guarda os seus costumes.

Todo he palavras, estoutro casi he mudo,
Ouçaose os coraçõe, que ouuidos tem,
Mais certos, e outros olhos que vem tudo.

E os peitos passão da banda dalém,
Como o sol dando faz numa vidraça,
Os claros coraçõe claros se vem.

Verdade que não dão os tempos graça
Tanta, como elles dauão no passado,
Anda encolheita, não sae tanto á praça.

Temese dum amigo apoderado
Do tempo, que os sonha India e Brasil,
Té que cada hum de lá torne dourado.

Lançounos a perder engenhos mil,
E mil, este interesse que aja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.

Os momos, os seraos de Portugal,
Tão falados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?

Dos motes o primor, e altos sentidos,
Os ditos delicados cortezãos,
Qu' he delles? que lhes dá sómente ouuidos?

Mas

Mas deixem de tratar os Aldeãos
Da Corte, sempre foi, sempre será,
Trocãose os tempos, fogem dantre as mãos.

Não vedes quantas voltas o Sol dá?
Ora aparece, ora desaparece,
Debaixo deste Ceo quedo que está?

O que ontem muito aprouue, oje aborrece,
As que agora erão faces, são já enueses,
Nos poços sóbe hum balde, o outro dece.

Porém (ó bom D. Ioão o de Menezes,
E ó Manoel) que taes tempos lograstes,
Dous Condes nos amores tão cortezes.

Vós dias, vós as noites suspirastes
Com tanto louuor vosso, ind' eu ouui
Os queixumes finaes que ao ar soltastes.

Despois de fóra parte, por aqui
Se ouuem cantares, não dos naturaes,
Mas estrangeiros, j' eu cantára assi.

Ora outra vez a vós senhor que andaes
Naquella viua chama dessa idade,
De que os amores se apodérão mais.

Não me seja contado isto a vaidade,
Mas eu não vejo cá cousa mundana,
Que tanto suba sobre a humanidade.

Quem cuidando será por força humana,
Com que tão altamente a alma se escora,
Que esperança nem medo a não abana.

Alçase o tempo, e vai de foz em fóra,
Dos sentidos conuem todos se aliue,
E que ouça, veja, e viua, hora por hora.

De tudo (que já muito me detiue)
Faz a conta que faz de neuoa e vento,
Passouse a corpo alheo, e alli se viue.

Buscou, e poz tão alto o fundamento,
Que por cousa nenhuma que aconteça,
O mesmo he no prazer, que no tormento.

Hi se acaba o seu bem onde começa,
Faz com' aguia ós filhos, que os engeita
S' a vista ó sol d'algum vê qu' enfraqueça.

Assi toma aos cudados conta estreita,
E aquelle que o seu bem claro não vê
Não he dos seus, num nada a cont' hé feita.

Alli se abraça só com a sua fé,
Nella s' enuolue, nella se adormenta,
Que riqueza grandissim' aquell' he,
De que outrem viuer possa, e ella o não senta.

****

ELEGIA

A huma Senhora muito lida, em nome de hum seu seruidor.

CVidando em vós senhora, no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei com que ousadia ante vós venho.

Por dom da natureza, posta encima
De todo o que aqui vemos descuberto,
A que he tão necessaria vossa lima.

Occasiões esperando, e algum acerto,
(Que tudo he cheio d' acontecimentos)
Quantos males passei quão incuberto?

As esperanças foraõse cos uentos,
Iaa dias se eu tivera vista algũa,
(Mas assi he bem que vão vãos pensamentos.)

Senhora, quanto sol, e quanto lũa
Em quanto eu cuido, e temo, se me vão
Viuendo triste sem vida nenhũa.

Cuidaua que valesse esta razão
A que tanto se dá, val pouco em fim,
Nomes vistosos, que remedios não.

Comigo aos braços, a que estado vim?
Lidando noite e dia, elles quebrados
Huns me mostrão ao dedo, outros sorrim.

São fogos como os que vemos pintados
Não chego a dizer mais, digo o que posso,
Os d'alma são os viuos, e os callados.

Não sei como não vistes este vosso
Spirito em tanto tempo? onde assi val
Este nome de meo, e inda o de nosso.

E como tanto andaes cuidando em al,
Que não vistes esta alma ha tantos dias
Que a vós só vê seu bem, tendeslho a mal.

E não se vos mostrou por tantàs vias,
Tanta verdade, por esperiencia tanta,
Apurada em taes fogos, e agonías.

Aquel-

Aquella vista que a todos espanta,
Aquelle entendimento tão profundo,
Não sei quem nisto o céga, ou que o encánta.

Hercules tão fallado pello mundo
Quantos trabalhos venceo, mas a dura
Madrasta nem por isso se quebranta.

Em fim veo no fogo, inda assegura
Seus olhos farta, e quanto ás immortaes
Honras que se lhe deuem, torna escura.

Iulgãose as cousas pellos seus sinaes,
Melhor que por palauras, que farei?
Tudo me lembra, e tudo por demais.

Tirannia cruel, áspera lei,
Que assi quer o que quer, braua opinião
Abasta, assi me apraz, assi mandei.

Menos prezando de todo a razão
Seja a culpa d' Amor que enuolue tudo,
Deixai chamar os seus por elle em vão.

O duro, o brando, o sem siso, o sesudo,
O velho com suas lagrimas piadosas,
O moço aos sobresaltos branco, e mudo.

Amor tem cheo d' armas victoriosas
Em padrões altos, tudo ao derredor,
Pollas façanhas suas espantosas.

Poderoso, absoluto, e só senhor,
Os Deoses tem os fados sobre si,
Livremente o que quer só póde Amor.

Os santos juramentos, ora assi,
Ora assi feitos, passa em graça e riso
Té da legoa sobterranha ri.

Não se póde fallar estando em siso
Nas grandezas de amor, cumpre que estê
O entendimento, do corpo diuiso.

Ao baixo oliuel nosso, o que se vê
Tudo tambem he baixo: estes sentidos
Leuemente enganados, não dão fé.

Os remos nagoa parecem torcidos,
Os olhos nos enlea hum jogo leue
De mãos, e assi se enganão os ouuidos.

Senhora, bem sabeis o que se escreve
De dous pintores nobres á porfia,
Em que cada hum vencer o outro se atreue.

Fruitas pintou hum delles, que de dia
Vinhão aues comer, outro de hum veo
Pintado, fez que a sua obra encobria.

Vede quanto a arte póde, não valeo
Alli vista, e saber, o véo de diante
Mandaua leuantar o que perdeo.

Diz ledo o vencedor, foste bastante,
A enganar aues? que victoria a minha,
Enganando hum pintor tão posto ávante!

Aquelle leue Grego que hia, e vinha
Com tanta ligeireza, e tal feruor
Que os pees voauão, quedo o corpo tinha.

Que cuidavão que avia de traspor,
Inda desse lugar não se mouera
De que esperava mercês, e louvor.

ElRey Agesiláo que não posera
Nisto cuidado mais, não disse então
Sómente que iogral lhe parecêra.

Ora tornando atrás, certo mais são
Os nossos olhos que os dos morcegos,
Que huma cousa soo vem, as outros não.

Os seus thesouros, os ricos empregos
Alcançáose por sorte grande, e rara,
Iazem em mui profundos, e altos pégos.

Tanto ha que canso, me desampara,
O mesmo tempo, as forças desfalecem,
Ay quanto custa huma esperança cara.

A alguns queixumes de fóra parecem,
E talvez o serão, só a alma o sente,
E estes olhos coitados que amolecem.

Entretanto que cuida a leue gente
Destes que vemos tantos a milhares
Regidos do só caso, e accidente.

Ondas que aos ventos vão correndo os mares,
Andabatas que ferem ás escuras
E sem certeza dão por esses ares.

Estas seriáo as desauenturas,
Que Heraclito chorava em vida andando,
E Democrito ria por loucuras.

Com muitas outras que fazem grão bando,
Peró sempre hão de ser as principaes
Dos que perdendo váose, outrem buscando.

Meus desatinos onde me leuaes?
Vadiamente assi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andurriaes?

Tomastesme jazendo á minha fonte,
O caminho não mingôa, antes mais crece,
Por muito que a razão clara desconte.

E não me abaste o mal que m'acontece,
(Qu'he tanto em meu quinhão) inda a vergonha
Que de mim, e que doutrem me recrece.

Que sorte tão estranha de peçonha!
Ando em busca de mim não sei por onde,
Em quanto esta alma tresvalia, e sonha.

Aqui sómente a váa Ecco responde,
Que parece tambem que and'ella em busca,
Não sei per que cauernas se m'esconde.

Quádo o mundo esclarece, e quádo embrusca,
Suspirando eu, suspira, ah crueldade,
Tambem dirá por mim, este que busca?

Triste, que já não ando apôs piedade,
Som em poder da dor, entendo o erro,
Entendo o danno, entendo a vaidade.

Sigo humas sombras vans, que nunca aferro,
De huma só folha que atrauessa tremo,
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,
Por mim já nada, por vós tudo temo.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

Ao senhor Francisco de Sâ de Miranda, Aa morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sâ.

ELEGIA.

NÃo chores, mas alegrate Elegia,
Fórça agora o costume, e natureza,
Inda que de chorares causa avia.

A parte vás onde ha nojo, e tristeza,
Mas com aquelle nojo, que he forçado,
Iúnto está grão prazer, grão fortaleza.

Verás hum pay, a quem o duro fado
Desemparou d'hum filho, em que esperava
Ver seu nome nos ceos aleuantado.

Verás a mãe, que tanto o filho amaua,
Que partindo a sua alma pello meo,
Ametade lhe deu, a outra ficaua.

Di-

Dizendo, Filho viuirei em receo
Em quanto te não vir, e elle partido,
Eis que subitamente a morte veo.

Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bem não s'enxugauão,
Inda não tinhão delle noua ouuido.

E a primeira noua que lhe dauão,
Era de morte, porém morte qual
Elle quiz sempre: e a que elles o mandauão?

O primeiro accidente he natural,
Com este não poderão, que ós mais fortes
Como aos mais fracos, soe ser igual.

Mas de que virão bem as iguaes sortes
Que nos outros cayrão, em si tornarão,
Vendo chorar a todos tantas mortes.

As lagrimas alheas consolarão
As suas, que já deixão de lançar,
Iágora rim os olhos que chorarão.

Verás ambos jágora taes estar,
Que por mais que vás triste, e chorando,
Rindo t'hão de ver já, rindo fallar.

Começate jágora ir espantando
Daquella fortaleza, com que o pay
Seu nojo tão cruel foi temperando.

N'alma o sentio soomente, que lá vay
A verdadeira dor, mas não se ouvio
De sua boca algum sospiro, ou ay.

De pura dor a triste alma se abrio,
Mas acudio o siso, e a prudencia,
Com que aquelle alvoroço se encubrio.

Acudio á ferida igual paciencia,
Armouse contra a carne logo o sprito,
Esforçado do tempo, e experiencia.

Tanto que o triste caso lhe foi dito,
Co aquelle coração prudente, e forte,
Qual em seu rosto verás logo escrito.

Disse: Sabia que obrigado á morte
O gerei, e callouse: ó gloriosa
Voz, ó bem vinda, e bem ditosa sorte.

Eu vejo despedirse a tão fermosa
Purpurea alma do corpo, e ir voando,
Coroada de louro, e tão lustrosa.

Como huma bella estrella, allumiando
Os ceos, e dando lume cá na terra,
Em que seu rayo está reuerberando.

O' alma bem nacida, qu' em tal guerra
Ganhaste huma tal vida, honra, e gloria,
Quem morte lhe chamar contra ti erra.

Teu vencimento foi tua victoria,
Teu sangue rico esmalte da tua alma,
Tua morte te deu vida, e memoria.

Quão bem compraste aquella bella palma,
Com que estás lá nos ceos fazendo enueja
A quem cá está temendo frio, e calma.

Qual quelle será, por mais que seja
De sua vida amigo, que não queira
Ser tu? e que tal morte não deseja?

A todos está huma ora derradeira
Esperando, ha de vir, e ha de chegar,
O quando, Deos o sabe, e a maneira.

Pois ó que trabalho he sempre esperar
Tão incerta certeza, mas maior
He della se esquecer, ou descuidar.

E quem não quererá de tal temor,
De tal perigo, liure estar seguro,
Com Deos em gloria, em fama cá, e louuor?

Ditoso aquelle que do ferro duro
Traspassado cahio, pois foi leuado
Seu sprito onde está tão claro, e puro.

Ditosos paes de que foste geerado,
(Glorioso mancebo) e boa estrella,
Em que naceste, e glorioso fado.

Seguiste aquelle bem pera que t' ella
Sempre inflammou, e seguindo, o alcançaste,
E a coroa que já vias nella.

Mas ó estrella cruel, já que mostraste
Tão grande sprito ao mundo, porque assi
Mostrado dantre nós logo o leuaste?

Morte cruel, queixemonos de ti,
Que sempre andas roubando o melhor que ha
Sempre o ouui dizer, agora o cri.

Leuáralo em nacendo, ou pois que já
Quizeste que o nós vissemos, quizeras
Que delle nos lográramos mais cá,

Náo deras a seus paes tal dor, náo deras
Tamanha perda a quem delle esperaua
As cousas que tu nunca desfezeras.

Par' elle só a fortuna se guardaua,
Qu' enueja ouueste morte á nossa terra,
Qu' outro Marcello neste nos criaua?

Aquelle fora outro rayo de guerra,
Se os fados o deixárão, duros fados,
Quem vos cuida fugir oh quanto erra.

Mas estes dias seus serão contados
Por muitos, e mui grandes, grand' he a vida
Dos que em virtude, e honra são louuados.

Aquella vida só se diz perdida,
Aquella só deuia ser chorada,
Aquella só por triste, e breue tida.

Dos qu'em morrendo, assi fica apagada,
Que memoria não deixa, nem sinal
Em testemunho da que lhe foi dada.

Igual á d' hum bruto he tal vida, igual
A d' huma planta, ao pó, á sombra, ao vento,
E a qualquer cousa, se a ha que menos val.

Que de que vem que aqui morrendo cento,
Se falle mais de hum soo? porque viuia,
E em bem morrer trazia o pensamento.

Dos outros outra vida não se via,
Senão dos corpos, a estes igualmente
A morte, e vida os nomes lh' encubria.

Viue teu nome claro, e excellente
(Glorioso mancebo) e viuirá,
Em quanto hi ouuer vida, e ouuer gente.

Ouuiloha o Téjo, ouuiloha
O Indo, o Ganges, lá será escuitado
O som que em ti teu pay leuantará.

Dignamente serás delle cantado,
E em todo mundo com prazer ouuido,
Por elle mais glorioso, e enuejado.

Muito de tí dirá, mas muito crido
Será de ti, muitos desejarão
Tal nome ter, e tão bem merecido.

Tambem as bellas Nimphas cantarão
As bellas Nimphas do Minho, e do Douro
Teu nome, e a todo o mundo o leuarão.

Ale-

Alegres andáo co cabello d'ouro
Ao vento solto, rindo, e não chorando,
De palma coroadas, e de louro.

Todas esta tua morte festejando,
Como teu nacimento festejárão,
Por isto que de ti hião esperando.

Para esta morte tua te criárão,
Com ella estão agora tão contentes,
Que mais agora te amão, do que amárão.

Pois tu que lá nos ceós, ond'estás, sentes
A gloria que lá tens, e a que te damos,
Porque chorar por ti ninguem consentes?

Esta he a causa porque não choramos,
Elegia, esta morte gloriosa,
Mas vida gloriosa lhe chamamos.

Por tanto tu não triste, nem chorosa
Mas rindo, vay alegre ver aquelles
Pae e máe seus, e a terra que ditosa
Fizerão por tal causa sayr delles.

Emend.

Bejo as máos a v. m.

Antonio Ferreira.

****

ELEGIA

A Antonio Ferreira, em reposta da sua.

FEsta branda Elegia, esta tão vossa,
Quero dizer de tanto preço, e tal,
Que vai fugindo ant' ella a neuoa grossa.

Bem vejo que era a empresa principal,
Esta a que vinha, mas a dor rezente
Tempo esperaua, cura mais geeral.

Quanto que áquella vea assi corrente
Se deue! áquelle engenho prompto, e raro,
Que assi sente! assi diz tudo o que sente!

E mais em tal sazão, tal tempo, auaro
De louuores, em grá danno
Dos engenhos, que s' achão sem amparo.

Vem hum dando á cabeça, e entra vfano
Cousas do seu bó tẽpo, ardẽdo em chamas,
Pollas que fez, todo al lhe he claro engano.

An-

Andáose ás razões frias pollas ramas,
Hum vilancete brando, ou seja hũ chiste,
Letras ás inuenções, motes ás damas.

Huma pregunta escura, sparsa triste,
Tudo bom, quem o nega? mas porque
Se alguem descobre mais, sé lhe resiste?

E como, esta era a ajuda? esta a merce?
(Deixemos já as merces) este o bom rosto?
De menos custa em fim? que este tal he?

E logo aqui tão perto com que gosto
De todos, Boscão, Lasso, erguerão bando,
Fizerão dia já quasi sol posto.

Ah quẽ não tornão mais, vãose cantando
De valle em valle, de ar mais luminoso,
E por outras ribeiras passeando.

Tornemos ao desastre a nós choroso,
Furtando m'hia a dor qu'inda ameaça
Como hum parto ao fugir mais perigoso.

Não ouso inda a fallar tanto de praça,
Fallo comvosco como em puridade,
Incerto do que diga, e do que faça.

Quando mandei meu filho em tal idade
A morrer polla fé, se assi cumprisse,
(Qu'esta era a verdadeira sua verdade,)

Tu vás pello caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste á tua conta;
Sem perigos quem se acha que subisse?

De tempo que assi foge, que te monta
Vint'annos, trinta mais? que montão cento?
Ergueo a vista a mim alegre, e prompta:

Suspirando por ser lá num momento,
(Se ser podesse) tão depressa os fados,
Corrião (nomes vãos, sem fundamento.)

Então o encarreguei destes cudados,
Deos, e logo honra; logo o capitão;
Quão prestes a cumprir foi taes mandados!

Parece que os leuou no coração,
Não soltos por defora nos ouuidos,
Como outros fazem, que perdendoos vão.

Do corpo aquelles espertos sentidos,
Mais inda os d'alma tão limp'e tão pura;
Ia agora os bons desejos são cumpridos.

Vio onde a deixaria em paz segura;
Depressa á occasião arremeteo,
Não quis mais esperar outra ventura.

No dia do começo a conta encheo;
Seguro vio a morte, espanto antigo,
Nós sonhamos aqui, tu vas té ao ceo.

Ditoso aquelle Mestre, dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louuou
O filho, e deu ao corpo em mort' abrigo.

Er' ella conta igual, que quem entrou
Antes á vida, saysse primeiro,
Eu sou que deuera ir, quem nos trocou?

Cordeiro, ante o trono alto do cordeiro
Lauado irás no teu sangue sem mágoa,
Oo quem como era pae, fora parceiro.

A Paulo da fé nossa ardente fragoa,
Que pera o filho, o pae ponha em thesouro
Parece natural hum correr d' agoa.

Não assi ao contrario, abaixo o Douro
Aqui perto ao grã mar se lança escuro,
Mondego, e Tejo das areas d' ouro.

Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrando e abrindo a mão posto em seguro,

Não se vejão mais lagrimas aqui,
Saluo se por nós forem, qu'em taes treuas,
E tão cega prisão deixaste assi.

Vaite á boa ora, não tens de que deuas
Temer, lá tudo he paz, tudo assossego,
Quem leua hum tal seguro, qual tu leuas:

Ditoso, que não viste de dor cego,
Por senhor hum imigo da tua lei
A tanta pressa, fora hum certo emprego.

Quantas graças meu Deos, quantas te dei,
Sabendo d'alma qu'era liure e viua,
Sem ella ao corpo de que temerei?

Sabia a sua condição altiua,
(Nesta só parte) no mais, branda, humana,
Era para morrer, não ser catiua.

A sepultura que os olhos engana,
He leuissima perda, assi tambem
He lodo, he terra, he pó, terra Africana.

Que tão estreito mar antre si tem,
Abila e Calpe, foi tempo, hum sómente,
Dous agora, hum d'áquem, outro d'alem.

Nos quaes, duas columnas por défronte
Hercules, qu'alli entrada ao grão mar deu.
Falece antes quem crea, que quem conte.

Os Gregos no que escreuem, poem de seu
As vezes muito, e ha quẽ diz que chamadas
Ia forão as columnas de Briareu.

Acabemos nas bemauenturadas
Almas subidas para sempre á luz,
Sem tréuas, rindo lá dos nossos nadas.

Hum só qu'em sangue aberta traz a Cruz
Branca por armas, deu Deos á cidade,
Milagre, que em sinaes claros reluz.

Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Mordese a enuej'ás mãos, ri se a verdade.

Para as festas diuinas que lugares
Tão claros, hi ganhastes pollas lanças,
Correndo ledos á tal gloria, a pares,
Sem fim, sem sobresaltos, sem mudanças.

****

Ao senhor Francisco de Sá de Miranda, Iorge de Monte Mayor S.

AOra és digna cosa (ó pluma mia)
Que os afineis, mostrando mis conceptos,
Com arte, ingenio, estyllo, y melodia.

Conformense a la causa los effectos,
Preuengan luego aqui la eterna mano,
Con terminos subtiles, y discretos.

No escriuo la grandeza d Octauiano,
No los triumphos de Cæsar, no la gloria
Qu'en conquistar gano Alexandre Magno.

No las pompas de Dario, no la hystoria
Del diuino Scipion, no la riqueza
D Antiocho, ni de Manlio la victoria.

No escriuo a Ciceron, qu'en subtileza
Con su pluma llego al summo grado,
Ni del Poeta heroico la biueza.

A otro blanco tiro, que ha tirado
La barra tanto mas, que siempre anda
En la Corte de Apollo sublimado.

A Francisco de Sá el de Miranda
Escriuo, aunque a mi ingenio le parece
Que a mas de lo que puede se desmanda.

Y si a vós (pluma mia) os enflaquece
El temor della empresa, en fin fortuna
En los mayores casos fauorece.

Estad ya sin temor de cosa alguna,
Que por baxo que sea nuestro estyllo,
La causa lo alçará, qu'es qual ninguna.

Y pues mi ingenio veis que en esto afilo,
Qu'es sin comparacion, podeis creerme
Que Atropos no podra cortarme el hilo.

En fin señor Illustre, he de meterme
So tu amparo y fauor, por sublimarme,
Y al mundo podre luego anteponerme.

Que pierdes de tu ingenio en leuantarme?
Ha de mẽguar por dicha tu grá sciencia?
Por la pequeña mia acrecentarme?

Puedes perder de todos la obediencia?
Puedes perder que fama en todo el mundo
Publique tu alto estyllo, y grá prudencia?

Puedes dexar de ser el mas profundo
En sciencia, erudicion, que alguno ha sido?
O tu ingenio podra hallar segundo?

No cierto, que tan alto te ha subido,
Que te pierdo de vista, y no es possible
Poder dexar de ser lo que ha sido.

Pues luego claro está que te es possible
Hazerme rico a my, sin quedar pobre,
Que quien podra vencer al inuencible?

Haras que a poca costa tuya cobre
Talarte, tal ingenio y fundamento,
Que oro buelua yo mi baxo cobre.

Doite cuenta de mi, que es argumento
De me hazer tan tuyo como digo,
Aunque me falte aqui merecimiento.

De mi vida el discurso yo me obligo
A contartelo en breue, aunque mas breue
Fortuna se mostro para comigo.

Comigo se estrecho, y no se mueue
A me subir a mas que a vn cierto grado,
Y a me passar de alli, ya mas se atreue.

No en la studiosa Athenas fui criado,
Ni aun en la insigne y grande Babylonia,
Ni la superba Troya he passeado.

Ni en la justa y Real Lacedemonia,
Ni en la bellica Thebas, ni en Carthago.
Ni en la grande Paris, Sena, o Bolonia.

Ni en la triumphante Roma, hondo lago
De tantos hechos en armas, sangre y fuego,
Qu'en Africa, Asia, Europa, hizo estrago.

Riberas me crie del rio Mondego,
A do jamas sembro el fiero Marte,
D'el Rey Marsilio a ca desassossiego.

De sciencia alli alcance muy poca parte,
Y por sola esta parte, juzgo el todo
De mi sciencia, y estyllo, ingenio, y arte.

En Musica gaste mi tiempo todo,
Preuino Dios en mi por esta via,
Para me sustentar por algun modo.

No se fio señor de la Poesia
Porque vio poca en my, y aunque mas viera,
Vio ser passado el tiempo en que valia.

El rio de Mondego, y su Ribera,
Con otros mis iguales passeaua,
Sugeto al crudo amor, y su bandeira.

Con ellos el cantar exercitaua,
Y bien sabe el amor que mi Marfida
Ya entonces sin la veer me lastimaua.

Aquella tierra fue de my querida,
Dexela, aunque no quise, porque veya
Llegado el tiempo ya de buscar vida.

Para la gran Hisperia fue la via,
A do me encaminaua mi ventura,
Y a do senti que amor hiere y porfia.

Alli me mostro amor vna figura
Con la flecha apuntando dixo, Aquella,
Y luego me tiro con fuerça dura.

A mi Marfida vi, mas y mas bella
Que quantas nos mostro naturaleza,
Pues todo lo de todas puso en ella.

El Mar, de perficion y gentileza,
Fida, por la mas fiel que nadie vido,
Summa lealtad de fé y firmeza.

Mas ya qu' el crudo Amor me huuo herido,
Le vi quedar tan preso en sus amores,
Que yo fui vencedor, siendo vencido.

Alli senti de amor tales dolores,
Que hasta los de aora no creya
Que los pudiera dar amor mayores.

Pero despues que vn mal en mi porfia,
(El qual se llama Absencia) es quasi nada
El otro grave mal que antes suffria.

En este medio tiempo, la estremada
De nuestra Lusitania gran Princesa,
En quien la fama siempre está occupada:

Tuuo señor por bien de mi rudeza
Seruirse, vn baxo ser aleuantando
Con su saber estraño, y su grandeza.

En cuya casa estoy ora passando
Con mi cansada Musa, ora en esto,
Ora de amor y absencia estoy quexando.

Ora mi mal al mundo manifiesto,
Ora ordeno partirme, ora me quedo,
En vna hora mil vezes mudo el puesto,

Ora a hurto de amor, me finjo ledo,
Ora me veo tan triste que me muero,
Ora querria morrirme, y nunca puedo.

Mil vezes me pregunto que me quiero,
Y no sé responderme, ni sentirme,
Enfin me hallo tal, que desespero.

Si con tu Musa quieres acudirme,
(Gran Francisco de Sá) darasme vida,
Que de la mia estoy para partirme.

De tu sciencia, en el mundo florecida,
Me communica el fructo desseado,
Y mi Musa será fauorecida.

Pues entre el Duero y Minno está encerrado
De Minerua el thesoro, a quien iremos?
Si no es a ti? do está bien empleado.

En tus escritos dulces los estremos
De amor podremos ver mui claramente,
Los que alcançar lo cierto pretendemos.

Dexar deue el arroyo, el que la fuente
D'agua limpia y pura veé manando
Delgada, dulce, clara, y excellente.

Mui confiado estoy de ti, esperando
Respondas a mi letra por honrarme,
Pues d escreuirte yo, me estoy honrando.

No quiero importunarte, ni alargarme,
Que do ay prolixidad, no falta vicio,
Escriue señor por consolarme
Que a my haras merced, á Dios seruicio.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * *

Reposta de Francisco de Sâ de Mirãda.

MOnte mayor, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Truxiesses dulces agoas de Pegaso.

Que hare que al responder tiembla la mano?
Trabajé por escusa, si la hallara,
Buscando lo que no ay, cansase en vano.

No disimulare la verdad clara,
Yendote a responder, atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçára.

Temia lo que aun temo, que diria
El que oydos alçara .. la respuesta
La tierra tan prenada, que paria. (a)

Soltose en risa todo, tanto cuesta
Esperar mucho; viendo por d' antojos,
Quanto a my, quien me loa, me amonesta.

Poniendome de los ojos
Como en pintura, lo que seguir deuo,
Que en traje de loores, son abrojos.

Forçado a responderte en fin me mueuo;
Yerro a sabiendas, van y vien sudores,
Agora el huelgo, ora la pluma prueuo.

Si con Monte mayor trato d' amores
Quando lo alcançare? vá de corrida,
De laurel coronado, y edra, y flores.

Y si antes quiero tratar de la vida
Que sola es vida perpetua y segura,
La entrada es alta, ciega la salida.

O buen Mondego que en la Estremadura
Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuiste gran ventura;

Ai

(a) *Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus*

Al fin (dire) del mundo has dado vn fructo,
Que lo inche de odor todo, y que leuanta
Del campo y sierras niebla, el campo ha enxuto.

Mientras tañendo va, mientras el canta
La su Marfida, por los campos llanos
De tus agoas regados, quien no espanta?

Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos
El mi Diego espargio, sin aluedrio
D'amontado alli de pies y manos.

Estotro con mejor suerte el tu rio
Passo, los altos puertos, buelue lleno
De mucha gloria al nido suyo y mio.

Todo este se fizo mas sereno,
La nuestra Lusitana a lexos tierras
Se va, de boca en boca, seno en seno.

Fue Monte mayor ya mentado en guerras
Del santo Abbad Don Iuan, (cuentase assi)
Agora dexa atras agoas y sierras.

Quando los Moros lançauan de aqui,
(Ah los muchos peccados de Christianos)
Quedose el leal Monte en saluo alli.

Marsilio de gran nombre entre paganos,
Del Hebro a la Ribera puso silla,
Y a raya entre Carthago y los Romanos.

Entraron Maomethanos por Castilla,
D'amor, y Marte fiero vuo auenturas,
Quien cree, quien no lo cree, se marauilla.

Grandes cosas se cuentan de como a escuras
D'aquellos tiempos de vista Turpino,
A estranhos cuentos orejas seguras.

El hadado Roldan, Reynaldo, Dino,
Que le fuera fortuna mas cortes,
De sus riquezas, vn tal Paladino.

Rogel, del ingenioso Ferrares,
Tanto alabado, en tan sabroso estillo,
Astolpho auenturero, y vano Ingles.

Que dio la muerte al fabuloso Horrilo?
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante
Negro, hermanos, ribera del Nilo.

Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante,
En campo armadas, tormenta y terror,
Por enemigas hazes adelante.

Hasta tanto llegue, por tu sabor
Que todo es en Marfida, he te seruido
Si mal no deprendi las leyes d' amor

Vezino aaquel tu monte do has nacido,
Cogi este ayre de vida, y del Mondego
Tan clara y tan sabrosa agoa he beuido.

Assiento de las Musas, tras el ciego
Niño que buela, perdi el tiempo andando
Vno de los sus locos, no lo niego.

Y aun aora, la memoria quando
Bueluo por las pisadas que atras dexo,
Lo que me hago no se, si ando, o desando.

A tal sazon quiça de amor me quexo.
Si viste algunos de los mis renglones;
Triste Andres, triste Diego, triste Alexo.

Que haremos a estos nuestros coraçones?
Si se nos hurtan toda vez que quieren?
Vanse como acogiendo a sus prisiones.

Bien vees que estos sentidos en nos mueren,
Biuen en otra parte, alla passados,
Alla nos llaman, d' alla nos requieren.

Y más con que blandura! amenazados
Como esclauos huidizos, noche y dia,
Duras leyes, duros fuegos, duros hados.

Hasta el mal d'otro tiempo desafia
La vida, y con desseos de presencia
Se buelue a codiciar lo que dolia.

El nuestro Andrade vi muerto d'ausencia,
Sprito tan gentil, tan mal tratado,
A mal tan aspero, tanta de paciencia.

Nacido para amar y ser amado,
Mas es amor cruel naturalmente
Tanto en contrario al nombre que le han dado,

O ciegos, ciegos, qual razon consiente
Que lo que os aquexaua alla, cad'ora
Aca con su deseo os atormente?

Quien no sabe que amor al que lo adora,
Y mas de vientos beue por sus cosas,
Por vna vez si rie, quantas que llora?

Que muestras son las suyas tan lustrosas;
Que pintadas; que lexos tan diuinos;
Agoas que caen d'alto tan hermosas;

Que soledades d' vnos altos pinos,
Como del monte Menalio, a las estrellas
(Licencia ayan palabras) tan vezinos.

Que los cantares, antes las querellas,
De sus pastores oyen en tal parte,
Parece que responden al fin dellas.

Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal sus flechas, van lo acompanhar
(Por la razon que ende ay,) Venus y Marte.

Con que palabras te podré rogar,
(Sea con gran perdon de quien te llama)
Que no nos quieras tan presto dexar.

Marfida, el fuego tuyo y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada,
Do no vino en persona, venga en fama.

Sabe bien que la muerte toda ayrada
Amenazó quanto nace, y no perdona
A cosa biua, y todo buelue em nada.

Enterneciste esta braua leona
A los cantares de tu ingenio raro
Con gran fauor del hijo de Latona.

Leuanta los sentidos al amparo
Tan seguro y tan alto, como tienes
Desta Princesa nuestra, vn sol tan claro.

No seas como muchos, que sus bienes
Bien no conoscen, mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te auienes.

Yo digo con tu suerte, que esclarece
Por la casa Real en todo estado,
Do por costũbre antigua embidia cresce.

En fin las Musas ternán el cuidado
Del su Poeta, que lo quieren tanto
Como a quien de años tiernos han criado.

Al son de las sus vihuelas, y al su canto
Lo entonan siempre, ve se clara prueua,
Cantando el mueue a gozo, mueue a llanto.

Destos mui cuerdos, no me es cosa nueua
Que esten burlando esclauos del prouecho
Onde aparece, o que arda el cielo, o llueua.

Esforçandose siempre, o con derecho,
O sin derecho (aqui poned el tino)
Inchamos esta casa, hasta el su techo.

El oro blando a todo abre el camino
Mas que el hierro, y solo el es dicho Auer,
Nadie inquiere despues de donde vino.

Las buenas Musas bastales tener
Lo necessario, para que es affan
Vano, y sin fin? que poco es menester.

No vees los dias que prissa se dan?
Vnos tras otros, pocos son los ledos,
Y todos juntos pero que seran?

Humos y vientos que nunca estān quedos,
Esse poco de vida y breue instante
Lleno de sobresaltos y de miedos.

Otra vida a Beatriz ha dado el Dante,
A Laura hizo el Petrarcha tan famosa,
Que suena deste mar al de Leuante.

Bocacio alço Fiumeta en verso y prosa,
De Pistoya el buen Cino a su Seluaja,
Ah buenos annos, buena edad dichosa.

Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria,
De toda parte, y como que se nos coaja.

A ti las Diosas de la Poesía
Y a tu Marfida, os haran immortales,
Que nunca le anochezca al vuestro dia.

En lo del cuerpo destos animales
Que dizen brutos, mucho atras quedamos,
En vn sentido, mas otros iguales
Hemos de confessar que no queramos.

Franscisco de Saa de Miranda.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

Fabula do Mondego a El Rey nosso Senhor.

INclyto Rei, que deste al otro Polo
Enchistes de tropheos, abriendo al Nylo
Desd'el Tajo luz nueua, y nueuo dia,
Mudando en esto la natura estillo:
Dandoos Neptuno el mar, dandoos Eolo
Sus viẽtos: y armas Marte a la porfia:
Por la Zona que ardia
En braua, continuamente
Vuestra animosa gente
Los Portugueses, a que nada espanta,
A vós señor los ojos, y a la santa
Empresa, y lealtad, propria, y d'abuelos,
Contra amenaza tanta
Gran denuedo vencio, tantos recelos.

Ora mientra al mar Roxo el Othomano
(Sobreuio de los muchos vencimientos.
Por culpa agena, mas que virtud su va)
Ata las llagas, trueca pensamientos
Tiembla, pensando a vuestra armada mano,
Busca donde se esconda, o por do huya
Antes que lo concluya,
Del todo, y buelua en nada
La vuestra luenga espada,
Alto señor, no falte aqui ninguno
Que no os vẽga a seruir a vno a vno,
Yo tãbien tropeçando hasta q̃ caya
Eauor pidiendo alguno
Al estrellado Pá, con que a vós vaya.

Y viendo que baxais vuestros oydos
Por essa tan amable mansedumbre
Al canto pastoril medio dañado,
Quiça moueré mas hazia la cumbre
Del mui alto Parnaso, por oluidos
Malos, y malos tiempos oluidado,
Aquel tan alabado
Tytiro Mantuano
Alçando el cantar llano
Del campo, nos dexô sobrada escusa
De irmos tras la Thalia vfana Musa,
Quanto las fuerças podrá abranger,
Haremos lo que se vsa
Reconosciẽdo ál tiempo el su poder.

Entre el gràn Duero y Tajo, el buen Mõdego
(Y a Munda) (que es dezir, clara agoa y pura,)
Se va por los sus campos passeando,
Parece que saliendo d'estrechura,
El trabajo vencido, entra el sossiego,
Y quedo a sù caubdad muestra va dando:
Donde aora cantando
Las hermosas hermanas
Del fauor vuestro vfanas
Se mueuen juntas en cuento y concierto,
Que salen del nublado al descubierto,
Cantando el vuestro nombre, y subillohan
Al cielo su alto puerto,
Do tales Reyes por tales obras van.

Ribera deste cabdaloso rio
Riquissimo de pastos, y ganado
Vuuo vn noble zagal de nacimiento,
En edad tierna sin padre dexado,
Sin madre, sin hermano, en señorio
Libremente del largo heredamiento:
El puesto entre otros ciento
Donzel apuesto, y tal,
A ser el principal
No cuerpo, gesto, o gracia le fáltaua,
Antiga y comum fama lo arrayua
De sangre de Gerion, que a tantas lides
Ante sus greis se armaua
Fuerte en tres cuerpos, contra el grande Alcides.

Cu-

Cuya venida donde aquella agoa baña
Los campos de Coimbra, ay tal memoria,
D'vna alta torre de su nombre rica
Por suya juntamente, y nuestra gloria,
Como las dos colũnas que esta Espanha
D'Africa parten en distancia chica,
Tras esta multiplica
Otra y otra señal,
Vn arco triumphal,
Las grutas, y edificios Romanos
Los luengos aqueductos, ya mal sanos,
Que la han de antiguedade ennoblecida,
Segun las nuestras manos
A sus obras mal dan años de vida.

Mas sobre todo que la enriquecio
A la noble ciudad, es el thesoro
Del santo cuerpo de su Rey primero
Que en el campo vencio tanto Rey moro,
Quando otro Rey mayor le aparecio
Por nosotros erguido en el madero,
Y aquel padre primero
Que con el bien no pudo:
Por lo qual vuestro escudo
Real, lleua pinturas tan diuinas,
De tales Reyes, y tal misterio dignas,
El buen hijo cab'el quiso yazer,
Que desplego las quinas,
Sangre a Guadalquihir hizo correr.

Boluamos al Mondego, que a esta parte,
Ora áquella, se va suauemente,
Otro nuestro Meandro en sus rodeos.
Ende al passar d'vn bosque, y d'vna fuente,
Rica de la natura, y pobre de arte,
Viose vna Nimpha tambien sin arreos,
Diuina en sus meneos,
Graciosamente estando,
Gratiosamente andando,
Vn blando ayre respiraua al prado ameno,
Ella cantaua, y juntamente el seno
Enchiendo se yua de diuersas flores,
De que el campo era lleno.

Al fresco bosque en la calor se entrára
La Nimpha hermosissima, cubierto
De sauzes, que en el alto se abraçauan
Sobre verde variado de mil flores.
De sauzes, que en lo alto se abraçauan,
Quasi en cierta medida, y cuento cierto,
D'vn cabo el monte, d'otro el agoa clara,
Como a profia, que lo rodeauan:
Las aues combidauan
Con su dulce armonia
Tomar amor por güia,
Al que en el bosque solitario arriba.
Vna fuente manaua en peña biua,
Escondida a los hombres, y al ganado,
Que dulcemente se yua
No se que murmurando por el prado.

Nieue la Nimpha, el vestido de nieue,
Entretexidas de oro flores raras,
Al viento las madexas d'oro fino,
Venceñ sus ojos las estrellas claras,
Los blanquissimos pies por flores mueue,
Quanto vees y no vees todo es diuino.
Vn cuerpo mortal digno
Nunca fue de tal ver,
Si vuo d'acontecer
Nunca s'acontecio sin graue daño:
Exemplo es de Acteon el caso estraño,
Qu'en cieruo tansformado, corre el campo
Vn caçador tamanho
Fuyendo el su Pamphago, y su Melampo.

Ella cantaua aquel cantar famoso
De la blanca Diana, y el roxo Apollo,
Hermosissimo parto de Latona
Que no le dan con los sus niños, solo
(Si quier por breue espacio) algun reposo,
Perseguida sin le ayudar persona
Comun fama apregona
Que las que ora son ranas
En fin siempre villanas
Lycios malsines que le auian hecho,
Turbando el agoa de comun derecho
Deuida a todos, pidela en merced,
Tales hijos al pecho,
De calor muerta, de cansacio y sed.

Diego (que el donzel tal nombre auia)
A caso alli arribo, busca sossiego,
(Que baxaua del monte fatigado)
Ah triste adonde vás? todo ende es fuego,
El bosque, el rio, aquella fuente fria,
Todo arde en llamas, buelue atras cuytado,
De su suerte lleuado,
La Nympha en oteando
Como aqui vine, o quando,
(Dixo) o do me estoi? ojos que veis?
Oydos que a tan alto os estendeis?
Ay Dioses immortales, no me sea
Contra todas las leyes
Por culpa auido aqui cosa que vea.

La Nimpha que sintio d' ojos mortales
Su beldad immortal ser offendida,
Dexado el canto, gimio contra el cielo,
Del gesto hermoso la calor perdida,
Y juntamente todas las señales
Del plazer fuidizo buelto en duelo:
Y como aquel moçuelo
Troyano, no pudiendo
Suffrir su cuita ardiendo,
Echose al agoa alla por lo escondido,
A los ojos huyo, que no se vido
Despues aca entre nós en parte alguna:
El moço esuanecido,
Sin ojos mecer, mira a la laguna.

Auia amor dispuesto a la sazon
El pecho (enantes duro, y çahareño)
Vsado a caças delas brauas fieras,
Despreciando amor desde pequeño,
Por lo qual assechando la occasion,
Vengatiuo qual es, diole de veras,
Diziendo: Mas tu que eras
Tan atreuido, y loco,
Ternas en este poco
Para toda tu vida, o corta, o luenga.
Vengose el niño ciego, aora te venga
Si tanto puedes. Diego frio está,
Oyo la dura arenga,
Sintio el gran golpe, Amor bolando vá.

Despues (como de sueño alto) despierto,
Los ojos buelue aca y alla pasmado,
Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
Y qual ir vemos vn desasiado,
Alli se mueue el triste sin concierto,
Ora para, ora corre, y grita en vano:
Gozase Amor villano,
De como en poco trecho
De Diego vn otro ha hecho,
De como por el agoa entra sin tino,
Todo turbado, no sabe el mesquino
Lo que haze, o que haga áquella cuita suya,
Aaquel furor diuino,
En que modo lo attienda, o por do huya.

De-

Dezia a gritos: Como, y pudo auer
Lugar en que cupiesse vn bien tamaño,
En todo este cercado aca del cielo?
Aquel bien solo, que igualaua el daño,
A tanta claridad donde esconder
Se pudo, con igual mi desconsuelo?
Quien me alçaria a buelo
Para qu' este ayre todo
Busque, y que tenga modo
D' entrar, y reboluer las agoas dentro?
Quien me abrirá caminos hasta el centro,
Que vaya siempre, y nunca buelua atras,
Por malo, o bueno encuentro,
Hasta que vaya a dar donde tu estás?

Que podeis ya aqui ver ojos cuitados,
Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
Ora mal al amigo, ora al pariente?
Ora grande calor, ora gran frio?
Y ronas, comun mal delos ganados?
Las renzillas que van continuamente,
El luengo año que miente
A tantos de sudores
De nuestros labradores,
No basta trabajados, mas hambrientos?
Yelos, truenos, granizos, malos vientos,
Humida, y graue lluuia, ayres corruptos,
Tantos desabrimientos
De tiempos lluuiosos, ora enxutos.

Todo quanto este mundo en precio tiene,
Las flores, las verduras, claras fuentes,
Que hieruen al nacer, es como estraña
Aquella beldad, si paraes meintes,
Que o nada, o poco dello nos conuiene:
El fuego hermoso, todo quema y daña:
Quien espera la saña
Del agua quando crece?
Alla arriba aparece
Tanta d'estrella, que la noche muestra,
Mas estan altas: es rica la muestra,
Estraña a nós, però no lo era aquella
Que vi, y assi tan presta
Se fue: Nimpha immortal, que no donzella.

A mi mismo soy hecho vna enojosa
Y graue carga: ay que en igualdad
Soy falto de lo mio, y de lo ageno,
Pobre en mis bienes, qu'es de auer piedad:
Que abasta al coraçon que no reposa?
Quien tal fuego encẽdio dentro en mi pecho?
Que se hizo el tiempo bueno?
Tras peces por los rios,
Por los bosques sombrios
Tras delas fieras: que alegre porfia,
Viniendo ledo, mas ledo boluia:
Como las cosas van mudando el ser!
Ora con que alegria
A casa bolueré? con que plazer?

Iuase Diego ansi deuaneando
Por sus locuras, que cabo no tienen,
Vnos y otros cansancios sin prouecho,
Los vnos idos, los otros que vienen,
Consigo de contino peleando:
Va batalla cruel dentro en su pecho:
D' amor, y de despecho
A reuezes ileuado,
Ora vence vn cuidado,
Ora vence otro: el triste hecho pedaços,
Con tal contrario lidiando a braços,
No viendo que camino dexe, o siga,
Embuelto en embaraços,
A la fortuna se rinde su enemiga.

Vn dia (vano aliuio de su mal)
Alla viniendo con la su preciada
Sampoña) que otro tiempo ser solia)
Estuuo vn rato en auerla acordada,
Desacordado el triste, y desigual:
Dexa ora el tañer, ora tañia:
Puesto en tal agonia,
Vuo de començar
El lloroso cantar
De Eurydice y d' Orpheo (antigo cuento)
Caen lagrimas vanas, lleua el viento
Muchos suspiros, tiempos mui diuersos
Traendo al pensamiento:
Enfin solto la lengua en estos versos.

¶ Huyendo al atreuido de Aristeo
Eurydice en el prado ponçoñoso,
Mordida cae: cruel caso por cierto
A las sus Nimphas: cruel al quexoso,
Al solo, al lastimado, al triste Orpheo,
Qu' entre muertos la sigue antes de muerto.
Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce y tan liuiana
Mente tocó, como el, su mal cantando.
Como el tañiendo, y Eurydice llamande:
Eurydice en repuesta el valle dá,
Quando se assienta, y quando
A las lagrimas buelue. y quando va.

D' vna merced d' amor (dixo) forçado
Si ante tiempo me aueis, como fezistes
(A vós mismas juzgar (sombras) lo dexo,
Si os mueuen a piedad las cosas rristes)
Vn solo coraçon a entramos dado
Partistemelo assi? desto me quexo.
Si aquel Sol que atras dexo,
(Que todo vee) veer pudo
Iamas caso tan crudo,
No tengo en nada, ni sea nada el daño.
Amor me trae aca, tratam' engaño
Desseo (qu' esperando se consuela)
No os parezca estraño,
Tiempo os pido, y no mas, poco, y que buelva.

Todo se os deue enfin, corre a la muerte
O cedo, o tarde, quanto alla aparece,
Y el nuestro cedo, o tarde, a vós q̃ es? nada:
A mi que amanesciendo me anochece,
Fueme amostrada la mi rica suerte,
Que entre vella y no ver me fue quitada:
Veer vna flor pisada
Primero que cogida,
Veer la fruta perdida,
Que al primer buen odor el viento estraga,
Miesse del temporal, o de arte maga
Tollida, es daño que la vista ciega,
Mirad la cruel llaga
Que os muestra amor por mi piadoso y ruega.

Que no me trae aca codicia estraña
De los vuestros thesoros encubiertos,
No loco atreuimiento, y no maldad,
D' espiar los caminos, y los puertos
Escuros, qu' el gran lago Stygio baña.
Traeme solo amor, trae impiedad,
Y si tal crueldad
En estas partes se vsa,
Que no me valga escusa,
Que no me valgan lagrimas, ni ruegos,
Sombras que os is por estos ayres ciegos,
Que ya de mi la mayor parte vuistes,
A fuegos o sossiegos,
Porque vna no quereis, otra quesistes?

No

No me lo ayais echado a presuncion,
Mas a gran cuita que me trae, y guia,
D' amor forçado, y de su llama buena,
Si aca de amor conoscimiento auia:
No se que ya desto oyme, a tal sazon
Que del gran nombre suyo oyera apena,
Alla suso se suena
El como, donde, y quando.
Aca baxo llarando
Ceres, aca buscando
Su dulce fija, baxó, que satisfecha
Boluio (si quiera en parte) desta estrecha
Pena: respire aqui:
Mi mal que os aprouecha?
Del bien que os cuesta mas el no, qu' el si?

Al son de las palabras piedosas
D' aquella Lyra dulce, y voz diuina,
Que de su mano amor todo acordara,
Todo enternece por donde encamina,
Baxaron las sus crines espantosas
Las sus hermanas, blando se le para
Caront, sin vella, o vara
Passó sin remos la barca segura,
De fea catadura,
Por tres bocas vuiando el Can Cerbero,
Oyendo al dulce, oyendo al lastimero
Llanto, lloro, dexando aquella puerta
(De que era antes portero
Tan duro) por piedad al viento abierta.

Es-

Estuuo luego queda aquella rueda
Del Centauro atreuido: las hermanas
Nietas de Bello, ninguno acudio
Al vano officio, quedas las mançanas
De Tantalo, la su agoa estuuo queda,
Su sed, su hambre, todo se aquedó:
El Buitre no tragó
De Titio las entrañas.
Vino a las soterrañas
Casas de Pluto, palacios Reales,
Tañio, canto, lloro tambien sus males,
Que Eurydice le fue dada con ley
Que en Reinos infernales
No mire atras, ansi le plugó al Rei.

Todo promete amor, todo lo espera
Cumplir, pueda, o no pueda, buelue ledo,
Sigue Eurydice callada tras el:
Ora aquel que denantes tanto miedo,
Tanto trabajo por amor venciera,
Burlolo en fin, no se fie nadie del:
Boltose a ella, y aquel
Ayre escuro abraçando,
En vano suspirando,
La sigue que esuanece, amor ingrato
Iuega estos juegos: no puede el contrato
Real quebrarse, no su lei firmada:
Dize de rato en rato,
Quanto fuera mejor nunca auer nada.

Echa-

Echado de alla dentro, ante las puertas
De firmes diamantes, luengamente
Maldixo aquellas cueuas, y altos muros
La vihuela hechó lexos impaciente,
Y mil vezes llamó sombras inciertas,
Y aquellos dioses mil vezes escuros,
Los dones mal seguros,
Por demas alcançados,
En Reinos nunca vsados
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Sabeis qual es firmeza, y qual verdad,
Veer bien con que intencion otre os offende:
Amor y humanidad
Qual es tanto cruel que tal defiende?

Assi cantaua Diego, y no pudiendo
Con la gran cuyta, que a desora crece,
A mil remedios vanos se acogia,
Oluida la sampoña, y no s'estrece,
Que no viesse visiones, eis corriendo
Va como furioso a la porfia,
Mientele toda espia,
Nunca cuenta conclue,
Del campo a casa huye,
De casa fuye por los campos llanos,
Tomados tantas vezes a las manos,
Mis engaños (dezia) o que s'es esto
Conozcoos por vanos,
Y bolueisme a burlar luego tan presto?

Bien

Bien veo que los Dioses offendidos,
De mi se vengan como a ellos plaze,
No midiendo la pena con el yerro,
Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
Como por muerta: yazen los sentidos
Cargados deste amor como de hierro,
A las sabiendas yerro,
No lo puedo emendar,
Ya fuera de passar
Quanto mal entre dia se me offrece,
Mas ido el sol, que todo se escurece,
Forçado de irme a casa, y triste al lecho,
Que buelta se recrece!
Que sobresaltos van dentro en mi pecho!

Los mis ojos gran tiempo ha que pusierou
El buen sueño en degredo, y si ende llega,
De fuera lexos, el reposo dexa,
Vase bolando por la noche ciega,
En su lugar visiones sucedieron,
Todas de miedo, que mucho me aquexa,
El alma se me alexa,
A mui grandes jornadas,
Seran presto acabadas,
Estas pendencias vanas: los pastores
Diran que fue locura, otros que amores,
Contaran otros que fue assombramiento,
Y si ay males peores,
Haran cuentos de mi triste sin cuento.

Quantos votos se hizieron, y que ayunos,
Que deuociones tan exprimentadas,
Quantos cuerpos de cera s'offrecieron,
Quantos de tierra en las encruzijadas:
Mas los Dioses a ruegos importunos
Hazià otra parte se boluieron.
Que alturas no subieron?
De montes sin caminos?
Los Rhitmances diuinos
Cantando, do la nieue el suelo esmalta,
Quiça pensando en parte tan alta
Seren oydas mejor las sus prezes;
Pero la suerte es falta,
Esperança no falta,
Mas falta lo esperado muchas vezes.

Como vn pino alto al monte combatido
Del impetuoso viento en la tormenta
A quantos que lo veen pon' en recelo,
Los truenos amenazan, llueue y venta,
Va cresciendo el pauor con el ruydo,
Por el feo ayre van ramas a buelo,
Hasta tanto qu'el cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo y no viendo,
El fiero rayo en sus bueltas desciende,
Aáquel postrero mal quien se defiende?
Queda vn tronco quemado, vn cuẽto breue,
A quien passa por ende,
O busca alli quiçà que a casa lleue.

Los

Los males que passando el tiempo cura
Como veemos qu'el haze, pues que vá
A tal priessa (dezia) no son males,
Este si, que este es mal, que ansi se está
Aqui d'espacio, y del tiempo no cura,
Vn tan cierto remedio a los mortales:
Y si las immortales
Almas de aca partidas,
Del todo escaecidas
Se van de quanto vieron por baldio:
Toda via este amor, este mal mio,
Do quiera que yo d'aqui sea lleuado,
El soterraño rio
D'oluido passará junto a mi lado.

Y si lo que esta tierra no fue digna
Tener mas luengamente, anda cantando,
Fuera deste ayre gruesso, escuro, amaro,
Por otras sus riberas passeando
Que digan con la tal beldad diuina,
Que m'estoy aqui mas? a que me paro?
Sin buscar aquel claro
Ayre qu'ella esclarece,
Donde nunca aparece
Vn' hora escura, y siempre el claro dia:
Ella me fuesse la mi buena guia
D'aqui partiendo, que siquiera vea
Que en fin le amanescia
Despues de tanta noche escura y fea.

Fu-

Fueron oydos como vuios estraños
Por el callado de las luengas noches,
Qu' el sueño por gran rato afuyentaron,
Fueron vistas visiones de sonoches,
Que espantados los niños tiernos de años
A pechos de sus madres se apretaron,
Alto dia bolaron
Las aues enemigas
De luz, con sus cantigas
Poco agradables, antes alaridos,
En las manadas bueyes dauan bramidos,
Qu' era vna piedad vello, y oyllo,
Bauados y transidos,
Des d' el toro mayor, hasta el nouillo.

Los gruessos campos sembrados de trigo
Candial hermoso, dauan vana auena,
Y joyo, que la gente embouecia,
O que mucho sembrasse, o mucho, apena
(La fama que no muere m' es testigo)
Con la simiente nunca respondia:
Alçauase y ponia
El sol sin claridad,
Temiose aquella edad
D' vna noche sin fin, o almenos luenga,
Quien quereis por seguro que se tenga?
Entre tantos de males de contino?
Lleuado assi a la luenga,
Al fin determinado el hado vino.

Vete buen Diego en paz, que en esta tierra
Si ay plazer oy, no dura hasta mañana,
Y dura mucho quando te desplaze,
Agora ya no vees la sombra vana,
Que tanto aqui te fizo luenga guerra,
Ardiendo el pecho que ora frio yaze,
Lo que los satisfaze
A tus mas claros ojos,
No son vanos antojos
Que veas, y no veas juntamente:
Mas siempre la paz buena alli se siente:
Cierto contentamiento te acompaña,
No tanto de accidente
De quantos van por esta tierra estraña.

El acontecimiento doloroso
Sabiendo por los lugares conuezinos,
Ayuntó luego gente a nueuo llanto,
Y nueuas alabanças: los caminos
Eran llenos de madres sin reposo,
Temiendo de sus hijos, que aman tanto:
A todos causa espanto,
Que lo han visto y oydo,
Vn mal no conoscido,
Vn mal que nunca viose entre los males,
Dizen como pasmados los zagales,
Diego es muerto, diuinos consejos!
Si vanse ansi los tales,
Que sera de nosotros zagalejos?

Aui-

Auianse ende erguido, que dixeras
Qu' era vn gran monte: auian cubierto
De rama cscura todo al derredor,
Teas de pino ardian sin concierto
Por essos campos, no claras lumbreras,
Señal a todos del commun dolor.
Passado aquel furor,
Desque plañido assaz,
Vn poco estando en paz,
Diosele fuego al monte dela cumbre,
Ardiendo baxa aquella pasadumbre,
Leuantanse alaridos desiguales,
Dixo vno por costumbre
A las cenizas palabras finales.

Despues cogidas ellas luego alli,
En alto las pusieron, puson mas
La çampoña y cayado: puson luego
La honda que dexaua el viento atras,
Y todo junto, vn verso dixo ansi:
Despojos ante tiẽpo del buẽ Diego.
Ya que esto vuo sossiego,
Porfiaron pastores
A cantar sus loores,
D' Amor y muerte, plasmando tal saña,
Mandó los sus ingenios toda España:
Colgaronse Epitaphios diuersos:
D' aca desta montaña:
Vino vn pastor, tañio, puso estos versos.

****

EPITAPHIO.

Buen Diego, el tu enemigo a las postreras
Tus honras vino (Amor) ende quemó
El arco, y las sus flechas lastimeras:
Lloroso y desarmado se partio,
Secaronse laureles, y las eras,
El ganado a pacer no se baxó,
Todos dieron señal de su tristura,
Los hombres esta negra sepultura.

A ELREY.

¶ Señor, el yà cantado duro acierto
De Diego, (luengamenre alli plañido)
Lloro la Nimpha Neiua, y Nimpha Lima,
Esta llamada el agoa del oluido.
Estotra del comiençó hasta su puerto,
Do se entra por la mar de mucha estima,
La fama por encima
De montes y de rios,
A estraños señorios,
Boló el caso, cantando sin sossiego.
Ora del claro Munda, e del Diego
El su Lusillo erguido alli cercano,
Mudó el nombre al Mondego,
Que parte el vuestro Reino Lusitano.

Por

Por nueua prueua del antigo cuento,
Que mi flaca Thalia os ha cantado,
Conseruolo Coimbra en su pendon,
Como oy cad año al ayre desplegado
La Nimpha en forma d'vn encãtamẽto,
Que la guarda vn drago, y vn leon;
Y por justo blason,
(Pues qu'el Reino pregona
Qu'es alli su corona)
A la Nimpha, corona fue añadida,
Que hermosa va por el agoa metida,
Quanto mano pintar la pudo hermosa;
Pero como offendida
Turbada toda, y toda desdeñosa.

Otros dan tal pintura a la Donzella
Que dio nombre a los montes Pyreneos,
De Hercules con amor despedaçada,
El cuerpo de las fieras, de deseos
El alma, mientras sola se querella,
Y que buscandolo a el no teme nada.
Otros á aquella hadada,
Que fue medio Serpiente,
Y que el contra Oriente
De si en cinta dexó, dexole vn vaso
Porque beuia, enfin qual fuesse el caso
Vos lo sabeis, a quien nada escaese,
(Musas del gran Parnaso)
A nós el tiempo todo lo escurece.

****

ALEXO.

Ecgloga en que hablan los siguiẽtes Pastores.

Alexo Zagal, *Sancho Viejo*,
Nimpha de la fuente, *Juan Pastor*,
Anton, *Turybio*, *y Pelayo*, *Pastores.*

Alexo.

YO vengo como pasmado
Y no se lo que me diga,
Que mi coraçon litiga
Entre cuidado y cuidado.
Valasme Dios, que pecado
Pudo ser mio tamaño,
Yo no soy quiẽ me era, antaño
Han me como barajado.

Dias ha que no me entiendo,
No percúndo este mal mio,
Al Sol moriendo de frio,
A la sombra en fuego ardiẽdo.
En ninguna parte atiendo,
No se dar con lo que fuesse,
Como si d'otro fuyesse
Ansi de my voy fuyendo.

Hè me aborrecido el hato;
Los apriscos, y majadas,
Ando tras vnos nonadas,
Que no se que ende me cato;
Que buena ganancia y trato,
Suspirar noches y dias,
Vanas esperanças mias,
Que me engañan cada rato.

Quiça de los mis cabellos
Debaxo del mi portal
Me los pusieron, por tal
Que vuiesse a passar por ellos;
Y emboluermehian con ellos
Del pan de los mis bocados,
O passe sobre finados,
No hize oracion por ellos.

Si acaso de tal dolor
(Que en buẽ juizio no cabe)
La benzedera que sabe
Lo quel lo trará mejor?
Ando como al derredor
No se que se me afigura,
Quiça puede ser locura,
Quiça puede ser amor.

Soncas si fue assombramiento
De los cuerpos fuidizos,
O me dieron beuedizos
Con que voy beuiẽdo el viento:
No se, pero mal me siento
De quando esposó Guiomar,
Que dixe aquel mi cantar
Buelue aca pastor sin tiento.

Mas porque assi me acordé
De aquel dia de plazer,
Quiero a cantallo boluer,
Quiça que descansaré.
Dias ha que no canté,
Con el coraçon no puedo,
Estonces cantára ledo
Ora como cantaré?

Buelue aca pastor sin tiento,
Buelue a que corriendo vas?
No te engañe el pensamiẽto,
Sino que te perderás
Porque ansi te acucias, di?
Las mentes enagenadas,
Cata que a pocas passadas
No aurá memoria de ti.

Buelue, buelue, ah perdimiẽto,
Que si no buelues atras
Solo en veer tu atreuimiento
De miedo te moriras.

Aun estonces yo era sano,
Era (me acuerdo) por Mayo,
Luche, corri, como vn rayo,
Iua contento y loçano.
Despues me vino vn affano,
Que a pocas muerto me tiene
Dizen que el mal se vos viene
Como de suyo a la mano.

Ay que locura he pensado,
Quáto aquel yerro me plugo,
Agora ya arado al yugo
Tirar, no saltar al prado.
Que buena fuente he hallado,
Que sabrosa, fria, e fresca,
Puede ser que me adormesca
A la sombra aqui abrigado.

Sancho viejo.

En vano el viejo affano
Soncas lo que me parece,
Que el mi moço no aparece.
Antes desaparecio,
Quátas vezes que esto he hecho.
Sin prouecho,
Aqui vaa, por alli vaa,
Ya cansado sin prouecho,
Otro lo vido a culla.

Iuntamente con el hijo
Te nascen muchos enojos,
No nos dexa abrir los ojos
Vno y otro regozijo,
Que descanso me fue dado,
Ochenta años quando menos,
Mal con hijos que he engẽdrado,
Mal con los hijos agenos.

Vn lunes por suerte estraña
(A vn no me dexa aquel dia)
De la noche me acogia,
Por el pie de la montaña,
Ende de vna braua breña
Cahareña
Vna cabra que perdiera,
Por el hueco de vna peña
Vi de que se me acogiera.

Fui me alla, vi que plañia
Vn niño tierno mas dentro,
Por do tras mi cabra entro
Que contra si me fue guia
Que mas me auia de estar?
Si no entrar,
Como iua por veer lo que era,
No pude alla diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el, mil vezes la vida,
Que el su buen entendimiẽto
Es sin cuento,
Passa assi, y es caso estraño,
Tras my la mi cabra siento
Recelosa de mas daño.

Vilo embuelto en tales paños
El por cierto erache tal
Que harto alli yazia mal,
Esto ha sus dezisiete años.
Quien del tiempo no se vella,
Como buela?
Parece que fue esto ayer,
Dandose como despuela
Que prissa lleua a correr.

Traxelo a la mi Teresa,
Que podria ser de vn mes.
Veis lo que anda en quatro pies,
Veis lo que se ergue a la mesa,
Luego a mayores alcança,
En criança,
Y en costumbres, y en saber,
Ved de tamaña esperança
Lo que queda al recoger.

Era locura pensar
Sus donayres y los sesos,
Ante tiempo aquelles pesos
En esto van a parar.
Sabia mas que el jurado
Bien jurado,
Ayudaua a missa al crego,
Aunq̃ este es mal muy vsado
Seres con tu hijo ciego.

Dixome vno que lo vido
Aun agora por aqui,
Qu'es del? bien diran por my
Perdido tras el perdido.
Ando cansado, y soy viejo,
Que consejo
Tomaré del mi camino?
Veis el mi perro bermejo,
A la fé tras my se vino.

Y tu hijo andas huyendo
De my, de val en collado,
Que mal camino has tomado,
El porq̃ yo no lo entiendo.
Sigues antojos liuianos,
No los sanos
Consejos del viejo padre,
No se te acuerda d' hermanos,
No la vieja de tu madre.

Ha me dicho vn escholar
Que sabe de encantar males,
Que siete rios cabdales
Te conuiene de passar.
Y nadar por la laguna
Con la luna
Nueua, y buscar siete fuentes
Perenales, y en cada vna
Lauarte; y cobrar las mentes.

Ay quien tenga tal sospecha
Ay quien otras? dicho mé han
Muchas, y muchas diran,
Mas sin ti que me aprouecha?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa,
Niñez sin distinto alguno,
Mocedad tan peligrosa,
Que no escapa de ciento, vno.

Este flaco cuerpo cansa
De andar, todo me despeo,
Mas puede tanto el deseo,
Que algo el coraçon descãsa.
Quiero dar buelta al lugar,
Quiero dar
Bozes, si por aqui fuere,
Todo lo quiero prouar,
Antes que me desespere.

Ay Alexo, ay hijo Alexo,
Quiça si de my te escondes,
Di me, que no me respondes
Que por ti todo atras dexo?
Alexo, aquel viejo loco,
A que tan poco
De consejo, y vida queda,
Pues ando cansado y ronco
Que no se como mas pueda.

La Nimpha de la Fuente.

Duerme el hermoso Donzel
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma diosele a el.
El sol es alto, y con el
Del dia es ido buen trecho,
No se que de mim se es hecho,
Sera lo que fuere del.

Loca de my que á mirar
Me puse, y dixe tal viendo,
Quien táto aplaze dormiẽdo,
Despierto que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No se quien me buelue aqui,
Quan tarde que lo entendi,
Que peligro es começar.

Mientras pensando esmagino
(Sin examinallo primero)
Amor cruel consegero,
Con sus razones me vino:
Mostrandome aquel camino,
Alto, y quisome dezir,
El donzel se querra ir
Luego que cobre su tino.

Pero mi fuente encante,
Mas quando me la encantaua,
Quien las palabras guiaua
(El me es testigo) amor fue,
Agora que mas pensé,
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera sufrir mi mal?
El suyo como podré.

Y quando el mio quiça
No pudiera sufrir yo,
Pagara aqui el que pecó,
Que la razon assi va.
Qual otra alguna valdrá
Que me quite desta culpa?
Su beldad no me disculpa,
Antes mas culpa me da.

Ora los ojos dexeis
Pagar a amor su tributo,
No quede aqui nada enxuto
Llorad, que gelo deueis.
Aues que os assi sabeis
Quiça quexando aliuiar,
Mientras me entiẽdo quexar,
Ruegouos que me acompañeis.

D' amor biẽ dizen que es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en my fuẽte encẽdió fuego,
Quien podra valerse del?

Poderoso amor altivo
Quien razon darme sabria
Si mi vida era agoa fria,
Como agora en fuego biuo?
Sordo en todo, en todo ciego,
Todo breuajes de hiel,
Todo guerra a sangre y fuego,
Tal es el, tal dizen del.

Alexo.

He dormido, ora que atiendo?
Quiero passar la montaña,
Quiça que en la parte estraña
Me estará el bien atendiendo:
Eya, que a Dios me encomiẽndo,
Que en esta tierra zagal
Dias ha que te va mal,
Mal despierto, y mal durmiẽdo.

Yo soñaua que me fuera
Por vnas cerradas breñas,
De vna parte y de otra, peñas,
Que nunca el Sol descubriera,
No viendo via o manera
De esperança en parte alguna,
Quexoso de la fortuna
En lloros me deshiziera.

Entretanto que me quexo
La sola muerte esperando,
Oya de quando em quando
A gritos llamar Alexo,
Si es quiça que si me alexo
Daqui, que me ira mejor?
En auentura de amor
Y cortesia lo dexo.

Semejaua ciertamente
La boz del buen viejo mio,
Abaxo espumaua vn rio
Que nunca sufriera puente.
Veya la muerte presente,
En tan fiera angustia puesto,
Desperteme, y fuy de presto
Fuera daquel accidente.

Mi fe sea lo que fuere,
Mal parece, y mal será
El coraçon me lo dá
Haga Dios lo que quisiere
Huertemente me requiere
Soledad grand y deseo
De quanto desdaqui veo
Sufriré lo que podiere.

La voluntad se me encierra,
No es tiempo de mas cósejos,
A Dios mi tierra, y mis viejos
Gran mal de vós me destierra.
Si yo moriere en otra tierra
Aqui los huessos me trayan,
Que mundos piensas que vayan
Alla tras aquella sierra?

No cale tiempo perder
Mas del perdido, que es mengua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos a aguas correr.
Lo que se ha de acometer,
Para que es mas dilatar?
De los viejos es dubdar,
De los zagales hazer.

Matarmehe la sed de nueuo,
Y gran secura que tengo
Con que cuita ora a ti vengo,
Fuente que en mi alma lleuo.
Si a beuir tanto me atreuo,
Quando verné por aqui
Que beua mas ledo en ti
De lo que agora en ti beuo?

Ya encantado.

No veo al bosque salida,
La vista se me esuanece,
Por toda parte escurece,
Mal se ordena esta partida,
A la fe que se me oluida,
Soncas queria dezir
Yo era el para huyr,
Vos no pera ser huida.

Anton y Iuan pastor.

Anton.

Suspirado has compañero

Iuan pastor.

No se como no lloraua,
Sabes porque suspiraua?
Porque aqui canto Ribero.
Aqui nuestro amo escuchaua,
Rodeauanlo pastores,
Colgados de la su boca,
Cantando en los sus amores,
Gente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora gelos apoca.

Anton.

Esto falta Iuan pastor,
Soncas porque suspirar?
A que se pueden alçar
Ya los ojos sin dolor?
Y a que los puedes baxar
Donde los pornas enxutos?
Adelante o cara tras?
La tierra niega sus frutos,
El sembrar es por demas,

Los ayres andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.
Ala sombra daquel pino
Que a tal dicha se plantó
No lia por mucho nó
Que todo el campo vezino
De la su rama assombró,
Vine por Ribero veer
Como otras vezes solia,
(Quan presto fuye el plazer)
Consigo aqui te tenia,
A cantar y a tañer,
Mientras la sieta cahia.
Rebueluo en el pensamiento
Lo que cantastes estando,
Mi fé fueseme oluidando,
Del tō me acuerdo y del cuēto
En busca del cantar ando.
Ora atinemos al ton,
Amigo que juro a my
Este era el tiempo, y sazon,
El lugar este era aqui,
Las palabras de Iondon
Ellas se vernan por si.

Iuan pastor.

Porque esse cantar, fue llanto
De Cisne (como se cuenta
En su postrimera afrenta)

Yo

Yo te ayudaré, con quanto
Es cantar como en tormenta.
Bien vees que mundos son esto
Nunca tales fueron creo,
En las mudanças tan prestos
Truecansete a cada oteo.
Vi de aqui mil buenos gestos,
Quando miro, vno no veo.
Ma las quexas a departe,
A lo qué mandas vengamos,
El cantar que aqui cantamos
Fue (sábes) destraña parte,
Donde anduuimos entramos.
Yo le lleuaua el descante,
El se entonaua primero,
Con el su triste semblante
Al modo y son estrangero,
Ya, ya, ya, voyme adelante
Como si fuesse Ribero.

Anton.

Amor burlando va, muerto me dexa,
Tiene dé que por cierto, a su merced
(Como de señor) vine, agora ved
Quãta de razon tẽgo en la mi quexa:
Cada hora mas se alexa
De my mucho cruel, quien me desmiente:
Ah que lo saben todos, quien ganó
El precio de la lucha; esse perdió,
Enemigo señor que tal consiente.

Iuan pastor.

Enemigo señor que tal consiente,
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo se rige por la voluntad,
Y si esto fue alguna hora, es al presente
Vn pastor innocente,
La çampoña tañia en regla estrecha,
Del cierto y buen tañer, y assi cantaua,
Plugo mas vn zagal que alto siluaua,
Ved razon ante amor de que aprouecha.

Anton.

Ved razon ante amor de que aprouecha,
Moçuelo, antojadizo, voluntario,
Al mayor seruidor mayor contrario,
Bolando aca y alla, siempre en sospecha,
Vno porque coecha,
Otro por atreuido y mal criado,
Otro por no se que mejor atina,
Quien lo piensa, enloquece y se esmagina,
Sin ventura que hará quien lo ha prouado?

Iuan pastor.

Sin ventura que hará quien lo ha prouado.
Y lo prueua cada hora, (estraña suerte)
Puede auer quien assi corra a la muerte,
Dotro cuidoso, de si descuidado?
Amor cruel te ha dado
(Zagala hermosa pero fementida)
Enteramente todos sus poderes,
Mas ingrata muger de las mugeres,
Quien el alma lleuo lleue la vida.

An-

Anton.

Di me zagala, y como puedes ver
El Sol en paz en quien juraste, y estrellas?
De dia viendo a el, de noche a ellas?
Como puedes domir? como comer?
Que piensas, al tremer
De tierra, como ogaño, si arde el Cielo?
Piensas que es burla? o que? No pienses tal
Qne si fue vano vn rayo, otro hizo mal;
Y donde el no cayó, cayo el recelo.

Iuan pastor.

Aquellos ojos tuyos que al passar
No se lo que callando me dezian
Aquellos falsos que esta alma enbayan
Vn tiempo a mi plazer, outro a pesar;
El dulce murmurar
Con la tu compañia, y de color
Mil vezes trastrocarte en vn momento;
Todo soltaste, oluidadiza al viento,
Y biues, muero yo, sufre lo amor.

Anton.

Hasta quando seré tan loco yo? hasta
Quando tan sin juyzio, y sentido?
El tiempo y la razon piden oluido?
Amor solo no quiere, solo el basta.
Quien assi me contrasta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tomo el camino auiesso, y esse sigo;
Tambien oydos cerrando al castigo,
Con mis cuydados vanos de concierto.

Iuan pastor.

Mas dexadas vn poco las peleas;
Di me, qual señor fue nunca tan brauo,
Que tal dixesse? en fin eres mi esclauo,
Yo no soy tu señor, ni se quien seas:
A palabras tan feas
Te trae el tu rancor? soberuia es esta,
Que se pueda sufrir en dicho o en hecho?
A que somos venidos! Tiempo estrecho.
Assaz bastára el mal sin la respuesta.

Anton.

Quando luego te vi, vi te piadosa
Despues por te querer, por te adorar,
Subitamente te senti mudar,
Que es esto? es bien querer tan mala cosa?
Ay vida dolorosa,
Ora se vaya el carro ante los bueyes,
Los peces apascer los montes vayan,
Los ganados cubiertos dagua vayan,
Oydo avia amor destas tus leys.

Iuan pastor.

No siguio Ribero mas,
Antes (como era cuidoso)
Estuuo vn rato en reposo
Pienso que te acordarás.
Hablaua a tiempo y lugar,
Pero despacio,
Ay buen pastor, si al palacio
No te dexáras caçar.

No

Turibio.

No es mucho quiẽ tãbiẽ supo
Negociar, jure a diez
Si ganasse desta vez,
Que la mi parte me cupo.
Digoos que assi me estuuiera
Todauia,
Hasta que passado el dia,
Lo noche vos despartiera.
Siguios desde ha buen cacho,
Que os vi venir passeando,
Vengo tras vos assechando,
Dexé el ganado al mochacho
Luego entre my lo pensé
Estos que van
Solos, quiça cantaran,
O si tal fuesse, y tal fue.

Anton.

Turibio vengas em paz
(Todo el biẽ de nuestra Aldea)
Que en hora buena tal sea,
Llegate ayamos solaz:
Y porque eres verdadero,
Te pregunto,
Como paresciote a punto
Nuestro cantar estrangero?

Turibio.

Anton a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras
Nunca supe hablar a escuras,
Voime por la claridad.
Quanto a mim, no soy mas de vno;
Quanto a todos,
Digote que destos modos
Se quiere juzgar cada vno.
Q'ues menester mas palabras,
Vna vez me fuera en villa
Dieróme ende vna escudilla,
De vnos como pies de cabras:
Yo no podia comellos,
Mas despues
Comi vno y dos, y tres,
Comi las manos traz ellos.

Anton.

A ti en todo se te entiende
Que has hecho dello mil prueuas,
Empero las cosas nueuas
Alaban todos porende.

Turibio.

Si, mas con tu paz concluyo,
Que no luego,
Primero se assopla el fuego,
El despues arde de suyo.

Iuan Pastor.

Contrariar a las costumbres
Es nadar contra la vena,
Aunque tengas grande lena
Forçado es que te deslumbres:
Y mas en tierra ado tanto
Embidia vale,
Si alguno del hilo sale,
Encomiendese a buen santo.

Anton.

Ora el murmurar dexemos,
Que es mal que mucho se apega,
De cantar tambien te plega,
Bien o mal, cantado avemos.

Iuan pastor.

No aya aqui mas rodeos
Que tambien
Sabemos que cantas bien,
No nos mates a deseos.

Turibio.

No lo digo porque quiera
Mas palabras, ni mas ruegos,
Mas porque ardo entre dos fuegos
Que mucho escusar quisiera.
No cantar criança es mala,
Y cantar mal,
El se lo dize que es malla,
Vuestra mesura me vala.

Aunque a mucho me atreuo
Cantando, si a cantar hé
Delante de vós, de que?
Si no de amor puedo y deuo?
Amor que este piensamiento
Rige y manda,
Qual diré? Amor en que anda?
No, mas la de mi tormento.

De my tormento vencido
Lo que se, lo que no se
Quanto mandardes diré.
Pero pensad si despues,
Digo lo que ni pensára,
Esta crueldad es clara,
Que os saldrá mucho al reues.

Andaes a saber lo que es,
Dessa manera a la fé
Sabreis lo que nunca fué.

En pena que a tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga
Haré, que mandaes que haga?
Diré, que mandaes que diga?
Lo que se siguiere siga,
Que en tal tormento a la fé
Lo que me digo no se.

Anton.

No te quiero dar loores,
Turibio, ni dezir mas,
Sino que con tus amores,
De amores muertos nos has.
Yo hablo como lo entiendo
Hable el maestro.

Juan pastor.

Si callando no lo muestro,
Mal lo mostraré dizendo.

Anton.

Antes que se esfrie, presto
Gelo digo assi delante,
Helo de forçar que cante
Mas, y ser villano en esto,
Ayudame ora a rogallo,
Iuan te ruego,
Y si no nos basta el ruego
Ajudame ora a forçallo.

Juan pastor.

Por los sus cantares buenos,
De que nasce este deseo
Si porfio, y si peleo
Viene a ser la culpa menos.

Turibio.

Fuerça es esta toda via,
Soy tomado,
Bastára el vuestro mandado
Quanto mas tal cortesia.

Mientras tanto a los mis ojos
Me obligo, y doyme al cuidado
Ved amor qual me ha parado.

Para que es mas? yo soy muerto
No pensé que era el mal tãto,
Hame traydo en concierto
Soltóse todo en mas llanto,
Descudeme algo, entretanto
Que amor me vio descuidado
Vio tiempo, y tuuo cuidado.

Hanme trastornado el pecho,
Sin dexar cosa en su ser,
Mas gran crueldad han fecho,
Yo, ansi de que aprouecho?
Cruelmente lo han pensado,
Que mejor fuera acabado.

Iuan pastor.

Si muchos tales pastores
Lleuassen nuestras montañas,
No se irian los loores
Todos a tierras estrañas.
Y aunque alla los merecian
Bien, y bien,
Pero por aca tambien
Algunos nos dexarian.

Quantos buenos naturales
Ay por aqui, si aprendiessen?
Mas delicados zagales
En plazeres se enternecen,
A trabajos cuerpo tierno
Se demuda,
En verano quando suda,
Quando tiebla en el inuierno.

A risa, ya que no digo al,
No se como defenderme,
Que se quiere hazer igual.
El que duerme, al que no duerme.
Y despues ansi dormiente
Qual se yaze,
Dezir: Esto no me plaze,
Le es razon muy sufficiente.

Anton.

Es lo que dizes sin falla,
Cada vno alla se lo vea,
Pero Turibio aunque calla
Dios sabe lo que dessea,
De cantares estrangeros
Gran sed muestra,
Seria esta deuda nuestra
Pagalla, y mas sin dineros.

Iuan pastor

Grande o pequeña que sea,
Toda cosa que el demande
Puede estar seguro, y crea,
Que holgaré d'antes ser grãde
Porque querria que fuesse
El cantar bueno,
Diré ora de lo ageno,
Y despues quanto el quisiesse.

Descoso de ver tierras
Vue de passar los puertos,
Puseme a las blancas sierras,
Por caminos poco abiertos.
Alla que pastores vi
Quan enseñados,
En cantar versos rimados
Que plazer que ende senti.

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamos lo a tañer,
Tomó la çampoña en mano.
Tocó, boluiola a poner,
Todos, sobre todos yo
Desseando
Que cantasse porfiando,
El buen viejo assi cantó.

Los manjares de amor son coraçones
Beue de nuestros ojos, las sus fuentes
Sabrosas, las musicas y sones,
Son los suspiros de los innocentes,
Que cruelmente trata en sus; prisiones,
Todos enagenados de las mentes,
Zelos, cuidados, cuytas, desto os dá,
Lo que no tiene amor como os dará?

No veis que va desnudo? y que no lleua
Sino con que haga mal, y bien ninguno?
Fuego, arco, y las sus flechas cō que os prueua,
Con todos los tormentos vno a vno.
Vos vno a vno os his, dando la nueua
Que es falso, que es cruel, que es importuno:
Sin que nada aproueche: hombres perdidos,
Ya que ojos no teneis, tened oydos.

Y tu que infingimiento es este tuyo?
Vn niño (ah que verguença nuestra) y ciego
Huyes si voy ati, sigues quando huyo,
Vencedor, y vencido, luego y luego,
Veis que no tiene amor nada de suyo,
Nos los tiros le damos, nos el fuego,
Quereis la su deidad veer tan loada,
Abrid los ojos bien, no vereis nada.

No os pongan miedo sus espantos vanos,
No sus triumphos, que todo esuanece,
Perdeïde el miedo, que es cuerpo sin manos,
A quien en campo osado le aparece,
Vn engaño comum de los humanos
Vn como encantamento que enloquece,
Niebla con vn assoplo se leuanta,
Niño que como á si, niños espanta.

Cantando que el buen viejo vuo,
Toda aquella nuestra gente
Como personage estuuo,
Yo tambien por consiguiẽte.
El viejo licencia toma,
Yo adeuino,
Que era pastor peregrino,
Que iua em romeria a Roma.

Mas no es biẽ que esto ansi pásse,
Y que de nos solo Anton quede
Riendose, si no cantasse,
De lo que el sabe, y que puede,
Si no que nos quexaremos
Al Mayoral,
Mas la çampoña zagal
Tomado ha, bien lo tenemos.

Anton.

Aueis tan corteses sido
En quanto se os ha rogado,
Vno, y luego otro despues,
Que aunque aya quedar corrido,
Sea antes que descortes.
La mi musica aldeana
Que os dira?
Diga os vn cantar de acá
Destos, de la tierra llana.

Quando tanto alabas Clara
Blas, que a luchar se desnuda,
La triste de la mi cara
Que frios sudores suda?

Ora alabas el aluura,
Y dizes del blanco pecho,
Con toda aquella hermosura
Del su cuerpo, alto y derecho.

Quien de tal nunca pensára
(Cruel mi suerte, y sañuda)
Verte contra ti tan clara,
Verte contra mi tan cruda.

Dizes sus madexas de oro,
El mirar manso y suaue,
Las fuerças como de vn toro,
La ligereza de vna aue.

Todo esto te es cosa clara,
Busca a tus ojos ayuda,
La vista, tan turbia aclara,
Y verás quien dello dubda.

Tambien de los mis cordojos.
De los mis vascos y fuegos,
Son testigos muchos ojos,
Que lo veẽ, hasta los ciegos.

Las mudanças de mi cara,
El mi pecho que amenuda;
Los mis secretos declara,
Sola la mi lengua es muda.

Entre dos males tamaños,
(Que no se qual dellos vẽça,)
Grandes fuegos de mis daños,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me pasmára
(Que era a pasmar sin dubda)
El mal mucho me ayudára
Que en todo me desayuda.

Iuan pastor.

Mejor es que hombre se calle,
Mas en mi verdad diria,
Que resonaua el valle,
Como que te respondia.

Turibio.

Esta rassea, esta pareja
A lo estrangero.
Quien viene alla compañero?
El lobo es en la conseja.

Pelayo.

Yo vengo fuera de my
Mis amigos, y no poco,
Que en el bosque vn zagal vi
Solo, que parece loco.
Mas porque son mui diuersos
Los modos de enloquecer,
En verdad este a mi veer
Que anda cõponiendo versos.

Iuan pastor.

Dalo por mal remediado
Si tal es la su dolencia,
Comerseha como arrauiado,
Sin ninguna paciencia,
Destempladas las tu venas
Que arden, o tiẽblã sin medio,
Para todo ay cosas buenas,
Esse mal es sin remedio.

Pelayo.

Venid, y ved, si dubdaes,
Yo os guiaré por donde;
Callad, que si mucho hablaes,
Como siente alguen se escõde.
A la fé yo dixe y fize,
Con la mano la frente hiere,
Está como que hablar quiere,
Ora escuchemos que dize.

Alexo.

Engañame el mal estraño
Pensé coytado que os veya,
Mas bien que no mal seria,
Durasse solo el engaño.

Turibio.

O bien de mi, y que bueño
Mil cosas destas se dexa
Dezir, quien tábien se quexa,
No está de si muy ageno.
No veys con que ansia suspira?
Qu' hermoso, y que biẽ dispuesto,
Veislo alla buelto tan presto
Veislo que buelto aca mira.

Alexo.

A toda parte pensando
Verte, miro, y no te veo,
Si no muere este deseo,
Morirmehé yo deseando.

Iuan pastor.

Segun suenan las palabras,
Yo os digo deste mochacho,
Da le amor (parece) empacho,
Y el no guarda aqui otras cabras,
Amor cruel, y no tal
Como el de falso se nombra,
No lo dexa a sol, ni a sombra,
Haze, (como suele,) mal.

Alexo.

El mi coraçon mal sano
Fueseme, no se tras quien,
Esso se buscan tambiem
Los ojos tristes en vano.

Anton.

Yo no se que desto crea,
Mas con el mi saber poco,
Nunca por nunca vi loco
Que enamorado no sea.

Alexo.

Aquel grán golpe por medio
Qu' el mi pecho tierno abrió,
A quantos males me dió
No me dió solo vn remedio.

Turibio.

Cata, cata Iuan pastor
Aotas bien lo entendiste,
Viendolo luego dixiste
Que el su mal era de amor.

Alexo.

Por el bosque tan sombrio,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuydo es este mio?

Iuan pastor.

Si ya la vista no se embrusca,
Fuime alçando el sobrecejo
Y este es el hijo qu' el viejo
Sancho nuestro ha dias busca.

Alexo.

Que la mi alma se vea
En tal aprieto y fatiga?
Pues la ventura enemiga,
Pues amor quiere, assi sea.

Anton.

Hablo contigo, o con quien;
Iuan no vees que este zagal
Assi se quexa del mal,
Soncas que parece bien?

Turibio.

Ah nora mala esta sea,
Quiẽ lo puede veer sin duelo?
Que no auia aqui moçuelo
Tan sesudo en toda Aldea.

Iuan pastor.

Moço para dar consejo,
No es cosa de mucha tura,
Mas assiento haze locura
En la cabeça del viejo.

Pelayo.

Vamos su padre a llamar.

Iuan pastor.

Antes carrillo te ruego
Vamos a buscar vn crego,
Que lo venga a esconjurar.

Pelayo.

No es tiẽpo de otra respuesta,
Son que a la fuente te espero.
Ansi corres compañero,
Como que va sobre apuesta.

Iuan pastor.

Estos a que van corriendo
Tan a prissa y tal profia?

Anton.

Corren a la fuente fria
Yo ardo de sed en la viendo.

Iuan pastor.

Todos nos vamos alla
Que nunca tuue tal sed,
Si no la mato, sabed
Que ella amy me matará.

Encantados dizen.

Viste jurar Violante
Viste que fue pordemas?

Anton.

Como qui es pastor que cante?
O rios corred atras,
Y montes id adelante.

Iuan pastor.

El bosque arde al derredor
Tira amor tiros a pares
Piedad, ó piedad señor,
Quádo mas crueldad pẽsares
Miembrate que eres Amor.

Pelayo.

Por estos buenos abrigos
Ay que zagala Clarença,
Sean los ojos testigos,
Reyne amor, y biua, y vença.
Y mueran sus enemigos.

Iuan pastor.

Fuerte ceguedad humana,
Que nós a todos destruye,
Vedes que es incierta y vana,
Vedes que la vida fuye,
Andais os doy en mañana?

****

A Nuno Alurez Pereyra.

POlas ribeiras d'ũs rios
(Comõ dizem os cátares)
E pelos bosques sombrios,
Dando lugar aos pesares,
Ouui meus contos baldios.
E porque m'eu tambem afasto
Do pouo que me não reja,
Ou tras si me leue a rasto,
Vede em que do tempo gasto
Tambem, o que me sobeja.

Em

Em quãto hũ joga, outro caça,
Outro dorme, outro trasfega,
Tantos murmurão na praça,
Outro quãto affirma ou nega,
Com juras tudo embaraça.
De si tanto outro se preza,
Que so cuida que ench'as festas,
Outro pela ruas reza,
Fallemos com a natureza,
Andando pelas florestas.

Grande sinal de saude
He ter tudo á parte posto,
Olhos sómente á virtude,
Ledo, ou triste hũ mesmo rosto
Que não ha quẽ volo mude.
Sabeis sem outra mais troca
Que he ella assi paga igual,
Por isso não vos trastroca
O coração nem a boca,
O bem nem menos o mal.

Por demais tudo aperfia
Cum peito tão liure e são,
Que tomou tão certa guia,
Daqui nace a presunção;
Cuidão que da fidalguia.
Quem sabe por onde vay,
Leua sua conta feita,
Nunca do caminho sae,
Nunca olha a quem diz tomay
A esquerda, ou á direita.

Ambos nos temos á banda
De Gil que aqui vos enuio
Por onde a menos gente anda:
Eu porem não aporfio,
Que a cada hũ seu gosto máda:
Não falecem contendores,
Seja a razão a que vença,
Estem á parte os fauores
Ouui os vossos Pastores,
Outrem parta a diferença.

****

ECGLOGA.

Basto representador, de quem se toma o nome.

Byetyo.
Gil. } Pastores.

Basto.

COmo corre e como atura
Quẽ vai apos o seu gosto,
Não sente frio ou quentura,
Mas no senhor do seu rosto
Busca as vezes má ventura.
Sem guia e sem esconjuro,
Cos medos se desafia,
Só vai, afouto, e seguro,
De noite polo escuro
Por montes ermos de dia.

Este apetito que digo
Quem o désse á má maleita,
Que traz mil artes consigo,
Guarte delle que te espreita,
Por dar dauesso contigo.
Rosto ao si, e rosto ao não,
A fortuna he feita assi,
Mal a conhece o vilão,
Cuida que tem na mão,
Ella sorrisse entre si.

Onde quer cho demo jaz
Para auer de embicar nelle,
Fui topar cum máo lobaz,
Deime cos meus cães tras elle,
Tiue de fadiga assaz.
Eis desparece, eis que assoma
Desfaziame correndo,
Toma aqui cão, alli toma,
Som caçador, fuime em soma
Assi traspondo e perdendo.

Isto a quem não acontece?
Seja porém na má hora,
O tempo desaparece,
Estáose rindo os de fóra,
A nós não no lo parece.
A correr e a dar á choca;
Este desafia mil,
Aquelloutro vende e troca,
Outro traz graças na boca,
Doutor chia o Arrabil.

Cuida que as namora todas,
Não sey quẽ che por fermoso,
Vaise ás festas, vaise ás bodas,
Tenhome eu co dadiuoso,
Qu' vnta o carro, andá as rodas
Grandes cousas Cap' em colo
Conta (se ellas àssi são)
Que me dão volta ao miolo.
Deuemme de ter por tolo
E eu a elle porque não?

Como lontra jaz no rio
Hum, e o seu gado mal passa,
Elle pesca, ora co fio,
Ora cana, e ora nassa;
Outro que anda semprc em cio;
Daquelloutro a esposa crama;
Vese desejosa e noua,
Dando voltas pola cama,
Elle por neue e por lama
Corre cos seus cães á proua.

Vai assi já ha muitos dias
Que não volue atras ninguem;
Bebemos das bemquerias,
Que cada hum consigo tem,
Damos dessas razoẽs frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Passa hũ, passa outro aluoroço;
O seu fardel ao pescoço
Por bom parceiro escolhera.

Ora elle assi pastor sendo,
Se primeiro estaua mal,
Foi apalpando, foi vendo,
Antre nós che era outro tal,
Tambem se foi delambendo.
Hũa vez lama, outra poó,
Sempre te achas achacado,
Inda deu mais outro voó
Por melhor ouue andar soó,
Que assi mal acompanhado.

Era grande amigo seu
Byeyto, e vendo a tal mania,
Consigo vn dia la deu;
Tiuerão grande perfia,
Hum rezões deu, outro deu.
Não ha quem se não defenda
A pareceres alheos,
Antes mais que das quem emenda,
Contarvoshey da contenda
Sem meter verbas nos meos.

Byeyto.

Que hé isto Gil que, andas triste
Despois que entrou este Abril?
Não sei que demo tu viste,
Que tu não pareces Gil,
Amigo onde te sumiste?
Vlo aquelle grande amigo,
De limpos bofes lauados:
Daquelle bom tempo antigo,
Que assi falaua contigo,
Tu comigo os teus cnidados?

Assi tão só te vieste.
Forte burrão foi o teu,
Tanto damigo esqueceste
Como aqui tinhas de teu,
Nem a mim não mo disseste.
Ora dime se te apraz,
Despois de tanto Sol posto
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega mal que traz
Sempre á memoria máo rosto.

Tu olhasme de traues
Parece que a mal o tomas,
Mas se, Gil, tu inda este es,
Não hei medo que me comas,
Por anojado que estês.
Posto que por máo acerto
Fezeste forte mudança,
Ia tanto to não referto;
Mas de hum amigo tão certo
Deueras ter mais lembrança.

Muitas vezes esmägino
(Gil amigo, em ti cuidando)
Na tua brandura, e ensino,
Que fallarias estando
Duas horas cum menino.
Ora olha bem o que fais,
Tinhas tantos de bós modos
Cos iguaes, e não iguaes,
Quando estauas bem cos mais,
Dás que em ti fallar a todos.

Que se fez do teu cantar;
Ninguem não cantava assi,
Mas para que he preguntar
Senão que se fez de ti?
Onde te iremos buscar?
Não ha ora hum tanto espaço
Quando Ianebra casou
Con Gregorio teu colaço.
Quem teue rosto aos do paço?
Quem tangeo? e quẽ cantou?

Morreote gado meudo?
Assi vai de gráo em gráo;
Não se póde saluar tudo,
Vem bom tempo apos o máo,
Sofre, que sofre o sesudo.
Arrenega dos assanhos,
Ioos deuias ter prouados,
Não são os males tamanhos,
Se este Março não foi de Anhos,
Outros virão melhorados.

Gil.

Seja, amigo meu Byeyto,
A tal vinda em ora boa,
Eu digo, amigo escolheito,
Como quem o leite coa,
Q' ha d' ir por dentr' ao seu peito.
Mas respondendo ao que dizes,
Vesme cajado e fardel,
Bem sei que ha muitos juizes,
Não caçador de perdizes,
E muito poucos sem fel.

Mas em fim, que pesa ou val,
(A nós parece que muito)
Diz Turibio, diz Pascoal
Palauras vaãs, e sem fruito,
E ás vezes inda sem sal.
Quãdo a bibera no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Não temas que eu inche, e engorde,
Não ajas medo que acorde
Bradando polla triaga.

Ves tu cousa que estê queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra tudo enuelhece,
Tudo tem no cabo a quéda.
E nós a ter mão na conta
Errada, sejamos velhos,
Quer meninos, que mais monta?
O presente todo afronta,
A vida vaise em conselhos.

Do leite e sangue empollado
O bezerrinho viçoso
Vai brincando pollo prado,
Despois eis que priguiçoso
Ora o carro, ora o arado.
Cos dias e co trabalho
O saltar dantes lhe esquece,
Não he já o que era almalho,
Vendase para o talho,
Queste boy velho enfraquece.

Byeyto.

No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem no máo, se não vás bem,
Peor muito iraas auante,
Torna atraz que te conuem.
Não o tenhas por amigo
Quem falla sempre á vontade,
Que dissimula contigo;
Lembrate dum dito antigo,
Qu'enfada muito a verdade.

Mal vay quẽ sempre empeora,
E que meninos pastores
Hum olho ri, e outro chora;
Vem hum diz que são amores,
Outro mas, que he mal de fora.
Hum se torce, outro moteja,
He máo jogo este das lingoas,
Ou seja maldade, ou seja
Nossa amiga a triste enueja,
Vemse em táto á praça as mingoas.

Gil.

O moço que entra em terreiro
E não toca em chão de leue,
Pollo ar voa o pandeiro,
E a toda a festa se atreue
Elle só co seu parceiro.
Este tal baile, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, voe, e passe auante,
Este cos saltos espante,
Este dê penas, e pene.

Mas quem já se vẽ despontas,
Nem acha o que sohia em si,
Começa a tomarse contas;
Ouui já melhor, e vi,
Suar e passar afrontas.
Ves o tempo como foge
Que parece que não toca?
Não queres que homem se anoje,
Que me não conheci oje
Na fonte em que puz a boca.

E porque t'eu hora conte
De como me aconteceo,
Quando m'eu tal vi defronte,
Dos olhos agoas correo,
Mais que corria da fonte.
Passouseme a sede em fim,
Que m'áquella agoa trouuera,
E a tal desacordo vim,
Que quando tornei em mim,
Bom espaço o Sol correra.

Byeyto.

Come de toda vianda,
Não andes esses entejos,
Não sejas tão vindo á bánda,
Temte ás voltas cos desejos,
Anda por onde o carro anda.
Ves como os mundos são feitos;
Somos muitos, tu só es,
Por isso em todos seus geitos
Hũ esquerdo antre direitos
Parece que anda ao reues.

Dia de Mayo choueo,
A quantos a agoa alcançou
O miolo reuolueo,
Ouue hum só que se saluou,
Que ao cuberto se acolheo.
Dera vista assi semeadas,
As que tinha mais vezinhas,
Vio armar as toruoadas,
Acolhese as bem vedadas
Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe daua
Paparotes no nariz,
Vinha outro que o escornaua;
Ahy tambem era o juiz!
Que se de riso finaua.
Bradaua elle, homens estay,
Hiáolhe co dedo ao olho,
Disse então, e assi che vay?
Não creo logo em meu pay,
Se me desta agoa não molho.

Apaixonado qual vinha,
Achou num charco que farte,
(O conselho auido o tinha)
Molhouse de toda parte
Tomoua como mezinha.
Quantos virão, la correrão,
Hum que salta, outro que trota,
Quantas graças hi fizerão!
Logo todos se entenderão,
Eilos vão numa chacota.

Gil.

Tu sabes que eu me abrigára
A esta vida de Pastor,
Viera corrido á vara,
Cuidei que era esta melhor,
Que ouuira, e não a prouara.
Determinauame já
D'andar com minhas ouelhas,
A conta sahiome má,
Mas tambem cá, como lá
Fadas ha, dizem no as velhas.

Andei dáquem pera além,
Vira terras, e lugares,
Tudo seus auessos tem,
O que não espermentares
Não cuides que o sabes bem,
E ás vezes quando cuidamos,
Que esprimentado o já temos,
A cabra cega jugamos;
Acheyuos cá fortes amos,
Querem que os adoremos.

Pera o mal que te acontece
Buscas o amo, ora o sono,
Ora al que nunca falece;
Ao trosquiar achas dono,
As pressas não te conhece.
Tudo lhes o demo deu,
Té razões más que nos dão:
Quando te hão mester es seu,
Quando os has mester es teu,
Que não tens amos então.

Essa vez que saem á rua
Estremece toda a Aldea;
Elles bebem, homem sua,
Doelhes pouco a dor alhea,
Querem que nos doa a sua.
Inda que he o dano em grosso,
Fora de dissimular
No mais, mas nisto não posso,
O entendimento que he nosso,
Não no lo querem deixar.

Pollo qual co meu fardel
Fugi das vossas Aldeas,
Nunca fui crestacolmeas,
Nem trago nos beiços mel.
A saudade não se estrece,
Mas cahiome hum coração
Em sorte que muito empece,
Outro señor não conhece
Sómente a boa razão.

Porém queixome te logo
Que em casos que acontecerão
Vime por ella no fogo;
Bradei, e não me valerão
Brados, queixumes, nem rogo:
Então me sahi meu quedo
A quedo, e fará algum dia
O que outro não fez, e hei medo
De ver mór vingança cedo
Do que já gora queria.

Pelayo.

Tornásteme ora á lembrança
Hum teu amigo foão,
Que ao tempo dessa mudança
Tua, foite assi á mão,
Como a quem os dados lança;
E lembrame ora bem tudo
(Que era eu hi, no tal ensejo)
Inda que então me fiz mudo,
Falloute como sesudo,
Pareceme ora que o vejo.

Seja (disse elle) á boa hora,
Mas eu tambem co meu gado
Faço assi contas cadhora;
Cadhora me acho enganado
Desta esperança trédora.
Dirtey como me acontece
Quando neste valle estou,
Qualquer outro que aparece
Muito melhor me parece,
Não he assi quando la vou.

Assi disse aquelle amigo,
Agora digo eu, que hei medo
Quando debates contigo
Que testêm mostrando ao dedo
Gomez, Gonçalo, e Rodrigo.
Não queiras ir muyto ao fundo,
Inda que ora tanto entendas,
Nesta razão te me fundo,
Não has de mudar o mundo,
Por mais razões que despendas.

Perigosa he a dianteira,
Deixa ir diante os mais velhos,
Co a paixão tençoeira
Nunca ajas os teus conselhos,
Sempre foi má conselheira.
De contino anda ao peor
Sempre adeuinhando o mal,
Nunca lhe falece dôr,
Mas se tudo igual não foi,
Seja o coração igual.

Gil.

Se cos teus olhos não vejo,
Nem ouço cos teus ouuidos,
Por meus sentidos me rejo,
E tu pellos teus sentidos,
Todo o debate he sobejo.
Comes tuberas da terra,
Eu não nas posso comer;
Nem hum. nem outro não erra.
Para que he sobr'isto guerra,
Come o que bem te souber.

E não te digo que faças
Quanto a apetito te vem:
Não entro tanto nas graças,
Mas entendo o saber bem
Disto que anda pellas praças.
Porque o tempo fez aballo,
E somos em forte ensejo,
Inda alevanto outro vállo,
Que nos doentes não fallo,
Os quaes mata o seu desejo.

Bem digo que a verdade era
Ir pelo fio da gente;
Cos mais mais forças ouuera,
E o amigo e o parente
Que murmurar não teuera.
Porém a mim só não minto,
Não dobro, não lisongeo,
Som farto, o que era faminto,
Que mal he o meu destinto
Antes seguir, que o alheo?

Vou fugindo ás armadilhas
Que vi com manha esconder,
Não quero ouuir marauilhas
As vezes muy mas de crer:
Da má máy nacem más filhas,
Querem que homem ouça e crea,
E que estê a boca aberta;
Não posso, e daqui se atea
As vezes a má estrea,
Que a cada passo está certa.

Olha se a razão concrude,
Es doente, teu pay não,
Digo outro tal da virtude.
Polla ventura es tu são,
Porque teu pay tem saude?
Não, que cumpre outra mézinha;
Olhe cada hum por si.
O bem não he como a tinha,
Que se apegue tão asinha,
O mal póde ser que si.

Lêmei primeiro esta lenda,
Deixáraõte os teus passados
Terras, e vinhas de renda?
Olha que vão mesturados
Encargos, coa fazenda.
Cumpre a cada hum que arribe,
Per si, se desejas honra,
Não te abasta, donos tiue,
Que quem como elles não viue,
Tanto mais sua deshonra.

Eyeyto.

Pois contigo a razão val,
Vejamos quem mais conjunta,
Olha que todo animal
Forte, ou fraco, aos seus se ajunta
Por distinto natural.
As pombas andão em bandas
Voão Grous postos em haz,
Estas ardorinhas brandas
Não querem de nós viandas,
Querem companhia, e paz.

Como no mundo apontamos,
Do ventre em terra caimos,
Como de nosso choramos,
Doutrem, que ajudar pedimos
Nosso os para que prestamos?
Então ver a fantesia
Dos nossos leues zagaes,
A quem inda mais diria
Que não hei por companhia,
Saluante a dos meus iguaes.

Hum bacorote honradiço
Foy ver o gado ovelhum,
Pôlo todo a seu serviço,
Trombejaua alli hum e hum,
Que espantalo era o seu viço.
Vem hum dia o lobo, e apanha
O bacorote engrifado,
Abrandoulhe aquella sanha,
Brada elle em pressa tamanha,
Cadum de ¡si tem cuidado.

Vinhão os porcos d' Aldêa
Atrás, e grunhir ouuírão,
Hum escuma, outro esbrauea,
Estes si que lhe acudírão,
Perde o lobo a sua cêa.
Olhou elle, e vio tremer
De laá branca o gado, e olhando
De longe se põe a ver,
Disse: Antes mandado ser,
Que a tal perigo tal mando.

Fuí hum dia á villa, Gil,
Eu logo oo saír da casa,
Mais verde que hum perrexil,
Cuidei que mataua a brasa
De galante, e de gentil.
Bem passei cos viandantes,
Mas despois la quando cheias
Vi as ruas, de galantes,
S' eu viera vfano dantes,
Não tornei tal as aldeas.

Em quanto hum diz, outro ri,
Bom vay o do barretinho,
Nunca o tão figadal vi,
Chamauãome outros ratinho,
Hũs assi, outros assi.
Finalmente por acerto
Vinhãose dos nossos já,
Deixeios chegar ao perto,
Hi passei como encuberto,
Mas tarde me acolhem lá.

Gil.

Fallasme nos animaes,
A que nós brutos chamamos,
Que guardão leis naturaes,
Nós outros não nas guardamos
A isso obrigados mais.
Estes homẽs com quem tratão,
Não homẽs, mas lioẽs brauos,
Por força tudo rematão,
Os lioẽs não te resgatão,
Não te vendem por escrauos.

Para que mandem nem rejão,
Não vão as agoas tingindas
Do seu sangue, se pelejão,
Não alção forças erguidas,
Onde ás aues manjar sejão.
Não tem repartida a terra,
Por marcos tão desiguaes,
De sangue e fogo, por guerra,
Hum possue de serra a serra,
Outro nada, ou dous tojaes.

Espanto he desigual
Da lei que entre si tem gralhas,
Vendo hũa que passa mal
Decem gritando em batalhas,
Não tratão estonces de al.
Ora te direy assi,
Quem diz o que vio não mente,
Guarte de cair aqui,
Que verás passar por ti
O amigo, e o parente.

Nunca ora ouui hum rifão
Mais sabido, e mais vsado,
Que darem todos de mão
Se jaz o carro entornado,
Os que vem, e os que vão.
Fallo porém geralmente,
Não tomes outra sospeita,
Que he mui sospeitosa a gente,
O meu amigo feruente,
Não entra nesta receita.

Muytos dos váos apalpei,
Aos trabalhos me despuz,
Desque cuidei, e cuidei,
Disse comigo, Ora sus,
Se erros fiz, erros paguei.
Cuida homem que bem escolhe
As singellas só consigo,
Não sei quem te a vista tolhe,
Fujo como quem se acolhe,
Donde vê certo o perigo.

Andando só não me empecem
Máos olhos, nem más palauras,
Nem se apega, se engafecem
Por outros fatos as cabras,
Curoas se me adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Não me tomo que o cabrito
Me escóda o vezinho, e coma,
Aqui se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito.

Que me não ouça ninguem,
Sómente as aues (que taes
Duas auantagẽs tem
Destes outros animáes
Voar, e cantar tambem)
Ou ao som d'agoa que cae
Rompendo pelos penedos,
Dece ao fundo, ao alto sae,
Ella que a grão pressa vay,
Elles para sempre quedos.

Ves tu as minhas cabanas,
Se o vento se muda assi,
As reuezo eu, Aldas, nem Anas
Não dão voltas por aqui
Mais leues que ao vẽto canas.
Cantando dos seus soláos,
Que me fação merecer
Muytas déstas varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de voluer.

O sol de dia, as estrellas
De noite, quantas que vemos
Nacem dellas, póemse dellas,
Olhamos mais que entendemos,
E a lũa fermosa entre ellas
Que se renoua e reueza,
Ora hum fio, ora mais chea,
Ora em sua redondeza,
Cada mez (com que certeza)
Semelha á da nossa Aldea.

Do que ao meu gado sobeja
Vou viuendo anno por anno,
Pouco ou muito que elle seja,
A ninguem não faço danno,
E não se ha ao pouo enueja.
Parece vida em verdade
Dos mastins, gado, e pastor
Como de cõmunidade,
Conta a fome e frieldade,
Tudo rege, e manda amor.

Do mais, dezia Pascoal,
Sabes que he o que nos come,
Ma cobiça que não al,
Onde quer se mata a fome,
Matãose apetites mal.
Pollo sol e pela neue,
Natureza a grande madre
(Qu'aos filhos tambem cho deue)
A tudo acudir se atreue,
Por mais que este ventre ladre.

Meu gado leuo, esse sigo,
Que inda são mais embaraços
Do que eu quisera comigo,
Passei por tantos dos laços,
Que olhar sómente he perigo.
No meu çamarrão metido,
Que mais quero? sou pastor,
Cá nunca chega apellido
De fogo, nem de arruido,
Mal se for, mal se não for.

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Virão verme os bons amigos,
Ao Sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos,
E despois dos mezes mil
Quiçais inda dirá alguem,
Olhando este meu couil,
Por aqui cantaua Gil
Sem queixia de ninguem.

Quando tudo era fallante,
Pascia o Ceruo hũ bom prado
Ahi veyo o cauallo andante,
Quiz comer algum bocado,
Pozselhe o Ceruo diante,
Outra razão lhe não deu
(Que erão pacigos geraes,)
Saluo posso, e quero o meu,
Este Meu, e este Teu
Tanto ha ja que nos fez taes.

Vendo tão pouca prestança,
O cauallo dantes foro,
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro,
Por terra aos seus pees se lança.
Não póde á justa querella
Deixar de se pôr no meyo,
Mas foi necessaria a sella,
Fezse o homem forte nella,
Toma a redea, proua o freo.

Assi dão volta ao inimigo,
O Ceruo quando tal vio:
Homem ao cauallo amigo
Deixoulhe o campo e fugio,
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde e corre o seco,
Fora, fora, o contendor,
Ficoulhe porém senhor,
Não foi tanto o outro enxeco.

Quem ha tal medo á pobreza,
Tal á fome e frialdade,
Que por ouro e por riqueza
Daa só rica liberdade,
E mais outrem que a si preza.
Se lhe ves herdades largas,
Não ajas enueja á troca.

não se acha o que falta.

Mas

Mas tu olhas o Sol que anda,
Amigo, que he tarde, folga ora,
Deixemos esta demanda
Mal auinda pera outra hora,
A cea fora mais branda.
Com dous peixinhos passáras
Do rio não d' Almocreues,
Que as villas fazem tão caras,
Beberas das fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

Byeyto.

Voluesme as cousas de enuees,
Ques por força que te crea
O que tu quiçais não cres,
Sabe que alma he já na Aldea
Lá me hão de lauar os pes.
E tu dize o que quiseres
Torce cá e torce lá,
Defende teus pareceres,
Mas onde hi não ha molheres,
Vida, nem gosto não ha.

Aquella graciosa idade
Que ós olhos vistos nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta,
Não he de todo vaidade.
Suspiraste, ora eu te entendo
E vernoshemos despois
Por ora a Deos te encomendo.

Gil.

Não te quero estar detendo.

Byeyto.

Voume (que he tarde) aos meus bois.

Bas o.

Contouse isto polla Aldea
De pastores, em pastores,
Logo foi a terra chea,
Então quaes erão melhores.
Mas reuolto o Calendario,
Visto tudo, e contas feitas,
Fica assentado hum summario,
Gil por homem voluntario,
Homem Byeyto ás direitas.

****

EGLOGA CELIA.

Ao Iffante Dom Luis.

SErenissimo Iffante, a quien se deue
Fuego d' Esmirna, o Mantua, a quien el mio
Quando mas arde es vna fria nieue
Del siempre elado Boote, y del tardio:
Mas gran Señor en partes dó no llueue,
La niebla se desea, y el rocio,
Y no se puede continuamente estar
En armas, y atalaya, y pelear.

Las Musas, quando Vuestra Alteza andaua
A las altas empresas, de si dinas,
Que juntamente tremia, y sudaua
Africa toda, en veer las altas quinas
De su Real guion, quando assomaua,
Vistes las a sus fuentes mas vezinas,
Entonadas mejor, y mas de veras,
Oyllas eis aca, como estrangeras.

Por

Por ora callarseha Tunes entrado
A fuerça d'armas, y dende escondido,
Qual va huyendo el Tyrano apretado
De las fuerças mayores constreñido,
De Hercules vn ladron Caco afamado
Por honra auer deuiera ser vencido,
En humo se emboluia, y fuegos vanos,
Fiauase en huyr, mas que en las manos.

Al sancto Rey Luis com tanta gente
Cruzada, y Carlo quarto denegosse
(De Francia entramos) lo que ora al presente
A vós em nuestra gloria reseruosse,
L'antiga y gran Carthago juntamente
De los daños passados recordosse:
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo venir á si dos Scipiones.

Ah los juizios de Christianos,
Ah furias infernales, ah peccados,
Que en vuestra sangre ensuziaes las manos
A tamaño sabor de arrenegados,
Auiáros IESV Christo hecho hermanos,
Deshazeiuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexaes la ciudad santa a los canes?

Quàndo será aquel dia que a la vuestra
Armada mano se rinda la fortuna?
Que algo de embidia a tanta gloria muestra?
Quando será que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertido dessa diestra?
Yo que lo canté al Sol, canté a la luna
Triumphos quanto a vós mucho deuidos,
Deseos quanto a my mucho atreuidos.

Finalmente (Señor) puesta a departe
Por vn poco la espada, el verdadero
Y alto juizio buelua aquesta parte,
Donde entra por la mar, turbado el Duero,
Y donde con gran fé, mas com poca arte,
Cantan pastores al modo estrangero,
Corren lagrimas justas sin parar,
Mientras Neiua tambien corre a la mar.

Pastores da Egloga. { *Aurelio.* *Mauricio.* *Amaro.*

Aurelio.

Que quiere (ó mi Mauricio) dezir tal
Vuiar de perros , como a la porfia ?
No sé que se han , cierto es que algun gran mal.
Aues nocturnas buelan dentre dia ,
Lobos tan brauos de su natural ,
Vienemse a la Aldea de la serrania ,
No vees el mal gusano , y que pesares
Se ha hecho de las huertas , y pomares ?

Vna mula ha parido en nuestra Aldea ,
Y las vacas no paren , ayer cayó
Del cielo vn breue , y no ay quien lo lea ,
Son frayle , o crego que ya missa cantó ,
Con dos cabeças (cosa estraña y fea)
Vn poldro con seis pies (diz) que nasció ,
Como gallos cantaron las gallinas ,
No vinieron ogaño golondrinas.

Vemos muertos caerse los borregos ,
Caen las madres d'otra parte muertas ,
Los oios que tal veen paranse ciegos ,
De todo son las causas encubiertas.
Buelan de noche por los ayres fuegos
Que carreras atras dexan abiertas ,
Cosas que nunca vimos , ni pensamos ,
Dios nos guarde de mal los nuestros amos.

Cá dizen que ferió por la cabaña
Del buen Alonso vn rayo, (aquel pastor,)
Que apacienta lo mas de la montaña;
Ah no nos tenga el cielo tal rancor,
No parece sino que Dios se ensaña,
Amor en nos no vee, prueua el temor,
No vees quantas de vezes se estremece
La tierra, antes tan firme, ora enflaquece?

Aquel noble zagal que aqui cercano
Con tanta nuestra esperança creció
Quando el la boz diuina con la mano
Tambien diuina, tañendo acordó,
Luego a bozes lo dixo vn viejo cano,
(Ah de lo por venir quanto que vio)
Quan presto te arrepientes cruel hado,
En dando vn grande don, de auello dado.

Máuricio.

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
Auello visto, lleuoselo el palacio
Crecia en todo a ojo, quanto fuera
Mejor, y mas seguro, irse despacio.
Cuentan milagros del dés que alla fuera,
Mas a tal prissa cierto está el cansacio,
Sea de cuerpo, spiritu, o de ventura,
A cansar presto va quien se apressura.

Mas boluiendo a nos otros (pastor bueno)
Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de maldad tanta el mundo lleno,
Alla los viejos van, y los zagales,
Estoy confuso, mal duermo y mal ceno,
Temiendo a nuestras culpas desiguales,
Es mucho el pecar nuestro, es sin emienda
Que himos siempre a correr suelta la rienda.

Mauricio.

Agora Aurelio entiendo que tu solo
Eres el que aun no sabe el grande daño
Deste nuestro concejo, que assololo
Como por tierra vn caso duro y estraño:
Aquel bien suyo, la muerte lleuolo,
Quien pensó veer tan presto vn mal tamaño?
Nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
Tan dino de infinito sentimiento.

Aurelio.

Assi que es muerta Celia? y pudo muerte
Hazer, (aunque cruel) tal crueldad?
Como? y todo vasse ansi por suerte?
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto tanta gloria se conuierte
En nada? estado, fuerça y fresca edad?
Triste de my, de vida ya Celia es fuera?
Quien oye tal, tambien, que no se [illegible]?

De-

Dexemos la beldad (que ella tenia
Por cosa vana) (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuidado veya,
Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana
Que para nos, no para si biuia,
Como la muerte fue tanto villana?
Cortó la tela ante tiempo sañuda,
Dexa tanta de gente aca desnuda?

Mauricio.

D' Amaro y que sera? solo dexado
Por raro exemplo d' vna triste vida?
Como por muestra, y como por dechado
A nos será ella corta, a el complida.
Quan presto tanto bien se ha transtornado?
Ay bienes falsos, ay vana y fingida
Muestra, que a la deshora buelue en daño
Vanos ansi engañando d' año en año.

Aurelio.

Pues aun no sabes bien lo que passé
(Digo con el combate desigual)
Era el dolor deuido, pero fué
El impeto primero irracional,
No de hombre, aun que barbaro, y sin fé,
Sin alma, y sin razon, todo bestial;
Quiso boluerse a si como enemigo,
Son que lidiar cumpliole antes comigo.

Quan-

Quantas vezes que el alma vi cuitada
Partirse tras la santa suia della,
Dexando el cuerpo alli como vn no nada,
Solo tendido como que iua a vella.
Dende a buen rato, toda trabajada
Boluer de nueuo, alli quanta querella?
Y que gritos tan altos, tan sin tino
Vnos tras otros daua de contino!

Cruel Celia (dezia) ansi me dexas?
Quien te me hizo cruel? no me respondes,
Señal que ya no las oye estas mis quexas:
Tan lexos la lleuaron? triste, adonde
Te me han Celia lleuado? ansi te alexas
Sin mas piedad de my? quien te me esconde?
Quien fuyendose vá (dezidme) ah quien,
Fuyendo se me vá con tanto bien?

Luego boluia, veis que piadosa,
Veis como siempre blanda, y nunca esquiua,
Me buelve a veer? mas como tan cuidosa,
Dexadme alla salir, a veer si esbiua,
O si me engaña esta alma desseosa,
Que es esto ado se fué; mudada que iua?
Y quanto (ó triste) toda d'otramente
De la Celia que yo vi primeramente?

Quan-

Quantos de desuarios? que sin cuento
De desconciertos dixo? y que de antojos?
Y de fantasmas veya en vn momento?
Tiessos, y siempre enxutos los sus ojos,
Dezian que del mucho sentimiento:
Todo y en todo dado al dolor malo,
Vn contino furor sin interualo.

Aurelio.

O Celia quantas lagrimas deuidas,
Y quantas te eran, si lagrimas nos diessen
Remedio alguno, de mas à las vidas:
Y de otra parte si auidas no fuessen
De los mas sabios, por mal entendidas,
Y aun por flaqueza si gelo creyessen,
No digo mas de si, ni mas de nó,
Soncas causas terná quien nos las dió.

Aquel dolor que vá turbando dentro
El cuerpo todo con los sus sentidos,
Y passa al coraçon, que es el su centro,
Lagrimas d' allamanda, y los gemidos,
Que abrem caminos a aquel duro encuentro,
Sino que es fuerça siendo detenidos,
Que alla encerrado el fuego, y las centellas
Ardan las casas, y el señor con ellas.

Por tanto amigo ruegote (acordadas
Nuestras çampoñas) (que aqui las tenemos,
Mientras que van buscando las manadas
Algo que coman, nós Celia cantemos,
Que despues cantaran muchas vegadas,
Pastores de que nada ora sabemos,
Cantaran a la sombra destos pinos,
D'alto responderan montes vezinos.

Mauricio.

Que podria yo Aurelio hazer por ti
Que mas de grado hiziesse? aunque estoy tal
Del llorar mucho, y poco que dormi,
De mi parte no se: mas tal o qual
Cumplase todo por amor de ti,
Que auenturo contigo en bien ni en mal?
Pero començaré sin mas escusas
Con buena ayuda della, y de las Musas.

Canta.

Esta sorriendo Celia de la ciega
Nuestra vista mortal a tanto enferma,
Semejante a aquel juego que se juega
D'ojos cubiertos, que tan mal aterma;
Ella vee todo, y juntamente ruega
Por la su gente, y dize que no duerma,
De contino amonesta, que es pequeño,
Es vn no nada el plazo, es grande el sueño.

Bien vee que los plazeres, los enojos.
Nuestros son vanos, pienso cierto, o creo
Que a menudo hazia aca buelua sus ojos,
Donde dexó de si tanto deseo,
Y donde aquellos sus altos despojos
Del cuerpo, donde sus joyas y arreo,
Los hijos (como en vida ella dezia)
Y donde la fiel su compañia.

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman aca, tanto mas frúto,
Enchiendo el ayre de tanta querella
Messandonos, cubriendonos de luto,
Sabiendo, si llegassemos a vella
Que luego todo se veria enxuto,
Buscaesme alla tan baxo (dize) errays;
Do buscarme deueis, no me buscais.

Mi bien, o que planis? no la turbeis
Amigos la mi paz, sola esta es vida,
Muerta essa que por vida alla teneis,
Vn punto, vn no sé que, la mas cumplida,
En vanos pensamientos no os fieis,
Ay quan cedo que alla todo se oluida,
De muerte en muerte andaes, no veis quan presto
Vna la vida mata, oluido el resto.

Quanto tiempo sereis niños chiquitos
De los que andan burlando a su plazer?
Tiñese vno la cara, eis alçan gritos
De miedo, y van corriendo al mas correr,
Lauase el gesto, bueluen los loquitos
Ryendo hasta de risa se caer,
De las rugas burlaes, blanco el cabello,
Burlaes, miedo al morir, que es como aquello.

Lo que de mi preciaes, es poca tierra,
Que ya nada siente, es lo que siempre fue,
Lo menos cierto os haze cierta guerra,
Is vos tras lo que veis, no tras la feé,
Qual de vos otros sus sueños afferra?
Y soñaes toda via no sé que,
Desseos vanamente assi estimados,
Que matan desseando, y ya alcançados.

Estés por siempre buena Celia en gloria
Alla, y en fama qual dexaste aqui,
Deuiose tal corona a tal victoria
Del nemigo, del mundo, y de ti,
Tales contrarios que en nuestra memoria
No sé vencido quien los aya assi,
Derechamente corriste à la palma,
Dexaste el cuerpo atras, auante el alma.

Aurelio.

O buen Mauricio y con que medecina
Vngiste la mi llaga, honda, cruel,
Con tan dulce breuage, y tan diuina,
Que me diste por medida, y por niuel,
Aquel mal, muerto qué me vuiera ayna
Tu me saluaste de las manos del,
Hirierame el dolor que aya mal grado,
Ayas lo bueno tu, que me has sanado.

Agora pues tal es, amigo escucha
Prouaré la çampoña, si ha tambien
Cobrado aliento, traz l'angustia mucha,
Que a reuezes se van el mal y el bien
Cayendo y leuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van y vien;
Ora la buena Celia se leuante
Para que della tañа, y della cante.

Canta.

Alçóse deste baxo Celia a buelo,
Dexó la tierra, que della era indina,
Passó nuues, passó de cielo a cielo,
Mató la sed en la fuente diuina;
Cessen los llantos, cesse el desconsuelo,
Que ella nos llama a fiestas, y encamina,
No se oygan mas aqui, saluo cantares,
Dezidmelos a cientos, y a millares.

Oyan-

Oyanme todos que la Celia nuestra
Es hecha de mortal que era, immortal,
Quien no lo vee? a quien no lo demuestra
Claramente tal vida? y muerte tal?
Quan differentes fiestas que ya le muestra
Su guia (a toda parte) angelical;
Bolued todos por ende en vuestras mẽguas
A Celia el coraçon, bolued las lenguas.

O buena, ó santa Celia, estos estremos
Que viste y vees d'alla de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, para que, si tu no vales,
Quanto sudamos, quanto que hecho auemos
Todo fue por de mas, a tantos males,
De Dios algun remedio nos alcança
A los tuyos (oy mas) cierta esperança.

Demuestranos d'ella Celia aquel santo
Amor, que de los tuyos te encendia,
Que amaste tanto, y te amaron tanto,
En ti el su mal, en tiel su bien se veya,
Y con que angustia el mal, el bien con quanto
Zelo de caridad? con que alegria?
Como en la casa veese al grande espejo
El que entra ledo, o triste, el moço, el viejo.

A' quien yran con fiuza en los clamores?
En las sus rogatiuas y demandas
Son qu'a ti buena Celia tus pastores
Y las zagalas partidas en bandas?
Ellas cantando dellos sus loores,
Ellos callados texendo guirnaldas,
Ellos, y ellas todos tus deuotos,
Comiença a acostumbrarte a nuestros votos.

Ergued aqui comigo vn memorial,
Que a cierto tiempo vengan por los años
El buen viejo anciano, y buen zagal,
Y juntamente vernan con sus rebaños,
Que de mala cagion guardes, y mal
De malos ojos que hazen tantos daños.
Vernan honestas, y buenas Zagalas;
Manda el bosque vedar (Celia) a las malas.

Que es esto? o si me engaña el gran desseo,
O cierto que las agoas deseadas
Caeran presto, que señales veo,
Las graças van bolando en alto alçadas,
Mueuese la floresta a lo que oteo;
Muestra la Luna manchas assombradas,
Vanse los altos de niebla cubriendo,
El Sol embuelto en nuues escondiendo.

Mauricio.

Como quien atrauiessa vn monte erguido
Sin sombras, y sin agoa en las calores
De Iulio y Agosto, vn mes, y otro cumplido,
Y quando son en toda parte ardores
A tanto mal, cansacio aun añadido,
Falta el aliento, crecen los sudores:
En fin por vna peña agoa que caya
Se buelue luego á vida el que desmaya.

Tanto tus dulces versos me pluguieron,
Y tanto tuuon de fuerça y poder,
Que otro me han fecho; como se perdieron
Entre nos el cantar, como el tañer,
Que tanta fama a los pastores dieron?
Mas dizenme que vienen a correr
Ciertos pastores del estremadura,
Que deste ayre hecharon la niebla escura.

Aurelio.

Oyes? o quiça no, Mauricio hermano,
Aquel por cierto s' es el triste Amaro,
Que con la muerte va peleando en vano,
Passado del dolor de claro, en claro,
Hanlo como metido a sacomano,
Amor y muerte fecho exemplo raro
De la fortuna, y de sus embaraços,
Con el brauo dolor, anda a los braços.

Amare.

A que parte se es ida esta alma mia?
Quien me la enseñara? o que hago aqui?
Sin ninguna de dos que antes tenia?
Entrambas se ajuntaron contra mi,
Dexanme ciego, dexanme sin guia,
Pareceos este Amor? dexarme ansi?
Nunca han quesido consigo llevarme,
Nunca tornarme a veer, ni a consolarme?

Como vna llama por el monte ardiendo
Que presto en alto buela, y no aparece,
Sale de vista assi, viendo, y no viendo,
El humo solo turbio remanece,
Ora tal claridad resplandeciendo
Agora agora como se escurece
Ansi tan presto? triste a do me iré?
Sin ti, y alla sin ti que me veré?

Cuitado, y los lugares do te veya,
Y donde me eras cad' ora presente,
Y todo aquello que en tu compañia
Me era vida y salud, son me otramente,
Son ansias, soledad, y cuita mia,
Huyendo se va el coraçon doliente
Dexadme ir a buscallo, y si no viene,
Tenga tambien a my quien me lo tiene.

Mauricio.

Sintionos compañero, y no ha parado
Como pararia, y a do, quien de si fuye?
Bien como herido corre el gran venado,
Crece corriendo el mal qué lo destruye,
Que labra el hierro, y tiro auelenado,
Tanto mas con el trabajo la vida concluye,
Ya que no puede mas, caer se dexa,
Pone a la vida fin, pone a la quexa.

Mas vamos al lugar religioso
Ya agora, y será en el siempre por venir
A todos, donde en paz yaze y reposo
Lo que de Celia no pudo sobir
Por ora al cielo; mas ó que sabroso
Letrero Aurelio, ponteme a oyr,
Verás poner seis cientos por aqui
Tal deseo dexó Celia de sy.

Epitaphio.

Buen' alma que la carne aca dexaste
No podiendo sofrir mas tiempo el preso
Suyo, con quien en bregas siempre andaste,
De mi piedad te mueua, que aqui preso
Al amor de las cosas que a cá amaste,
Estar me mandas, ay no basta el seso
A tanta cuita, todo prueuo en vano,
Estiendeme d' alla, Celia, la mano.

Aurelio.

Este sacólo Amor de las entrañas
D'aquel preciado, tamaño pastor
No podieron las fuerças ser tamañas
En otro spiritu, ni tan raro amor
Vernan pastores de nuestras montañas
A prouar sus çampoñas y valor:
Mas quien quieres que iguale, o tañа, o cante?
A quien amando assi passa adelante?

Ora abalemos para el nuestro abrigo,
Que ya me parece que vrrian las cabras,
Y las ouejas, Turibio y Rodrigo,
Otros sueltan los bueyes, dexan las labras.
Mauri. Si, qu'es tiempo, mas primero amigo
Digamosl' estas deuidas palabras,
Seate (ó Celia) la tierra liuiana,
Nascan rosas aqui, nasca la grana.

****

ANDRES.

Ecgloga ao Duque de Aueiro.

EL congoxoso llanto, el temerario
Amor del nuestro Andres, la marauilla
Que al hato lo voluio, todo al contrario
Que dantes era, ya manso y sin renzilla,
Tanto medio mudo, y solitario,
Que solo vello mueue a auer manzilla,
Mientras yo cante, cantc aqui comigo
Amor, aunque cruel, aunque enemigo.

El primer amor suyo, el primer fuego,
Y los primeros suyos desconciertos,
Centellan los sus ojos sin sossiego,
A desora de lagrimas cubiertos:
De malos celos, y de furia ciego,
Vase braços cruzados, quando abiertos,
Que reposo no dase, ni vn pequeño
D'espacio, ni al comer, ni al dulce sueño.

Señor, y no os sea en menospreçio
La çampoña de Pan Dios de pastores,
Tenida antiguamente en tanto precio,
Tambien entre los Principes mayores;
No podemos a Codro, a Mucio, a Decio
Todos cantar, no los altos señores,
Los Reyes vuestros passados y presentes,
Esforçados en guerra, en paz prudentes.

A vós señor no os cupo en suerte guerra,
Estamonos aqui como en vedado,
Por el gran Rey que en paz rige su tierra,
A nos vn Numa, Romulo gtande armado,
A los infieles que lexos destierra
Temido dellos, de nos mucho amado:
Entretanto os abris altos caminos
Por los libros humanos, y diuinos.

Entre los quales tienen su lugar
Las blandas Musas, aliuian el peso
Del mucho estar a tento a especular,
Que aturar no lo puede humano seso,
Mas alto s'alça que solia estar
El ramo, que algo yuso estuuo preso,
Y puedese mejor boltando vn trecho
Subir al monte, que luego al drecho.

Pudieràdes passar la juuentud
Como otros grandes Principes, andando
A passatiempos, ya a la muititud
Delos deleites, onde, como, y quando
Hiziesseos mas hermosa la virtud,
Assi como ella vá de flaco vando:
Tan presto conoscistes los afeites,
Y el falso resplandor delos deleites.

Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercules quando moço en despoblado,
Por hierma via, d'vna vieja dura,
D'vna moça por llana encaminado.
La vieja espinos muestra hasta el altura,
Flores, fuentes, la moça por el prado:
Mas aquel coraçon que no desmaya,
Por el monte agro vá, dexa la playa.

Ora otra vez a Andres, qne vá fuyendo
Delos otros pastores, y lugares,
Y aun los caminos cuitado, añadiendo
Vanamente, cansancio a los pesares,
Ah loco y de quien fuyes? vas corriendo,
Vas dando viento al fuego, y si mirares
Arde la llama mas, otra vez loco,
Porqne corres al mal? ve poco a poco.

Tu mientras que los otros apascientan
Los sus rebaños, Ioan, Pedro, y Rodrigo,
En duro pedernal huego arrebientan,
Y furtados al viento en buen abrigo,
Delos passados sus cuentos recuentan,
Tu debatiendo vas solo contigo,
Mientras tañiendo estan, mientras cantando,
Tu solo assi te vas deuaneando.

Pascuala cruel sierpe (no offendida
A lo menos de mi) toda inflamada
De su veleno, dá d'arremetida
El cuello, el pecho, y la cabeça alçada,
En tres partes la lengua repartida
Como llama de fuego apressurada,
Qu'es esto? qu'es lo que hize? ah que me quieres:
Cruel, la mas cruel de las mugeres?

Querida sobre todas las zagalas,
O que hechizos, ó que encantamiento,
Y dura fuerça de palabras malas,
Ansi te han hecho sin conoscimiento!
Bien pintan al amor ciego y con alas,
Alçose presto, y tan liuiano al viento,
Yo tras el d'assomada en assomada,
Que no sé tras que voy, voyme tras nada.

Y nunca quiero entrar comigo en cuenta,
Que cierta sea (triste) ni saber
La causa porque esta alma a si se affrenta,
Que a nadie mas que a si deue querer,
Amor como enemigo, que consienta
Me dize, vine triste a vn cierto ser,
No sé a quien fuyo, fuyo mi ventura,
Que buen remedio locura a locura.

Aun las fieras seluages como son,
Vencer se dexan de humanidad buena,
El toro brauo, el tan brauo leon,
Con tiempo muestran que no sienten pena,
El vno en yugo, l'otro en la prision,
Si la boz conoscida al ayre suena
Del halconero, luego desd'el cielo
Oyendola el halcon, baxa de buelo.

Todo lo vence el tiempo, y la porfia:
En piedras duras si el agua desciende,
Ella tan blanda, caua todavia:
Es duro el hierro, gastase por ende,
Lo que vn dia no puede haze otro dia,
A las sus fuerças quien se le defiende?
Durissima Pascuala, quanto en ti
Amor, trabajo, fee, tiempo perdi?

Vemos la golondrina, buelto el pecho
Al viento, como vn rayo yrse bolando,
Or'en cielo, or'en tierra, el cuerpo estrecho,
Sin las alas mecer, son quando en quando:
Contra la vena d'agua va al derecho
La trucha, aun las açudas traspassando,
Con quantas aues mientras dia buelan,
Otras ay que las noches se desuelan.

Ay animales que a los nuestros fuegos
Se acogen, constreñidas del mal frio,
Otros nos huyen, son como vnos juegos,
Vnos al monte vanse, otros al rio,
Otros por dentro de la tierra ciegos,
Ende se biuen, otros del rocio,
Otros del fuego: no tienes Pascuala
Condicion de muger, no de zagala.

Mas antes de zagala, o de muger,
Que debaxo d'aquella vista hermosa,
Tan llegada a diuina al parecer,
Escondió la natura artificiosa
El mayor mal que pueden ojos ver,
Engaño que haz la pena deleitosa,
Ponçoña de gran fuerça mata el vellas,
Mata el oyllas, mata el oyr dellas.

Oo que ayas mucho de mal grado Amor,
Que assi nos turbas el entendimiento,
En lo qu' es mas dañoso ay mas sabor,
Errado el peso, la medid' y el cuento,
Donde se sigue que de aquel error
Se vengan recreciendo ciento y ciento,
Qual fuente auelenada perenal,
Donde mana despues tanto de mal.

Suerte triste y cruel, que tal consiente,
De monte en monte voy, de valle en valle,
Huyendo lo pisado de la gente,
Para que solo grite, y solo calle:
Amor viense tras mi porfiadamente,
Que no sé quien lo enseña a que me falle,
Ya tiempo ser deuia que dexasse
Este Andres triste, y qu' otro Andres buscase.

A quien como a zagal mucho sandio
Mostrasse qu' en boluiendo los sus ojos
Tan blandamente, no dexa aluedrio,
Inchiendo el ayre de vanos antojos,
D' vn querer, d' vn esperar, mas que baldio,
Gozos inciertos, ciertos los enojos:
En fin (como se dize en viejos cuentos)
El ayre lleua los encantamientos.

Aquellas sus pinturas tan hermosas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Aquellas prayas tanto deleitosas,
Aquellas tantas riquezas sin dueños,
Tantas sin precio piedras preciosas,
Las naues viento a popa, vanos leños,
Las fuentes claras. tan frescas verduras,
A desora (no veis?) son peñas duras.

Mas eya, que ansi manda aquel villano,
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos,
Que vaya a donde el mundo, el siempre cano,
De nieues blancas, de continos yelos,
Las aguas presas, el sol cansa en vano,
Siempre ñublados, y turbios los cielos,
Como se alçaron en las mis entrañas,
A ver si resfriaran llamas tamañas.

O por ventura seria mejor
Irm' hazia estotra parre, adonde vea
El sol andarme siempre al derredor,
Que no s' esconda, como que esto sea
Siquiera algum aliuio a mi dolor,
De que esta alma vencida deuanea,
Triste, d' otre quiça podras fuir,
De ti como podras descabullir?

Si vn' hora no podia estar sin ti,
Como podré passar por los tamaños
Dias, como ora vienen sobre mi?
Como las tristes noches? que son años?
Si todo, si a mi mismo aborreci?
Despues que supe mas destos mis daños,
Ora desengañado aqui que attiendo?
Que m' aconseja amor? que no lo entiendo?

Con que viene de nueuo esta mal sana;
No sé si es alma la que me detiene,
De noche auiendo miedo a la mañana,
De dia a la su noche quando viene.
Ora fuye, ora buelue a mi liuiana,
Por como algun antojo sobreuiene,
Ya que no vee se aqui remedio alguno,
A que prouando los anda vno a vno?

Ay que quereis de muerto a la luenga?
Quanto tiempo que mal gasto en querellas!
Dexadme ir ver primero Blanca y Menga,
Que m' embian dezir que vaya a vellas,
Las mis buenas amigas, y no es luenga
Iornada, harelo todo antes d' estrellas,
No lleueism' alla no, que Dios os vala,
Que no está como solia ende Pascuala.

Mudó los passatiempos que tenia
Aquella ya mi Pascuala, antes agena,
Antes tod' otra cosa que no mia,
Quien la quisiere hallar busque Ximena,
Busque Anna la su buena compañia,
La Sancha, la Toribia, y la Morena,
Enseñadas a hazer por mis peccados
D' vn solo coraçon muchos guisados.

Mas yo a quien me aquexo? el de culpar
Yo soy: de quien me quexo pues qu' andaua
Con tanta diligencia a m' engañar?
Si m' era el que traya y que lleuaua
(Qual dizen) al sabor del paladar?
No veya, no entendia, no escuchaua,
Que mas ciego, o mas sordo puede ser
D' aquel que ya nada oyr quiere, ni ver?

Qual vida, qual salud se le pudiera
Igualar a tal muerte como aquella?
Que oyendo y respondiendo se partiera,
Los ojos al quebrar de vista e nella,
Que cogia la niebla postrimera
Delos sus ojos, que aun alçaua a vella,
Vete en paz moço con tales despojos,
Que no bueluan atras nunca tus ojos.

Dexa-

Dexadme ir a los montes, qu' vn Cingial,
Vn Osso, vn lobo, mientras los persigo,
Quiça vn dia daran fin a mi mal,
Murió en el monte Adonis, d' enemigo
Colmillo en furia herido (y que zagal
De tan hermosa Diosa hermoso amigo)
Ella lo tiene en braços, quien los viere
Apenas juzgarâ qual dellos muere.

Y quando fuesse qne en los montes frios
Peligros ni cansacios me venciessen,
Y que los hielos por los hondos rios
Por su dureza, passada me diessen,
Acerrars' hia que los canes mios
De rabia, o quiça de hambre, me comiessen,
Por los diuersos acontecimientos
Que nos hazen crer los viejos cuentos.

Quien te sabrá dezir cierto sin falla
En que parte del mundo, en agoa, o tierra
Te desafia muerte a la batalla?
Que siempre amenazando a vn punto aferra
Como le aplaze, mejor es sin falla
Anteuiniendo dar fin a la guerra:
Vamos, que traerá despues la suerte
Iusta vengança a la mi injusta muerte.

Alla me llama amor d' aquella altura
A bolar, tras el voy, verê si ansi
Podrá fin darse áquesta mi locura:
Passaran los pastores por aqui
Cantando de la mi corta ventura,
Cruel llamando amor, cuitado a mi,
A prissa por salir del val priado,
Por la muerte de Andres mal estrenado.

Los vnos a los otros cantaran,
Huyd la valle do yaze el zagal,
Los otros tanto le responderan
Huyd la valle do yaze el zagal:
Y todos juntos mac añadiran,
Que por amar tan bien murió tan mal,
Que por amar tan bien tan mal murió.
Dessa peña tan alta Amor lo despeñó.

Si cantaran quiça por las florestas
En tiempos por venir buenos pastores
El cuento mio, y las duras requestas,
Los faltos de ventura mis amores:
En verano a las sombras por las siestas,
Al fuego, o sol passadas las calores:
Que refrigerio auran los huessos frios,
Sintiendo assi acordar los casos mios?

Dixo, y teñido de color de muerte,
Vase subiendo por la braua breña,
Amor aqui los mis versos concierte,
Si a los suyos y a mi versos enseña,
Aunque seria bien d' aquella suerte
Que dizen, Al mar agua, al monte leña,
En versos añadir mas a las cosas
Y a las obras de amor marauillosas.

Agora que me haré? que me aconsejas,
La mi çampoña tanto ida adelante?
Las Musas vergonçosas zagalejas
Todas se me demudan al semblante,
Los ojos baxos, baxas las sus cejas,
Mas Apollo el mayor manda que cante,
Por fuerça es que se cumpla su mandado,
Sino que mal me tiene amenazado.

En la gran peña vna honda cueua auia
No por fuerças humanas, ni exercicio,
La natura alli escondida la tenia,
Obra delas sus manos, y arteficio,
Para quando vn tal caso acontecia:
Ora Andres que al su proprio sacrificio
Pensaua, ende arribó, diz que acontece
Talvez creciendo el mal que se guarece.

Fuesse verdad, o fuesse sueño, Andres
Vio dentro (o penso ver) d'aquella cueua
Satyros que cantauan cabripies,
Y Faunos, y Syluanos, cosa nueua
Antes no vista, que yo sepa, ni despues,
Crean los por venir, qu'harto es grá prueua
Vello de loco seno, veer que alguna
Noche el caso cantó solo a la luna

Diziendo enfin saltauan las sus fiestas
Nuestros rusticos Dioses, yo estordido,
Delo que veya, con mi mal a cuestas,
Cahi por tierra, sermeha mal creydo,
En derredor boltauan las florestas
Boltaua juntamente el mi sentido:
A reuezes cantando vnos dezian,
Los otros despues, otros respondian.

Satyros.

Pasiphae (ah que verguença) va buscando
El toro hermoso, vase a las manadas
Delas sus vacas, sola suspirando,
Teneisme aca el mi amor? tan mal mirada
Que me forçais del mio, y veis qual ando,
(Dezia, de mil lagrimas regadas
Las sus mexillas blancas) ah cruel,
Que s'anda tras vosotras, yo tras el.

Fau-

Faunos.

Rodeaua las aguas vna y vna
(Del blanco Cisne enamorada) Leda,
Alçase a buelo, ella sin ninguna
Color de biua, vn blanco marmor queda,
El que traspone, ora aquella laguna,
Ora aquel rio, quanto mirar pueda,
Con mil sospiros busca siempre en lloro,
Alla va el coraçon tras su thesoro.

Sylvanos.

A quien su coraçon la gran guerrera
Simiramis dará? saluo al ardiente
Cauallo, qu'en las armas conosciera
Corriendo, ardid, al freno obediente,
A quien los pies, a quien vn blanco abriera
Por medio la orgullosa, y alta frente,
Y aquella que por si no teme a cosa
Por el a la batalla entra medrosa.

Satyros.

Fueron las nietas de Bello cincuenta
Y cincuenta los nietos, ajuntó
El casamiento a todos: de tal cuenta
Dela su sangre limpias no guardó
Las manos, saluo qu'vna mui sangrienta
Y cruel noche, que tal encubrió:
Tardaua el sol a ver el caso indigno,
Quando vuo de venir cubierto vino.

Fauios.

Beldad, sangre, thesoros, arte, y estrellas,
Todo lo tuuo en su fauor Medea,
Aqui perdonen las nobles donzellas,
Si del su amor se cuenta obra tan fea,
Que buen remedio dellas sus querellas
(Quasi lugar no dexa a que se crea)
A los sus hijos tiernos ayrada puso
Manos, deuidas mas a rueca y huso.

Syluanos.

Vn pastor brauo de luengos cabellos,
Ante quien no parauan los leones,
Quantas injurias por amores bellos,
Mas que buenos passó, quantas prisiones
Y en fin la muerte que no vee los sellos,
No sé como assi son sus coraçones
Al reues, por bien mal, por el mal bien,
No miran como, no porque, no a quien.

Satyros.

La joya de Eryfile, que escondia
Tantos de males en la su riqueza,
Sobre los otros tantos que hecho auia,
Hizo aquella infamada, y gran crueza,
La muerte d' Amphiarao, que toda via
Mas no pudo, peró con la dureza
Del hado, tal prudencia, y tal saber,
Todo venció cobdicia de muger.

Faunos.

Esta nuestra riqueza ansi aldeana
Offrescida peró, quien la dessecha?
El don hermoso de la blanca lana,
Bien sab'el nuestro Pan quanto aprouecha
O que ella fuesse, o parescio Diana,
Era alta la flcresta, vuo sospecha,
No burlo mas de veras, como es esto?
Quien mas cargado va, llega mas presto?

Syluanos.

Aquel Galo pastor, aquel que tanto
El Tityro alabára por licores,
(Zagala ingrata) todo en cuita y llanto,
Como muerto quedó matando amores:
Ella sigue las armas, que ni tanto
O quanto, a lloros mira de pástores,
Socorrióse el cuitado a la çampoña,
No remedio a aquel mal, antes ponçoña.

Faunos.

Las sus parientas tan ricas zagalas,
De tanto ganado, y de thesoro,
(En todas partes se ay de las Pascualas)
Colgó su amigo Andres de vn cordon d'oro,
Que ella labrára por sus manos malas,
La mayor, la segunda siempre en lloro,
Y sangre, concluia el su amor breue,
El Sebetho lo sabe, y quien lo beue.

Sylvan.

A cab' del turbio Tybre, que rebaños
Ay de zagalas, mas que deuen, sueltas,
Que biuen de doblezes, y de engaños,
Palauras dulces, en ponçoña embueltas,
Con que a los moços, con que a vieios d' años
Hazen que ciegos van dando mil bueltas,
Isla de Circes mala: alli vereis
Vnos tornados puercos, y otros bueys.

Todos.

Quien bastará contar cosas sin cuento?
Lo sin medida, quien piensa medir?
Armar las redes, que no fuya el viento?
En blanca arena sembrar y cubrir?
Bien veese qu' es mui vano pensamiento:
Las leyes communes hanse de cumplir,
Mas que emendar: a vezes se sostienen
Las cosas, que vnas van, y otras vienen.

Autor.

Siguióse deste mal grande prouecho,
Que oyendo de Pascuala y de Andres
Hablar, erguime a fuerça gran despecho,
Mas buelto a mi, diziendo, Esto como es?
Si sueño? o vanamente si sospecho?
Beso la tierra, y dando de los pies,
Voyme a vn' agua corriente, ende lauado
Boluime al hato, huelgo ansi apartado.

****

EGLOGA NEMOROSO.

A Antonio Pereira, senhor do Lamegal, e do Basto.

DE los nobles Floiais
En Pereiras mudados,
Derecho tronco, sin algun contrasto;
Que por nombre contais
Todos vuestros passados,
Del tiempo del buen Rei Alonso el Casto;
Tan biuo se halla el rasto
De succession derecha,
Y noble antiguedad,
Hast' esta nuestra edad,
Si al grand coração algo aprouecha;
Oyd vuestros pastores
Que riñen, y otros cantá sus amores.

Es-

Espero que algun dia
Aun s oyga en lexos parte
(Sinó qu' el gran deseo siempr' engaña)
Otra çampoña mia
Labrada con mas arte,
De fino box, y no de flaca cañа
Agora en mi cabaña
Adonde al importuno
Tiempo me vine huyendo,
Que mal si estoy tañiendo
Rusticament' y no offiendo a ninguno?
Que abrigado estê fuera,
Son qu' entran aca vientos de fuera.

Quanto tiempo perdi,
No sé por donde anduue,
Vi tierras, vi costumbres differentes,
Ya tarde bueluo en mi,
Vn poco sobr' estuue
Arrimado. y dexé correr las gentes,
Por los inconuenientes
Veer con ojos mejores
Segura, dulce, y santa
Vida del monte! ah quantá
Vana fatiga vi! quantos sudores!
Y ansi cansado y muerto,
De poluo llegué aqui todo cubierto.

Bien pudiera jugar
Todo el dia al tablero,
Con la suerte engañosa porfiando,
Pudiera trasfegar,
Los ojos al dinero,
Por el jurando, por el perjurando;
Mas fuime só sacando
A peligros de villas,
Y embates del concejo,
Busca abrigo el buey viejo,
No es tanto el mal d'aca, no las renzillas:
Embiastesme el buen Lasso,
Iré pagando assi mi passo a passo.

Al qual gran don, yo quanto
Deuo, sabeis, que ardia
Temiendo y desseando juntamente:
No me atreuia a tanto,
Qu'el son que me plazia
Por mim aplazer fiziesse a nuestra gente,
Aqui cab'esta fuente
Iugaua solo el juego
Sacaisme alla a la clara,
Lo que antes no acabara
La soberuia amenaza, o el blando ruego:
En compañia tal
El bien sera mas bien, menos el mal.

****

PASTORES DA EGLOGA.

Pelayo. *Sancho.* *Rodrigo.*
Salicio. *Bras.* *Serrano.*

Pelayo.

DIme pastor de cabras alquilado
(Y no te enojes con la tal demanda,
Que m'echas vn mal ojo atrauessado;)

A quien embió Toribia la guirlanda
Qu'ella traya sobre sus cabellos?
Cantando, y com que boz? clara, y quá bláda?

Y a quien embiaua juntamente aquellos
Sus ojos, que de amor son corredores,
Y qu'el mismo se va biuiendo dellos?

Mañana de san Iuan, quando a las flores
Y al agua todos salen, tal gala
Vio nunca, y sus desdenes matadores?

¿ Orá que parescia alli Pascuala?
Y Menga? qué Constança, y la Perona?
Aquellas que a su veer quien las iguala?

Que gracia, que frescura, y que persona,
Que color d vna rosa a la mañana
Se muestra al sol, que se abre, y se corona?

Sancho.

Soldada tuya fue, cabeça vana
Todo esse cuento, sirues año, y años,
Enfin poco ganado, y poca lana.

Simple, que no percundes los engaños
Dessas demostraciones apparentes,
Vestidas por defuera en verdes paños.

Tu duermes, y no duermen los parientes,
No los amigos, no quien cada dia
A tus locuras claras para mientes.

Pelado, oh, oh que erré; Pelayo, es mia
Vn' hora, es otra tuya, otra verna
De otros, que ansi se truecan a porfia.

Quando el tiempo sereno y claro está
Mas que no suele, recogiendo, assuela
Todo con su tormenta por do vá.

El feo turbion, y escuro, buela
Todo, embuelue consigo quanto aferra,
Amenaza la villa, y el aldehuela.

Mudado aquel sossiego en tanta guerra
Tomate descuidado el temporal,
Ni quien eres sabrás, ni de que tierra.

Correr no puede siempre el rio igual,
Ni el viento soplar manso, blando, y quedo,
Más durar (mal peccado) suele el mal.

Va ledo, va seguro, va sin miedo,
Soberuio, todo inchado va, que ansi
Se cae a ser mas triste, que antes ledo.

Pelayo.

A vós gracias mis ojos, con que vi
Vno que anda por ser ya del concejo,
Y yaze sin saber parte de si,

Cierto no se llotraua de buen rejo.
Fazia vnos pasmar, otros reñir
No lo tien' para si, quier dar consejo.

Que locura podeis mayor oyr,
Oydos pacientes? que vn bauoso
Creer que fortuna siempre le haya a reyr.

Que no pueda estar queda, por donoso,
Por mas sabido de toda el aldea,
No, no, son por mas lindo, y mas hermoso.

Enfin pró te haga, por tu bien te sea,
Zagal nascido en hora tan plaziente,
Si confiança a mal no te acarrea.

Toribia, o que diré? braua serpiente
Puede tener amor? Antes terna,
Llouiendo el rio hinchado su corriente.

Y en seco los sus pesces dexará
Cada vno de los rios Tajo y Duero,
Destemplose el relox, quantas que dá.

Pelayo.

Todo se mude, vaya al ventisquero
Bolando el Galapago, y ponga boca
A la gaita el nouillo plazentero.

Baile el buey perezoso, y viejo, en poca
De plaça; pues ay lengua tan osada,
Tan atreuida, tan dañada, y loca.

Mas muerde sierpe mala arrauiada,
Seas quien sueles: que será quien fue
Toribia siempre hermosa, y siempre amada.

El perro por costumbre, a quanto vee,
Y no vee, ladra, sin mas dilacion,
Corre aca, corre alla, no sabe a que.

Mas eis aqui que pongo el mi çurron,
Tomo el cayado, salga a campo quien
Defenderme quisiere otra tencion.

Toribia: (ay quien lo niegue?) es quanto bien
Tenemos; (ay quiçá quien contradiga?)
En bondad, y beldad digo tambien.

Sancho.

Tus palabras (parlero) vna hormiga
Al viento alçallashá, no pesan mas:
La tu locura propria te castiga.

Peró porque loquillo inchado estás,
Solamente diré que essa perjura
Pensar, ni hablar mas della, es por demas.

Que de muger no tien' son la figura,
Con que engaña los ojos; vn bien tiene,
Que sea mucho el mal, mucho no dura.

La tan liuiana cosa no sostiene
Reposo alguno: mas viene Rodrigo,
Otro tiempo será que te lo appene.

Rodrigo.

Yo voy fuyendo, va solo comigo
Este enemigo Amor, siempre riñendo,
Que no lo entiendo, aunqu' harto lo he tratado,
Siempre enojado, siempre murmurando,
Causas buscando para sus sospechas,
Cuentas estrechas, de celos pesados,
Por mis peccados (como a Amor pluguiera)
Vn bien me diera en que pensar pudiesse,
Siquiera fuesse acompañado, o solo:
Luego turbolo aquel plazer tamaño,
Vn caso estraño, que en el pecho trayo,
Era por Mayo el tiempo, y mis amores
Lleuauan flores, vino vn cierço frio
En daño mio, todo lo ha quemado,
Ah bien passado, quando alcê mis ojos
Secos abrojos vide, que otro no,
Quien lo mudó assi todo d'otramente?
Quien la mi fuente turbó limpia y clara?
Do me mirara: y vi la gloria mia,
Quando fuya el tiempo a tal sabor,
Mientras a Amor le plugo, y mi ventura
Poco segura, fuydiza, y vana,
Suerte villana: mas yo quien oteo?
Zagales veo, Amor enemigo,
En buen abrigo me faltó el reposo,
Menesteroso aqui, y en toda parte.

Pelayo.

Rodrigo guarte, no te aya traydo
La mala suerte quando yuas fuyendo
Los hombres, donde el drago era escondido.

A donde con la su lengua esgrimiendo
A biuos ni a los muertos no perdona,
Ora pensando mal, ora diziendo.

Sancho.

El mismo soncas es, que apregona
Hablando assi, que bien hablar no sabe;
Su gesto lo descobre, y su persona.

Pelayo.

Ha, ha, no cale mas que otro se alabe;
Ni que a otre desprecie, que oy tal dia
Se puede todo veer antes que acabe.

Si manda que partamos la porfia
A cantar y baylar, si quiere a lucha,
O si a puñadas, mas que plazer me haria.

Si canta, y no baila, y si no lucha,
Ni tiene manos, que no tenga boca,
Quiere a tañer, tu juzga, y nos escucha.

Rodrigo.

Oh lá, teneos, que discrecion poca
Es esta vuestra? soncas bien tuuistes
De tiempo a la locura que ora os toca.

Si como adrede esperando estuuistes
Por mim, justo es tambien que de vos sepa
A punto, por qual causa ansi reñistes.

Sancho.

Yo m'estaua arrimado a aquesta cepa
Deste fresno, pensando al refran viejo,
Qu'en su pellejo cad'vno se quepa.

Vinose este loquillo zagalejo,
Habló como quien es de buena entrada,
Y no cupo por cierto en su pellejo.

Rodrigo.

Al mal se vaya el mal, dese passada
A toda furia, y todo encendimiento,
Que la passion es ciega, y no vee nada

Sancho, y tu deues de tener mas tiento,
Qu'eres mayor de dias, y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.

Mas oygo vna çampoña, y no se quien
Lo acompaña cantando, al que parece
Salicio, y Bras, el vno e el otro bien.

Salicio.

Quando se pone el sol, quando amanesce,
Siempre anochece en este valle aqui,
Triste de mim, de doze o treze estios,
Los ojos mios quando enxutos vistes?
Ojos tan tristes, de lagrimas ciegos;
Que tantos fuegos acendeis llorando,
Cuitado, y quando pensé qu' eran muertos,
Siendo cubiertos de tanta y tanta agua,
En la gran fragua alçose mayor fuego,
Dezidme os ruego de que pedernal
Se aciende tal huguera, y que tanto arde?
Tanto a la tarde, que quando todo falta,
Llama mas alta sube, y mas se esfuerça,
Toda otra fuerça, o vence, o mengua el dia,
Sola esta mia congoxa está dura,
Ay la ventura como vas burlando,
Bien esperando si yerra, mal no si yerra,
Fuhi por tierra, fuhi por la mar,
Nunca aportar a parte pude estraña
Nunca a tamaña de ayre differencia
Qu' esta dolencia, Amor, locura, o qu' era
Ende primeramente no arribasse:
Y me mostrasse que era por demas
Boluer atras, ni escabullir por pies,
Prouê despues la mi paciencia luenga,
Mas a la luenga, todo a faltar viene.

Rodrigo.

Aca se vienen mis buenos hermanos;
Quantas de quexas van de los amores,
Las quexas vanas, los amores vanos.

Duelen mas que de veras sus dolores,
Sea mucho en buen' hora la venida,
Llegaos mas aca buenos pastores.

Salicio.

Sea la voluntad tuya cumplida,
Rodrigo estês con bien, Sancho, y Pelayo,
Todos plazer ayays, y larga vida.

Rodrigo.

Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan los plazeres bueuos.
Con que el tiempo se huye como vn rayo.

Aca nuestros amigos estan llenos,
(Ansi lo digo a entramos de consuno)
De celos arrabiados quando menos.

Salicio.

Dexemos los pastores, que ninguno
Sin quexas d' Amor va; dadme las aues,
Dad peces, y animales, vno a vno.

Todos yazen debaxo de sus llaues,
Y los Dioses tamben; por este Apollo
Inchió los campos de cantos suaues.

Pobre pastor de Admeto, oyolo, violo
Con çurron y çampoña el rio Amphriso,
Su cayado sopuesto triste y solo.

Quantos de lloros, por no sé que riso!
Siquier nonadas, mas son quexas viejas,
Guai de quien por señor lo quiere, o quiso.

Bras.

O si no me engañan las orejas,
No m' engañan por cierto; este es Serrano;
Balando le responden sus ouejas,
Que çampoña, que voz que suelta mano,

Serrano.

Arrayad los ojos ya por las alturas
D' aquestos montes, salga el su luzero,
Huyan oy mas d' aqui sombras escuras.

O buena Delia, nasca el verdadero
Sol nuestro, nuestra luz, y nuestro dia,
Y nuestro resplandor claro qu' espero.

Hermosa Delia, real seña, y guia,
Aparece a los tuyos que desmayan,
Y amenazados de la muerte fria:

Los ojos tuyos soccorriendo vayan
A quien de otro no biue, ni otro espera,
A todos dá remedio antes que cayan,

Si amaneciesses, seria Primauerá,
Y lleuaria flores quanto alcança
Aquella claridad relampaguera.

Quiera ella, o no, do los sus ojos lança,
Fuele dado tal don, vida va dando,
Todos los bienes dá, saluo esperança.

Por donde assomaran? que en assomando
Estos tus ojos, de las fuentes frias
Saldran sus nymphas al sol, irs' han peinando.

Luego las Drias, y las Amadrias,
Iranse passeando las florestas,
Como quando entre nos aparecias.

Versean Oreas por sus montes puestas,
A ver los ojos quales no se vieron
Iamas en tierra, y estars' ha todo en fiestas.

Mas yo que veo? con que me firieron
Subito de vna luz, como de rayo,
Con que mis ojos la suya perdieron?

O Delia, mientra los auezo y ensayo
A tanta claridad, que no sostengo,
Detente, que o me muero, o me desmayo;

Sea paz con tus ojos, que no tengo
D'aliento tanto, ay que desbaratan
Si no te vengo a ver, triste a que vengo?

Ojos son estos que ansi desbaratan?
Comiençan de alegrar, quitan sossiego,
Comiençan a dar vida, y luego matan.

Cubre, ó cubre esses ojos, que tal fuego
Alçan al su boluer, que luego enciende;
Quien no se les desuia, ess'ora es ciego.

O Delia, qu'el poder suyo se estiende
A mas de lo que piensas, no los abras,
Trato entr'ellos y Amor, que no se entiende.

Mas que diré, si las mismas palabras
Me dexan ya? si fuego se derrama
Por montes, por los prados, por las labras?

Que no son ojos, no, mas biua llama
De fuego, que siempre arde en sus meneos,
Biue ende, y reina Amor, ama, y desama.

Quien aguarda estos ojos Meduseos?
Que en piedras nos transforman con su brio,
Por mucha y desusada beldad feos,
Si se puede dezir tal desuario.

Rodrigo.

O buen Serrano, a buen tiempo arribado
Sea por suerte buena, y no por vana,
Dame la mano aca de bien llegado.

Por essos mismos ojos, mas que humana
Beldad, y con razon tan alto erguidos,
Delante quien no pára alma villana.

Ayudanos, que somos repartidos
Contigo assi a cantar como aqui estamos
A pares, lo demas juzguen oydos.

Defiendennos del Sol los verdes ramos,
El agua clara, y dulce son combida,
Y tal acierto, a que gasajo ayamos.

Del dia (pienso) la mayor partida
Paſſose en quexas, y parte en renzillas,
Sea ora en paz siquier la despedida.

Dexemos las questiones a las villas,
Cantemos, y tañamos los pastores
Entretanto d' Amor las marauillas.

Serrano.

Cantando vn tiempo fue los mis amores,
Todo este grande cielo el Sol corria,
Despues las noches con los ruyseñores.

Ay buenas auezillas, que a porfia
Vnas con otras, en pendencia vfana
Cantastes, yo tambien de companhia.

Hasta que de color de roxa grana
Abriendose los cielos al Naciente,
Las aues saludauan la mañana.

Rodrigo.

Los milagros d' Amor quien no los siente?
Quien no está escarmentado? y no quexoso?
Mas no se ha de cantar del al presente.

Cumplido el año del buen Nemoroso,
Que solos nos dexó (mas quanto ayna)
El fuese al desseado su reposo.

Que podemos hazer cosa mas digna
Del, y de nos, que somos naturales,
Que cantar del agora a la contina.

Quedará por exemplo a los zagales
Que de los semajantes hagan fiestas,
Y tambien hagan ellos por ser tales.

Salicio.

No puede ser la causa mas honesta,
Vno tañа, otro cante, a quien la suerte
Cupiere, sin escusa, y sin requesta.

Serrano.

Ora que sea assi sin mal sin muerte,
A quien la mas cumplida, esse nos taña,
Y cante aquel a quien la corta acierte.

Rodrigo.

La mayor cupo a Bras ; como es tamaña!
La pequeña a Salicio. Bras. Artes vsas?

Rodrigo.

Engañado se vea el que te engaña.

Pelayo.

Suso a cantar sin mas escusas,

Salicio.

Taña Bras, yo diré del Lasso nuesto,
Con buena ayuda suya y de las Musas,
Con grande perdon suyo, y grande vuestro.

****

SALICIO.

En la muerte del buen pastor Nemoroso, Lasso de la Vega.

REzien subido al cielo
Pastor tan raro aca,
De muchos que entre nos pascen la sierra,
Que assi te alçaste a buelo,
En tiempo ati quiça
A nos por cierto estraño, y esta tu tierra,
Temor el seso afferra,
Y flaco entendimiento,
Que sin ayuda darte
Se dispone a loarte,
Solos sospiros derramando al viento,
Y espedaçadas quexas,
Qu'en memoria de ti solas nos dexas.

El nuestro Nemoroso
Que las Musas d'España
En mil regalos auian criado,
Dexado el buen reposo,
Leuolo a tierra estraña,
De Marte el coraçon, o fuesse el hado,
La su çampoña al lado,
Con que fuerças ouiera
De a la muerte poder
Cantando enternescer,
Si ni a la muerte supplicar supiera:
Mas quando assi la vio
Ayrada, y toda fuego, arremetio.

No fueron los ganados
Dignos, no fuimos nós
Pastores de la tierra, ingrata gente,
Por los nuestros peccados,
Que nos dexasse Dios
Gozar de tanto bien permanesciente,
Que tan suauemente
Del Tajo a la ribera,
Y por do quiera que yua
A toda cosa biua
Con la su dulce boz enternesciera:
Y mientras el cantaua
Apolio el su pastor d'alto escuchaua.

Las Nymphas por las manos
Nayadas, y Napees,
Al son andauan, al son desandauan,
Los Faunos, y Syluanos,
Satyros, Cabripies,
Las bastas sobrancejas encarnauan:
Las aues que bolauan,
Partiendo el ayre puro,
Por do sobia el son
Baxauan de rondon,
Dexando el cielo por el suelo duro,
Oyendolo a sabor
El merlo, la ealandria, y el ruyseñor.

Mas aquel claro pecho
Do tanta de vista vuo,
Por esta nuestra noche escura todo via,
Todo tuuo en despecho,
Todo en nada lo tuuo,
Saluo dos llamas en que su alma ardia,
Vna de que tañia
La su dulce çampoña,
Otra de su valor,
Aquel y aqueste amor,
A la su corta vida vna ponçoña:
Mas parateme ledo,
Que siempre gran virtud se acabó cedo.

Alla por essos altos
No van los coraçones
Siempre dubdando, y en nueuos pensamientos
Alla no ay sobresaltos,
No vanas opiniones,
Pagadas siempre d'arrepentimientos,
Y no torres de vientos,
Que amenazan cayda:
Mas cierta y fiel suerte,
Segura de la muerte,
Y de cansacios desta estrecha vida,
Y tiempo apressurado,
A boluerte a quitar quanto te ha dado.

Por otros frescos myrthos,
Y sauzes mas crescidos,
Otros mas verdes prados, otras fuentes,
Entre raros spritos,
Que adelante eran idos,
Destos que aca dexastes differentes,
Que nueuo gozo sientes,
A ti gozoso viendo
Venir el Sannazaro,
Don Sebetho mas claro,
Por la su orilla fresca repartido
Con el su Melisseo,
Del Reino resplandor Partinopeo.

Quanto pastor Toscano,
Que Arno en la deleitosa
Ribera suya, oyo como han cantado,
Vendran aquella mano
Tocar auenturosa,
Que honraua or' el espada, or' el cayado,
Dos que agora han alçado
Sena, y Florencia tanto
Por noble sangre y lengua,
Daño tan grande y mengua,
Que nunca pudo igualalla el llanto,
Aunque fuera de lei,
Iuan Ruscula, y Lactantio, y Tolomæi.

Que daño incomparable,
De ingenios tan subidos,
Embiados aca tán ratamente,
Y la suerte no mudable
A todos los nascidos,
No les perdona como a esta gente,
Suerte que tal consiente
Quan poco ha que los viera,
Agora, agora, agora,
Tan subito a desora,
Mas son de vista, y d'esperança fuera,
Ay fuydiza y vana,
Que fuyes de la noche a la mañana.

Pero buen Nemoroso,
Mal por los tus pastores,
Sin fiestas, sin plazeres, sin cantares,
Dexados sin reposo,
Quien cantará de amores?
Quien las nymphas, y quien otros cantares?
Quien los nuestros lugares
Será que venga a ver?
Quien las nuestras majadas
Antes sin ti nonadas?
Podistenos hazer y deshazer:
Pues nos por ti que haremos?
Si no se puede mas, que suspiremos.

Alçaste el tu Toledo,
Correr mas claro heziste
El noble Tajo al gran padre Oceano,
Mostrarseha siempre al dedo
El lugar do cayste,
Ah, ah, golpe cruel, barbara mano!
Que hazia el Tajo vfano
Commun naturaleza
Mas qu' el rico thesoro
De las arenas de oro,
Con que al mar llega enbuelto en su riqueza,
Que de Numancia abona
Hasta l'antigua, noble, y gran Lisbona.

Al mui antiguo aprisco
De Lassos dela Vega,
Tuyo, el nuestro de Sá viste ayuntado,
Buen tiempo, o mal pedrisco,
Abrigando se allega
Y canta end' el pastor, huelga el ganado,
Elysa el tu cuidado
Que aca tanto plañiste,
Quexoso de la muerte,
Cruel, ay dura suerte,
Quien no plañio? despues do la subiste?
Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte atras, vas te a la vida.

En lo demas pastor que te va a ti,
Todo el daño es d' España,
Si enriquescen tus huessos tierra estraña.

****

ENCANTAMENTO.

Egloga a D. Manoel de Portugal.

FIlho d'aquelle nobre e valeroso
Condé, mais junto á casa alta Real,
Abastára dizer do Vimioso,
Senhor dom Manoel de Portugal:
Lume do paço, das Musas mimoso,
Que certo vós darão fama immortal,
Quando homem cuida que no cabo estais,
Tornando olhos a vos, por vos passais.

Em que vos seruirei cá deste monte
Huma mercê na terra pouco vsada?
Tanto em outra aqui logo defronte:
Aquella Egloga vossa me foi dada,
Encostado jazendo á minha fonte,
De versos estrangeiros variada,
Parescia que andaua a colher flores,
Co as Musas, co as graças, cos amores.

Então tornando em mim, disse comigo,
Certamente eu trazia errada a conta,
Qu' inda ha quem nos renoue o tempo antigo,
De que tanto se escreue, e tanto conta,
Agora me reprendo, e me castigo,
Fazia á nossa Lusitania afronta,
Cudei que só buscaua prata e ouro,
Buscastesme no meu escondedouro.

Andando apos a paga, ouue aos zizos
Grã medo (que o confesso) e a hũs pontosos,
De rostos carregados, e de huns risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos,
Quem tantos tentos, quem tantos auisos
Terá? que empare os golpes perigosos.
E acostumados orá entre pastores?
Que vos venhão cantando os seus amores.

Querem vos por senhor, não por juyz,
Rigores a departe, que são dignos
De perdão os começos: já que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle, hum só dos Lyricos Latinos,
Prouemos esta nossa lingoagem,
E ao dar da veila ao vento, Boa viagem.

PASTORES DA EGLOGA.

Goncalo. *Ines.*

Bieito. *Ereatriz.*

Gonçalo.

QVantas cousas (Ines, madrinha, e tia)
Se me vão descubrindo d'hora em hora,
Inda que faça corpo, e gesto, e ria,

Polla alma de quem mais não pode, afora
Outos respeitos, cumpre auer paciencia,
Té que seja da vida, ou da dor fora.

Aos erros he deuida a penitencia
Por seu conto, e medida, e por balança,
Pello que sabe a propria consciencia.

Peró quando ao contrario da esperança
Em vez de galardão acode a peno,
Quem terá soffrimento em abastança?

Amor que por antolhos tudo ordena,
Mui pouco se lhe dá, nem da fé santa
Quebrada ou tida, grão culpa, ou pequena.

Faz huma e outra cousa o gallo, e canta
Or' eism' ós pés, or' eism' á cabeceira,
Té que o cansaço vence, e me aleuanta.

E voume ao meu fuzil e pederneira
Em fogo aceso, o fogo acendo, e ando
Do quente ao frio, do frio á fogueira.

Assi de cá de lá cansado ando,
Dou volta á cama, abrolhos me semelhão
De claro em claro o coração passando.

Os fracos dos sentidos ajoelhão,
Trabalhão por soltarse, aperta o laço,
Em poder da má dor mal se aconselhão.

Ines.

Afilhado e sobrinho, juras faço
Que disso mais não sei certo que seja,
Só que perdeste muito em pouco espaço.

Quem não morria por aqui d'enueja
De ti Gonçalo em tudo o que fazias,
Que graça, manha, e força te sobeja.

Todos nas festas onde aparecias,
Hum rosto, outro tenção logo mudaua,
Ciscauase outro pellas companhias.

Onde cantauas, ninguem mais cantaua;
Onde tangias, ninguem mais tangia;
Onde te espias, ninguem mais lutaua.

E lembrame que eſtando ora qual dia,
Comigo Andresa, Ioana, e Breatiz,
Tinhamos antre nos certa porfia.

Como ves que huũa diz, e qu' outra diz,
Naquelle proprio ensejo eis que passauas,
Passando dissest' alto, Eu que lhe fiz?

Parece que comtigo aporfiauas,
Como acontece, que hias bracejando,
Sem dar vagar algum, nem o tomauas.

Vite, ouuite, mas caleime; senão quando
Disse huũa contra mim, qual vay Gonçalo,
Como muitos, diss' eu, vay fadejando.

Tudo aquillo são mimos, e faz callo
(Diss' outra) n'hũns assanhos de mimoso,
Ou que olho máo lhe fez algum abalo.

Quando eu já aquillo ouui, s' elle he pontoso
Ou se ha n'aldea samica outro tal,
Contemolo antre nós por trabalhoso.

A primeira tornon como hum coral,
A companheira toda descorada,
Parece que ambas o tomarão mal.

Tanto te sei dizer, he pouco ou nada,
Saluo que ás vezes estes nadas são
Muito ao miolo que já traz pancada.

Gonçalo.

Quantos sonhos que vem, quantos que vão,
Coitado do dormente, que assi jaz
Ora torcendose, ora rindo em vão.

Quanta conta se faz, e se desfaz,
Erradas as pequenas, e as maiores.
Feitas em desauença, e inda em paz.

Ines.

Certo mal comedidos são pastores,
(Aja de ti perdão) sempre queixosos,
Não os entendo nestes seus amores.

Chamão isto antre nós, são rouinhosos,
Não sabem estremar o mal do bem,
Sempre aggrauados, sempre sospeitosos.

Gonçalo.

Mal te saberia ora por ninguem
Nem por mim responder, seja o que for,
Corrão ventos daquem, corrão dalem.

Mas dime tia pelo meu amor
Isso das mais louçãs de toda a terra,
Quanto ha que foi; lembram' a minha dor.

Ines.

Por certo se a memoria me não erra
Contando, o Sol depois não se escondeo
A nós dez vezes, e dez deo vista á terra.

Inda te mais direi que aconteceo
O que já disse, por sinal em logo
Onde tu já cantaste, outrem gemeo.

Dia de muito riso, e muito jogo,
Venceste á lua e á choca, & auantejado
Correste, e em fim cantaste a nosso rogo.

E mais aquelle teu cantar gabado,
De todos tão sentido, e tão queixoso,
Onde me acolherei, tudo he tomado?

Gonçalo.

Como fazendo vai o sol trigoso
Tantas mudanças, quanto dos cantares,
E quanto do cantar fui cobiçoso!

De todos me esqueci, muitos a pares,
Até as vontades muda o tempo, e leua
Comsigo, e do prazer faz máos pezares.

Ell' he o em que vai tudo o que releua,
Faz, desfaz a deshora as agonias,
Não olhes mais se choue, venta, ou neua.

Mas quanto ora ao cantar que antes dizias,
Disso me lembro bem, era em Setembro,
Quando as noites voltão sobre os dias.
Do cantar prouarei se m' hora alembro.

Canta em oitaua Rhima.

Onde m' acolherei? tudo he tomado,
Não aparece esperança nenhũa,
Sombras negras, e feas mal peccado,
Estas si que aparecem, cousa algũa
Não ficou por fazer, tudo he prouado,
E tudo por demais, ouçame a Lũa
Delgada, que transpoem pelo alto monte,
Seus trabalhos cos meus coteje e conte.

E se nos velhos solãos ha verdade,
Bem sabe ella por proua como Amor
Magôa, e haverá de mim piedade,
Endimio tão fallado, e tal pastor,
Entre as flores dormia em flor da idade,
Ella olhando do ceo mudava a cor,
Té das flores ciosa, e agoa clara,
Que o seu fermoso amor lhe adormentára.

Cantão e contão mais, que ouue hum tyranno,
De poder grande, e muito grande auer,
Vendoa moça e menina em corpo humano,
Que andaua a colher rosas, e a prazer,
Salteouha, roubouha, e foise vfano,
Por força, ou por vontade ouue de ser,
Riquezas más, injusto senhorio,
Que ajuntais á vontade o senhorio.

Ora a mãi perguntando longamente
Por hum só bem que tinha, ond' o achará,
D'hũa gente passando em outra gente
Tambem os Deoses culpa, ah sorte má,
E justiça maior que tal consente,
Buscando por demais tudo o de cá,
Achaa no reino de sombras escuras,
Correm lagrimas vans, fazem leis duras.

Partem o tempo de todo deuido
A mãe triste e roubada, a que dos Reis
Dalli veo este nome de partido,
Em que seja forçado, e contra as leis,
Que se póde fazer do já perdido,
As vossas lagrimas que as enxugueis,
Como poderdes, o o o o o

Ines.

Não te deixárão hũa e outrà fonte
Desses teus olhos, sómente acabar,
E os meus, que já tambem punháose a monte.

Andamos em tormenta como em mar,
Com outrem, e comnosco em differenças,
Cuidando o tempo que ha de melhorar.

Pera o corpo se acharão mil doenças,
E pcra a alma cem mll inda peores,
Tantos acordos, tantas desauenças.

Gouernão essa vã idade amores,
Estendese inda ás vezes té a velhice,
Quando já tudo he pressa, e tudo dores.

Que lhes fallesce de clara doudice?
As mãos, os olhos desassossegados,
Choros e gritos, como em meninice.

Aquelles seus suspiros apressados
Aos ventos que ouuindo homem desatina,
Aquelles seus imigos, seus cudados.

Goncalo.

Passou ora qual dia hum çamphonina
Polla aldea cantando, era elle cego,
Guiáuao loura e bella huma menina.

Tam-

Tambem aquelle não tinha assossego,
Chegamonos a ouuir certos pastores,
Pelayo, Pedro, João, Gil, e Diego.

Parece que suaua ainda suores
Mortaes, do peito suspiros sahião
Aos pares, cantou bem, mas mal de amores,
Feznos entristecer quantos o ouuião.

Cantiga do cégo.

Vn tiempo mirome Helena,
Sospeché que eramos mas,
Nunca cosa hize tan buena,
Como no miralla mas.

Amor anda en sus consejas,
Mas bien seria gran'loco
Quien de sus mañas tan viejas
Mucho fiasse, ni poco,
Alma de lastimas llena,
A que vienes, y a que vas?
Que puedes negar Helena
A quien los tus ojos das?

Enemiga y suerte triste,
Hasme la vida quitado,
Y a quien piensas que la diste
Quiçá que nada le has dado.
Harto mal, peor se ordena,
Mas que debato yo mas?
Si aun de ti a pena, a pena,
Ne sé si lo negarás.

Y estos ojos de mis juras
Si se burlan, a la fé
No se fien en locuras,
Caten que los quebraré,
Esta culpa sea agena,
Otras son mias assaz,
Por razon va que en la pena
Vença lo que pena mas.

Ines.

Razões d' impeto cheas, e paixão,
Não quero ora dizer que seja engano,
Mas que ás vezes por si mesmas se vão.

Não faças longo com queixumes o anno,
Tente como aruore aos ventos em pé,
Dá tempo, dá lugar ao desengano.

Gonçalo.

Não me dirás madrinha Ines até
Quando esperar me mandas hum ingrato,
Que dizem que não ouue, e que não vê?

Es-

Esperei e soffri, fiz mal barato
De mim, e quem mal cae, diz que mal jaz,
A Deos, madrinha, tornome ao meu fato.

Ines.

Quizerate dizer, vaite ora em paz,
Porém com que esperança? mas quem vejo
Lá vir, que em queixas todo se desfaz?

Gonçalo.

Este vos he Bieito, e bom varejo
Dizem qu' elle ouue o gano, e anda a caça,
Ay que não sei de mim, e outrem correjo.

Neste mundo d' escarneo tudo he graça,
Não sabemos o quando, como, o quanto,
Aas vezes muito bem mal te ameaça,
Offertese cada hum, tia, a bom santo.

BIEITO.

Quem deo a Amor quebranto e fez cruel?
Quem tornou tudo fel, quanto aprazia?
Que se fez deste dia oje tão claro?
Como se vendem caro os pensamentos!
Que foi daquelles ventos d' hora em ante?
Mandame amor que cante a frauta branda
Que jogos faz? em que anda á custa alhea?
A Deos por sempre aldêa, até que caia
Debaixo ou desta faya, ou deste freixo,

Por

Por onde m' hora queixo andando em vão,
Alli se acabarão muitas contendas,
Vaise a agoa pollas fendas, feit' he a conta,
Hum pouco mais que monta de tal vida?
Toda cousa nascida, quantas são
Naturalmente dão do seu perigo
Sinal, como a imigo, porque seja
Auiso a quem o veja, que não tarde,
Vemos o fogo que arde, irlhe diante
Fumo escuro que espante: ante a tormenta
Pellas deuesas venta leuemente,
Ameaçando a enchente, vem zoando
Vem de braua escumando, abate, estronca,
O mar de longe ronca, alçase inchado,
Logo a algum abrigado polla terra
O pescador afferra, com grã pressa,
Pollo monte atravessa o máo faminto
Do lobo, por destinto o gado attende,
Ajudase, defende, e agasalha,
Ordenase em batalha, hum vsso erguido,
Corre logo o appellido, e sae sem côr,
Da cabana o pastor, que todo treme,
Do dano o medo empreme antes do danno,
Ora este amor humano, que assi apraz
No começo, e assi em paz a alma repousa,
Huma tão branda cousa, com que empece
Isto como acontece á natureza?
Que de certa se preza? quem diria
Onde triste trazia isto escondido?

Ines.

Ines.

Traspoz, e em vento he ido como tudo
Soar fazia a ribeira tambem,
Parece que ficou todo este ar mudo.

Gonçalo.

Vês alli o que faz: mas eu com quem
M'esteu tla fallando? *Ines.* Inda lh'ouui
Suidades do meu mal, todo meu bem.

E tu não cudarás qu' isto he assi,
Que são queixas vãs, como vos dais
A mór parte a André, fosse ora assi.

Ine.

Tambem vosoutros todos vos queixais
(Como já disse) muito, e mais costume
Parece, que rezão que ora tenhais.

Cad' hum se chama facha ardente e lume,
E fragoa, onde se proua sua fineza,
E destes taes, queixume apôs queixume.

Quizera nos amores mais simpreza,
Ou digo que os quizera mais singelos,
E mais dissimulada esta tristeza.

Não os queria assi tão amarellos,
Nem tão achacadiços, este geme,
Destoutro chorão os seus olhos bellos.

Outro por Iulho e por Agosto treme,
Arde em Dezembro, fogo á claridade,
Suspeitoso, de si mesmo se teme.

Mas emprendia or' eu outra vaidade,
Deixarnoshemos d' estar mais ás chaças,
Cuido em fazerte mal, bem á vontade.

Gonçalo.

O tia prazer ajas, que assi o faças
No que poderes, seja sem trespasso,
E quanto a mim, mas qu' inda me desfaças.

Ines.

Hum pouco se nos vai fazendo escasso
O tempo, porém peito á montanha,
Crescem as sombras, vá crescendo o passo.

Gonçalo.

Passadas dizes? ora olha esta tamanha,
Qu' aqui te dou, log' outra e outra aperto;
Ora vejamos quem mais terra apanha.

Ines.

Tenho suspeita qu' erão em concerto
De fazer romaria as mais loucãs;
Póde ser, e não ser, valha o acerto.

E que nos saião as passadas vãs,
Não serão já as primeiras, mal peccado,
Nem dizem sempr' as tardes coas manhãs.

Gonçalo.

Como logo s'enxerga o bom cuidado,
Inda somos a tempo, he bom sinal
Tanto amarello, azul, tanto laurado.

Ines.

Olha que em tudo o soffrimento val,
A cabeça não corra mais que os pés,
Quem guia sempre seja a principal.

Gonçalo.

O' boa tia, e grande amiga Ines,
Tu me guia e gouerna, qu' eu não rejo,
Não sei; tu sabes; não vejo, tu vês.

Ines.

Olha que não t' empeça o ser sobejo,
Que se hũa ora aproueita, muitas dana:
Benzete do diabo, e do desejo.

Cada hũa destas moças anda vfana,
Cuidão que o sol lhes baila, são gabadas,
E já não ha quem cuide que se engana.

Guardemonos das horas mingoadas,
Se nos sentirem, logo hão de pôr sello,
Qu' eu sou a que ando nas mexericadas.

Mas afilhado tornas te amarello,
E branca a boca como esta toalha,
Tens as mãos frias como hum caramello.

Gonçalo.

Ó tamanho aluoroço a tudo atalha,
Muito mais o prazer, que a paixão, toma
Poder do coração posto em batalha.

Esforça, que huma moça o adufe em soma
Começa de tanger com tanta graça,
Parece que transpoem, ora que assoma.

Or' eu por fiador, a alguem prol faça,
S' ella tão bem cantar como parece,
E como soe, qu' inda ella oje nos faça
Desta tarde que he já, quando amanhece.

Breaiz canta.

CANÇÃO DO ENCANTAMENTO.

Em tempo antigo, longe, em terra estranha,
Hum Rei, e huma Rainha
Ouuerão filhas: a primeira veo
De beldade tamanha,
Que alguma igual não tinha,
Sómente a que depois foi a do meo:
Mas logo sobreueo
Inda outra, qu' estas fez, como ás estrellas
Faz o Sol claro tanto que aparesce.
Fallauão caualleiros e donzellas,
Como nas cousas raras acontece,
A gente se lhe offrece
Como a Deosa immortal,
Té do bem o sobejo sempre he mal.

Não

Não soffreo tal offensa Amor altiuo
Que fosse ás Deosas feita,
Seu arco encorda, os tiros apurou
De chumbo e d'ouro viuo,
Vbando ao ar se deita,
N'hum momento tudo atrauessou:
Mas muito se enganou,
Que quando aquella Iffante ante si vio,
Fugiolhe o coração, a frecha cae,
E no pé que diante hia o ferio.
Chora o mimoso, e grita polla mãi,
Com tal conselho sae,
Faz hum parque encantado,
Hi geme, alli suspira magoado.

Ia dantes disto áquella accesa fama
Da fermosa Princeza,
A grande Venus toda receosa,
Os seus Archeiros chama,
Em secreta defesa,
As mostras são porém de andar ociosa,
Quando polla amorosa
E delicada praia rumor corre
Incerto assi do pouo
Que o poderoso amor de amores morre:
Mas outra e outra vez torna de nouo,
A mãi com tal renouo
Poem atrás tudo, e ceuã
A moça de alto sono, e ao parque a leua.

Cae

Cae a noite do ceo, mas he de lumes
Vencida, e fazem dia,
Alli acordada vê viuas pinturas,
Ardem ricos perfumes,
Os cantares que ouuia
Erão pera abrandar as pedras duras:
Poemse a mesa: figuras
Correm, de vasos sem preço e sem conto
Mansamente ordenado, e sem peleja,
Tudo se faz alli prestes n'hum ponto,
Que banquete quereis que o d'Amor seja?
Não acha alli a inueja
Que possa desdenhar,
Nem appetitos que mais desejar.

Mas eu porque me vou ora detendo
Por cousas que o sentido
Deixa por hum tamanho espaço atrás:
Respeito ao sol auendo,
Direi d', hum só partido
Que amor logo tirou, mas duro assás,
Disse: Não me verás,
Contentete o que vês: a sorte esquerda
Tudo acomete, vá tal pensamento
Em pedaços ao vento, cuida a perda
De se esuaecer tudo em hum momento,
Ha mister soffrimento
O mal, e he o bem
Pouco estimado daquelle que o tem.

Promete do por vir ousadamente,
Fazemse comprimentos
Em abastança, temse depois mal,
Deseja ver sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Querlhe mostrar andando o tal e o tal,
Cousa que tanto val,
Cos nossos coraçõezinhos pequenos:
Ora indo assi crecendo estes desejos,
A fermosura cada vez he menos,
Quanto de mimos mais, mais dos entejos,
Em fim (diz) bens sobejos
Sem as minbas irmans,
Não sois riquezas não, mas visões vans.

Ouuio, e estremeceo Amor, com tudo
Ouue de dar licença,
E diz no cabo: Pois ella assi quer
(Por hum pedaço mudo
Esteue) e porém vença
(Tornou) vsada assi sempre a vencer:
Vemna as irmans ver,
Mas vendo hi tanto de que auer inueja
Mais tristes que antes (dizem) mal fadadas,
Co que se perde aqui, co que sobeja,
Foramos todas bemauenturadas:
Nadas, menos que nadas
Nossas fracas riquezas,
Como esta as chamará tudo pobrezas?

A moça amostra cá, e amostra lá,
Do que não vem lhes conta,
Andaua á face toda, ellas d'enues,
Não soffrem ver mais já,
Não podem coa affronta
Com tudo: e cedo irão dar a traues;
O sol anda de pés,
E juntamente prazeres desandão:
Tambem as que fingião suspirauão,
Quem sabe os coraçoes alheos que andáo
Fazendo? se quereis, inda chorauão,
Mas donde se entornauão
Aquelles vasos de agoa?
Parecia irmandade, ella era magoa.

Não se pode mais ter huma: E em tal vida
Que gosto podes ter
(Disse) nossa irmã triste assi enganada?
Choramoste perdida,
Vinhamoste ora a ver,
Tornamoste a chorar por mal achada.
E feita mais ousada
Tomoulhe a mão essoutra: E quem seria
(Disse) que cuidasse al, se te ama tanto?
E se tal fosse, elle s'amostraria.
Respondes que não quer, disso m'espanto,
Ora eu não to aleuanto;
Mas dizem neste lago
Que ás sonoutes se vê voando hum drago.

Não disse mais: os olhos não seis mais
E os geitos, que disserão,
Fazendo casos: a moça enfraquese,
Vão suores mortaes:
Todas nisto vierão,
Que quando ha tempo, o dilatar empece:
Eis a barca aparece
Em que se hão d'ir, deixão hum lume aceso
Ordenão o que faça antes que váose,
Vejase em todo caso o tão defeso
Esposo, e tão gabado, então descanse:
Outra vez as mãos dãose,
Soltão ao vento a vella,
Fogem ellas co barco, coa praia ella.

Ora já noite, chega amor cansado,
Lançase no seu leito,
Lançase á boa fé, e dorme quedo:
Da Iffante o delicado
Singello, e brande peito
Vencese, ora de amor, ora de medo:
Descobrese o segredo
D'Amor (cousa diuina) olhos humanos
Como terse podião ao resplandor?
Malina inueja, que causou taes dannos!
Deixao dormir, dormisse sempre Amor:
A simple com temor
Os passos desconcerta,
Caelhe no peito o fogo, elle desperta.

Quan-

Quantos, e que suspiros ahi de nouo
Que gritos amiuda!
O iardim deleitoso em hum momento
Em brejo escuro, e couo
(Quem o crerá?) se muda,
Que se fez de tão rico apartamento?
Cousas sem fundamento
Assi se tornão em nada a desora:
As más irmans, mas furias infernaes,
Com' bichas assanhadas lanção fóra,
De si mesmas paga hajão as taes:
A moça ensinou mais
Simpreza santa, e jouue,
E chorando em terra hum tempo, perdão ouue.

Esta canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Iá alguma acena, e diz:
Não sei qu' eu disto ouui, em tod' ou em parte.
Perdão de parte a parte,
Vós mesmas m' ensinastes,
Que do que outr' ora ouuistes nos cantastes.

****

EPITHALAMIO PASTORIL.

A Antonio de Saa, no casamento de sua filha a Senhora Dona Camilla de Saa.

DErecho successor, firme coluna
Desta casa de Saa, que siempre entera
(De las edades corriendo cad'vna,)
Por si segura, y tan constante, espera,
(Que reja, o no reja la fortuna,)
Cogida, o desplegada la bandera,
En vós quanto esperar se puede sobra,
En quien corren a par desseo, y l'obra.

Y no qual por aqui pechos vfanos
De sus blasones y escudos pintados,
(Cuentos inciertos quiçá, y algunos vanos)
(Porque puedan passar) mucho ha passados.
Quien fizo differencia de villanos
A caualleros, blandos, y enseñados?
Sino proezas y buena criança?
Toman las fuerças al tomar de lança.

Vós

Vós aunque tantos costados contaes
Noble de toda parte (como aqui
Bollicio algun se siente) alla bolaes,
Testigo es Cepta, testigo Çafi.
Con quanta diligencia que buscaes
Grandes afrentas, y no a la buelta ansi,
Mas en reposo todos los recelos,
Que reposo no os dan vuestros abuelos.

Cuentase destas fiestas con espanto
Alla entre nós, mandadnos dar la puerta,
Cantarosha esta gente aqui entretanto
Que el mayor regozijo se concierta,
Aunque al palacio só conuenga tanto
La çampoña Aldeana, aun poco abierta,
Y en fin vn Pithalamio, otros cantores
Ah de los mios Amores, Amores?

Pastores del Epithalamio.

Nuño, y Turibio.

Nuño.

A do te lleuan Turibio los pies?
Mas yo que digo? Eres tu este, o no?
Ni si te veo sé, ni si me vees.

Tal te paraste? quien te demudó?
Mal espantado me has, y no se estrece,
Que alguna escura sombra te assombró.

No sé de mi quiça que te parece,
Puede ser que otro tanto: mas pariente
En ti mui poco de ti remanece.

Turibio.

Piensas que con los pies, y no otramente
Somos aca y alla soncas lleuados,
Como los mas se piensan dessa gente?

Eres en muy gran yerro, y si guiados
Cuidas que somos de los nuestros ojos,
Los nuestros guiadores son cuidados.

Que d' antojos nos lleuan en antojos,
Como plumas que alçadas lleua el vieuto,
Si vna vez de plazer, muchas de enojos.

A my lleuame orá assi sin tiento
No (como dixe) pies, mas no sé quien
Que a pocas no me sobra entendimiento.

Nuño.

Lo que yo pariente diria que fué
La tu alma enagenada en fuerte punto
Passose a cuerpo ageno, y d' alla vee.

D'alla responde a lo que te pergunto,
A ti mismo eres fecho como estraño,
Biues en otre, en ti y'eres defunto.

Vna mala dolencia, vn claro engaño,
Antojadizo, sin juizio, o tino,
Oy mal y cras peor, al mes y al año.

Yo no soy escolar, mas adeuino,
Que bien indalgaré sin errar nada,
Como vn ciego que está cabe el camino.

Mas es fatiga vana, y mal tomada,
Por vn yerro comun de los zagales,
Que por rodeos van, dexan la estrada.

Atiente, si me crees, a las señales,
Mas que a palabras destos transportados,
Que mucho mas que el bien precian sus males.

Dizese en general que enamorados,
A todos juzgan los otros por ciegos,
Y al contrario ellos son d'ojos quebrados.

Bien entiendo pariente aquessos juegos,
Iuegos son y digo, o que? digo locuras
De los pastores, y aun de palaciegos.

No sé darme à consejo, voime à escuras
Hasta que estos antojos y uso cayan
Y a plaça vengan sueños, y colturas.

Nuño.

Ciertos breuages sé, con tanto que ayan
A ti mismo en ayuda, si los beues
Yo fio que la puerta al quicio trayan.

Turibo.

Quien sabe que podra? son cuentos largos
Los mios, va mi mal mui de rondon,
Hé miedo de añadir cargos á cargos.

Nuño.

Que poquedad es essa? eres varon,
Vees la verguença que es peor que el mal,
Leuantate a pesar del coraçon.

Toma a la soledad odio mortal,
No te engañen lugares deleitosos,
Abrigados al cierço y vendaual.

Los prados con las sus fuentes hermosos,
Flores, y arroyos, que van discorriendo
Con los sus pexezicos bulliciosos.

Abejas que andan la su miel cogiendo,
Con el zonido sordo por la flores,
Y no vees que alli falte, ellas partiendo.

Y luego buelues suspirando Amores,
Sin que os coste nada, me podreis
Hazer el mayoral de los pastores.

Tiene por cierto Amor estrañas leyes,
Mas lo que con paz tuya dicho sea,
Tomado lo aueis tal, tal lo teneis.

Auisote tambien quando alborea,
Tus oidos atapa al cantar blando
Del Ruy señor que el ayre y el bosque arrea.

Ruego, requiero, y si mas puedo, mando
Que arrojes lexos de ti la çampoña,
Los tus cantares no vas recordando.

Trae cada cantar su carantoña,
No podrás con la carga y graue peso,
Es musica a aquel mal, clara ponçoña.

No confies (te auiso) del tu seso,
Al tu peligro busca compañia,
Que te ayude a soltar, ya que estás preso.

Del buen amigo todo lo confia,
Descargate seguro en sus oydos,
Que en noche tan escura cumple guia.

Va pidiendo prestados los sentidos,
Que los tuyos ya vees que los perdiste,
No te pierdas tambien tras los perdidos.

Mas peccador de my que no me oyste,
Estoyte hablando, pero que aprouecha?
El cuerpo aqui se está, tu trasposiste.

Turbio.

Conuieneme passar la puente estrecha,
Y (como dizen) beuella, o vertela,
En fin que fue verdad la tu sospecha.

El alma mia a aquesta parte, y à aquella
En vn punto lleuada, mal podria
Estar queda, segura, y sin querella.

Niño.

Turibio contra el mal de fantasía
(Que es ligero, y acomete hombre a desora)
Cumpre vella, atalaya, escucha, y espia.

Y no dexarte trasportar cad'ora
Diziendo, ó que sua Olaya tan loçana?
D'aquellos ojos quien no se enamora?

Si es fresca, tan apuesta, y tan galana,
Como no es tal a Diego, y es lo Elena?
Y a Pedro Elenano, es lo Ioana?

Y esse tu cuerpo grande como acena
A caerse cansado, arde el pauilo,
Veese la llama, la candela apena.

Ayudate Zagal ayrado, dilo
Contra ti mismo, ayas de ti verguença,
Como vn bouo no estees preso d'un filo.

Vees que amor al peor siempre enderença,
Despierta la razon, lidi en abraços,
Ayudala, si quier que vna hora vença.

Turibio.

Ay las mis cuentas, antes embaraços,
Aqui estoy mal, peor si la mi tierra
Me dexó, haziendo el coraçon pedaços.

Que mirando despues d'aquella sierra
Hazia esta, pienso quan triste diria
Quien me lança de ti? quien me destierra?

Ado me lleua Amor? que es la mi guia?
El fuesse el buen juez, pesasse el yerro,
El pesasse el tormento, y cuita mia.

Ansi passando mal de cerro em cerro,
Ora mirando aca, ora aculla,
Todo se es aguzar hierro con hierro.

Nuño.

Por demas son remedios, mi fé ha
Aquien oyllos no quiere, ni vellos,
Vasija rota, que toda se vá.

No se puede saluar ni por cabellos,
Son quien se ayuda, y aun esse con fatiga,
Quien remedios quisiere ande tras ellos.

Date, date al trabajo, el cuerpo obliga,
Sabe que reina Amor en ocio blando,
Luengo y duro trabajo lo castiga.

Toma el açada, vaa despedaçando
La tierra no mollida, enxiere y planta,
Vê la siebe, y pared y vallo alçando.

Desuelate la noche, el lobo espanta,
Aticia los canes, como si lo viesses
Ya la oueja afferrar por la garganta.

Despues cansado vella que no cesses,
Al fuego trabajando en tu cabaña,
Que mejor de trabajo es que muriesses.

Nunca falta al pastor que bien se amaña
En que se passe la noche sombria,
Y el trabajo talvez cantando engaña.

Refresque siempre la melanconia,
Los dessabridos desprecios, y brios,
Que Amor passando vé de dia en dia.

No te combido con breuajes frios,
Hechizos suzios, magicos cantares,
Vanos remedios, antes desuarios.

Yeruas dallende de los nuestros mares,
Cogidas a la Luna, en las entrañas
Buenas a quitar vidas, no pesares.

Cuentan las viejas en las sus patrañas,
De cierta encantadera, que boluia
Los que arribauan ende, en alimañas.

Era vna Isla en la mar, alli gruñia
El puerco, vuiaua el perro, el osso tanto
Temido, el Leon brauo ende rugia.

Turibio.

O buen amigo, tu no vees que en quanto
Nós departimos, sube vna auezilla,
No sé ni si es cantar, no sé si es llanto.

Subio, que malaues aturo a oylla,
Ni vella, son de quando en quando á pena,
Digo en buena verdad, que vue manzilla.

Nuño.

Parecia espiritillo que anda en pena
Por esses ayres, Nuño, si la oyeras,
Dizen por esso tal, Hija sey buena.

Turibio.

Ora, Nuño, ora di, cuenta deveras
Que deveras te escucho, y estoime atento,
Cuentame mas daquellas hechizeras.

Nuño.

Seria esso tener mano en el viento,
Si no hablo mal, empero si lo has gana,
Otro te contaré, dexo aquel cuento.

Turibio.

Perdona amigo a la cuita villana,
Que comigo arremete, y sobresalta
Esta alma mia, mal cuerda, y mal sana.

Y fazeme caer cad' hora en falta
Mas cruenta Nuño que atento estaré,
Aunque en el pecho el coraçon me falta.

Nuño.

De Ribero has sabido bien quien fué,
Quanto pudo en tañer, quando en cantar,
Del, y Gil otro tal, te contaré.

Y quando otro tal digo, has de pensar
En algun gran pastor de nuestros hatos,
Que con el ser oydo pudo a par.

Acuerdome a la sombra d'vnos latos
De sauzes altos, verdes, y graciosos,
Se ajuntauan pastores muchos ratos.

Como vees que acontece a los ociosos,
Hablar desto, y de aquello, y mas zagales,
Que son parleros, y son porfiosos.

En fin fin los conciertos fueron tales,
Cad' uno destos cante su cancion,
Vno bienes d' Amor, otro los males.

Es de saber, Ribero en la prision
D' Amor sus quexas nos representasse,
Las sus grandezas Gil al mismo son.

Turibio.

Ay mi buen compañero, no traspasse
Tamanha occasion al mi desseo,
Darm'has la vida, que anda al passe, passe.

Comigo hermano hasta agora peleo,
Agora pelearé soncas contigo,
Que muchos dias ha que lo desseo.

Nuño.

A la ribera d' vn gracioso rio
Quantos aquella vez eran presentes,
Ribero todo demudado y frio
Cantó temblando los versos siguintes.

Canta Ribero los males de Amor.

Mandaesme ora que cante,
Triste que cantaré?
Y mas d' Amores que enemigos son?
Mandadme que leuante
Suspiros, que esto sé,
Conformandome al tiempo y a la razon,
Pues atinando al son,
Quexoso de mis daños,
Diré mil desconciertos
O que seran mais ciertos
D' Amor, y como quier, por cierto stranos.
Que me han este mal sano
Pecho, todo metido a sacomano.

Esto que Amor llamaes,
(Del qual me aveis forçado
Entre vós a dezir) mas razon fuera
(Si a las obras miraes)
Del ser antes nombrado
Enemigo cruel, son que yo me muera,
Sabeis de que manera
Por bosques solitarios,
Nos lleua dando gritos,
Suspiros infinitos,
De que son nuestros pechos tributarios,
Si aquella es la su cura,
Por sus remedios, vereis que es locura.

Despues mirad sus fuegos,
Sus mudanças tan prestas,
Sus gestos, sobresaltos, y meneos;
En verdad que son juegos,
Que corren sobre apuestas,
Lleuados de los locos sus desseos.
Viejos demonios feos,
Teñidos, mal teñidos,
Los gestos trasportados,
Los pechos ora inchados,
Ora del todo en vista consumidos,
Muerdese vno arrauiado,
Otro statua de piedra, anda pasmado.

Viene otro murmurando
Consigo, y no se entiende,
Todos se burlan del, y el no los vee,
Vanlo al dado indilgando,
No espereis que se emiende,
Siempre esto assi será, siempre assi fué:
Como me ayuntaté
En tan poco d'espacio,
Tantas diuersidades
De las sus liuiandades
Que aun pensar no se pueden sin cansacio:
Diré solo esto poco,
Qu' a tantos de mil locos manda vn loco.

Tambien yo mal peccado
Ende voy de consuno,
Que ni lo que hago sé, ni lo que digo.
Hemos mal barajado,
Yo comigo importuno
Como enemigo con otro enemigo,
Quando se siembra el trigo,
Quando anda por las eras,
Passa vna, y passa otro año,
No sientes el engaño,
Son quando ya del todo desesperas.
Sin ya triste en ti ser
Ir adelante mas, ni de boluer.

Que valles no corri?
Que bosques no busqué?
Que peñas? que escondrijos d'animales?
Por me furtar a my?
Qual destos cerros fué,
Que no sepa mis quexas desiguales?
De que rios caudales
No rebolui riberas?
Ora arriba, ora ayuso,
Qual monte no respuso
A mis finales bozes lastimeras?
Tan claro que yo boluia
Ojos atras, por veer quien respondia.

Engaño poderoso,
Meter yo mesmo en seno
Vn fuego que ende alçó llama tan braua?
Amor tan gracioso,
Amor tan blando y bueno,
Como tanto de mal dissimulaua?
Que cad hora me laua
De lagrimas el gesto,
De tal color teñido
Que es trabajo perdido
Esperallo lauar soncas tan presto,
Onde esperança pone
Corriendo alla me lleua, ella traspone.

En infierno, ay quien cuenta
Por vn monte alto arriba
Q'vn canto a cuestas sube vn condenado
Iamas por jamas se assienta,
Quando que a lo alto arriba
Resuala, y buelue el peso atras priado:
Prestamente el cuytado
Torna a la su demanda,
Eislo sube del hondo
Con su carto redondo,
Qu'otra y otra vez cae, y enbald'anda
Igual embaimiento
Lleua, y trae el Amante en tal tormento.

Que

Que vos dirie d' Amor que no sepais?
Enemigo cruel,
Que los mas suyos mas se quexan del.

Ansi cantó Ribero, y vimos claro
Mientras cantaua, que lo interrumpian
Muchos solloços del su pecho amaro.

Lagrimas de los ojos le cahian
Vnas tras otras por la cara ayuso,
Con harta compassion de los que oyan.

Turibio.

Yo vide algunos versos que el compuso
Quasi todos llorosos, tuuo vena
Blandissima, y aun mas blanda con el vso.

Mas Gil por la tu fé (si no te pena)
Que vino de la su parte arguyendo,
No le avia a faltar gracia, ni lena.

Nuño.

Primero vuo que hazer, vnos diziendo
Que el su mal proprio cantara Ribero,
No los d'Amor, los otros defendiendo.

Que ansi dezian quien se paga el fuero
Sabe sus males de toda manera,
Del cabdal, de las geras, y dinero.

Con todo Gil, bien vimos que quisiera
Descabullirse al reto porfiado,
Por buena voluntad no fallesciera.

En fin tomó el Rabel como forçado,
Y afinando lo estuuo cuerda á cuerda,
El arquillo bolaua, y ansi afinado
Acudia apuntando con la esquierda.

Canta Gil los loores de Amor.

No veis como al cantar
D' Amor el Sol se aclara?
Las auezillas a buelo se enguieron?
No veis regozijar
Los pezes al agoa clara?
Luego aca, luego alla se arremetierõ?
Mas ah que me fuyeron
El aliento y la lengua,
Dubdando a la empresa alta
A tal tiempo, tal falta,
A quien boluerme deuo en tanta mengá?
Son al fresco moçuelo
D'Amor, que siento andar cercano a buelo.

Amor

Amor que en vn momento
Visita este ayre puro,
Del nombre solo, quien no se enternece?
Comun consentimiento
Le dió deidad de juro,
Y niñez, que jamas no se enuegeçe,
Todo desaparece,
Y todo a prissa fuye,
Pera no boluer mas,
Ya fuera todo atras
Son, que Amor su merced) lo restuye
De nueuo refaziendo
(Quien lo puede negar?) siempre aplaziendo.

Em primauera vfana
Mirad que se enamora,
La misma tierra, ved como se arrea
D'oro, y plata, y grana,
Viene Pomona y Flora,
Que la cubren, vestiendo a su librea:
Verá quien quier que vea
Toda cosa criada
D' Amor fauorecida,
De nueuo ir dando vida
En rios, en la tierra, y en mar salada:
Saltar pezes tan altos,
Que mas parecem buelos, que no saltos.

Las

Las aues y las fieras,
Que nacen tan armadas,
Luego en poder d'Amor se paran blandas,
Mas antes lisongeras,
Las fuerças oluidadas,
Ronceando se van en sus demandas:
Senhor que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra Aldea,
Inchelá toda d'Amor, y odios quita,
Que por muy buena suerte
Todo eres vida Amor, desamor muerte.

Entre flores suaues
Si estás contra tu gado,
No te podran tener, ni aun en cadenas,
Ay quanto que son graues,
Las fiestas al ferçado,
Quanto bien ende ven, buelue se en penas.
Malas cosas y buenas
Haze Amor, y deshaze,
D'absoluto poder,
Quereislo claro veer?
No llamamos plazer, son lo que aplaze,
Quanta noche esclarece,
Y quantos dias que Amor escurece?

Cier-

Ciertos emboluedores
Falsos, y fementidos,
Entran hurtados (siendo Amor ausente)
Al arrayal d'Amores,
Ende desconoscidos,
Toman a engaño al simple, al innocente;
Causa que tanta gente
Vaya con boz llorosa
Demandand piedad,
Tornad en vos, tornad,
Que aun trabajos d'Amor, son dulce cosa,
Catad que essos moçuelos
Que por Amor passais, son malos celos.

Amor nunca abalado
Por mucho que sea assas,
Si a lo que se le deue se miró,
Quien al mal prolongado
O fuesse en guerra, o em paz,
Puso dulce esperança, si Amor no?
Quien el palacio enchió
De ricos atauios?
Aquellas opiniones
De galas y inuenciones,
Que serian sin el? son desuarios?
El puso ende las danias,
Arde el palacio todo en biuas llamas.

Y a nos quien nos sostiene
Entre tantos sudores,
Desta vida cansada aca de fuera?
Saluo este Amor, que viene
Con los sus lamedores,
A esforçar vno a vno que no muera?
Templad d'una manera
En sus iguales modos
Estos nuestros rabees,
Tocad vno despues,
Sin que otros no toqueis, responden todos,
Amor que no podrá,
Si tanta fuerça a los conciertos dá?

Es trabajo sin fin que me aueis dado
Que alabança mayor
No quier Dios de nos mas, que solo Amor.
Ansi nós canto Gil, y a nos boluido
Dixo, esto fue complir vuestro mandado,
No cantar, no tañer, que no lo ha fido.

Turibio.

O mi buen compañero, ah que me has dado
La vida con las tus buenas canciones,
Menudamente de todo acordado.

Nuño.

Si ansi Turibio te plugon sus sones,
Oyendolos a estos, que fizieras:
No pude mas, conuiene me perdones.

Mas tu quiçás no vees las cantaderas
Que alla parecen? que frescas Zagalas
Vestidas como a guisa d' estrangeras.

Dos Mengas, dos Eluiras, dos Pascoalas,
Semejan entre mil como escogidas,
En cuerpos, gestos, gracias, y en las galas.

A fiestas deuen d' ir tan guarnecidas,
Y tan acompañadas, abalemos

Turibio.

Ah Nuño, como? y a fiestas me combidas.

Nuño.

Otros a tantos de Zagales vemos
A la porfia contra les teniendo,
No lo sufre razon que tal dexemos.
Passar Carillo, viendo, y no lo viendo.

EL EPITHLAMIO.

RAzon ay que tal sufra? vna donzella
Criada a mil regalos, en el seno
De su madre, ella çaharenha y bella,
Que venga vno de fuera, vn como ageno
Y que la lleue mientras se querella?
El gesto todo de lagrimas lleno,
Que se puede pensar cosa mas fea?
Entrada de enemigos el Aldea?
Sá, Saa, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Padres, madres, hermanos son vencidos
En los proprios amores verdaderos
Destos esclauos que llamais maridos,
Hasta la muerte sanos compañeros:
Pero los suegros (como embeuecidos
Del plazer grande) piden nueuos fueros,
Dad que gelos deueis nietos a pares,
De que donayres cuenten a millares.
Sá, Sá, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Ay Zagalejas nuestras tan preciadas,
Y vos que lo pensais, porende altiuas
Andais (al parecer) glorificadas,
Que no semejais quasi a cosas biuas:
Perdeislo todo como sois casadas,
Passaisuos de señoras a catiuas,
Quien lo puede negar? y en tanto daño
Apesar de razon, vence el engaño.
Sá, Sá, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

No se puede negar que todo fuye,
Quanto mas las liuianas voluntades,
Este tiempo gloton todo destruye,
Las duras peñas, quanto mas beldades,
Tan delicadas, quien lo restituye
Todo, si Amor, no por sus bondades?
El solo nos defiende a la fortuna
A las bueltas del Sol, y de la Luna.
Sá, Sá, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Essa restitucion de que acenais,
(Que son los hijos,) ay las sus fatigas,
Ah los trabajos grandes que callais,
Dissimulando cuitas tan antigas:
Que vosotros sabeis que las causais,
Dias crueles, noches enemigas,
Desigual parçeria, juzgue Amor,
La parte flaca mas, passa peor.
Sá, Sá, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Passais desgradecidas como en juego
Tantos suspiros de los seruidores,
Oyame el turbio Duero, oya el Mondego,
Cad' uno con la su fuente de Amores,
No sabeis como va derecha al fuego,
Arbol sin frutto aunque lleue flores?
Y dize el que la riega, y que la escaua,
Que quiero mas aqui dest' Arbol braua?
Sá, Sá, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

O dulce libertad como te vás
Assi cubierta de nombres pintados!
Que nunca buelues ni apareces mas?
Corre el engaño todos los estados,
Si pudiessen boluer tiempos atras
Como no pueden, ni consienten hados,
Auerian lugar buenos consejos,
Seriamos a nós buenos espejos.
Sá, Sá, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Relampaguean fuegos que nos ciegan,
Veis quanta gente? veis quanta señal?
Y todas d'alegria que saltan y se allegan
A nos, que no será soncas por mal,
Estas lo que mas dessean, niegan,
Los sus esposos, no les creais tal,
No os engañen fingidos sus enojos,
No las lagrimas falsas de sus ojos.
Sá, Sá, por ayre, tierra, y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

* *

Glosas, Cantigas, e Chistes ao modo Italiano.
De Francisco de Saa de Miranda.

Glosa (como se naquelle tempo costumaua) a esta cantiga de Dom Jorge Manrique.

NO sé porque me fatigo,
Pues com razon me venci?
No siendo nadie comigo,
Y vos, y yo contra mi.

Yo por aueros querido,
Y vos a my desamado,
Com vuestra fuerça, y mi grado

Aue-

Auemos a my vencido.
Y pues fui mi enemigo,
En me dar como me dí,
Quien osara ser amigo
Del enemigo de si?

Glosa ao costume daquelles tempos.

Del tormento fatigado
No sé que consejo sigo
Voi de cuidado en cuidado,
Mas despues en my tornado;
No sé porque me fatigo.

Haz lo que suele el pesar,
Desatinandome ansi,
Mas boluiendo a en vos pensar,
No sé de que me quexar,
Pues con razon me venci.

En aquella mi agonia,
Ya no me quexo: mas digo,
Quando fue la prision mia,
Quien ayudarme podria
No siendo nadie comigo?

Y aun esto no abastó,
Que harto mal era por si,
Que a my me faltasse yo?
No fui comigo alli, nó?
Y vos y yo contra mi.

Que diran a tal concierto
Sin mas dilacion cumplido?
Entramos me auemos muerto
Vos porque no see, mas cierto
Yo por aueros querido.

Lo mas como lo sabré?
Que en aquel punto ordenado,
Que a vos los ojos alcé,
A mi desamado me'he,
Y vos a mi desamado.

En el mal quando acontece,
Es consuelo el ser forçado,
Tambien esto aqui fallece,
Que juntamente parece
Com vuestra fuerça, y mi grado.

Fuerça, en que no consentistes,
Mas vuestro poder sabido,
Em que venceis quanto vistes,
El, y los mis ojos tristes,
Auemos a mi vencido.

Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaran vn abrigo,
En tantos desassossiegos?
Pues acendi los mis fuegos
Y pues fui mi enemigo?

Es la razon natural,
Cada vno ansi por si,
Que a los otros seré tal,
Quando a mi mismo hizé mal,
En me dar como me di.

Todos van al su prouecho,
Yo que a mis males me obligo,
Ando comigo en despecho,
Dè tão duro y cruel pecho,
Quién osará ser amigo?

Mas que digo yo? osará
(Y no mucho antes ansi
Qual peligro deterna)
Aquel que fuyendo vá
Del enemigo de si?

Cantiga sua.

Señora oid la mi suerte
Y de vuestra crueldad
Por no pediros piedad
Antes la pido a la muerte.

El mi coraçon caido,
En tanta cuitá y desmayo,
Pues que nunca os ha mouido,
Ante la muerte lo trayo,
Mas no sé como concierte,

Tan grande desigualdad,
Que me hazeis pedir piedad,
Contra la muerte a la muerte.

Cantiga sua.

Quanto mal me era ordenado,
Las cosas con que naci
Algunas me han desechado,
Alcance otras contra my.

De la mi alma no sé
Que es della, y mi coraçon,
A la fuerça no ay razon,
Cad' uno tras vos se fué.
Vida, memoria, y cuidado,
Sentidos que a vós ergui,
Estos nunca me han dexado
Por seren mas contra my.

Cantiga sua.

Que he isto onde me lançou
Esta tempestade má?
Qu' he de my se náo sou lá?
E cá comigo náo vou?

Inda que me eu cá náo via
Tudo vos confessarei,
Onde a vós, e a my deixei

Cuidaua que me acharia,
Agora quem donde estou
Nouas de my me trará?
Pois dizeis que não sou la
Não sei sem my onde vou.

Esparsa sua.

Porque poderá abafar
Ouuindo o que nace mudo
Com desejos de fallar,
Antes se lhe nega tudo.
Ora auendo de nacer
D'ouuir de vós tal desejo,
Porque ouui se vos não vejo
Nem vos espero de ver?

Cantiga sua.

Puede se esta llamar vida?
A la qual se entra llorando
Que se passa suspirando
La muerte es la su salida?

Por lo qual yo sin ventura
Con gran cuita he desseado
Que vuiera sido lleuado
Del parto a la sepultura,
Tal esperança perdida
Yo no sé loco trás que ando

Voi-

Voime assi deuaneando
Entre la muerte y la vida.

Esparsa sua.

Tornouseme tudo em vento
Apos tormento, e tormento,
Que eu passei cuidando em al,
Em fim veo cedo o mal
E tarde o conhecimento.
Eu assi desenganádo,
Vejo vlr males mayores
O tempo a que sou chegado?
Que posso doer ás dores,
E dar cuidado ao cuidado.

Cantiga sua.

Mal de que me eu contentei,
Contas rematadas já,
Agora descansarei
Esta dor me matará
Senão, eu me matarey.

Nas cousas que não he meo
He escusado cansar mais,
Ir de receo em receo
E de sinais em sinais.
Em vão cá, e lá. cansei,
Tudo me he tomado já,

Ago-

Agora descansarei,
Ou me este mal matará,
Senão, eu me matarei.

Cantiga sua.

Comigo me desauim,
Sou posto em todo perigo
Não posso viuer comigo
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia,
Antes que esta assi crecesse,
Agora já fugiria
De mim, se de mim podesse.
Que meo espero ou que fim?
Do vão trabalho que sigo
Pois que trago a mim comigo
Tamanho imigo de mim?

Cantiga sua.

Criado sempre no meo
De dores, fezse a dor tal,
Que póde chegar o mal
Onde não pode o receo.

Que se eu poděra alguma hora
Em tanto tempo cuidar
De ver tamanho pesar,

Podérão soffrer agora,
Mas que farei se a ser veo
Crecendo a dor a ser tal
Que pos áuante o sinal,
Donde o posera o receo.

Vilancete seu.

Esperanças mal tomadas
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Que vida ha de ser a minha
Por tempos, nem por mudanças
Que possão vir? que não tinha
Mais bem que estas esperanças?
Agora ás desconfianças
E sospeitas que farei?
Com que lhas defenderei?

Conselhos mal atinados
O tempo ao menos vos canse,
Partão cuidados, e vãose,
E porém, ó que cuidados?
Mas deixemme erros passados
Em que eu por meu mal entrei,
E por meu mal sairei.

Cantiga sua.

Sortes, e venturas são
No mal que me assi fazeis;
Se tendes causa ou não,
Senhora vós o sabeis.

Por isso quanto padeço
E o mais que de vós espero;
Queroo se o mereço,
E se não tambem o quero.
Que agora mal o cuideis
Annos, e tempos farão,
Que o que sem razão fazeis
Inda julgueis por razão.

Vilancete seu.

Que mal auindos cuidados
Me tomárão antre si!
Nunca taes cuidados vi.

A minha alma não repousa
Nem de noite, nem de dia,
Dentro nella contraría
Toda cousa, a toda cousa,
O cuidado, que mais ousa,
E que mais confia em si,
Ora he assi, e ora assi.

Que me quer este receo
Inda sobre meus agrauos?
Temme tomados os cabos
Não tendo meus males meo.
Iá não confio nem creo,
Iá confiei, e já cri,
Mal assi, e mal assi.

Inda se isto ser podesse
Que por tempo se faria,
Que huma hora me não temesse,
Isto me descansaria.
Mas não vejo por que via,
Se possa fazer, que assi
Não moura como viui.

Cantiga sua.

Razão, e tempo sería
De ver sua vaidade
Aquella cega vontade
Que tão cegamente guia.

Que poderá hum grande imigo
Fazer mais? certo he que não,
Por mimos do coração
Inda tudo o peor ſigo.
Voume assi de dia em dia,
Olhos de longe á verdade
Entretanto esta vontade
Assi cega guia, guia.

Cantiga sua.

El agrauio que recibo
De quien yo menos deuiera
Dexadme llorar si quiera
Ya que para mas no biuo.

Aliuio sea, o salida
Al dolor, esto que os cuesta?
Que no passe al otta vida,
Con tanta querella desta?
Mientras de mal tan esquiuo
Mas mal no quiere que muera
Dexadme llorar si quiera
Terne solo esto de biuo.

Esparsa sua.

Do passado arrependido
Seguro doutro erro tal,
Seja o perdido, perdido,
E do mal, o menos mal.
Façase o que vós mandaes
Não nos ouça mais ninguem,
Que do mal vosso, e do bem
Não sei qual quisesse mais.

A este villancete velho.

Todos vienen de la villa
No viene Domenga.

Fran-

Francisco de Sá.

Quãnta Zagala tornó
A horas que yo las vi bien,
Vna falta, y es por quien
(Quanto a mi) nadie boluió.
Que me haré coitado yo
Con que la vida defenda?
Hasta que me vida venga.

A estoutro villancete tambem velho.

Por malos emboluedores
Pierdo triste mis amores.

Francisco de Sá.

A hum só descanso que eu tinha
E huma só esperança,
Donde veo tão asinha
Assi, tamanha mudança?
Que se fez da confiança,
Com que nos tormentos mores
Eu passaua as minhas dores?

Se auia o ser de ser tal,
Melhor fora, antes não ser,
Ouueseme enueja ao mal
Que outrem não pode sofrer.
E eu vejo vir a correr

Sobre mim meus matadores
E fugir os valedores.

Males que eu tanto estimaua
Quem se nos meteo no meo?
Em tempo que eu mais andaua
Sem sospeita, e sem receo?
O engano, e o enleo
Que engeitão os seruidores
E querem antes senhores.

Cantiga sua.

Nada do que vês he assi
Tras os olhos não te abales,
Tudo he mudemme daqui
Matemme nessoutros vales.

Posto que al te assi pareça
Deste sonho, e mostra vã,
Por de fóra resplandece,
Dentro não ha cousa sã.
Corri montes, corri vales,
Cuidado cego apôs ti,
Deixame morrer já assi,
Não me mandes ver mais males.

Vilancete por outro que diz Serrana onde jouueste, *feito meo dormindo.*

Francisco de Saa.

Coração onde jouuestes
Que tão má noite me déstes?

Toda a noite peleijei
Eu que jámais não podia,
Busqueiuos, não vos achei,
Sem vós, eu só que faria?
Destesme dores de dia
Pollo que assi me fizestes,
De noite dores me déstes.

Cantiga sua.

Foime grande agrauo feito,
Sermia hora mal de crer:
Quem mo fez podeo fazer
Ou a torto, ou a direito.

Estaua ordenada huma hora,
Veo, não ouue hi tardança,
E leuou huma esperança
Que se não fora, eu não fora.

Que remedio ao que he já feito?
Quem o fez tinha o poder,

Eu

Eu que posso hi al fazer,
Senão gemer em meu peito?

Vilancete seu.

Se meu tormento me désse
Vagar para cuidar nelle,
Não me queixaria delle.

Foime dado hum só momento
Des então pude atinar
Que não fora elle tormento,
Se me déra este vagar:
Não mo quiserão mais dar,
E ha que poderá com elle
Ser vida, e morte sem elle.

Esparsa sua.

Todas as cousas tem cabo,
Seja paz, ou seja guerra,
Olhai quebrada da terra
O meu sangue, e o meu agrauo
Cad' hora em tudo ha mudança,
Vira apôs esta outra tal
Fazer justiça, e vingança,
Negra da minha esperança
Que me doe mais que meu mal.

Vilancete seu.

Os meus castellos de vento
Que em tal cuita me posestes
Como me vos desfizestes.

Armei castellos erguidos,
Esteue a fortuna queda
E disse: Gostos perdidos
Como his á dar tão grá queda?
Mas ó fraco entendimento
Em que parte vos posestes
Que então me não socorrestes?

Caistesme tão asinha,
Cairão as esperanças,
Isto não forão mudanças,
Mas forão a morte minha:
Castellos sem fundamento
Quanto que me prometestes?
Quanto que me falecestes?

Cantiga sua.

Cego deste meu desejo,
Mal dos males, mor dos mores,
Quem não daria estas dores
Por quantos prazeres vejo?

Meu mal tudo tem por si,

Táo

Tão cegamente deseja,
Que inda não vejo, nem vi,
Cousa que me faça enueja.

Teue este mal os seus meos
Com que aprouue a sua dor,
Mas trago inda os olhos cheos
Qu' hei de ver cedo outro mor.

Esparsa sua.

Não vejo o rosto a ninguem,
Cuidaes que são, e não são
Homens que não vão nem vem,
Parece que auante vão,
Antre o doente, e o são
Mente cadora a espia,
Na meta do meo dia
Andaes entre lobo e cão.

Vilancete seu.

Deixaime as minhas tristezas,
Que jagora outra alegria
Mayor perigo seria.

Aos males acostumados
O mesmo costume hè cura.
Bens tão vãmente esperados,
Quem os sofre? e quem atura,

Senão desapaixonados?
Crieime con meus cuidados,
Ia agora não saberia
Andar noutra companhia.

Cantiga sua.

O coração que vos ve
Aos olhos que vos não vem,
Não mos culpe, que não tem
Alguma razão porque.

Cad'hora estes olhos canso
Por estes montes arriba,
Que á vista curta e catiua
Tolhem todo seu descanso.
Deixennos cegar, que tem
Chorando razão porque,
Buscouuos a alma, e lá he,
Os tristes chorão da quem.

Cantiga sua.

Toda esperança he perdida,
Tudo veo a falecer,
E o que fica da vida
Ficou para m'eu perder.

Aquella esperança minha
Assi falsa, e vaá como era,

Cos

Cos olhos que eu nella tinha,
A todo mal me atreuera:
Hora ella he toda perdida,
Mas não m' hão de fazer crer
Que não ha mais nesta vida
Senão nacer e morrer.

Cantiga feita nos grandes campos de Roma.

Francisco de Saa.

Por estes campos sem fim,
Onde a vista assi se estende,
Que verei triste de mim,
Pois veruos se me defende?

Todos estes campos cheos
São de saudade e pesar,
Que vem pera me matar
Debaixo de Ceos alheos;
Em terra estranha, e em ar
Mal sem meo, e mal sem fim,
Dor que ninguem não entende,
Até quam longe se estende
O vosso poder em mim.

Esparsa sua.

Que la mi vida se assuele!
Sin razon que ansi lo quiera!

Yo me pene, yo me muera!
Que nadie no me consuele!
Y porque assi me acontece
Ninguno me lo demande,
Toda razon desfalece.

Cantiga sua.

Huma morte hei-de morrer,
Que faz mais assi, que assi?
Isto não posso sofrer
Aueremse de perder
Os olhos com que vos vi.

Os olhos porque passárão
Os vossos ao coração,
Onde para sempre estão,
Sós estes que me ficárão
Fora a minha saluação.
Mas se inda os hei-de perder
Afora quanto perdi,
Acabarei de morrer
Acabarei de saber
Para quanto mal naci.

Esparsa sua.

Como não quereis que seja
Meu perigo em todo estremo,
Se minha alma assi deseja

Tu-

Tudo o de que me mais temo?
E para mor meu tormento
Assi cego, assi enleiado,
De tudo o al fui roubado,
Ficoume o conhecimento.

A esta Cantiga velha.

La que yo tengo no es prision.
Vos sois prision verdadera,
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis mi coraçon.

Por dom Fernando de Lima.

De la gente que aqui viene]
Entre my de risa muero,
Y del ciego carcelero,
Que piensa que aqui me tiene:
Solamente la prision,
Y hierros ven como quiera,
No veen cad' uno que ende era,
Donde era su coraçon.

Toda vista por mas clara
Que sea, ha por torcida,
Sea remo, o sea vara,
Si está en el agua metida.
No os engañe mi prision,
Aunque el cuerpo aqui se muera

Bus-

Buscadme alli por de fuera,
Por donde anda el coraçon.

Cantiga sua.

Pois meu mal com quanto he,
Inda a crueldade he mór,
Ao menos faça esta dor
Ante vos fé, de tal fé.

Vistes passar tantos annos,
Durou sempre este cuidado
Que nunca se vio mudado,
Não estranheis desenganos
Em homem tão enganado.
Sem causa assi, sem porque
Traz hum mal, outro mal mór,
Mas de mim seja o que for,
Lembre que foi polla fé.

Vilancete seu.

O meu mal pude o sofrer
Co este que todo he vosso,
Que vos não doa não posso.

Vos passailo alegremente,
Mal ajão os maos sinaes,
Que então são elles mortaes,
Quando homem seu mal não sente.
Vos não sentis ó presente

Quan-

Quanto vos custa este vosso,
Assi quero, e assi posso.

Mas se hi ha peso e medida,
Nem de todo tudo he vento,
Tambem o meu sentimento
Deue ser sinal de vida.
O' esperança comprida.
Que eu somente pello vosso
Tanto esperala não posso.

Cantiga sua.

Tudo passa como hum vento,
Hum mal sempre me he presente,
Que o coração innocente
Cad' ora poem a tormento.

Aas voltas coas sospeitas
Contas fiz, contas defiz,
Estas despois que as fiz
Forão pera sempre feitas.
Iaz alto seu fundamento,
Neste brauo fogo ardente,
Por quem culpado se sente,
Moura o sem culpa a tormento.

Esparsa sua.

Quando nos meus erros cuido,

No meu claro e longo engano,
Leuemente passo o dano
A par de tanto descuido,
Passando a força de braços,
Por huns, por outros empeços,

Quam mal que nestes espaços
Dizem as fins cos começos!

Vilancete seu.

Estes meus olhos que assi
Lisongeão a vontade
Se me falarão verdade?
Hey medo que ma não falem,
Não me fio no que vejo,
Que são cousas do desejo,
Contra quem olhos não valem.
Não são pera mais que assi
Andar ao som da vontade,
Chorar aa necessidade.

Na sepultura de Pedraza, que no Cancioneyro geral de Castella se chama.
Constãcio

Alma que em tão breues dias
Tal nonbre, y tal fama has dado

Al cuerpo aqui sepultado
Que a otra parte regias,
Aqui la carne pesada
Y a tierra, espera por ti
Alma bienauenturada,
En esto no te va nada,
Los hombres piensan que si.

Cantiga de Ioão Cru.

Como no se desespera
Quien se vê como me veo?
Tan lexos de dó desseo,
Tan cerca dó no quisiera.

Ajuda do dito Pedraza.

Los males de los ausentes
Sanan cosas de presencia,
Mas a my enfermo d'ausencia
Matanme cosas presentes;
Pues estoi dó no deuiera,
Y lexos de dó desseo,
No llegára a dó me veo,
O nunca de allá partiera.

Ajuda de Francisco de Saa.

Triste que ha de ser de mi,
Como biuo sola vn' hora

Can-

Cansado y corrido ansi
De lo que me veo aqui,
Y lo que he visto alguna hora.
Mi esperança lisongera,
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis? que no veo
Porque la vida ya quiera.

A Sepultura de huma Dama.

De Francisco de Saa.

De quam pouca terra satisfeita jaz
A que toda ella a não merecia!
Aquella que triste, ou leda, como hia,
Assi punha tudo ou em guerra ou em paz.
Leuounola a morte cruel que desfaz
As mayores cousas com mayor presteza.
Ah morte! Ah mundo! A tua riqueza
De quam pouca terra satisfeita jaz!

Cantiga sua.

Olhai a camanha estreita
Senhora he minha alma vinda
Na vida tanta sospeita,
Na morte saudade infinda.

Quem me dará nouas penas
Inda que me tudo tolha,

Com

Com que voe? e que me acolha
Do meo de tantas penas?
A saida agra e estreita
Causão tanta ida e vinda,
Da vida lança a sospeita,
Da morte saudade infinda.

Cantiga sua.

Ledo em meus males sem cura,
E nos descansos cansado,
Querendo, e sendo forçado,
Ora cuidar me assegura,
Ora me mata cuidado.

Assi me tem repartido
Estremos que não entendo
De toda parte corrido,
De todas dessocorrido,
De nenhuma me defendo.
A vida está mal segura,
Eu tenho outro mor cuidado,
Que mal tão bem estimado,
Que nesta desauentura
Me faz bemauenturado!

Dialogo que mandarão os Fidalgos as Damas.

Huma cousa cuidaua eu

Cau

Causa doutras muitas cousas,
Razão tinha de a cuidar,
Dame sem razão cuidado,
Ind'ei-de pedir a outrem
Das suas culpas perdão.

Respondeo a Senhora Dona Lianor. Mascarenhas.

Huma cousa cuidaua eu
Que não sou para estas cousas,
Razão fora não cuidar
Em tão sem razão cuidados,
Pois hei de sofrer a outrem
Culpas que não tem perdão.

Replicou Bernaldim Ribeyro

A mim me hei-de tornar eu
Para vingar muitas cousas,
Que não são para cuidar,
Forão para dar cuidado.
Seja minha a culpa doutrem,
Que assi val mais qne o perdão.

Outro Dialogo que lhes tornamos a mandar.

Vi sinaes, ho mal he grande,
Vios no ceo, vi na terra,

Ou-

Otuese d' achar caminho
Para se tudo perder,
Desejos demasiados
Não são desejos de vida.
Tornou ella a responder.

Outro mal ha muito grande
Nesta vida, e nesta terra,
Em que não vejo caminho
Para me nella perder,
Meus desejos e cuidados
Não são postos nesta vida.

Francisco de Saa de Miranda.

Cauarei, e o meu mal grande
Em gritos direi á terra,
D' alma hei dó, que he em caminho
Claro para se perder,
Que ja acabasse os cuydados
Quando se acábasse a vida.

A esta cantiga que cantão pollas ruas em Dialogo.

Naquella serra
Me ir quero a morar,
Quem me quiser bem,
Quem me bem quiser
Lá me irá buscar.

Nestes pouoados
Tudo são requestas,
Deixaime os cuidados
Que eu vos deixo as festas,
Daquellas florestas
Verei longe o mar,
Porm'-ei a cudar.

Responde a parceira.

Sombras e agoas frias,
Quando o sol mais arde,
Despois sobre a tarde
Por cá bradarias;
Vés que pressa os dias
Leuão sem cansar,
Nunca háo-de tornar.

A Primeira.

Não julgue ninguem
Nunca outrem por si.
Mais de hum bem que eu vi,
A vida não tem.
Não deixa este bem,
Onde se elle achar,
Mais que desejar.

A Parceira.

Deixa as vaidades,
Que da mão á boca
O sabor se troca,
Trocãose as vontades,
Essas vás saudades
Armadas no ar
Que podem durar?

Naquella espessura
Me hei-de ir esconder,
Venha o que vier
Acharme ha segura.
Se tal bem não dura
Ao seu passar,
Tudo ha de acabar.

A este Vilancete velho.

Posiera los mis amores
En vn tan alto lugar
Que no los puedo oluidar.

Al mi mal tan mal creido
Sin fin, comienço, ni medio,
El remedio era el oluido,
Yo oluideme el remedio.
Por vos, no duelen dolores,
Por vos, no pesa el pesar,
Como os podré oluidar?

Por vos, el contentamiento
(Quien nunca tal cosa oyo?)
Entre la muerte y tormento
Lugar para si falló,
Y en medio de mis dolores,
Que andan para me matar,
A plazer se puede estar.

A este vilancete de Garci Sanchez de Badajoz.

Secaromme los pesares
Los ojos y el coraçon,
Que no puedo llorar, non.

Francisco de Sá

Quedar qual esta alma queda
No sé como pueda ser,
Si otros lloran con plazer
Que ella de triste no pueda?
Quando vna persona leda
Puede llorar, como non
Puede vn triste coraçon?

Aquella cantiga velha.

En toda la Tramonranã
Nunca vi cosa mejor
(Que era la esposa d' Anton,
Vaquerizo de Morana.

Naquelle longo desterro
Que eu por vontade segui,
Quer fosse razão, quer erro
Quiz o coração assi.
Vi huma visão vfana,
As vezes cuido que não,
Fosse verdade ou visão,
Hia em trajo de serrana.

Não era o coração quedo
Indo, e tornando a meude,
Ora ó prazer, ora ó medo
Tiueme o melhor que pude
Quantos bens ma sorte dana!
Brada quem o vê em vão,
Tal como era, era de Antão
Hum vaquiero de Morana.

Olhos que taes olhos vistes,
Viuei bemauenturados,
E porem ouuidos tristes
Para tanto mal guardados,
Que he isto que assi engana,
E assi despreza a razão?
Suspiraua por Antão
Quem não tem nada de humana?

A este vilancete alheo.

En las tierras de dó vine

Vy quanto se puede veer,
Alla me quiero boluer.

Francisco de Sá.

Pero mientras deuaneo
Pensando a quanto alla vy,
Forçado y tenido aqni,
Lleuado alla del desseo,
Mientras debato y peleo,
Si me piensan de tener
El alma aura de boluer.

A este vilancete velho.

Saudade minha
Quando vos veria?
Por tetra ja assi,
Tudo em tal mudança,
Que faz inda aqui
Nenhuma esperança?
A minha lembrança,
A minha perfia,
Que mais aperfia?

Que faz hum desejo
Tão desenganados?
Que faz o sobejo
Deste meu cuidado?
Comigo apartado

Qu

Quando anoitecia,
Quando amanhecia.

Saudade e sospeitas
A torto e adireito
Não sereis desfeytas,
Quando eu for desfeito?
Inda o frio peito,
Inda a lingoa fria
Por vos bradaria.

A este vilancete de Manoel de Leyua.

Pois os meus olhos são vossos,
Que faço eu
Em dar a seu dono o seu?

Quantos conselhos se dão
Aos olhos com que vos vi,
Hum diz assi, outro assi,
Razões que não vem, nem vão,
Voume após o coração,
Que vos já deo
Quanto soia ter de seu.

Tudo he em vosso poder,
De liure que eu aqui vim
Não deixastes nada em mim,
Nem olhos que al possão ver.
E como podia ser

Veruos eu
E ter mais nada de meu?

A este vilancete velho.

Sola me dexastes
En aquel yermo
Villano, malo, gallego.

A dó te fuiste
Voy, y no sé adonde,
El valle responde,
Tu no respondiste,
Moça sola y triste,
Que llorando ciego
Passastelo en juego;
Por yermos agenos
Lloro, y grito en vano,
Gallego y villano,
Que esperaua menos?
Ojos dagua llenos,
El pecho de fuego,
Quando auran sossiego?

A este vilancete alheo.

Que vos farei meu cuidado,
Onde vos trarei mettido,
Que não sejais entendido?

Descobrireismе cad' hora
Cuidei que era á minha mingoa;
Mas em quanto vedo a lingoa,
Sahis pelos olhos fora.
E não cuidaes que me fora,
Sendo meu mal entendido,
Melhor nunca ser nacido.

A estoutro tambem alheo.

Desenganei hum cuidado
De parte do coração,
C'huma desesperação.

Tenho a conta feita, e chea,
O que ha de ser, seja logo
Pelo ferro, e pelo fogo,
Que não he a morte tão fea.
Viui á vontade alhea,
Moura á minha, e quando não
A pezar do coração.

Cantiga sua.

Se me este cuidado atura
Que me persegue, e que eu sigo,
A vida está em perigo,
E a alma pela ventura.

Bem sei tudo o que ha de ser,

Mas

Mas he de tanto pezar,
Que hei medo de o dizer,
E medo de o cuidar.
Não vejo cousa segura,
Seguro he só o perigo,
E o que agora não digo
Deixai fazer á ventura.

A este vilancete que se canta.

En mi coraçon vos tengo
Por las gentes no os veo.

O Conde Luis da Silueira.

Voy como loco sien tiento,
Con los ojos a buscaros,
Y de no poder miraros
Dios sabe lo que yo siento;
Veos en el pensamiento,
En el alma, en el desseo,
Con los ojos no os veo.

De Francisco de Saa.

Por lo qual buelto a mim seno
Por quanto bien del confio,
El mi coraçon ageno
Boluio de nueuo a ser mio.
D'otra parte yo sandio

Engañado del desseo
Con los ojos deuaneo.

A esta Cantiga alhea.

Ay que el alma se me sale;
Lo porque siento perdella,
Es porque estais vos en ella
Que la vida poco vale.

Loco de mim que pensaua
Podella aqui detener
Comigo, vna alma que estaua
Vfana en vuestro poder:
Que quereis que a esto iguale,
Siendo vós senhora della?
Esta es toda mi querella,
Que lo mas todo, que vale?

Aquella Cantiga velha.

Doña bella, mal maridada, &c.

Ansi que aquella hermosura
Nunca vista sin espanto,
La gracia y desemboltura
Todo se es tornada en llanto:
Fortuna tan mal mirada,
Que embidia tiene de si,
Donzella dichosa ansi,
Y Dueña tan desdichada.

No sé que diga, o a quien
Culpemos en mal tamanho!
No se ayunta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada
(Dixe yo luego que os vi)
No nacistes vos ansi
Para ser bien empleada.

A este vilancete alheo.

Este mal
Otro tiempo lo senti,
Mas no me dolia ansi.

Este es el fuego por cierto
(Si del todo no soy loco)
Que me quemó poco a poco.
Creció andando encubierto,
No fue muerto
Como deuiera, yo si,
Que no sé parte de mim.

Por demas es que me vele,
Que me tema, y que me guarde,
Que el Sol que mas tarde, suele
Salir mas rezio, y mas arde:
Aunque tarde,
Abriendo los ojos vi,
Que otro mal no duele ansi.

Cantiga sua.

Fuye el tiempo, está el mando quedo,
Pensé morirme, y no muero,
Desenganarme no quiero,
Quando ya quiero, no puedo.

Todo se me vá en antojos,
En esta prision escura,
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura.

De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo, y no quiero,
De lo que quiero y no puedo.

A este vilancete alheo.

Quem cuidar, e quem disser
Que de matar sois seruida,
Não sabe que cousa he vida.

Não he dano o que não dana,
Té morte de vossa mão
Não he morte, he nome vão,
Que á primeira face engana.
Onde não ha cousa humana,
Tudo spirito, e tudo vida,
Mal jará a morte escondida.

Ficase porém julgando
Antre huma, e a outra sorte,
Se daes vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?
A fé que vai embicando
Não vê dos olhos tal vida
Sómente porque duuida.

A este vilancete de Dom Simão da Silveira.

Tu presencia desseada
Zagala desconoscida
Di, porque la has escondida?

Francisco de Saa de Meneses.

El cielo niega el rocio,
El ganado se nos pierde,
El campo ya no es verde,
Ni corre tan claro el rio,
Secose el valle sombrio
Con la tu triste partida,
Zagala desconocida.

Francisco de Saa de Miranda.

Has la tu tierra assolada,
Que eras toda su riqueza,
Nascida en ella, e criada,
Podiste hazer tal crueza?

Que

Que en tal miseria y pobreza,
Dexaste con tu partida
Y a mim cuitado en tal vida?

Oydos que ensordecistes
A suspiros, y a los ruegos,
Que veran los ojos tristes
Aqui dexados tan ciegos?
Vascos y desassossiegos
Son en lugar de la vida
Tras los tus ojos fuida.

Yeruas por las sombras frias
Y las flores que has pisado,
Quanto te via, y tu vias
Todo queda auelenado:
Vn triste, vn ciego, vn cuitado,
Vn loco en la tu partida
Pasmando pierde la vida.

A este vilancete de Antonio de Akenedo.

Polo bem mal que quisestes,
E eu nunca tenha prazer,
Se vos mal posso querer.

Francisco de Saa.

For'ella razão igual,
Mas vede as leis que amor tem,

Que

Que em vez de vos querer mal,
Assi vos quero mór bem.
E passo tanto inda além
Do que este mal soe fazer,
Que me venho a aborrecer.

Vilancete de Ioão del Enzina.

Quien te hizo Iuan pastor
Sin gasajo, y sin plazer,
Que tu alegre solias ser.

Francisco de Saa de Meneses.

Esse plazer que me viste,
Todo fue vano y de viento,
Mostraua contentamiento
Por me dexaren ser triste;
Mas pues que lo entendiste,
No te lo quiero esconder,
Yo nunca tuue plazer.

Francisco de Saa de Miranda.

Vn yerro, y mas en zagal,
No es cosa que mucho espante,
Mas seguir siempre adelante
Que es mal? si este no es mal?
Pesame de te veer tal,
Huye el gasajo a correr,
Nunca passa el desplazer.

Cantiga sua.

De quem me deuo queixar!
De vós que podéra ser,
Não vos sabe a alma culpar,
Fica sómente o sofrer,
Se mais fica, he suspirar.

Os meus suspiros té agora
Quasi erão contentamentos,
Tambem de prazer se chora,
Entrárão males de fóra
Não hum, não dous, mais seiscentos.
Não lhes abastou entrar,
Mas inda sempre crecer,
Onde ha d'ir isto a parar?
Não fica senão sofrer
Ao mudo do suspirar.

Ora os suspiros que são
Saluo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração,
Nossos ouuidos não vão,
Deixão tudo ao entendimento.
Que m'eu quisesse queixar
Quem me poderia crer?
Deixai, e venha o pezar,
Que póde o pouco empecer?
Que póde o muito durar?

Cantiga sua.

Alma tão sem assossego
Que nem deste ar me não farto,
Donde cum queixume chego,
Com cem mil deiles me parto.

Nas cousas em que alguma hora
Esperei de ter repouso,
Triste de mim que já gora
Sómente cuidar não ouso.
A que fraquezas que chego:
Em quantas partes me parto
Por este coração cego,
Nunca de seus males farto.

Os meus perigos medonhos,
Em que a alma cad' ora empeça
Os ventos, a neuoa, os sonhos
Que não tem pés, nem cabeça.
O que coa lingoa nego
Por muitos sinaes reparto,
Em poder daquelle cego
De cujo poder não parto.

Mal as noites, mal os dias,
Com medos, e com sospeitas,
Fazendo contas baldias,
Que asinha serão desfeitas.
Com muito desassossego

Com

Com que chego, e com que parto
Com ver tanto, e ser tão cego
Todos do que encubro farto.

A este vilancete velho.

Francisco de Saa de Miranda.

Dime tu senhora di,
Si me fuere desta tierra,
Se te acordarás de mim.

Los mis pensamientos faltos,
Que a desora erguidos caen
Por tierra: siempre me traen
En dubdas y sobresaltos:
Passados montes tan altos
Que será? lo que es aqui
No sabran parte de mim.

Con quanto ya desatino
En esto no deuaneo?
Alla males del camino
No los qne por aqui véo.
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleuará de aqui,
Que no dan nada por mim.

Qu' estranha merced me fuera
En la triste ausencia mia

So-

Solo el creer que se sabia
Quando ojos aca vuiera,
Ya fuesse en burla si quiera
Los lugares dó te vi
Te hiziessem mencion de mim.

Bueluo a lo en que auia errádo,
Por mis locuras me voi
Que ni sabes quien me soy
Entre quantos te han mirado.
Saluo si es por mas cuitado
Sin memoria otra de mim,
Mas ya fuesse, y fuesse ansi.

A este Vilancete de Pero d'Andrade Caminha em louuor da Senhora Dona Margarida da Silueira, que intitulou Receo de louuor.

Vilancete seu.

Que posso de vós dizer,
Pois que não posso chegar
Co desejo a vos louuar?

Francisco de Saa de Miranda.

Esta vaidade minha,
Que tão ousada começa,
Está sem pés nem cabeça:

Nem

Nem deo começo ao que vinha
A vá que só se mantinha
Como Camaleão do ar
Não se atreue a desejar.

Forças que uos enganaes
Cuidando a tão altos voos
Iá nestes começos taes
Himos acabando nós;
Senhora, a quem vos lá pôs
Tan alta, ha graças que dar,
E a vós de nos perdoar.

Quem será de veruos dino?
Vi vos, foi a alma pasmada,
Fui assi como hum menino
Que vê, que se espanta, e brada;
Não sabe mais dizer nada,
Podese a ver vos chegar,
O mais he tudo pasmar.

A este Vilancete que se canta.

Taño os yo mi pandero,
Taño os yo, y pienso en al.

Mientra el mal arde, y destruye,
Busco con que el tiempo engañe,
Adesora el alma fuye,
Que no se quasi quien tañe.

Dexa aqui que me acompañe
La mi tanta cuita, y tal
Y aun va pensando a mas mal.

D'amor por cierto villano
Fieme como sandia,
Pusome el pandero en mano,
Fueseme con la alma mia.
E nesta tanta agonia,
De mim cuita desigual,
Ni muere, ni mata el mal.

Sextina á maneira Italiana.

Não posso tornar os olhos,
Donde os não leua a razão.
Quem porá lei á vontade
Confirmada do costume?
Vontade que as suas leis
Manda defender por força?

Isto que al he senão força
Que me fazem os meus olhos?
Quebrantadores das leis,
Brada apôs mim a razão:
Mas que val contra o costume
Que senhorea a vontade?

Conselhos vãos á vontade,
Que só póde, e só sem força,

Ajudada do costume,
Vós não podeis estes olhos
Alçar hum pouco á razão
Que faz, e desfaz as leis.

Amor, taes sáo tuas leis,
Tal dureza a da vontade,
A grão mingua da razão;
Queira, ou não queira he por força
Qu' se me vão estes olhos,
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis,
Ay escrauos dos meus olhos
Mandados da vã vontade,
A que déstes tanta força
Em desprezo da razão.

He morta, ou dorme a razão;
Não sente já por costume,
Que farei á maior força?
Ajão piedade as leis
De quem entregue á vontade
Vai prezo apôs os seus olhos.

Olhos apôs a vontade,
As leis apôs o costume,
Apôs a força a razão.

A hum cantar alheo.

Quem viesse aquel dia,
Quando, quando, quando,
Saliesse mi vida
De tanto bando.

Los tristes ojos.
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mis enojos,
Vn plazer no vistes.

Vistes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca una hora buena.

Si a la suerte mia
Pluguiesse, pluguiesse,
Que viesse ora el dia
Con que mas no viesse.

Vilancete seu.

Acostumeime aos meus males
Eu assi acostumado, e elles
Andão por me apartar delles.

Ah que cruel tyrania,
Não sei que nome lhe ponha,

Não

Não me doe de huma peçonha
De que já gora viuia:
Quando os meus males sentia,
Quando me queixava delles,
Lá me auiesse coelles,

Despois que se hia mais brando
Fazendo o mal por costume,
Víráome andar sem queixume,
Matáome remedios dando.
Tudo se vai reuezando,
Males que tremia ante elles,
Mouro de saudade delles.

SONETO

De Francisco de Saa de Miranda á Madanella.

A Vossa verdadeira penitente
Quão bem guardastes seus pontos deuidos,
Os Apostolos erão já partidos,
Ella não parte, vede o que alli sente:

E assi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos,
Tudo Amor vence, altissimos sentidos,
A quem tal ortelão se faz presente.

Gregorio a põe por huma, outros Doutores
Fazem as tres, apôs Gregorio vão
Despois os mais, com todos os pintores.

Aquelles direi eu senhor que são
(Aquelles outra vez que são) Amores
Dos taes suspiros, hum só nunca em vão.

Trouas que em Alcala de Henares leuárão o preço que foi hum Crucifixo de ouro. Sobre a Conceição de N. Senhora.

PRincipio, medio, ni cabo
Hallo Virgen singular
Para poderos loar,
Porque si mucho os alabo,
Mas es lo que he de ignorar.
Y puesto que se ayuntassem
Todos quantos crió Dios,
Y siempre en vós se occupassen;
Vn punto dubdo alcançassen
De lo mucho que ay en vós.

Fuente de nuestro consuelo,
Dechado de perfecion,
Por diuina permission
Fuistes vos aca en el suelo
Preseruada en concepcion.
Y tuuistes entre nos
Tan alta palma y victoria,
Que concebistes a Dios,
Y antes concebio el a vos
Mentalmente en su memoria.

De dó nos consta sentir
Que nó solo nó pecastes,

Pero ni pecar pensastes,
Porque en vuestro concebir
De toda gracia abundastes.
Y en vuestro vientre jocundo
Vemos que pudo caber
Por mysterio muy profundo
Aquello que todo el mundo
No lo pudo comprehender.

Hizo os Dios tão limpia y pura
Por acuerdo de los tres,
Y en vós tal merecer es,
Que l'Angelica natura
Teneís debaixo los pies.
Y en tan supremo lugar
Os quiso Dios sostener,
Que no podistes pecar
Porque dó auia d'encarnar,
Sin pecado auia de ser.

Ved que mysterio excellente
Vuestra concepcion obró,
Que por vós se reparó
El daño de la serpiente,
Que a nuestro padre engañó.
Y quiso y permittió Dios
Por su decreto diuino,
Pos vós tuuissemos nós
De congruo lo que vós
Merecistes de condino.

Quan-

Quando Dios os dio la silla
Que está segunda enel cielo
Limpia os hizo, y sin recelo
Concebida sin manzilla
Por la mejor deste suelo.
Porque quando os fabricó
En el vientre maternal,
Al punto os predestinó,
Desde alli os eximió
Del peccado original.

Forão mandadas estas trovas atrás de Castela ao Senhor Dom Duarte, fezlhe Francisco de Saa outras tantas na mesma sorte de Troua.

AY razon que tal consienta?
Piensamiento altiuo vfano,
Que se atreua vn pecho humano
A poner en tal afrenta
Su lengua, ni la su mano?
Madre bendita, si a vós
No acudimos, no ay remedio;
Onde desmayamos nós,
Comiençan obras de Dios
Sin fin, comiençó, ni medio.

Si al Sol los ojos alçamos,
Como algun'hora acontece,

La

La vista luego enflaquece
De suerte, si aporfiamos,
Que a toda parte anochece.
Si ante los mayores fuegos
No van los menos a cuento,
Que nonadas, y que juegos
Son a vós los ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

Se só no te sobresaltas,
No turbas, y alteras todo
Del immenso amor sin modo,
Quien fizo cosas tan altas
Cobrirse de nuestro lodo?
Virgen y madre sin par
Alçad lo que abaxo yo
En vós se vino a encerrar;
Dios que no cabe en lugar
Vuestro pecho lo crió.

Madre y Virgen juntamente
(Quien nunca tal cosa oyera?)
El que en principio ya era
Del golpe de la serpente
Preseruada os vuo entera:
Esto como puede ser
Que contradize la edad?
Quien todo lo puede hazer,
Como Dios tuuo poder,
Como hijo voluntad.

Fuente donde gracia mana
Siempre clara, limpa y agena
Del turbio, digan, que suena
Quando por cosa tan llana
Os llaman de gracia llena,
Virgen diuino sacrario,
No tuuo poder alguno
Contra vós nuestro aduersario,
Que no pudo el vn contrario
Con otro estar de consuno.

Boluia al camino, errado
De en ti hablar Señora indino,
Madre del verbo diuino,
De tal claridad turbado
Como atinaré sin tino?
Limpio espejo de la fé
Escurecido ja mas,
Ah Senhora, ah que diré?
Ah, que soy niño, y no sé
Que haga, o que diga mas.

****:***********:****

COMEDIA
INTITULADA
OS ESTRANGEIROS.

Ao Iffante Cardeal Dom Anrique.

NO que V. A. manda, qué se póde dizer mais? A Comedia qual he, tal vai, aldeã, e mal atauiada. Esta só lembrança lhe fiz á partida, que se não desculpasse de querer ás vezes arremedar Plauto e Terencio, porque em outras partes lhe fora grande louuor, e se mais tambem lhe acoimassem a pessoa de hum Doutor, como tomada de Ludouico Ariosto, que lhes posesse diante os tres auogados de Terencio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro duuída, como inda cada dia acontece: assi que des aquelle tempo vem já o furto, não se enganem co nome de Doutor nouo, barbaro, e presuntuoso, como são muitos titulos, assi dos escritores, como das obras de nossos tempos, tão differentes do comedimento dos passados, como foi o Philosopho dado por Pythagoras. Tullio com que ameaçaua já seu amigo Trebacio, tamanho Iurisconsulto, se-

senão com as graças de Laberio ? e Horacio com quantas de suas graças passa hum sermão co mesmo Trebacio? a Comedia tão estimada nos tempos antigos que al disserão aquelles grandes engenhos que era, senão huma pintura da vida commum, a dos Principes se repartio á Tragedia. Todos estes, e outros muitos inconuenientes eu passaua leuemente, o mais que arreceaua erão más interpretaçũes a cada passo, ás quaes quem póde fugir, se tê os hereges quantos são tambem trazem a sagrada Escritura em sua ajuda interpretando mal, e o diabo tambem. A isto tudo ouuera algum remedio, que era o do fogo, mas ao mandado de V. A. que farei? saluo obedecer, e pedirlhe que empare estes estrangeiros, como fazem os grandes Principes, e de cujo emparo sómente confião os que vão por terras alheas. Eu não vou pedindo saluo perdão, este pelo prouerbio Grego he deuido no começo das cousas. Nosso senhor suá vida, e Real estado, &c.

OS

OS ESTRANGEIROS.

Pessoas da Comedia.

AMENTE, *Mancebo.*
ALDA, *Moça de servir.*
DORIO, *Casamenteiro.*
DEUORANTE, *Truhão.*
PETRONIO, *Doutor.*
GUIDO, *Mercador.*
VIDAL, *Scruidor.*
CASSIANO, *Ayo.*
AMBROSIA, *Velha.*
BRIOBRIS, *Soldado.*
CALLIDIO, *Mancebo de serviço.*
SARGANTA, *Molher de serviço.*
GALBANO, *Velho.*
REYNALTE, *Velho.*

A pessoa da Comedia faz o Prologo.

PROLOGO

ESTranhaisme que bem o vejo, que será? que não será? que entremes he este? foi grão dita que não apodaes já, mas não ha de falecer quem me arremede. Os Portugueses sois assi feitos logo pola primeira, despois dareis o sangue dos braços. Agora parece que me estranhão ainda mais, pareceuos que não diz a falla cos trajos? Esperaueis delles alguns triques troques, ora me ouui, diruoshei quem sou, donde venho, e ao que venho. Quanto ao primeiro sou huma pobre velha estrangeira, o meu nome he Comedia, mas não cuideis que me haveis por isso de comer, porque eu nasci em Grecia, e lá me foi posto o nome, por outras razões que não pertencem a esta vossa lingua. Alli viui muitos annos a grande meu sabor, passárãome despois a Roma para onde então por mandado da fortuna corria tudo. Hi cheguei a tanto que me não faleceo hum nada de ser Deosa: despois a grandeza daquelle Imperio que parecia para nunca acabar, todauia acabou. E assi como a sua quéda foi grande, assi leuou tudo consigo, alli me perdi eu com muitas das boas artes, e ahi jouuemos longo tempo como enterradas, que já quasi não havia memoria de nós, té que os vizinhos, em que

d'uns

d'uns nos outros ficára alguma lembrança, cauá-rão tanto que nos tornárão á vida, mal tratadas porém, e pouco para ver. Agora que já hiamos (como dizem) ganhando pés, sentio-nos logo aquella nossa imiga poderosa que nos da outra vez destroira, foise lá, pôs outra vez tudo por terra. Bem entendeis que digo pela guerra imiga de todo bem. Venho fugindo, aqui neste cabo do mundo acho paz, não sei se acharei assossego. Iá sois no cabo, e dizeis ora não mais, isto he auto, e desfazeis as carrancas, mas eu o que não fiz atégora, não queria fazer no cabo de meus dias, que he mudar o nome. Este me deixai por amor da minha natureza, e eu dos vossos versos tambem vos faço graça, que são forçados daquelles seus consoantes. Eu trato cousas correntes, sou muito clara. Folgo de aprazer a todos. Direis vós que não he muito boa manha de dona honrada: direis que Portugueses sois. Finalmente a mim nunca me aprouuerão escuridões, nem fallo senão para que me entendão, quem al quiser não falle, e tirará de trabalho a si, e a outrem. Muitas contas vos dou de mim logo de boa entrada, cuidaueis que não havia de trazer de molher senão o trajo? ora vistes que tambem trouxe a lingoa. Agora sabei que inda hauemos de fazer hum caminho longo. Iá ouireis fallar de Palermo, Cidade nobre em Cecilia, ahi vos hei de dar à mostra da minha ten-

tenda, porque lá sejais tambem estrangeiros. Cuidais que gracejo? O meu poder he mór do que pela ventura cuidais, não me tenhaes em pouco por me verdes assi tão conuersauel, não se moua ninguem, asseguraiuos. Vedesnos em Palermo todos a saluamento. Ora daquellas casas defronte sahirá hum mancebo Valenciano por nome Amente, a este segue hum Ayo que o vigia quanto póde, e destes, e doutros sabereis o mais, que eu lhes mandei a todos que fallassem Portugues, e porque ouçaes cos corações repousados, eu vos tornarei donde vos trouxe, já sabeis que o posso fazer. Ouui, e fauoreceime.

AVTO PRIMEIRO

Amente, Mancebo. *Cassiano*, Ayo.

Amente. Iá vens apôs mim Cassiano? que me queres? por vida se póde hauer hum tão pesado catiueiro?

Cassiano. Catiueiro chamas tu ao teu remedio? Assi fazeis vosoutros a tudo, mudaes os nomes como quereis, e ficaes contentes. eu, Amente, eu sou o catiuo, que me trazes sempre apôs ti por onde queres.

Amente. Ainda os escrauos tem horas liures, tem suas festas, eu sempre hei de jazer de

baixo deste jugo? que me queres? queresme acabar de matar?

Cassiano. Mas tu que queres? quereste acabar de perder? o Amente quam mal te ensinou a minha mansidão.

Amente. Como? sempre hei de ser menino?

Cassiano. Agora te he a ti mais necessario o teu Ayo que nunca.

Amente. Não me dirás que me queres?

Cassiano. Guardarte, que este he o meu cargo, como me encommendou teu pai.

Amente. De que me has de guardar?

Cassiano. Da tua doudice, pois queres que to diga.

Amente. Cuidas que te hei de fugir?

Cassiano. Não andas tu nesses tratos. De Palermo não fugirás tu, mas de mim si. Ora já que tu fazes o que não deues, deixame a mim fazer o que deuo.

Amente. Que desauentura tamanha foi a minha?

Cassiano. A boa companhia, e bons conselhos de seu Ayo, chama este ora catiueiro, ora desauentura: não suspires, creme que te hei de seguir como a tua sombra.

Amente. Essa não me segue pelo escuro, e tu si. Mas não estemos mais nestes debates, antes me tornarei a casa, ahi que mal posso fazer? tu guarda a porta se quiseres.

Cassiano só. Hi lá tomar cuidado de filhos alheos,

alheos, onde ha isto de ir ter? Que se fez do acatamento que estes moços sohião de ter a seus Ayos? que não sómente lhe ousauão de leuantar os olhos. Agora vedes em que mundo somos, que ás vezes vos cumpre fazer que não vedes, e outras que não ouuis. A doudice não sabe ter meio. A tanto são chegados, que gracejão, e dizem que já se não costumão Ayos, como se fossem trajos curtos, ou longos, e dos velhos dizem que cantão por huma corda, e por fabordão. O pois que musica a sua delles, e que contra ponto! muitos escarneos, muitas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Beijãovos as mãos cem mil contos de vezes, cedo hão de beijar tambem os pés como ao Papa, se elle não acode por seu estado. Entregãosevos por escravos cos ferros nos pés, e cos ferretes nas testas, então quando os requereis, foi a mór mofina do mundo porque aquillo só não podem. Ora da outra parte cotejai o cantochão dos nossos velhos, o seu si pollo si, pollo não não, o seu rego vai, rego vem, o seu dizer, e fazer, qual haveis por melhor musica? Digouos em boa verdade que o dagora tudo parece escarneo quanto vedes, porém não se lancem os pais de culpa que os crião tanto na vontade. Todos somos enfeitiçados co estes filhos, despois que os danão, encomendãonolos. Quan-

to ha que partimos de Valença, hiamos para Rhodes, nosso amo quisera encostar este filho áquella Religião, estando aqui esperando passagem, vierão novas do cerco. Agora já dizem mais da tomada, temos gastado muito do tempo, e o dinheiro todo. Este moço namorouseme aqui, e perdeo o siso, eu ando em vesperas de perder tambem o meu coelle, tenho escrito a seu pai que acuda, espero sua resposta, entretanto ando assi tendome ao mar. Esta doudice dos amores nasce de ociosidade, e nella se mantem, esta ao menos lhe queria tirar, e por isso o persigo coa minha presença, ao menos não fallará tanto co aquelle seu grande priuado Callidio.

Alda, moça de seruir. *Ambrosia*, velha.

Alda. Assi como dizes minha tia Ambrosia, mas andemos mais, que faço já grande detença.

Ambrosia. Bem dizes Alda filha, se eu podesse, mas vou muito carregada.

Alda. De que tia?

Ambrosia. D'oitenta annos que trago ás costas, e pesão muito.

Cassiano. Aa minguoa daquella carrega, anda meu criado Amente, tão leue.

Alda. Mal he esse que todos desejamos.

Amen-

Amente. Com muitos outros de companhia que tu não dizes.
Alda. Que taes?
Ambrosia. Estes homens filha principalmente.
Alda. Gracejas tia?
Ambrosia. Gracejar dizes? Antes te esconjuro mil vezes que te não ponha ninguem medo com outras almas peccadoras.
Alda. Não serão todos tão máos.
Cassiano. Iá aquella jaz. Medo hei que a velha acuda já tarde ao arroido.
Ambrosia. Todas queremos fazer essa esperiencia de nouo, então filha quantos queixumes?
Alda. Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andão bebendo os ventos por ella.
Ambrosia. Assi queira Deos que não se solte tudo em ventos.
Cassiano. Como velha prática, e sesuda?
Alda. He o Doutor Petronio tão rico.
Ambrosia. Bem o sei, mas tu dizes tão rico, e não dizes tão caluo.
Cassiano. Que me matem se esta não he a paixão em que anda o doudo de meu criado Amente.
Ambrosia. Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia Religioso como elles soião de ser, tanto lhe deixou do seu, que Betrando a pôde casar sem lhe custar nada, e mais com tal

aju-

ajuda de Deos, como he parecer seu, e o siso.

Alda. Lá saberás tudo, não façamos mais detença.

Casssano só. Se esta moça verdade conta, empresto eu á nosso amigo huns poucos de máos dias com suas noites, que o negocio do Doutor he de siso, não para elle, mas para Betrando, e para a moça tambem, se ella he sesuda como diz a velha, fallo como se costuma de fallar, que todos nos lançamos a este proueito do Doutor, crede se a colhe ás máos, que elle terá cuidado de fechar suas portas, e janellas a tempo, então deixai vós ao doudo rodear a casa, e suspirar toda a noite, vós todauia não duuideis que entretanto o sono não preste mal ao coitado do velho, e desconfiado. Ah que queremos forçar tudo, e a natureza tambem. Velho namorado com moça fermosa, e empollada, não ha hi para dous dias, despois não lhe ha de falecer outro melhor empenado, com quem logre o que lhe o velho deixar por sua alma tanto ás suas custas. Mas deixemos á cada hum fazer suas contas, e cuidar que as acerta, prouuesse a Deos que visse já o casamento feito, o Doutor entraria em fadiga, eu polla ventura sahiria della.

Dorio, Casamenteiro. *Cassiano*, Ayo.

Dorio. Até quando traremos nós ao pescoço este jugo dos Espanhoes ? até quando jaremos neste sono , e neste esquecimento da nossa liberdade ?

Cassiano. Tambem este vem bracejando , e fallando consigo.

Dorio. Quando lhe cantaremos nós outras vesporas Cezilianas como fizemos aos Franceses ? venha (como dizem) o diabo escolha , todauia o Frances roubate , e conuidate , o Espanhol sempre quer senhorear , como se póde soffrer tanto senhor Capitão ?

Cassiano. Coitados que neste murmurar nos mantemos.

Dorio. Se a terra destes he como elles dizem , que buscão na nossa ? ó Ilha tão abastada , e tão rica por teu mal ? Mas vejo quem buscaua.

Cassiano. A mim se vem , não o conheço , que me quererá ?

Dorio. Senhor meu , quando o assi por bem ouuesses , releuame muito ouuiresme duas palauras.

Cassiano. Não digo eu duas , mas duas mil , se tantas mandares.

Dorio. Polla tua humanidade , e cortesia : ora a mim me chamão Dorio , não sei se me conheces , mas sou muito conhecido nesta ci-

da-

dade, por tratar meu officio muitos annos ha com grande limpeza, e fialdade.

Cassiano. E que officio he o teu?

Dorio. Grande, e de muita confiança.

Cassiano. Que tal?

Dorio. Casamenteiro, a seruiço de Deos, e dos bons.

Cassiano. Para tratar tamanha, e tão santa cousa como he o casamento, não se podia escolher saluo pessoa das qualidades que deue d'hauer em ti.

Dorio. Não pollo eu merecer, mas faço todauia pollo não desmerecer. E vindo ao meu caso, digo que viuendo eu aqui em paz, e amor de todos, seruindo meu officio como todo o mundo sabe, agora já no derradeiro quartel da vida, hum mancebo de que me dizem que tens carrego anda de todo posto em me matar.

Cassiano. Matar ou como?

Dorio. E mais sobre meu officio.

Cassiano. Quem te disse tal?

Dorio. Muitos, e antre os outros elle mesmo.

Cassiano. Contamo.

Dorio. Passando por mim ameaçoume mordendo hum dedo da mão, e dizendo não sei que palauras.

Cassiano. São brauarias de Palermo.

Dorio. Hi vê homem cada dia matar muitos.

Cassiano. Inda esse que dizem tem por matár o primeiro.

Dorio. Não queria que começasse em mim.

Cassiano. Iustiça ha na terra.

Dorio. Despois d'eu morto quer a haja, quer não.

Cassiano. Não que a sua pelle te guardará a tua.

Dorio. A muitos a não guardou, que sei eu de quaes serei?

Cassiano. Não cuides sómente nesse cachoparrão.

Dorio. Esses, senhor meu, são os que eu arreceo, que não os velhos, sesudos, lançadores de contas. Ando assi como vês metido neste mantão, huma mão sobre a outra, que mais he matarme a mim, que a huma ouelha?

Cassiano. E porque ha de matar ninguem essa ouelha?

Dorio. Huns pella lá, outros pella pelle.

Cassiano. Conhecelo tu bem?

Dorio. Assi o não víra nunca, nem elle a mim.

Cassiano. Por te pôr esse medo te ameaçou? agora se a ti fosse andaria eu mais seguro.

Dorio. Amigo, e senhor meu, mais gente mata o descuido, que os cuidados. He me necessario dar mil voltas á cidade, e de noite, digote que hei medo aos acontecimentos, quanto mais aos propositos.

Cas-

Cassiano. Tenslhe feito algum aggravo?
Dorio. Não que eu saiba.
Cassiano. Que te diz o coração?
Dorio. Nao me sei affirmar, mas póde ser que por ir á casa de Bertrando, onde ja não vou, no que recebi a perda que Deos sabe.
Cassiano. De cujo mandado hias lá?
Dorio. Isso não posso dizer, que são segredos do officio que tenho.
Cassiano. E a esse teu matador que lhe vai nisso? Que has porque cospes?
Dorio. A longe vá máo agouro.
Cassiano. Porque lhe chamei teu matador? callate que não te ha por isso de matar.
Dorio. A's vezes se dizem as palauras em tal conjunção.
Cassiano. Grandes arreceos trazes a esta tua vida.
Dorio. Tenho necessidade della para mim, e toda a minha gente.
Cassiano. Que lhe vai a esse mancebo nisso?
Dorio. Não sei, elle o saberá.
Cassiano. Ora Dorio amigo meu, quanto ao medo não sei que te faça, que não he em mim tirarto, no mais farei quanto em mim for, não te posso prometer mais.
Dorio. Nem eu pedirte mais, e porem isso te peço muitas vezes.
Cassiano. E eu muitas to prometo, descansa que não será nada.

Do-

Dorio. Assi queira Deos.

Cassiano. Este doudo em que anda cuida que pelas suas ameaças ha elle de ficar por casar. Huma hora do dia que se me furta, logo deixa rasto por onde vay, que faria se lhe eu tanto não desse em que entender. Ouue dó do peccador que se dá por morto, e tremiãolhe os beiços que badalejaua. Ora me deixai co doudo que por isso o hei de perseguir mais. Isto ganhará co as suas ameaças, quero ir ver o que faz.

Fim do primeiro Auto.

AUTO SEGUNDO.

Briobris, Soldado. *Deuorante*, Truão.

Briobris. Assi que me tendes aqui catiuo em Palermo em tempos de paz, e terra de Christãos?

Deuorante. São obras do Amor, que já fez a Hercules conquistador do mundo fiar, e debar.

Briobris. E eu que achandome na de Rauena, Chirinola, Vicença, Milão, que viesse assi a cair nas mãos duma moça, que te parece?

Deuorante. Assi contão que se toma o Alicorne, animal tão brauo.

Brio-

Briobris. E assi aconteceo a Roldão, e Reynaldo.

Deuorante. E ontem a ElRey Carlos o da cabeça grande em Piamonte.

Briobris. Não sou acostumado a sofrer desejos.

Deuorante. Acostumate por amor de mim, que os amores de seu natural são brandos, e queremse por bem.

Briobris. Arrenego destas vossas branduras, tenhome coa guerra, onde se tudo faz por força.

Deuorante. Falla mais sem paixão, que te demudas, e fazesme hauer medo.

Briobris. Esse mal tenho, sou temeroso.

Deuorante. O que doutra parte és mais gracioso que a mesma graça.

Briobris. Porém quando me vem esta paixão perdoai. Se me víras no campo?

Deuorante. Ahi dão os homens testemunho verdadeiro de quem são.

Briobris. Digo que se me lá víras. Andaua mais acompanhado que o capitão. Elle morria de enueja, e eu não morria dabafas. Conteite já dos toques que lhe dei?

Deuorante. O da Temuda?

Briobris. E esse não foi máo, mas primeiro te hei de contar doutros Anjos cogidos.

Deuorante. Que aramaa lá fui? Cuidei d'atalhar, e rodeei, apôs estes virão os fritos, e despois os assados.

Brio-

Briobris. Este capitão tocaua na Tribu de Iudá; e como disse, tinhame grande enueja, polo qual mastigaua, e grosaua ditos meus, que todos trazião na boca, polo qual eu a hum proposito não fallando mais com elle, que cos outros, disse hum dia: Não se ha aos supitos de buscar a escama detrás a orelha.

Deuorante. Ha, ha, ha.

Briobris. Que ouueste?

Deuorante. Não he para ninguem brincar contigo, como dizem do ferro. E os outros?

Briobris. Torciãose todos. Mas quem te disse a da Temuda.

Deuorante. Mil pessoas que o sabem, e o contão entre outras graças tuas. E elle mesmo foi o que me contou, mas que hei já de fazer?

Briobris. Este mesmo capitão trazia amores em parte que me hia nisso alguma cousa. A dama chamauase Temuda: mas que havia o diabo de fazer? Viemonos huma só noite a encontrar em hum lugar escuso, elle rebuçouse; mas eu ao passar disse: Para que he andar tão temudo?

Deuorante. Destruisteo. Esse homem como se não foi logo lançar num poço?

Briobris. E isto em dizendo fazendo.

Deuorante. São graças naturaes que Deos reparte por quem quer bem.

Briobris. Não o digo por me gabar, mas quan-

tas

tas vezes me aconteceo não me darem sómente vagar com requerimentos de cartas de Amores, huns a hum proposito, outros a outro?

Deuorante. Quaes hauias por mais trabalhosas?

Briobris. As primeiras.

Deuorante. Como Mestre.

Briobris. E assi d'humas como doutras os começos, que despois huma palaura leua a outra por huma maneira noua, que ora descobrimos, que tudo se vai apurando cada vez mais.

Deuorante. Ficartehião os treslados que leremos sobre mesa.

Briobris. Nunca as guardo, mas lembrame hum começo, e dizia assi. Nas ondas destas lagrimas, que me leuão assi na sua corrente, não tem estes meus olhos outro norte perque se reião senão os teus.

Deuorante. Ai, ai, que farei? Isso não se sofre.

Briobris. Outra.

Deuorante. Dará cento como relogio mal concertado.

Briobris. Os enganos senhores da vontade fazem o que querem de mim, e eu não quero acabar de entender o que entendo, e fico assi como em mares encruzilhados, onde a força não esforça, nem gouerna o gouernalhe.

De-

Deuorante. Busca quem te aguárde taes pancadas, que eu não posso.

Briobris. Pois se quisesses que te esmiuçasse isto pelo meudo.

Deuorante. Fugirei quanto poder, tão endiabrado és por bem, como por mal.

Briobris. Assi hão de ser os homens, e não como estes frieirões, que não são peixe nem carne. Outra. No meio dos desejos não acho cabo, no cabo não acho meios: tal aviamento acho para o meu desauiamento, e tal esperança para o cabo da desesperação.

Deuorante. Finalmente para esta tua navegação tudo o mais temos, a moça só nos falece, esta busquemos.

Briobris. Não se póde errar que não ha outra em Palermo, como em Palermo? como em Palermo? não ha outra no mundo. Aqui a achei, aqui a perdi, aqui me perdi.

Deuorante. A bom santo te encommendaste, eu te tornarei a achar.

Briobris. Os cabellos como fio d'ouro, os olhos verdes que eschamejauão.

Deuorante. Taes que te fartárão os teus?

Briobris. Mas taes que mos deixárão famintos para sempre.

Deuorante. Ora cortame este pescoço, e acaba. Que mais poderá dizer hum Mancias?

Briobris. Pois ando para me enforcar, como vês.

Deu.

Deuorante. Não faças por amor de mim, que he cousa de que te arrependerás.

Briobris. Nunca fiz cousa de que me arrependesse.

Devorante. E eu cada dia, e cada hora. Vamonos a jantar, ficarnosha tempo para os negocios.

Briobris. Não o hão inda de ter prestes, eu vou a dar pressa, e terei cuidado do teu mantimento, tu tem cuidado do meu.

Devorante. Es huma fonte perenal de eloquencia, nunca te acabarão desgostar.

Briobris. Pois creme que não anda aqui hum terço de mim.

Deuorante só. A que tempo me Deos aparou este soldado? que não achaua já aqui huma vez dagoa. Neste mundo tudo são começos. Foime bem huns dias, agora andava já ás moscas. Cada tarde me assentaua sobre hum penedo a diuisar dalli o mundo, e dando ao papo como francelho manso, olhando para onde tomaria o voo. Trabalhoso officio este nosso, que tem sempre o mantimento em máos alheas. Muito bem me dizem dos Gallegos, e tem razão, que nunca em al fallão segundo me dizem senão em comer, e beber. Nunca se vio tão roim mundo, o dizer bem das pessoas he cousa fria, e ainda despreziuel, o dizer mal he perigoso, quem quereis que tome hum porto tão estreito? e por in-

inda ser nossa mofina maior, os mancebos seruidores das damas com quem era todo nosso ganho vieráosenos a fazer mais graves que seus pais. O joyas, joyas quem tiuesse bem de comer para rir de vós, como hi não ouue amores, não ouue homens, com elles se forão as canas, os touros, as justas, e finalmente a liberalidade, nós outros ficamos como sinos em castello despouoado, tangendo ás gralhas, e assi já eu era (como digo) na espinha, lembrouse Deos de mim, e acodiome com este soldado, apetitoso, conuidador, mais vão que a mesma vaidade, nas armas hum Roldão, mais fermoso, e mais namorado de si mesmo que Narciso, mas a mim que se me dá? vem da guerra, e destes seus a que chamão sacos, onde roubão a Deos, e aos santos. Vós porém vede como fallais, e não lhes chameis roubos, senão olhai por vós, sacos si quantas vezes quiserdes. Quem me mete a mim com seus pontos de honra? venha donde vier, ganhasseo como quisesse, sou pela ventura seu confessor? come, bebe, joga, e he de molheres, aquelles taes são os meus homens. O mal ganhado mal se ha de despender. Viuamos todos. He de louuaminhas: fartoo dellas. Quer contar suas mentiras, aparelho os ouuidos, enchoo de vaidade, e elle a mim, que não sou tão espiritual, encheme disso

que se vende na praça, seja nas boas horas, trato he em que elle põe dinheiro, e eu palauras, dure o que durar. He enfadonho? Não ha logo de ser tudo como homem quer, e de que me podem melhor seruir os meus ouuidos, e a minha lingua que de me ganharem de comer? A moça não vos ha de ser outra senão esta Lucrecia, para quem agora toda a cidade se embica. Guarda de escandalizar ninguem por ninguem, que as obrigações esquecem logo, as mágoas nunca, lá se auenhão, que eu não me mantenho d'olhos verdes quando me veredes. A mór sciencia que no mundo ha assi he, saber conuersar cos homens, bom rosto, bom barrete, boas palauras não custão nada, e valem muito, e assi quem sabe de tudo isto faz bom barato, os paruos darvoshão antes dinheiro, e eu antes o queria. Isto não se aprende em París. Vamos a comer.

Cassiano. *Amente.*

Cassiano Meu criado como me sintio em casa dissimulou, e partio, verdadeiramente o mais certo preso he quem guarda o preso. Achei esta carta, pareceme que lhe cahio coa pressa: letra de molher he, deue de ser da moça, quero ver o que diz. (Não sei porque folgas fazer tanto mal a ti, e a mim.)

Bem

Bem me podera esta moça tambem aqui meter no começo desta carta. (Que te perdes, e não olhas com quanta perda minha, querendome obrigar co isso.) Milagres são que as fermosas fazem a que se não póde dar razão. (Em pago de me pesar do teu mal, queres ser causa do meu.) Mais pesa a seu Ayo, e mais pesará a seu pai, quando o souber. (Olha que ainda se póde remediar tudo) não a bolsa que trouuemos que arqueja, e tira quanto pode pelo folego. (Disseráome de tua parte que não querias mais que este meu desengano, ahi o tens.) Que fará agora Amente senão irse deitar naquelle mar assi desenganado? Quanto melhor remedio fora não lhe dar nunca olhos, nem outidos, mas isto por boas filhas que ellas sejão, não homandeis, que lhe manda o seu natural outra cousa. O artificio com que se já tudo diz, e faz, e digo em maiores casos. Mas he elle o que lá vem? Esse he. Bem sabia eu que esta carta mo hauia de tornar á mão, querolha ir pôr onde a ache, não acabe de sair de seu siso (se isto se póde dizer por quem já não tem nenhum.)

Amente só. Não passa assi o pesar. Quão pouco ha que sahi daquella casa com tanto prazer, vendome liure de Cassiano, eisme agora torno por mim mesmo á prisão, de que fugia, co prazer de todo perdido, e a carta

pouco menos, e mais a que tempo! quando me já não ficaua outro bem, outro descanso, outra nenhuma consolação saluo aquellas poucas regras. Cuidei que a leuaua no seo sobre o coração, donde a nunca tiraua, elle foi o que a achou menos, queriame saltar fóra do peito, fezme tornar em sua busca. Mas he aquelle Callidio? queroo esperar, não sei que nouas trará. Coa cabeça baixa vem, não he aquelle o seu costume, acabem já de me matar os amigos, e os imigos.

Callidio. *Amente.*

Callidio. Quem concertará tantos desconcertos? Digouos que cuido, e cuido, e não lhes posso achar saida.

Amente. O que ahi não ha, não se póde achar?

Callidio. Estes namorados não viuem senão de esperanças.

Amente. Que assi são ellas saborosas.

Callidio. Olhai que peças: Doutor honrado, e rico, os dedos cheos de aneis.

Amente. Pera mal vai este conto. Callidio, Callidio.

Callidio. E o negocio está em Bertrando tão sesudo, e tão pesado.

Amente. Callidio? ouuesme? vem cá, soubeste mais alguma noua?

Cal-

Callidio. Fallei com Alda.
Amente. Com Alda? e que te disse?
Callidio. Que o Doutor apartaua muito o negocio.
Amente. E de Lucrecia?
Callidio. Que não trazia rosto de contente.
Amente. O que farei a estes rostos, que tão asinha se mudão? Que disse de Bertrando?
Callidio. Que calla, e passea.
Amente. E a molher?
Callidio. A ambas as máos pollo casamento.
Amente. Não he sua filha.
Callidio. Nem he ella ha que ha de casar, e dá tantas razões tão sesudas. Já sabes que cousas são molheres.
Amente. E tu já sabes que se não faz em casa senão o que ellas mandão.
Callidio. Mal peccado.
Amente. Dissete mais alguma cousa?
Callidio. Que hia em busca de Ambrosia a velha, que criou Lucrecia.
Amente. Para que, triste de mim.
Callidio. Pregunteilho, mas deo aos ombros.
Amente. Que sospeitaua.
Callidio. Mal.
Amente. E mal será, que assi acontece as mais das vezes.
Callidio. Que pressa he esta tua, e mais para casa, donde sempre foges?
Amente. Para que queres saber mais das minhas des-

desauenturas? furteime de casa com tamanho açodamento, que perdi aquella minha carta que sabes. Eu hi adiante, acheia menos, foime como achar menos o coração, torno em sua busca, deixame ir só.

Callidio. *Deuorante.*

Callidio. Máo rosto traz, será com fome.
Deuorante. Ditosos homens que se lhes crê quanto dizem.
Callidio. Ando magoado de lhe já ninguem crer cousa nenhuma.
Deuorante. Que horas estas para andar inda em jejum, inda que fora dia de jejum.
Callidio. Bem me parecia que dali vinha a tosse ao gato.
Deuorante. Todos fartos, e cheos, então querem gracejar, que me anda o diabo attentando para fazer húma doudice, então vereis como logo todos me dão o corro, como dizem do touro.
Callidio. Pois quanto á minguoa da boa cornadura não fique.
Deuorante. Cuidei de achar já o meu Soldado á meza, e hia lambendo os beiços dante mão, senão quando eu vejo que me estaua aguardando á sua porta hum tauerneiro, a que sou em diuida d'alguns marauedis, olhei mais, e vejolhe hum beliguinaz ao lado.

Hia-

Hialhe a caír nas mãos. Quanto val hum homem acordado, descobrios d'huma legoa, desuieime então por outra rua eu lá, aleuantauase hum arroido como barborinho em tardes de verão, lanças, pedras, espadas, não sei como sahi viuo.

Callidio. Vaso máo nunca quebra.

Deuorante. Hum gentar que te Deos ministra; quantas cousas te estoruão?

Callidio. Pois ainda o meu quinhão te está cá guardado.

Deuorante. De que te aproueita ser sesudo antre tantos doudos. Iudeu ouueras de dizer que não sesudo.

Callidio. O meu grandissimo amigo Deuorante, quanto ora folgo contigo.

Deuorante. Este me direis vós a mim que não he dia aziago?

Callidio. Que he isso que assi vens de má graça? não era esse o teu costume.

Deuorante. Deixame passar que não hei contigo nada.

Callidio. Que te fiz? alguma agulha ferrugenta se meteo entre nós.

Deuorante. Requeirote da parte de Deos que me deixes ir em paz. Não sejas aqui hoje o meu peccado.

Callidio. Espera que logo te auiarei.

Deuorante. Que me queres?

Callidio. Dous toques de trouas d'improuiso que tens nisto gracia gratis data. *De-*

Deuorante. Não hia eu ora cuidando em al.
Callidio. Tanto mais d' improuiso.

Começo.

Deuorante. Se és quebrado, ou se és ìnteiro.
Que assi vás aos folles dando!
Dás á cabeça escornando,
Se és touro, ou velho sindeiro?
Eras pera Alfeloeiro,
Qu' vai cascaueis tocando
Bem sei que foste apalpando,
Mas não és bom chocarreiro.

Callidio. Ora o fizeste como quem és, e mais pelos consoantes outraora te conuidarei, já podes passar.

Deuorante. *Briobris.*

Briobris. Passão as horas do comer, o gentar danase, grão força de negocio detem a Deuorante.
Deuorante. Quando me auerei eu dentro naquella casa, que me hoje tantas cousas defendem, mas vejo o meu soldado.
Briobris. Que detença foi esta? ouue quem te fizesse algum desprazer?
Deuorante. Iá me conhecem por teu, digote que não querem prouar como pões as mãos, e o ferro.

Brio-

Briobris. E o fogo inda deuêras de dizer.
Deuorante. E o fogo tambem.
Briobris. Que não ha muito que eu chamusquei huns poucos de villãos por hum desprazer que me fizerão. Nem saberás como eu jogueto d'Arcabuz.
Deuorante. Saibãono teus imigos.
Briobris. E dos soldados desta vossa guarda de Palermo.
Deuorante. Si, de como os desbarataste.
Briobris. Com huma só palaura queres tu passar por tamanho feito?
Deuorante. Isso seria se as muitas abastassem.
Briobris. Bem disseste. Como és auisado.
Deuorante. Vou aprendendo de ti?
Briobris. E do vsso tamanho, e tão medonho que me dizes pois o viste?
Deuorante. Sabes que então disserão todos?
Briobris. Que por tua vida?
Deuorante. Que se apalpara o vsso com o Lião.
Briobris. Ah, ah, ah. Ora nunca vi melhor dito do pouo.
Deuorante. Assi diz o pouo que nunca vio melhor feito de hum homem só.
Briobris. Nem de dez.
Deuorante. Nem de vinte: ó senhor Deos, que não fará dizer a fome? Não sei para que forão mais polees, nem mais dados na testa,

aquel-

aquelle he hum vsso manso, que anda por essas ruas brincando.

Briobris. Benzertehias quando me visses saltar a traués tão ligeiro.

Deuorante. E tão airoso. Mas tu não me perguntas por nada?

Briobris. O meu amigo grande, como quem descansa sobre ti.

Deuorante. Não he para as ruas cousa de tal segredo, e preço.

Briobris. Entremos em casa, lá saberás marauilhas, e eu tambem contarei das minhas.

Deuorante. O demo diz a este que hão de ser mentiras por mentiras.

Fim de segundo Auto.

AVTO TERCEIRO.

Petronio, Doutor.

SE nós outros passamos tão asinha, que podemos fazer que dure muito? Tempus edax rerum, tuque, ó inuidiosa vetustas, Omnia consumitis. Aquella tão antiga, e tão nobre cidade de Pisa em que nasci, he como posta por terra, pois perdeo a sua liberdade, e os seus cidadãos espalhados pello mundo antes que se verem seruir aos Florentis seus imigos, fezemos todos o que podémos, e o que deuiamos, agora que temos de Pisa senão

Par-

Pardieiros, e campos vbi Troia fuit, como diz aquelle diuino Poeta ? A mim coubeme em sorte este Palermo, onde me magoão estas lembranças muitos annos ha, mas que farei ? sempre assi hei de andar gemendo ? Ora quem viuer verá tambem a Florença a sua pancada, que quanto vai mais crecendo, tanto será mais cobiçada. Não se começárão em nós, nem acabarão em nós estes jogos da fortuna. Com isto me vou consolando, os homens da minha calidade per si se hão de curar, e senão embalde embranqueci sobre os liuros, patria est vbicumque benè est. O bom jugador emenda o lanço máo quanto pode co saber, porque não farei o mesmo ? fezme o máo lanço estrangeiro a estes, eu me lhe farei natural coas boas obras, coa mansidão, e co saber, e mais se acabamos este casamento como cuido, cada dia spero por meu irmão, dizemme que he arribada huma náo de Poente, assentarnoshemos aqui ambos. Certo os homens não deuião de fallar nas cousas do mundo senão despois de muita infinda experiencia, que segundo o Philosopho, est mater rerum. Quantas contas tenho nestá vida feitas que me agora cumpre de riscar ! O casamento a que tantas vezes chamei catiueiro acostumado, torno agora a ver que he cousa santissima, e necessaria. Os filhos de que tantas vezes ri cos mesmos

mos pais de como não sabẽ fallar saluo nas suas graças, dei de nouo volta, e acho que são todo o gosto da vida, e da fazenda, e bem souberão as leis o que dezião em chamarem seus proprios herdeiros ponto alto, e de apicibus juris. Quanto a casar por amores, e mais nesta idade, digo nellà me he mais necessario algum contentamento, quando me os outros todos vão desamparando. Que differenças de costumes! Aqui me derão dote honrado com Lucrecia, e logo defronte em Africa comprão as molheres quem as quer, parece que não he má razão. Mas vejo eu a minha criada? Si vejo, nouas teremos.

Sargenta. *Petronio.*

Sargenta. Duas sortes de homens ha no mundo que se possão seruir, ou muito paruos, ou muito namorados, e inda os namorados tem grande ventagem. Quito tempo ha que siruo meu amo sem medar hum veſtido, nem huma boa palaurà que custa menos.

Petronio. Que dar de lingoa! gran caso este das molheres.

Sargenta. Vem o velho, e namorase, logo fui vestida, e priuada.

Petronio. Não a posso bem entender.

Sargenta. Nunca vistes tão boa gente, nem que assi se vos deixe enganar tão leuemente.

Pe-

Petronio. Enganar, ou como? não hei aquella por boa palaura.
Sargenta. E mais Dorio fora já de trato.
Petronio. Nem tratos tão pouco.
Sargenta. A verdade he apanhar.
Petronio. Peor que peor.
Sargenta. Muitas mercês á fermosura de Lucrecia.
Petronio. Todo estremeci ouuindo aquelle nome, de lá deue de vir, assi com elle na boca a quero chamar. Sargenta, Sargenta.
Sargenta. Huy aquelle he nosso amo. Se me ouuiria, mas elle não ouue já muito bem.
Petronio. Vem cá Sargenta, chegate mais a mim que te quero perguntar donde vens.
Sargenta. E logo te o coração disse donde?
Petronio. Que marauilha? se elle sempre por lá anda.
Sargenta. E a mim me parece que o vi.
Petronio. Folgo com isso muito. E pois que anda a minha alma fazendo por lá?
Sargenta. Espalhando toruoadas como sino de virtudes.
Petronio. E parecete que fica o ceo despejado de todo?
Sargenta. Limpo como hum espelho.
Petronio. Nem lá contra o Poente não enxergas nada?
Sargenta. Huma pouca de neuoa, e vento.

Petronio. Dahi se leuantão ás vezes grandes torvoadas, mas que entendeste della?

Sargenta. Muitos sisos, e muitas virtudes.

Petronio. De quem Sargenta.

Sargenta. De Lucrecia.

Petronio. Assi faze, nomeama muitas vezes.

Sargenta. Nunca se tal graça vio, nem tal siso.

Petronio. Tal assento, nem tal fermosura.

Sargenta. O que todo mundo vê, para que he dizerte mais?

Petronio. Ora vem cá Sargenta, que te quero agora perguntar por hum ponto, cousa em que te nunca fallei. Ouuiste alguma hora fallar num mancebo Espanhol, que, segundo dizem, anda aqui perdido d'amores por ella?

Sargenta. Qual? hum capa em colo, que á primeira parecia alguma cousa, já agora não terá que despender, e parece que cahio da forca.

Petronio. Ha, ha, ha, como o pintaste tão bem.

Sargenta. Cousa he isso para te sómente lembrar?

Petronio. A mim não, mas á Lucrecia.

Sargenta. Que riso, não he isso senão para a nomeares muitas vezes.

Petronio. Ao homem sesudo tudo ha de lembrar, e mais isto, das idades releua muito.

Sargenta. E bem que disposição he assi a tua?

Pe-

Petronio. Da disposição, Deos seja louuado, não hei enueja a ninguem, a idade polla ventura parecerá mais do que he cos nojos, e cos trabalhos com que se as cans adiantão.

Sargenta. Quem não sabe que as cans não fazem velhice?

Petronio. E mais segundo o Philosopho, no casamento, o homem ha de ter boa auantagem d'annos á molher.

Sargenta. Muito releua o que quer o Philosopho para o que ellas querem.

Petronio. Ao homem he necessario mais siso, e mais experiencia como quem ha de gouernar. Mas aqui temos Deuorante, acolhete Sargenta, que este sempre anda em spreita para leuar nouas duns para os outros.

Sargenta. Que dita tamanha vir quem nos espartisse. Não sei porque dizem tantos males da mentira, digão o que quiserem. Como? e bom siso fora contar eu a nosso amo mui verdadeiramente donde vinha, e tudo o que fizera? O que prazer para elle, e para mim que proueito? e assi co estoutra mezinha, elle fica doudo de prazer, e eu vou em paz.

Deuorante. *Petronio.*

Deuorante. Não aja hi mais tal paruoice, nem se enforque ninguem por paixão que lhe venha.

Pe-

Petronio. De boa tempera parece que vem.

Deuorante. Como eu oje andaua joya ? com todos queria auer brigas. Bem dizem que fome, e frio, mas o frio he vento. Esperarei quanto frio ha em Alemanha com esta capa çafada, não me falle ninguem em fome.

Petronio. Fome ou que ? não he para o esperar, que se inuiaria aos dentes.

Deuorante. Em fim, quisme Deos dar sofrimento, quando cheguei, achei tudo prestes. O soldado bebêra já á minha reuelia, então começou a contar das suas façanhas, matou, venceo, catiuou, eu tambem entretanto por não estar ocioso dei saco á mesa.

Petronio. Bem está, farto deue de vir. Saibamos nouas. Onde se vai o grande meu amigo Deuorante?

Deuorante. Onde mais comprir aos seus senhores, e amigos.

Petronio. Que nouas correm ?

Deuorante. Muitas, e pouco certas, como em Palermo acontece cada dia, saluante se he verdade humas que me derão pouco ha.

Petronio. Que taes Deuorante ?

Deuorante. Que és já dos nossos.

Petronio. E isso has por cousa noua ?

Deuorante. Si que dantes tinhamoste como emprestado.

Petronio. E agora como ?

Deuorante. Por mais que nosso.

Pe-

Petronio. Assi quis a fortuna.

Deuorante. E o amor tambem.

Petronio. Ah, já te entendo, e nisso hauerá mil sentenças.

Deuorante. Antes a todos ouço fallar por huma boca, deixemos alguns dedos queimados fóra.

Petronio. Ha, ha, ha, e esses farão a mim inda mais velho, e a ella inda mais moça.

Deuorante. Como que não vissemos por aqui moças sesudas, e velhas doudas que farte, e se muito te comprirem de minha casa podes ser seruido.

Petronio. Eu to agradeço muito, mas por agora na praça estão ás moscas.

Deuorante. Tomai lá? assi fazem, pagão huma graça com outra.

Petronio. Que dizes?

Deuorante. Que tudo se acha em ti, sisos, graças, e galantarias.

Petronio. De ti me vem que me aleuantas os espiritos, mas fallando de siso, grandes priuilegios tem as molheres dos Doutores, se os ellas entendessem.

Deuorante. Que negra consolação principalmente para as bellas mal maridadas. E assi os outros homens em vosso respeito certo que se podem chamar corpos sem almas.

Petronio. Donde singularmente vão inferindo

os nossos Doutores, que se não póde doutorar hum homem morto.

Deuorante. Isso he certo?

Petronio. Certissimo.

Deuorante. Que mais queres? eis o que se diz de cabra morta não diz mee.

Petronio. Espantaste? Pois nota mais, que cabendo nas molheres tão altos titulos como he Condessas, Duquesas, Rainhas, Emperatrizes, &c. Mas Doutoras isso não por mais letras que tenhão.

Deuorante. E essas não tem spirito.

Petronio. Subtiliter Deuorante, mas respondendo breuiter, declarome que o do spirito que disse, procede negatiuè, non affirmatiuè.

Deuorante. Todauia a mulher do Caualleiro, tão pouco se chama Caualleira, nem escudeira a do escudeiro.

Petronio. Porque não são Amazonas que tragão armas, e escudo, e por isso logo das nossas disse, por mais letras que saibas, que te parece?

Deuorante. Não sei, lá vos entendeis, grande vida leuais.

Petronio. Assi podemos dizer co aquelle nosso grande Iustiniano, Noctes ducimus insomnes, &c.

Deuorante. Pois desse vosso Iustiniano não sei que eu já ouui dizer.

Petronio. E que?

De-

Deuorante. Que não fora elle dos mais Catholicos.

Petronio. O lingoas de serpentes, escreuendo elle tão altamente de summa Trinitate, & fide catholica.

Deuorante. Tão enfadonho he este, e tão vão como o meu soldado. E não conuida tão bem. Que faço aqui? Mandas de mim alguma cousa mais?

Petronio. Não al senão que sou teu, eu, e quanto tenho.

Deuorante. Eisme rico, e bemauenturado. Assi viua elle, e assi medre, e despois sabeis que vos respondem por suas leis? Que palauras de cortesia não obrigão. Nunca taes direitos vistes. Achão que huma só palaura obriga, e muitas não: não ajaes vós medo que co estes eu faça muita farinha.

Petronio Doutor só. Desque homem nasce té que morre, não trata cousa de mór peso, que a do seu casamento, que cada dia rematamos tão leuemente. Grande feito, que se te vendem hum rocim manco, ou huma mula maliciosa, logo hi são mil leis a te ajudar, e té procuradores tanto que dizer, e allegar, e na tua molher, por quem deixamos os pais, e as mãis, alli nos desampara tudo, e só a morte póde ser boa. Pello qual estiue tanto tempo solteiro, vim aqui, com sós as letras, de que me a fortuna não pode

roubar: coellas me remediei, que a estes nossos direitos não se lhes póde negar o senhorio de todas as outras sciencias. Os Theologos jazem por todos esses mosteiros mendicantes como se elles chamão. Philosophos já passárão mal auindos huns cos outros, com suas barbas, e grauidade. Poetas tudo póe em flores, pollo fruito não espereis. Os Oradores nós os tiramos das suas vezes. Os Astrologos sempre tratão do por vir, de que elles nem ninguem sabe pouco, nem muito. Fisicos ganhão bem de comer, porém he co ourinho no mão. Artistas debatem sempre sobre a lá da porca, e antre todos estes não ha hum homem de negocio: sómente o Iurisconsulto he o que póde tratar, e rematar duuidas de substancia. Só o Iurista póde andar co peito alto, e satisfeito do seu saber, quer seja pera concertar as cousas desta vida, quer da outra. Isto he o que te releua, e crême que te não busca ninguem senão o que te ha mister.

Guido, e Petronio, irmãos.

Guido. Ainda me não parece que ponho os pés em cousa firme.

Petronio. Hum estrangeiro vejo, quero ver se traz nouas.

Guido. Este mar tamanho, tão brauo, tão mu-

da-

dauel, tão espantoso, quem ousou primeiramente de accommeter?

Petronio. Não sei se me engana o desejo: mas este me paresce Guido meu irmão, porque esperaua.

Guido. E mais neste tempo em que homem que no mar entra, o menos que teme he o mesmo mar.

Petronio. Sem duuida este me parece.

Guido. Quem sempre anda cuberto de nossos imigos, e da fé.

Petronio. Sem duuida alguma este he: ó meu irmão Guido, boa seja a tua vinda.

Guido. Meu irmão, e pai, es tu este?

Petronio. Pois tu és vindo a saluamento, este sou, e tudo he saluo.

Guido. Se inda o bem soubesses, segundo se os tempos tornárão aos nauegantes. Ah peccador de mim, que bem deuerão de abastar os seus males proprios de mar.

Petronio. Qui ascendunt mare, in nauibus, viderunt opera ejus, e por isso as nossas leis seis mezes do anno defendem a nauegação.

Guido. Todos doze a deuerão de defeuder.

Petronio. Inda agora vens, como esteueres em terra dous dias, tornarás outra vez a bradar pello mar.

Guido. Bem sei que assi somos feitos.

Petronio. E todavia eu bem folgo de vires assi aborrecido destes caminhos, se não he com grande perda da fazenda. *Gui-*

Guido. Tudo passou tormenta, e porém somos em Palermo, e achote viuo, e são.

Petronio. E daquella nossa minima descobriste noua alguma?

Guido. Dirt'hei o que pude saber. Em Sardenha achei hum nosso paysano, e conhecente, este me contou que a víra despois em Florença, e despois em Roma.

Petronio. Daqui por diante busquea quem quiser.

Guido. Porque?

Petronio. Porque as mulheres não hão de andar muitos caminhos, que são huma perigosa mercadoria, quebrão como vidro.

Guido. Em tempo de tantos trabalhos, e tamanhas mudanças que menos se podia acontecer?

Petronio. Eu to direi, perderse de todo, que nunca della mais souberamos.

Guido. Tu mo encomendaste.

Petronio. Desejaua de ter nouas que escreuer a seu pai, e essas quem lhas escreuerá?

Guido. Iremos por estes sinaes mais áuante, polla ventura não será o mal tanto. Tenho necessidade de repousar, que inda me a cabeça dá voltas.

Petronio. Vamos, e lá te darei muitas outras contas.

Fim do terceiro Auto.

AVTO QVARTO.

Cassiano.

DE me não poder mais ter ás lagrimas, me saio eá pera fóra, não sei que faça a este moço, entrou desatinadamente em casa em busca de sua carta, eu dissimulei, fazendo que entendia em outras cousas, elle como a achou, tornou em sua côr, e acordo, fallou, rio, finalmente gentamos em paz: mas despois que passeou, e cuidou, recolheose á camara, alli fez suas lamentações: eu que o espreitaua, e que o criei não no pude sofrer mais, venho fugindo á minha fraqueza, chore á sua vontade, e desabafará, que a sangria destes males taes, são lagrimas. Despois que chorar muito, tornará a rir. Mas que doudo he o que vem correndo? não lhe erraua eu ora muito o nome, que este he Callidio, que cabeça!

Callidio *Cassiano.*

Callidio. Aparta, aparta, que prouo estes meus pés, para quanto são quero ver o que tenho nelles, nas pressas sé conhecem os amigos. Guarda-de diante, guarda, que vai sobre a posta.

Cassiano. Isto passa já de doudice, è deue ser vinho.

Cal-

Callidio. Não se me ponha ninguem diáte, se não quer saber como encontro.
Cassiano. Ora nunca vi bebado tão descuolto dos pees, quero o chamar, Callidio, Callidio.
Callidio. Aquelle he Cassiano, assi somos neste mundo, e eu buscaua Amente.
Cassiano. O doudo que te mingoa para tirares pedras á gente?
Callidio. E disso que me mingoa me pesa.
Cassiano. Porque?
Callidio. Não sabes tu aquelle dito tão verdadeiro, que o homem ou hauia de ser Rey, ou doudo?
Cassiano. Pois quanta de doudo eu te asseguro. Mas porque corrias assi?
Callidio. Dos doudos todos se rim, e não se espanta ninguem.
Cassiano. Mal se podem rir os a que elles fazem mal.
Callidio. E eu que mal te fiz?
Cassiano. Quantos passamos em Palermo, que são muitos.
Callidio. E assi o dizes a todo mundo.
Cassiano. E ainda essa má vingança não queres que tome?
Callidio. E assi o has de dizer a nosso amo.
Cassiano. Quando será isso?
Callidio. Cedo.
Cassiano. Onde?

Cal-

Callidio. Nesse mesmo Palermo.
Cassiano. Doudo, que nunca homem sabe quando falla de verdade.
Callidio. Agora.
Cassiano. Quem to disse?
Callidio. Estes meus olhos bellos.
Cassiano. Em que lugar?
Callidio. Na ribeira.
Cassiano. Porque o não acompanhauas?
Callidio. Vim diante a dar recado.
Cassiano. Torna apôs mim. Vai.
Callidio por agora só. Folguei de me despejar deste por buscar Amente para lhe dar estas boas nouas, com que haja seu conselho, que eu hauido tenho o meu d'apanhar os pés. Andaua o triste para perder o siso co negro casamento, agora que fará com tal ajuda? ay mimosos, criados em vossos apetites, que em fim vem a ser o que não quereis crer nem ouuir, então esmorecer. Mas pay, e filho são. A mim só cumpre buscar meu remedio, e mais com tal valedor como tenho no Ayo. Mas eu esta conta faço, que tao pouco tenho aqui como em Valença, bons pés tenho, e arrezoada lingoa, do mais (como dizem) sobre a terra anda o hauer. Quem sae de nossa casa?

Amente. *Callidio.*

Amente. Cassiano não aparece nem Callidio, onde fugirei d'hum, e onde acharei o outro?

Callidio. No peor não fallas que he teu pay?

Amente. Oje coa pressa da carta não tivemos tempo.

Callidio. Cada vez se elle vai encurtando mais, Amente.

Amente. Quem me chama? O meu Callidio, que a ti buscaua eu.

Callidio. E eu a ti?

Amente. Desuiemonos, e vamos buscar algum lugar em que fallemos á nossa vontade.

Callidio. O Amente, á nossa vontade não podemos nós fallar.

Amente. Porque Callidio?

Callidio. Despois que me deixaste, dei comigo na ribeira que me temia muito do mar, e velauame delle, em fim tantas vezes fui lá até qne arrecadei.

Amente. E que Callidio?

Callidio. Achei nouas de teu pay.

Amente. Triste de mim, he elle morto? que assi te demudaste.

Callidio. Tu, e eu Amente somos os mortos, que elle viuo he, e são.

Amente. Isso he bem.

Callidio. E dentro em Palermo.

Amen-

Amente. Isso he mal.

Callidio. Não vês quão perto estaua o mal do bem?

Amente. Contasme tu verdade Callidio?

Callidio. Muito contra minha vontade.

Amente. Que te parece desta sua vinda a tal tempo?

Callidio. A meu parecer o Ayo o mandou chamar, e assi quando lhe agora dei a noua, não duuidou della muito.

Amente. Fallastelhe?

Callidio. Fallar dizes? Valeome que o vi primeiro que elle a mim. Doutra maneira (como dizem do lobo) tolherame a falla de todo.

Amente. Que conselho, amigo meu Callidio?

Callidio. Amente, o espaço he pouco, as palauras não podem ser muitas. Teu pay bem o conheces, ha de trazer suas contas repartidas em duas partes não iguaes, conuem a saber a ti reprenderte, e a mim castigarme. Bem sabes que se criou em Gáles; aquelle amor de pai, que o cá traz, te ha de valer, não te encomendes a outro santo, a mim he necessario encomendarme aos meus pés. Oulá, quem he aquelle? todo homem me agora parece Valenciano.

Amente. Assi me deixarias em tal desemparo?

Callidio. Tu mesmo me deuias de aconselhar

que

que fugisse, se te lembrasse o perigo em que me vês, pois he tanto mór que o teu.

Amente. Lembra, mas não vês em que tempo me este mal toma?

Callidio. Se visse em que te podesse ser bom, tudo o mais me esqueceria.

Deuorante. Amente. Callidio.

Deuorante. Em Doutor me fallais em tempo de paz? bem me parecia a mim que havia o negocio de dar a traués.

Amente. Aquelle he Deuorante, que já tambem foi dos meus em mais bonança, todos me vos his hum, e hum.

Deuorante, Quando elle aqui veio ter de Pisa, não trazia quella barriga, porque naquella sua terra acostumauase então o ferro, e aqui agora costumase mais a pena.

Amente. Que diz?

Callidio. Mil sentidos que tiuesse, todos traria occupados com teu pai.

Deuorante. Em fim, que ouue de leuar a moça? agora enforcar seruidores.

Amente. Entendeste?

Deuorante. Mancebos barbipoentes, bem despostos. Vem hum doutor velho com seus habitos longos, e derrubalhes a lebre diante.

Amente. Parece que falla no Doutor.

De-

Deuorante. E o meu soldado mui posto em sahir para Domingo com huma inuenção de labyrinthos por Lucrecia.

Amente. O' meu coração.

Deuorante. Esta noite teremos festas, e cêa.

Amente. Que te parece?

Callidio. Calaceiro, que nunca sonha em al, saiuo em conuites.

Deuorante. Fortemente atalhárão a minha negociação, que eu andaua por alongar, e encurtáraõma; agora quero buscar a dos labyrinthos, e tirallohei daquelle trabalho em que anda.

Amente. *Callidio.*

Amente. Tu vês a que termo eu sou chegado? segundo as nouas que tu d'huma parte, e Deuorante d'outra me dais? Cuidei que tinha de ti alguma necessidade: mas pois as cousas assim vão, té a vida me sobeja, procura polla tua.

Callidio. Vosoutros mimosos logo quereis morrer.

Amente. Não se ajuntarão embaldo tantos males a hum tempo.

Callidio. Tão pouca confiança tens em Lucrecia?

Amente. Ah Callidio.

Callidio. Que ah Callidio.

Amen-

Amente. Que esperança tão fraca!

Callidio. Queres dizer como de foão.

Amente. E de foão, e de foão.

Callidio. Naquillo tem razão, e mais nesta terra, em que o poerão mui asinha em cantar Ceciliano, como dizem. Vem cá Amente, serás homem para me ajudares a hum feito?

Amente. Em tal desesperação, que posso eu arrecear?

Callidio. Ora bem vês que esta vinda de teu pai embaraça tudo, pelo qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio.

Amente. A maneira he a que não vejo.

Callidio. Dirtohei: Façamos que não conhecemos teu pai, por mais Valenciano que falle.

Amente. E em tamanha agonia pódes estar gracejando?

Callidio. Não gracejo, mas antes te dou hum caualio na batalha, se tu fores pera o tomar.

Amente. E a meu Ayo que lhe faremos?

Callidio. Como que? Diremos que esse he o que faz todas estas calabreadas, e que traz este velho falso aqui com nome de teu pai, e assi não recolheremos em casa hum, nem outro.

Amente. Nisso bem vejo eu o erro, o remedio não o vejo.

Cal-

Callidio. Eu to direi: Podemos acudir ao negocio do casamento como dantes, e se cumprir, diremos duas palauras ao Doutor, que não sejão de libellos dar, nem lides contestar.

Amente. Chamarsehão á justiça.

Callidio. Que fraco remedio huns, e os outros: e quanto ao Doutor, deixallo reuoluer seus Bartholos.

Amente. Assi que tambem queres que erre a Lucrecia?

Callidio. Por amor da mesma Lucrecia.

Amente. Al quisera eu fazer por ella.

Callidio. Não póde por agora. Es moço, ensinate a acudir sempre ao mór perigo.

Amente. Não tenho rosto contra a verdade.

Callidio. Acharás logo muitos que o tenhão, e ficartehão com grande auantagem in agibilibus, como dizem estes práticos.

Amente. Logo a mentira se estrema da verdade.

Callidio. Antes se vierão a parecer tanto, que cada día se passa huma por outra.

Amente. Triste de mim que farei?

Callidio. Se queres conselho nega, e senão entregate.

Amente. Como hei de negar cousa tão sem dúuida?

Callidio. Negando (dizem elles) se faz tudo duuidoso.

Amen-

Amente. Mas não se faz por isso torto do direito, nem direito do torto.

Callidio. Antes que isso se declare, hum juiz he suspeito, outro occupado, outro vagaroso. Isto não he tempo de mimos, teu pai não póde tardar.

Amente. De que me velarei em tamanho aperto?

Callidio. Do desauergonhamento sobre todas as cousas: brada, jura, esbrauea, queixate, chama por justiça, olha para o ceo.

Amente. Morreome o coração de todo.

Callidio. A máo tempo te deixou, mal o fez comtigo.

Amente. Não me ficou outra cousa, senão máos pera me matar.

Callidio. E a mim pés pera fugir, e vello que apparece.

Amente. Aquelle he, não o posso esperar.

Callidio. Que fazes? onde te vas? torna que eu era o que havia de fugir.

Amente. Perdoame Callidio, e lembrate de mim, que se não póde soffrer o rosto do pai a que tens errado.

Callidio. Foise, e deixame a mim cos combates. Que farei? Que ei assi de fazer, senão terlhe companhia com fugir? Estes moços fouueiros são muito molles dos cascos. O homem ha de ser callejado para correr o molle, e o duro. Quanto folgára de nos ver-

mos co velho aos itens. Que nos ouuera assi de fazer? por justiça? teria procurador? E nós procurador: diria o seu, e nós o nosso. Pois inda hei d'espreitar mais deste negocio, que não estamos agora em Valença, para hauermos tamanho medo a este velho, que virá enojado.

Galbano, velho. *Vidal*, seu criado. *Callidio*.

Galbano. Em que idade estaua eu jágora para tornar a soffrer o mar, e os marinheiros?
Vidal. Certo regestete nisso pollo amor de pai, e não por razão.
Callidio. Aquelle he Vidal, homem de bem, criado seu antigo, os outros não conheço, roim gente mé parece: huma por huma não vem com elle Cassiano, de que muito folgo.
Galbano. Isso assi he, mas que remedio?
Vidal. Deixallo lutar hum pouco coa fome, e frio, que elles to castigarão.
Callidio. Ouue medo algum máo recado, que nesta terra aposentárão os Poetas as suas Sereas.
Vidal. Iá he alguma maneira de desculpa.
Galbano. Naquella idade tão céga, e sobre tudo taes conselheiros.
Callidio. Aqui somos.
Vidal. Quaes conselheiros?

Galbano. Os que aqui tal vida leuão ás minhas custas.

Vidal. Coitados dos seruidores que inda hão de fazer mais que seruir.

Callidio. Oh que homem! sempre assi foi desenganado.

Galbano. A mim erão obrigados a seruir, que não a elle.

Vidal. Teu filho he já homem, e afóra Cassiano seu Ayo, o officio dos outros era seruir, que não aconselhar.

Callidio. O' bom procurador, e mais sem dinheiro. He hum milagre. Aquelles outros carrancudos, não hajais vós medo que ajudem, nem c'huma só palaura, nunca os ajude Deos.

Galbano. Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade, e que elle por então o não conheça: despois o conhecerá, e agradecerá.

Callidio. Aquelle he forte ponto, vejamos que alli responde o nosso procurador.

Vidal. Nesse caso que dizes, o que jaz doente, jaz fraco, e não póde fazer mais que ameaçar, nestoutro põete logo as mãos, e vingáose.

Callidio. Isto não he já procurador, mas hum pai.

Galbano. Iá te diste que a mim ouuerão elles de ter respeito.

Vidal. Estauas longe, acudirias tarde, entre-

tanto o espancado andára espancado, o roto roto, o aggrauado aggrauado.

Callidio. E mais que peça he andar aggrauado? que fogem de ti huma legoa, como de cão doente.

Galbano. Mas foi bem feito deitar assi a perder hum moço tão bem principiado?

Callidio. Iá se o velho assanha, assi fazem quando os atalhão per razão.

Vidal. Estamos em tempo, em que ninguem quer ouuir conselho. Ora achas Amente viuo, e são, tudo o mais se fará bem.

Galbano. Assi o queira Deos.

Callidio. Digovos que este Vidal me curou de todo do meu medo. A razão o velho a conhece já, do mais que me póde fazer? sei que não estamos em Valença d'Aragão.

Vidal. Por aqui me disserão que pousaua, não vejo a quem perguntar.

Callidio. Quero acometer o velho, que póde ser mais?

Galbano. Cá vem hum, e he or'este o bom de Callidio?

Callidio. Que he isto, milagre, ou sonho?

Galbano. De que te espantas?

Callidio. De não saber se estou em Valença, se em Palermo.

Galbano. Quero dissimular co este roim. Estais cá todos de saude?

Callidio. Todos por agora.

Galbano. Guia pera à pousada, que venho cansado, queria repousar.

Callidio. Aqui he. Oulá, abri. Esta gente não ouue: abri digo.

Galbano. Em quanto este falla cos de casa, fallo eu com vósoutros, trazeime este raposo diante de vós, e se reuelar, entre por força.

Vidal. Ah senhor.

Galbano. Callate, boa parece a casa, e em bom lugar.

Callidio. Dizemme que não são cá Amente, nem Cassiano, voume em sua busca.

Galbano. Agasalha os hospedes primeiro.

Callidio. Não tenho com que.

Galbano. Coa boa vontade.

Callidio. Oulá, que quer isso dizer? quereis prouar forças comigo? Olhai que chamarei por justiça: oh, oh.

Galbano. Tapalhe essa boca Grifão, e tu Feramonte desapegalhe essa mão da porta, e fecha sobre ti.

Fim do quarto Auto.

AUTO QUINTO.

Reynaldo só.

NO cabo desta minha tão longa, e trabalhosa jornada, quando os outros descansão co-

começa o mór cansaço meu, coa dúuida que tenho se acharei aqui huma filha, em cuja busca venho. Tégora na minha esperança hia passando meus males, sem ella como passarei isso que fica da vida? O mór bem que neste mundo tiue que foi a mái desta moça, a morte mo leuou dias ha, o da filha que me em seu lugar ficaua, se mo tambem tem leuado, fello cruelmente comigo, que me não deixou nesta vida a que possa aleuantar sómente os olhos. Aquelle foi o meu primeiro amor, aquelle será o derradeiro, a grande dor da sua morte me lançou então de toda Italia, o desejo da filha me torna agora cá. Deixeia encomendada a hum Doutor grande amigo meu em Pisa, onde então estudaua, entretanto que aquella nobre cidade esteue em pé sempre tinha nouas, desque ella cahio fiquei ás cegas, tégora que venho a Palermo, onde me disserão que acharia o amigo, em cuja busca ando ha dias. Assi venho com tão pouca certeza, e quanto mais me vou chegando a esta minha esperança, tanto se me faz ella mais pequena. Oje he o dia da sentença, eu apercebido venho para tudo, todavia ao abaixar do golpe a carne he fraca, e estremece toda. Achasse já o amigo, vellohia, e saberia da filha em que parte ma come a terra, se já lá he, e então determinarei de mim, e do

meu

meu o que me parecer. Que fortes brados vem aquelle homem dando, os pés para cá o trazem, os olhos parece que lhe ficão atrás naquella casa para onde olha.

Callidio. *Reynaldo.*

Callidio. Regedores, Cidadões, homens de bem, os grandes, e os pequenos todos me acodi, todos me valei, que a todos releua, se aqui ha alguma lembrança de liberdade, e justiça.

Reynaldo. Tamanhas duas cousas cuidauas tu d' achar assi polas ruas?

Callidio. No meio do dia, no meio de Palermo não me oue ninguem, não me acode ninguem.

Reynaldo. Callate ora com teu mal.

Callidio. Que fazem aqui tantas varas de justiça?

Reynaldo. Que riso?

Callidio. Todo o mundo dorme?

Reynaldo. Dormes? tu sonhas? tu tresualias?

Callidio. Ah cidadáes, que todos somos escrauos.

Reynaldo. Iá vai entrando em seu acordo.

Callidio. Assi ha isto de passar? Esfoloume, açoutoume, matoume, se me a justiça não acode, acabarei de entender que faz cada hum nesta terra o que lhe vem á vontade,

e farei tambem o que me a minha mais der que faça.

Reynaldo. Olha não vás, como dizem, de mal em peior.

Callidio. Velho falso, dissimulado, como me acolheo, bem empregado foi em mim. Mas veio vir Deuorante com seu soldado, à que tempo? quando eu buscaua quem ouuesse de mim dó, e me aconselhasse, outra gente me cumpre de buscar.

Briobris, soldado. *Deuorante. Reynaldo.*

Briobris. Não acharemos oje este Doutor, e faremos esta demanda mais curta que a das suas audiencias.

Deuorante Nunca homem acha o que busca.

Reynaldo. Mande Deos não seja eu assi.

Briobris. Não acabaremos com este Dontor? co este Petronio?

Reynaldo. Assi se chamaua aquelle amigo que aqui busco.

Briobris. Iá reuolui toda a cidade.

Deuorante. Aprenderia quando era escolar a se fazer inuisiuel.

Briobris. Cumprelhe logo andar sempre metido na sua serpente.

Deuorante. Ha, ha, ha.

Briobris. Tu riste?

Deuorante. Quem se terá ás tuas graças; mas dartia hum conselho d'amigo. *Bri-*

Briobris. Que tal?

Deuorante. Pois não podes alcançar o que desejauas, que desejes o que podes.

Briobris. Como me enfadão estes sisos, que todos trazem na boca, e ninguem por obra.

Reynaldo. E Lucrecia hauìa a minha filha nome.

Briobris. E senão nunca mais cingeria espada. Onde tem este Doutor a pousada?

Deuorante. Iunto daquella Igreja alta.

Briobris. Bem está, perto tem logo outra pousada para màis dias.

Deuorante. Não no has agora d'achar em casa.

Briobris. Esperarei atê noite, não tem onde se me acolha, sete braças entrarei depos elle polla terra dentro como pedra de corisco.

Deuorante. Santa Barbora virgem, cuidei que era morto, Pater noster polla alma do Doutor.

Reynaldo. Estou em Palermo, ouço fallar em Petronio Doutor, ouço fallar em Lucrecia, que cuidarei? quero fallar ao que fica só no terreiro. Amigo, Deos te salue.

Deuorante. Sejas vindo nas muitas das boas horas.

Reynaldo. Por cortesia, que Petronio he hum em que fallaueis?

Deuorante. Porque o perguntas?

Reynaldo. Por bem.

De-

Deuorante. Não he natural desta terra.
Reynaldo. Donde veio aqui ter?
Deuorante. De Pisa nobre cidade de Toscana.
Reynaldo. De que idade pouco mais ou menos.
Deuorante. Darredor dos sessenta.
Reynaldo. Casado, ou solteiro?
Deuorante. Antre huma cousa, e a outra.
Reynaldo. Pois a idade não he já muito para esposado. Tambem fallaueis em huma Lucrecia.
Deuorante. Muitas cousas quer este saber de mim, que sei eu onde isto irá ter?
Reynaldo. Não me respondes?
Deuorante. O outro foi que fallou em Lucrecia.
Reynaldo. Si, mas fallaua em som como que a conhecias.
Deuorante. Não sei mais que ouuilla por ahi gabar de fermosa.
Reynaldo. Natural, ou estrangeira?
Deuorante. Muito anda este apôs as naturezas. Amigo, e senhor meu, tudo saberemos, se nisso te vai alguma cousa.
Reynaldo. E aquelle teu amigo porque ameaçaua tanto o Doutor?
Deuorante. Amigo, ou como? nunca outro tanto com elle fallei como agora.
Reynaldo. Parecia que tinha delle alguma paixão.

Deuorante. Lá se auenhão co as paixões, dos prazeres queria parte, das paixões lá se auenhão.

Reynaldo. E este teu amigo he tão merencoreo como parece?

Deuorante. Que forte perguntador. Cuida que me tem alugado, por pouco que me peites eu to segurarei desta vez.

Reynaldo. Este me parece duns truhaens que sempre ha nos lugares grandes. Voume em busca de Petronio.

Deuorante. Vistes o grande perguntador, donde me agora sahia de traués? Que sei eu quem este he? nem que por aqui andará espreitando? Huma por huma muitas cousas queria saber de mim. Outro vejo dos mesmos trajos, vejamos se he outro tal; mas eu vos direi, o meu cabedal tudo he palauras, isso auenturo.

Galbano. *Deuorante.*

Galbano. O bom Callidio partio não polla fria (como dizem mas pella quente, como cuido que elle vai: vá, e leue nouas aos outros.

Deuorante. Velhos, e mais de má graça, não está aqui mais certo o ganho.

Galbano. De quanto bom tempo tem aqui leuado, descontem.

De-

Deuorante. E sobre tudo contas, e descontas, não me apraz.

Galbano. Seruidores todos se tem huns cos outros, não mo açoutárão bem, mas já he começo de paga.

Deuorante. Daio ao demo, em pagas anda, e não me deue nada, que sei se lhe deuerei eu, e andará arrecadando? mas tudo he provar. Deos te salue, Senhor meu, parecesme estrangeiro, e eu sei que cousa he andar por terras alheas, offereçote o meu seruiço.

Galbano. Muito to agradeço.

Deuorante. Tens negocio na terra?

Galbano. Não de mercadorias, como pola ventura cuidarás; mas busco hum filho mancebo, que se me perdeo p[illegible] aqui.

Deuorante. Terra he para isso, mas os sinaes?

Galbano. Hum mancebo Valenciano, que já lhe começ[illegible]á de vir a barba, sohia de ser gentilhomem.

Deuorante. O nome?

Galbano. Amente, se o elle cá não mudou, como fez a outras cousas.

Deuorante. Como, e tu és Galbano seu pai, em que tantas vezes ouui fallar?

Galbano. Eu por meus peccados.

Deuorante. Aqui pousa, e por sinal que tem hum Ayo, que se chama Cassiano, e hum seruidor por nome Callidio?

Galbano. Conheces bem toda essa gente?

De-

Deuorante. Como minhas máos : mas como não estão aqui comtigo?

Galbano. Estamos desauindos.

Deuorante. Asinha isso foi.

Galbano. Não por minha culpa, que em chegando logo conuidei Callidio de boa entrada.

Deuorante. Trarias frutas de Valença, que está homem pasmado de tanta gentileza, e perfeição.

Galbano. Tempo foi, já tudo isso he passado a Portugal.

Deuorante. Tão conuidador vinhas?

Galbano. Hauia muito que nos não víramos.

Deuorante. Assi hão de ser os homens da tua calidade. Ora dizeme que iguarias hauieis lá entre vós por mais saborosas?

Galbano. A vingança.

Deuorante. Eu fallo em iguarias, não em allegorias.

Galbano. Queres que te diga o claro: vingueime em chegando desse ladrão, que mandei açoutar, nuncame cousa assi soube, entendesteme?

Deuorante. Agora si, isso chamo eu fallar ao pé da letra.

Galbano. Ora já aquelle pagou, os outros pagarão.

Deuorante. Outros, ou como?

Galbano. Truhães és maluados, que tanto do meu aqui tem comido, e bebido.

Deuorante. Comigo o ha.
Galbano. Mas eu volo farei amargar.
Deuorante. Iá me a mim começa o máo sabor da boca.
Galbano. Comer, beber, jugar, franquear.
Deuorante. Que mais claro quereis que hum homem falle? com que negros conuidadores vou topar hoje. Querome acolher com minha honra, se podér.
Galbano. He aquelle Cassiano?
Deuorante. Aquelle he hum bom homem. Ora me contai cos conuidados, se mais aqui espero. Quantas cousas tereis ambos de fallar, pois vos inda não vistes. Quero despejar.
Galbano. Espera, cearemos todos.
Deuorante. Não curo de conuites.
Galbano. Que he isso, porque corres? deue de ser algum desasisado, e deolhe o vento na corda. Vou-me esperar Cassiano em casa, e assentarm'ei, que inda não tiue vagar.
Cassiano só. Venho pasmado dos acontecimentos, andando em busca do nosso amo fui dar com Reynaldo nosso natural, que agora tambem chegou. A hum trouxe cá hum filho perdido, ao outro huma filha que perdêra muito ha. O' filhos desejados, e estes são os vossos descansos? Doutra parte tendo o Doutor concertado seu casamento chega Reynaldo, e acha neste proprio dia, nesta ho-

hora, neste ponto, que Lucrecia aquella que a todos nos tem dado tanto trabalho he a sua propria filha que andaua buscando por mar, e por terra, e sobre tudo que he afilhada do mesmo Doutor, assi lhe poderá ser inda mais. E não se saber a tempo. O coitado que não via já o dia, nem a hora, e que estaua coa boca aberta para papar a moça, ficará assi coella ás moscas. E polo contrario meu criado Amente, que lhe era lá posto o cutéllo na garganta, esperando só pelo pregão, vem a fortuna melhor casamenteira muito que Dorio, e negocealho tudo a pedir de boca. Que diremos ás cousas deste mundo? humas parece que se alcanção a poder de negociação, e viua diligencia, outras por só dita, e bom acerto. Iá acharei nosso amo em casa, vou-me lá darlhe estas nouas, e passarão as paixões, e tormentas que tão armadas estauão.

Deuorante só. Venho espreitando o Ayo por ver se o conuidará tambem o velho em chegando como fez a Callidio, e quisera fazer a mim, mas Deuorante não dorme. Como me quisera acolher aquelle velho falso, nunca se outro tal vio. Cuida que he senhor de Palermo, assi ameaça, assi assopra. Custado me ouuesse do meu muito, e pegasse outras poucas ao Ayo com toda sua grauidade. Ou quem vem lá? Cuidei que me atalhauão por estoutra parte. Estes são Amente, e Cal-

li-

lidio, e inda não sei o que será, que este maluado tem já o seu quinhão, e andará ajuntando mais conuidados. Mas que me não vingo eu do Truhão que me assi hoje queimou o sangue, vejamos que trouas agora faz de improuiso.

Amente. Callidio. Deuorante.

Amente. Taes nouas me trazes tu Callidio com tal rosto? Não te pude ser bom no teu mal, perdoame, ajudame a soffrer tanto bem, que não tenho outrem com quem o parta.

Callidio. Do mal partiste comigo bem, do bem partirás mal.

Amente. Não me doeo nada menos que a ti.

Callidio. Não sei, mas bem te punhas em saluo.

Amente. Lá me coube o meu quinhão.

Callidio. Mostrame ora em ti algum sinal dos meus açoutes por este corpo.

Amente. Não terião menos os meus se os podesses ver.

Callidio. Pois eu não recebo pagas inuisiveis.

Deuorante. Quanto que sabe este maluado! co elle me tenho.

Amente. Assi me contas de Reynaldo, e que he Lucrecia sua filha, e filha tambem espiritual do Doutor?

Callidio. Assi passa.

De-

Deuorante. Hum destes anda fóra de si com dor, outro com ceumes não lhes creo nada.
Amente. O Callidio amigo da minha almã, que te direi? que te darei? que te farei? por taes nouas, e a tal tempo?
Deuorante. Outras taes aluixaras como as de teu pai, que em fim estes são os vossos galardões.
Callidio. O' falso como os conheces bem.
Amente. Hei medo que me dê o miolo volta co prazer.
Callidio. E a mim co pesar.
Amente. Prometote que eu te agalardoe como tal obrigação merece.
Callidio. A vosoutros mais vos lembra hum seruiço por fazer que cento feitos.
Deuorante. Daiho ao diabo, que inda falla a propoſito.
Amente. Como se pode desempeçar tal meada em tão pouco tempo.
Callidio. A verdade logo vai por diante, e foi grande ajuda a velha que hoje achei com Alda.
Amente. O Doutor estaria finado.
Callidio. Tadauia elle fallaua.
Amente. E que?
Callidio. Huns poucos dos seus latins.
Amente. Que taes?
Callidio. Aleuantou dous dedos, dos quaes repartiro seus direitos naturaes, e espirituaes, con-

concruindo todauia que naquelle caso cabia dispensação.

Amente. Como dispensação?

Callidio. E ainda te digo que soltou huma má palaura.

Amente. Que triste de mim!

Callidio. Disse que por dinheiro não ficasse, e bateo na bolsa.

Amente. A essa não chamas tu mais que má palaura? chamolhe eu mortal.

Callidio. Mas sabes quem desatou todos aquelles empeços, e razões Doutoraes.

Amente. Quem Callidio?

Callidio. Lucrecia.

Amente. Como?

Callidio. Disse que não queria que toda sua vida fora orfã, e estrangeira, agora que lhe deixassem ir a seruir aquelle pai a que tanto deuia, e lograllo algum tempo.

Amente. O' feito de Lucrecia?

Denorante. Estaua recolhendo nouas para o meu soldado, agora ellas todas entornadas, que deixará logo o Doutor, e ha de querer pôr toda Valença á espada.

Amente. Como podeste saber tanta cousa em tão pouco tempo?

Callidio. Tiue cuidado.

Amente. E eu terei lembrança.

Callidio. Para quando.

Amente. Bem vês tu que eu agora não posso,

Callidio. E despois não quererás.

Deuorante. Euangelho. Mas porque me não vingo eu deste roim de Callidio, e que lhe tardo mais? Deos vos salue, e a ti Callidio prolfaça.

Callidio. Passo, que fallamos segredo.

Deuorante. Não hias tu hoje de tão má graça, quando trouauas de improuiso.

Callidio. Nem tu de tão boa. Serão milagres do vinho.

Deuorante. Isso se poderá dizer mais por ti, pois te conuidaráõ em chegando.

Callidio. E tu em conuites.

Deuorante. Durate ainda aquella vea de trouar, romperemos aqui hum par de lanças por festa diante d'Amente.

Amente. Dexao para outra hora Deuorante, que temos al em que entender.

Deuorante. Iá hei de ver para quando he, que não me não valeo hoje coelle ereita, nem sopee.

Deuorante.

Callidio j'eu vi outro homem
Mais são das costas que ti,
Porque te torces assi?
Pulgas sei que te não comem,
Vergões, póde ser que si.

Cal-

Callidio.

Deuorante que se tanja,
Que se cante em paraiso,
Não he aquella a tua granja,
Pois se lá falla de siso,
E não he terra de manja.

Deuorante. Não valha que não foi pollos consoantes.
Amente. Não seja, mas ambos o fizestes bem.
Deuorante. Tudo se faça hoje á tua vontade, e tudo seja festa.
Callidio. Donde auentou este coruo carniçal a carniça?
Deuorante. E errei hoje a tua que foi arrezoada.
Amente. Não lhe respondas Callidio. E tu Deuorante não falles mais sobpena de te ser aquella porta cerrada em quanto aqui estiuermos.
Deuorante. Não me verás mais boquejar.
Amente. Ora nós vamos cear com meu pai.
Deuorante. Elle mesmo me conuidaua pouco ha.
Callidio. Eu não vou por agora a essa casa, perdoarm'has.
Amente. Como, e tu só me has de falecer, em quem eu tinha toda minha esperança?
Deuorante. Vem cá Callidio, dáme essa mão,

se-

sejamos amigos, e dirtei como façamos, que eu tambem não me fio ora muito de ninguem. Acompanhemos Amente até á porta, dahi espreitaremos, e assi como virmos, assi haueremos o nosso acordo. Iá sabes o que se diz, não te fies, e não te enganarão.

Amente. Ditos de gente baixa, e desconfiada. Hi comigo seguramente.

O Representador.

Não forão necessarios rogadores, nem arengas, o filho lançouse por terra aos pés do pai, elle cos olhos cubertos dagoa aleuantouho, d'huma parte, e da outra as lagrimas sopirão por palauras. A cêa fazse prestes. Ao Doutor, e ao Soldado não falecêrão outros amores, as outras festas hão se de fazer em Valença de Aragão.

F I M.

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emendas:*
5	7	temos	nos temos
24	8	se al	senal
48	25	Bnscarão	Buscarão
59	2	saugue	sangue
129	10	uos	nos
161	26	serl	ser !
222	5	semprc	sempre
224	11	cnidados	cuidados
211	1	lemei	lême
247	9	cantc	cante
275	12	gtande	grande
277	16	cracl	cruel
284	9	qne	que
310	13	nuesto	nuestro
313	13	ealandria	calandria
324	12	ltua	luta
327	9	mll	mil
330	3	madrlnha	madrinha
332	6	tlia	tia
333	20	suspelta	suspeita
340	20	segredp	segredo
344	15	viecuto	vento
352	18	cruenta	cuenta
374	10	vlr	vir
402	6	aqni	aqui
415	19	qne	que
460	19	Quto	Quanto